FRANZ KAFKA



O castelo

TRADUÇAO DE MODESTO CARONE

COMPANHIA DE BOLSO

FRANZ KAFKA

O CASTELO

Tradução e posfácio
Modesto Carone



SUMARIO

Capítulo 1
Chegada
Capítulo 2
Barnabás
Capítulo 3
Frieda
Capítulo 4
Primeira conversa com a dona do albergue
Capítulo 5
Com o prefeito
Capítulo 6
Segunda conversa com a dona do albergue
Capítulo 7
O professor
Capítulo 8
A espera por Klamm
Capítulo 9
Luta contra o inquérito
Capítulo 10
Na rua
Capítulo 11
Na escola
Capítulo 12
Os ajudantes
Capítulo 13
Hans
Capítulo 14
A censura de Frieda
Capítulo 15
Em casa de Amália
Capítulo 16
Capítulo 17
O segredo de Amália
Capítulo 18

A punição de Amália
Capítulo 19
Caminhos de petição
Capítulo 20
Planos de Olga
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Posfácio
O Fausto do século 20
Sobre o autor
Sobre o tradutor

Capítulo 1
CHEGADA

ERA TARDE DA NOITE quando K. chegou. A aldeia jazia na neve profunda. Da encosta não se via nada, névoa e escuridão a cercavam, nem mesmo o clarão mais fraco indicava o grande castelo. K. permaneceu longo tempo sobre a ponte de madeira que levava da estrada à aldeia e ergueu o olhar para o aparente vazio.

Depois caminhou à procura de um lugar para passar a noite; no albergue as pessoas ainda estavam acordadas, o dono não tinha quarto para alugar mas, extremamente surpreso e perturbado com o hóspede retardatário, propôs deixá-lo dormir sobre um saco de palha na sala e K. concordou. Alguns camponeses ainda estavam sentados tomando cerveja mas ele não queria conversar com ninguém, pegou pessoalmente o saco de palha no sótão e deitou-se perto da estufa. Estava quente ali, os camponeses quietos, ele os examinou ainda um pouco com os olhos cansados e em seguida adormeceu.

Mas pouco tempo depois já foi despertado. Um jovem, em trajes de cidade, rosto de ator, olhos estreitos, sobrancelhas fortes, encontrava-se ao seu lado com o dono do albergue. Os camponeses também ainda estavam lá, alguns tinham voltado suas cadeiras para ver e ouvir melhor. O jovem desculpou-se muito cortesmente por ter acordado K., apresentou-se como filho do castelão e depois disse:

— Esta aldeia é propriedade do castelo, quem fica ou pernoita aqui de certa forma fica ou pernoita no castelo. Ninguém pode fazer isso sem permissão do conde. Mas o senhor não tem essa permissão, ou pelo menos não a apresentou.

K. tinha erguido a metade do corpo, alisado os cabelos para trás com os dedos; olhou os dois de baixo para cima e disse:

— Em que aldeia eu me perdi? Então existe um castelo aqui?

— Certamente — disse o jovem devagar, enquanto aqui e ali alguém balançava a cabeça em relação a K. — O castelo do senhor conde Westwest.

— E é preciso ter permissão para pernoitar? — perguntou K. como se quisesse se convencer de que não tinha por acaso sonhado com as recentes informações.

— É preciso ter a permissão — foi a resposta e havia um desdém grosseiro por K. quando o jovem, com o braço esticado, perguntou ao dono do albergue e aos fregueses: — Ou será que não é preciso ter permissão?

— Então tenho de ir buscar uma permissão — disse K. bocejando e

empurrou a coberta como se quisesse levantar-se.

— Sim, mas de quem? — perguntou o jovem.

— Do senhor conde — disse K. — Não resta outra coisa a fazer.

— Agora, à meia-noite, buscar a permissão do senhor conde? — exclamou o jovem e recuou um passo.

— Isso não é possível? — perguntou K. impassível. — Por que então me acordou?

Mas dessa vez o jovem ficou fora de si.

— Isso são maneiras de vagabundo! — bradou ele. — Exijo respeito pela autoridade do conde. Eu o acordei para comunicar-lhe que o senhor deve abandonar imediatamente o condado.

— Chega de comédia — disse K. em voz ostensivamente baixa, deitou-se e puxou a coberta. — O senhor está indo um pouco longe demais, jovem, e amanhã eu ainda volto a falar do seu comportamento. O dono do albergue e aqueles senhores são testemunhas, se é que preciso de testemunhas. Mas de resto deixe-me dizer-lhe que sou o agrimensor que o conde mandou chamar. Meus ajudantes chegam amanhã na carruagem com os aparelhos. Eu não quis perder a oportunidade de fazer uma caminhada pela neve, mas infelizmente me desviei algumas vezes do caminho e por isso cheguei tão tarde. Eu sabia por conta própria, ainda antes que o senhor me ensinasse, que era tarde demais para me apresentar agora no castelo. Por isso também me contentei com este pouso noturno que o senhor — dito com suavidade — teve a indelicadeza de perturbar. Com isso estão encerradas minhas explicações. Boa noite, senhores.

E K. voltou-se para o lado da estufa.

— Agrimensor? — ouviu ainda perguntarem com hesitação às suas costas, depois o silêncio foi geral.

Mas o jovem recompôs-se logo e disse ao dono do albergue num tom suficientemente abafado para soar como consideração pelo sono de K. e alto o suficiente para ser entendido por ele:

— Vou pedir informações pelo telefone.

Como, havia também um telefone neste albergue de aldeia? Estavam providos de excelentes instalações. Surpreendido no caso particular, no geral K. certamente o esperava. Evidenciou-se que o telefone estava colocado quase sobre sua cabeça, na sua sonolência ele não o tinha visto. Se o jovem precisava telefonar, então não podia nem com a melhor das boas vontades poupar o sono de K.; tratava-se apenas de saber se K. o deixaria telefonar e

ele decidiu que sim. Mas também não tinha sentido algum fazer o papel de quem dormia e por isso ele voltou a ficar deitado de costas. Viu os camponeses se reunirem timidamente e confabularem, a chegada de um agrimensor não era pouca coisa. A porta da cozinha se abrira, lá estava, ocupando todo o espaço, a poderosa figura da dona do albergue; na ponta dos pés o dono se aproximou dela para informá-la. E então começou a conversa telefônica. O castelão estava dormindo, mas um subcastelão, um dos subcastelões, um senhor Fritz, atendeu. O jovem, que se apresentou como Schwarzer, contou de que modo havia encontrado K., um homem dos seus trinta anos, bastante esfarrapado, dormindo tranqüilamente sobre um saco de palha, tendo por travesseiro uma minúscula mochila e ao alcance da mão um cajado cheio de nós. Naturalmente ele lhe parecera suspeito e, uma vez que o dono do albergue tinha claramente negligenciado o dever, fora dever dele, Schwarzer, ir ao fundo da questão. Ser acordado, ouvir o interrogatório e a ameaça — no caso, de rigor, de expulsão do território do conde — tudo isso K. recebeu de má vontade, aliás, como no final se evidenciou, talvez com razão, pois afirma ser um agrimensor requisitado pelo senhor conde. Naturalmente é no mínimo dever formal averiguar essa afirmação e por isso Schwarzer pede ao senhor Fritz que se informe na chancelaria central se realmente um agrimensor assim é esperado e dê logo resposta pelo telefone.

Depois houve silêncio, do outro lado Fritz se informava e aqui se esperava a resposta, K. ficou na mesma posição, não se virou uma só vez, não parecia nem um pouco curioso, continuou olhando o vazio à sua frente. O relato de Schwarzer, na sua mistura de maldade e prudência, deu-lhe uma idéia da formação de certo modo diplomática de que no castelo mesmo gente miúda como Schwarzer dispunha com facilidade. E lá também não faltava zelo — a chancelaria central tinha um serviço noturno. E manifestamente respondia bem rápido, pois logo Fritz estava tocando. Este informe entretanto pareceu muito breve, pois imediatamente Schwarzer bateu o fone com fúria.

— Bem que eu disse — gritou. — Nem sinal de agrimensor, um reles e mentiroso vagabundo, provavelmente algo pior.

Por um instante K. pensou que todos, Schwarzer, camponeses, dono e dona do albergue, iriam se atirar sobre ele; para se desviar pelo menos do primeiro assalto deslizou inteiro por baixo da coberta, aí — esticou devagar, outra vez para fora, a cabeça —, aí o telefone soou novamente e, conforme pareceu a K., com uma força especial. Embora fosse improvável que de novo

dissesse respeito a K., ficaram todos paralisados e Schwarzer voltou ao aparelho. Ali ouviu até o fim uma explicação mais longa e depois disse em voz baixa:

— Um engano, então? Isso é bastante desagradável para mim. O próprio chefe do escritório telefonou? Estranho, estranho. Mas como devo agora explicar ao senhor agrimensor?

K. ficou escutando atentamente. Então o castelo o havia designado agrimensor. Por um lado isso era desfavorável a ele, pois indicava que no castelo se sabia tudo o que era preciso a seu respeito, as relações de força tinham sido pesadas e aceitavam a luta sorrindo. Mas por outro lado isso também era propício, pois a seu ver provava que o subestimavam e que ele teria mais liberdade do que de início podia esperar. E se acreditavam com esse seu reconhecimento como agrimensor — do ponto de vista moral, sem dúvida superior — conservá-lo num estado de medo contínuo, então eles se enganavam: isso lhe dava um leve tremor, mas era tudo.

Com um sinal K. despachou Schwarzer, que se aproximava timidamente, recusou-se a passar para o quarto do dono do albergue, para o qual o pressionavam, só aceitou dele uma bebida para dormir, da dona do albergue uma bacia com sabão e toalha e nem precisou exigir que a sala fosse esvaziada, pois todos foram juntos para fora com os rostos virados, provavelmente para não serem reconhecidos no dia seguinte; a lâmpada foi apagada e finalmente ele ficou em paz. Dormiu profundamente até de manhã, quase sem ser perturbado uma ou duas vezes pelos ratos que passavam fugidios por ele.

Depois do café-da-manhã, que segundo informações do dono do albergue devia ser pago pelo castelo, como aliás todas as despesas de K., ele quis ir logo à aldeia. Mas como o dono do albergue — com quem até então tinha falado apenas o estritamente necessário, por conservar na memória o seu comportamento de ontem — não parava de circular em torno dele com uma súplica muda, ficou penalizado e mandou-o sentar-se um instante à sua mesa.

— Ainda não conheço o conde — disse K. — É verdade que ele paga bem um bom trabalho? Quando alguém como eu viaja para tão longe da mulher e do filho, quer levar para casa alguma coisa.

— Com isso o senhor não precisa se preocupar, não se ouve queixa de mau pagamento.

— Bem — disse K. —, não me incluo entre os tímidos e posso dizer o que penso até para um conde, mas naturalmente é bem melhor entender-se em

paz com os senhores.

O dono do albergue estava sentado diante de K. na beira do banco da janela, não ousava sentar-se mais comodamente e fitava K. o tempo todo com grandes olhos castanhos e medrosos. Primeiro ele tinha querido impor sua presença a K. e agora a impressão era de que preferia fugir dali. Temia ser indagado sobre o conde? Temia a falta de confiabilidade do "senhor" por quem ele tomava K.? K. tinha que distrair sua atenção. Olhou para o relógio e disse:

— Logo chegam meus ajudantes, pode abrigá-los aqui?

— Sem dúvida — disse ele. — Mas eles não vão morar com o senhor no castelo?

Renunciava tão fácil e de bom grado aos hóspedes e em particular a K., a quem despachava sem mais para o castelo?

— Isso ainda não é certo — disse K. — Primeiro preciso saber que trabalho eles têm para mim. Se por exemplo eu tiver de trabalhar aqui embaixo, será mais sensato também morar aqui embaixo. Temo também que não me agrade a vida lá em cima no castelo. Quero estar sempre livre.

— Você não conhece o castelo — disse em voz baixa o dono do albergue.

— Sem dúvida — disse K. — Não se deve julgar prematuramente. Por enquanto a única coisa que sei do castelo é que lá eles são capazes de procurar o agrimensor certo. Talvez ainda haja outros méritos lá.

E levantou-se para se livrar do dono do albergue, que mordia inquieto os lábios. Não era fácil conquistar a confiança desse homem.

À saída chamou a atenção de K. um retrato escuro, numa moldura escura, pendurado na parede. Já do seu pouso ele o havia notado, mas da distância não tinha distinguido os pormenores e acreditava que o retrato propriamente dito fora removido da moldura e só se podia ver a tampa preta da parte de trás. Mas era de fato um retrato, como agora se evidenciava — o busto de um homem de cerca de cinqüenta anos. Mantinha a cabeça tão afundada sobre o peito que mal se via alguma coisa dos olhos; a testa alta e pesada e o forte nariz adunco pareciam decisivos para essa inclinação. A barba cheia, esmagada no queixo em conseqüência da postura do crânio, reerguia-se embaixo. A mão esquerda estava espalmada sobre os pêlos cerrados, mas não conseguia mais suspender a cabeça.

— Quem é? — perguntou K. — O conde?

K., em pé diante do retrato, não se virou para dirigir o olhar ao dono do albergue.

— Não, o castelão.

— Eles têm um belo castelão no castelo, não há dúvida — disse K. — Pena que o filho tenha se desviado tanto.

— Não — disse o dono do albergue, puxou K. um pouco para si e sussurrou-lhe no ouvido: — Schwarzer ontem exagerou, o pai dele é apenas um subcastelão, e até mesmo um dos últimos.

Nesse instante, o dono do albergue pareceu a K. uma criança.

— O patife! — disse K. rindo, mas o dono do albergue não riu com ele e disse:

— O pai dele *também* é poderoso.

— Ora, ora — disse K. — Você considera todo o mundo poderoso. A mim também, talvez?

— Você — disse ele, tímido mas sério —, você eu não considero poderoso.

— Então sabe observar bem as coisas — disse K. — Digo em confiança que de fato não sou poderoso. Conseqüentemente é provável que diante dos poderosos eu não tenha menos respeito que você, só que não sou tão honesto como você e não é sempre que quero admitir isso.

E para consolar o dono do albergue e fazer-se mais simpático deu-lhe um tapinha na face. Ele então sorriu um pouco. Era realmente jovem, com o rosto macio e quase sem barba. Como tinha chegado àquela mulher encorpada e envelhecida que se via ali ao lado, atrás de uma janelinha, com os cotovelos distantes do corpo, lidando na cozinha? Mas agora K. não queria insistir mais fundo com ele, nem afugentar o sorriso afinal conquistado, por isso fez-lhe mais um sinal para que abrisse a porta e saiu para a bela manhã de inverno.

Agora via lá em cima o castelo nitidamente recortado no ar claro, mais nítido por causa da neve que, amoldando-se a todas as formas, se estendia numa camada fina depositada por toda parte. No alto da encosta, aliás, parecia haver muito menos neve do que aqui na aldeia, onde K. avançava com esforço não menor que o de ontem na estrada. Ali a neve chegava às janelas das choupanas e pouco acima pesava sobre o telhado baixo, mas na altura da encosta tudo se alçava livre e leve para cima, ou ao menos assim parecia visto de cá.

No conjunto o castelo, tal como se mostrava da distância, correspondia às expectativas de K. Não era nem um burgo feudal nem uma residência nova e suntuosa, mas uma extensa construção que consistia de poucos edifícios de dois andares e de muitos outros mais baixos estreitamente unidos entre si; se

não se soubesse que era um castelo seria possível considerá-lo uma cidadezinha. K. viu apenas uma torre mas não era possível discernir se pertencia a uma habitação ou a uma igreja. Bandos de gralhas circulavam ao seu redor.

Com os olhos voltados para o castelo, K. continuou andando, nada além disso o preocupava. Mas, ao se aproximar, o castelo o decepcionou, na verdade era só uma cidadezinha miserável, um aglomerado de casas de vila, que se distinguiam por serem todas talvez de pedra, mas a pintura tinha caído havia muito tempo e a pedra parecia se esboroar. K. lembrou-se fugazmente da sua pequena cidade natal; em comparação com aquele suposto castelo ela dificilmente ficava atrás, se K. tivesse vindo só para visitá-lo teria sido uma pena a longa peregrinação — ele teria agido mais sensatamente revendo o berço antigo, aonde não ia fazia tanto tempo. E comparou mentalmente a torre da igreja da terra natal com a torre lá em cima. Aquela se estreitando definida, sem hesitação, reta para o alto e acabando num telhado largo de telhas vermelhas, uma construção terrena — o que mais podemos construir? — mas com um alvo mais elevado que o amontoado de casas e uma expressão mais clara que a do turvo dia de trabalho. A torre aqui em cima — a única visível —, torre de uma moradia, como agora se via, talvez do corpo principal do castelo, era uma construção redonda e uniforme, em parte piedosamente coberta de hera, com janelas pequenas que agora cintilavam ao sol — havia nisso algo alucinado — e terminando numa espécie de terraço cujas ameias denteavam o céu azul, inseguras, irregulares, quebradiças como se desenhadas pela mão medrosa ou negligente de uma criança. Era como se algum morador deprimido, que por justa razão devesse permanecer preso no cômodo mais remoto da casa, tivesse rompido o telhado e se levantado para mostrar-se ao mundo.

K. estacou de novo, como se imóvel tivesse mais força de julgamento. Mais foi perturbado. Atrás da igreja da aldeia, ao lado da qual havia parado — na verdade era apenas uma capela, ampliada à maneira de um celeiro, para poder acolher a comunidade —, estava a escola. Um prédio baixo e comprido, unindo curiosamente o caráter do provisório e do muito antigo, ficava atrás de um jardim cercado de grades, agora um campo de neve. Naquele momento as crianças saíam com o professor. Elas o rodeavam num denso aglomerado, todos os olhares dirigiam-se a ele, palravam sem parar de todos os lados, K. absolutamente não entendia sua fala rápida. O professor, um homem moço, pequeno, de ombros estreitos, mas — sem que isso fosse

ridículo — muito aprumado, já havia captado K. com o olho, a distância; de qualquer modo, excetuando-se o seu grupo, K. era a única pessoa à vista. Por ser estrangeiro, K. cumprimentou primeiro, principalmente diante de um homenzinho tão autoritário.

— Bom dia, professor — disse ele.

De um só golpe as crianças emudeceram; na certa esse silêncio súbito devia agradar ao professor como introdução às suas palavras.

— Está olhando o castelo? — perguntou, mais brando do que K. havia esperado, mas num tom de quem não aprovava o que K. estava fazendo.

— Sim — disse K. — Sou de fora, estou aqui só desde ontem à noite.

— Não gosta do castelo? — perguntou rápido o professor.

— Como? — replicou K. um pouco desconcertado e repetiu a pergunta numa forma mais suave: — Se gosto do castelo? Por que acha que não gosto?

— Nenhum forasteiro gosta — disse o professor.

Para não falar nada inoportuno, K. desviou a conversa e perguntou:

— O senhor decerto conhece o conde.

— Não — disse o professor e fez menção de ir embora.

Mas K. não cedeu e perguntou mais uma vez:

— Como, o senhor não conhece o conde?

— Como iria conhecê-lo? — disse o professor em voz baixa e acrescentou alto em francês: — Leve em consideração a presença de crianças inocentes.

K. sentiu-se então no direito de perguntar:

— Poderia visitá-lo, senhor professor? Vou ficar mais tempo aqui e já agora me sinto um pouco abandonado, não tenho relação com os camponeses nem pertenço ao castelo.

— Não há diferença entre os camponeses e o castelo — disse o professor.

— Pode ser — disse K. — Isso não muda em nada minha situação. Poderia fazer-lhe uma visita?

— Moro na rua do Cisne, na casa do açougueiro.

Na realidade isso era mais uma informação de endereço do que um convite; no entanto K. disse:

— Muito bem, eu irei.

O professor fez um aceno de cabeça e continuou a andar com o bando de crianças, que logo começaram a gritar outra vez. Logo em seguida desapareceram numa ruazinha que descia abruptamente.

Mas K. estava distraído e irritado com a conversa. Pela primeira vez desde a chegada ele sentiu um cansaço real. O longo caminho até ali parecia a

princípio não tê-lo afetado — como havia vagueado tranqüilo aqueles dias, passo a passo! — mas agora mostravam-se as conseqüências do esforço desmedido, sem dúvida na hora errada. Mostrava-se irresistivelmente impelido a buscar novos contatos, mas cada conhecimento novo acentuava a fadiga. Se no estado em que se encontrava ele se obrigasse a esticar o passeio pelo menos até a entrada do castelo teria feito mais que o suficiente.

Assim, seguiu em frente, mas era um extenso caminho. Pois a rua em que estava, a principal da aldeia, não levava à encosta do castelo, apenas para perto dela, e depois, como que de propósito, fazia uma curva e, embora não se afastasse do castelo, também não se aproximava dele. K. estava sempre esperando que ela afinal tomasse o rumo do castelo e só porque o esperava é que continuava a andar; evidentemente por causa do cansaço ele hesitava em abandonar a rua; espantava-se também com a extensão da aldeia, que não tinha fim, sem parar as casinhas, os vidros das janelas cobertos de gelo, a neve, o vazio de gente — finalmente ele escapou dessa rua paralisante, uma viela estreita o acolheu, neve mais profunda ainda, era uma tarefa árdua erguer os pés que afundavam, o suor brotava, de repente ele parou e não pôde mais continuar.

Bem, não estava isolado, à direita e à esquerda havia cabanas de camponeses, fez uma bola de neve e atirou-a contra uma janela. Imediatamente abriu-se a porta — a primeira que se abria em todo o trajeto da aldeia — e lá estava um velho camponês de gibão de pele marrom, a cabeça inclinada para o lado, amistoso e frágil.

— Posso entrar um pouco na sua casa? — disse K. — Estou muito cansado.

Não ouviu absolutamente o que o velho disse, aceitou agradecido quando foi empurrada ao seu encontro uma tábua que logo o salvou da neve e com alguns passos estava dentro da casa.

Um grande cômodo na penumbra. Quem vinha de fora a princípio não via nada. K. cambaleou contra uma tina, a mão de uma mulher o segurou. De um canto chegavam muitos gritos de criança. De outro saíam rolos de fumaça e transformavam a meia-luz em escuridão: K. parecia estar em pé no meio das nuvens.

— Ele está bêbado — disse alguém.

— Quem é o senhor? — bradou uma voz imperiosa e, sem dúvida dirigida para o velho, disse: — Por que você o deixou entrar? Pode-se deixar entrar tudo o que fica rondando pelas ruas?

— Sou o agrimensor do conde — disse K., procurando desse modo justificar-se diante da pessoa que continuava invisível.

— Ah, é o agrimensor — disse uma voz de mulher e depois seguiu-se um silêncio total.

— Então me conhecem? — perguntou K.

— Certamente — disse a mesma voz, ainda lacônica.

O fato de que se conhecia K. parecia não recomendá-lo.

Por fim a fumaça se dissipou um pouco e K. pôde lentamente orientar-se. Parecia ser um dia de limpeza geral. Perto da porta lavava-se roupa. A fumaça porém vinha do canto esquerdo, onde, numa tina de madeira de um tamanho que K. ainda nunca tinha visto — mais ou menos o de duas camas —, dois homens se banhavam na água que soltava vapor. Mas mais surpreendente ainda, sem que se soubesse exatamente no que consistia a surpresa, era o canto da direita. De uma grande fresta, a única na parede dos fundos, chegava, provavelmente do pátio, uma pálida luz de neve, que dava um brilho como se fosse de seda ao vestido de uma mulher bem no canto, quase deitada de cansaço numa poltrona de espaldar alto. Ela segurava ao seio um bebê. À sua volta brincavam algumas crianças, filhos de camponeses, como se podia ver, mas ela não parecia pertencer ao seu meio — certamente a enfermidade e o cansaço refinam até os camponeses.

— Sente-se — disse um dos homens, de barba cheia e além disso um bigode sob o qual ele, ofegante, conservava a boca sempre aberta; apontou, o que era cômico de se ver, com a mão sobre a borda da tina para uma arca e nesse ato respingou de água quente o rosto todo de K.

Sobre a arca já estava sentado, olhando sonolentamente para a frente, o velho que tinha admitido K. na casa. K. estava grato por finalmente poder sentar-se. Agora ninguém mais se preocupava com ele. A mulher que lavava roupa na tina, loira, de uma opulência juvenil, cantava em voz baixa enquanto trabalhava, os homens no banho batiam com os pés e giravam o corpo, as crianças queriam se aproximar deles, mas eram constantemente rechaçadas pelos possantes espirros de água que também não poupavam K., a mulher na poltrona continuava como se estivesse inanimada, não baixava o olhar nem mesmo para a criança ao seio, mas dirigia-o para um alvo indefinido no alto.

K. contemplou-a longamente, uma imagem bela e triste que não se alterava, mas depois deve ter adormecido, pois quando, chamado por uma voz alta, se sobressaltou, sua cabeça se apoiava no ombro do velho ao lado.

Os homens haviam terminado o banho — na banheira agora agitavam-se as crianças vigiadas pela mulher loira — e estavam vestidos diante de K. Via-se que o barbudo vociferante era o menos importante dos dois. O outro, não mais alto que ele, mas com muito menos barba, era um homem quieto, de pensamento lento, uma figura larga, o rosto também largo, e conservava a cabeça baixa.

— Senhor agrimensor — disse ele —, o senhor não pode ficar aqui. Perdoe a indelicadeza.

— Eu não queria ficar — disse K. — Só queria descansar um pouco. Já descansei e agora vou embora.

— O senhor provavelmente está admirado com a pouca hospitalidade — disse o homem —, mas a hospitalidade não é costume entre nós, não precisamos de hóspedes.

Um pouco recomposto do sono, o ouvido mais aguçado que antes, K. alegrou-se com as palavras francas. Movia-se mais livremente, apoiando ora aqui, ora ali, seu cajado, aproximou-se da mulher na poltrona, era aliás o maior fisicamente no recinto.

— Sem dúvida — disse K. —, que necessidade têm de hóspedes? Mas de vez em quando precisa-se de um, por exemplo de mim, o agrimensor.

— Isso eu não sei — disse o homem com lentidão. — Se chamaram, então provavelmente precisam do senhor, com certeza é uma exceção, mas nós, os pequenos, respeitamos as regras, o senhor não pode nos levar a mal por isso.

— Não, não — disse K. —, só posso agradecer, ao senhor e a todos aqui.

E sem que ninguém esperasse K. virou-se literalmente num salto e ficou em pé diante da mulher. Com olhos cansados e azuis ela fitou K., um lenço de seda transparente descia-lhe até o meio da testa, o bebê dormia no seu seio.

— Quem é você? — perguntou K.

Com menosprezo — não estava claro se o desdém cabia a K. ou às suas próprias palavras — ela disse:

— Uma moça do castelo.

Tudo isso tinha durado só um instante, à direita e à esquerda de K. já se postavam os dois homens; ele foi puxado para a porta em silêncio mas com toda a força, como se não existisse outro meio de entendimento. Alguma coisa nisso alegrou o velho e ele bateu palmas. Também a lavadeira riu entre as crianças que de repente começaram a fazer barulho como loucas.

Mas logo K. estava na rua, os homens o vigiavam da soleira da porta, a

neve caía outra vez, no entanto parecia estar um pouco mais claro. O homem de barba cheia gritou impaciente:

— Aonde quer ir? Este lado dá para o castelo, este para a aldeia.

K. não lhe respondeu, mas para o outro, que apesar da superioridade parecia o mais acessível, ele disse:

— Quem são vocês? A quem devo agradecer a minha estada?

— Sou o mestre-de-curtume Lasemann — foi a resposta. — Mas o senhor não tem de agradecer a ninguém.

— Está bem — disse K. — Talvez ainda nos encontremos.

— Não creio — disse o homem.

Nesse momento o barbudo bradou com a mão erguida:

— Bom dia, Artur, bom dia, Jeremias!

K. voltou-se: então nesta aldeia ainda havia gente na rua! Da direção do castelo vinham dois jovens de estatura média, ambos muito esbeltos, as roupas justas, os rostos também muito semelhantes, a pele moreno-escura, mas nela se destacava o cavanhaque com sua especial cor negra. Andavam com espantosa rapidez para as condições da rua e moviam em compasso as pernas delgadas.

— O que vão fazer? — gritou o barbudo.

Só gritando era possível comunicar-se com eles, de tão depressa e sem parar que iam.

— Negócios — responderam rindo.

— Onde?

— No albergue.

— Vou indo para lá também — gritou K. mais alto que os outros.

Tinha um grande desejo de ser levado pelos dois; não parecia que conhecê-los oferecesse grande vantagem, mas evidentemente eram uma companhia boa e estimulante. Eles ouviram as palavras de K., porém só acenaram com a cabeça e logo se foram.

K. ainda estava no meio da neve, tinha pouca vontade de erguer o pé para afundá-lo outra vez um pouquinho adiante; o mestre-de-curtume e seu companheiro, satisfeitos por terem finalmente despachado K., recuaram para dentro de casa, devagar, através da porta apenas entreaberta, sempre olhando para trás na direção de K., que ficou sozinho na neve que o envolvia.

— Ocasião para um pequeno desespero — ocorreu-lhe — se estivesse aqui por acaso e não intencionalmente.

Abriu-se então na choupana à sua esquerda uma janela minúscula —

fechada ela parecera de um azul profundo, talvez no reflexo da neve; era tão minúscula que, agora que estava aberta, não se podia ver o rosto todo de quem olhava para fora, só os olhos velhos e castanhos.

— Lá está ele — ouviu uma trêmula voz feminina dizer.

— É o agrimensor — disse uma voz de homem.

Aí o homem foi à janela e perguntou, num tom que não era hostil, mas certamente interessado em que na rua estivesse tudo em ordem diante da sua casa:

— Quem está esperando?

— Um trenó que me leve embora — disse K.

— Aqui não passa trenó — disse o homem. — Não há tráfego aqui.

— Mas este é o caminho que dá para o castelo.

— Não importa, não importa — disse o homem com uma certa implacabilidade. — Aqui não há tráfego.

Depois ambos silenciaram. Mas o homem evidentemente pensava em alguma coisa, pois continuou mantendo aberta a janela de onde fluía fumaça.

— Um caminho ruim — disse K. para ajudá-lo.

Mas ele disse apenas:

— Sem dúvida.

Um pouco depois, porém, ele falou:

— Se quiser posso levá-lo no meu trenó.

— Faça-me esse favor — disse K. muito satisfeito. — Quanto quer por isso?

— Nada — disse o homem.

K. ficou muito admirado.

— O senhor é o agrimensor — explicou o homem — e pertence ao castelo. Aonde quer ir?

— Ao castelo — respondeu K. rápido.

— Então eu não vou — disse o homem imediatamente.

— Mas eu pertenço ao castelo — disse K. repetindo as próprias palavras do homem.

— Pode ser — disse o homem num tom de recusa.

— Então me leve até o albergue — disse K.

— Está bem — disse o homem. — Saio já com o trenó.

Nada disso dava a impressão de uma amabilidade especial, mas antes de algum tipo de empenho muito egoísta, ansioso e quase obsessivo em tirar K. de frente da casa.

O portão se abriu e por ele saiu um pequeno trenó para carga leve, inteiramente plano e sem nenhum assento, puxado por um cavalinho frágil, atrás o homem, que não era velho mas fraco, curvado, mancando, o rosto magro, vermelho e resfriado que parecia particularmente pequeno por causa de um xale de lã enrolado firme em torno do pescoço. O homem estava visivelmente doente e tinha saído só para transportar K. dali. K. mencionou algo nesse sentido, mas ele encerrou o assunto com um aceno. Ficou sabendo apenas que era o carroceiro Gerstäcker, e que tinha apanhado aquele trenó incômodo porque ele estava pronto e teria levado muito tempo para tirar outro para fora.

— Sente-se — disse e apontou com o chicote para a parte de trás do trenó.

— Vou me sentar ao seu lado — disse K.

— Eu vou a pé — disse Gerstäcker.

— Mas por quê? — perguntou K.

— Vou a pé — repetiu Gerstäcker e teve um acesso de tosse que o sacudiu tanto que ele precisou fincar as pernas na neve e segurar com as mãos a borda do trenó.

K. não falou mais nada, sentou-se na parte de trás do trenó, a tosse se acalmou aos poucos e eles partiram.

O castelo lá em cima, já curiosamente escuro, que K. havia esperado alcançar ainda naquele dia, distanciava-se outra vez. Mas, como se ainda fosse preciso dar um sinal para a despedida provisória, ali soou um toque de sino alado e alegre, que pelo menos por um momento fez seu coração estremecer, como se o ameaçasse — pois o toque era também doloroso — a realidade daquilo a que incertamente aspirava. Logo, porém, esse grande sino emudeceu e foi substituído por um sininho fraco e monótono, talvez ainda lá em cima, mas talvez já na aldeia. Esse tilintar evidentemente se adaptava melhor à viagem vagarosa e ao carroceiro digno de pena, mas implacável.

— Escute — bradou K. de repente.

Eles já estavam na proximidade da igreja, o caminho para o albergue já não era muito longo, K. podia arriscar alguma coisa.

— Muito me admira que você ouse me levar de um lado para outro sob sua própria responsabilidade. Tem o direito de fazer isso?

Gerstäcker não se importou e continuou caminhando tranqüilamente ao lado do cavalinho.

— Ei — gritou K., juntou um pouco de neve no trenó e com uma bola

acertou em cheio o ouvido de Gerstäcker.

Este então parou e se voltou; mas quando K. o viu de tão perto — o trenó tinha avançado mais um pouco —, essa figura curvada, por assim dizer maltratada, o rosto vermelho, cansado e estreito, com as maçãs de algum modo diferentes, uma plana, a outra encovada, a boca aberta e atenta na qual havia só alguns dentes isolados, K. teve de repetir por compaixão o que antes havia dito por maldade, se Gerstäcker não podia ser punido pelo fato de transportá-lo.

— O que está querendo? — perguntou Gerstäcker sem compreender; mas também sem esperar explicação instigou o cavalinho e seguiram em frente.

Quando estavam quase no albergue — K. reconheceu isso numa curva do caminho —, para seu espanto já havia escurecido completamente. Tinha saído fazia tanto tempo? Segundo seus cálculos fazia apenas uma ou duas horas. Partira de manhã. E não tivera nenhuma necessidade de comer. Até havia pouco a luz do dia tinha sido regular, só agora aquela escuridão.

— Dias curtos, dias curtos — disse a si mesmo, escorregou do trenó e se dirigiu ao albergue.

No alto da pequena escada externa da casa estava o dono do albergue, muito bem-vindo, que iluminava o caminho com a lanterna erguida. Lembrando-se por um instante do carroceiro, K. parou em algum lugar no escuro e ouviu-se uma tosse: era ele. Bem, em breve iria vê-lo outra vez. Só quando estava em cima, com o dono do albergue que o cumprimentava humildemente, é que percebeu dois homens, um de cada lado da porta. Pegou a lanterna da mão do dono do albergue e iluminou os dois; eram os homens que já havia encontrado e que tinham sido chamados de Artur e Jeremias. Agora eles o saudavam com uma continência. Recordando-se do seu tempo de serviço militar, aqueles tempos felizes, ele riu.

— Quem são vocês? — perguntou, olhando de um para outro.

— Seus ajudantes — responderam.

— São os ajudantes — confirmou em voz baixa o dono do albergue.

— Como? — perguntou K. — São vocês os antigos ajudantes que mandei me seguirem e que eu estava esperando?

Eles responderam afirmativamente.

— Isso é bom — disse K. depois de um curto intervalo. — É bom que tenham chegado.

Depois de mais uma pausa falou:

— Aliás vocês se atrasaram muito. São muito negligentes.

— Era um longo caminho — disse um deles.

— Longo caminho — repetiu K. — Mas eu os encontrei quando vinham do castelo.

— Sim — disseram sem mais explicações.

— Onde estão os aparelhos? — perguntou K.

— Não temos nenhum aparelho — disseram eles.

— Os aparelhos que eu confiei a vocês — disse K.

— Não temos nenhum — repetiram os dois.

— Ah, que gente! — exclamou K. — Entendem alguma coisa de agrimensura?

— Não — disseram eles.

— Mas se são meus antigos ajudantes teriam de entender — disse K.

Eles silenciaram.

— Venham então — disse K. e empurrou-os à frente para dentro da casa.

Capítulo 2
BARNABÁS

OS TRÊS ENTÃO FICARAM SENTADOS relativamente em silêncio no salão do albergue, bebendo cerveja numa pequena mesa, K. no meio, à direita e à esquerda os ajudantes. Além desta, só uma mesa estava ocupada por camponeses, de maneira semelhante à noite anterior.

— Com vocês não é fácil — disse K., comparando os seus rostos, como já o tinha feito várias vezes. — Como é que posso distinguir um do outro? Vocês são diferentes apenas no nome, no mais são parecidos como — estacou e depois prosseguiu involuntariamente — no mais vocês são parecidos como cobras.

Eles sorriram.

— Outras pessoas nos distinguem bem — disseram como justificativa.

— Acredito — disse K. — Eu mesmo fui testemunha disso, mas só posso ver com os meus olhos, e com eles não consigo distinguir um do outro. Por isso vou tratá-los como sendo um único homem e chamar os dois de Artur, não é assim que um de vocês se chama... você, por acaso? — perguntou K. a um deles.

— Não — disse este. — Eu me chamo Jeremias.

— Bem, dá no mesmo — disse K. — Vou chamar a ambos de Artur. Se eu mandar Artur para alguma parte, vão os dois; se eu der uma tarefa a Artur, vocês dois a fazem; para mim isso tem a grande desvantagem de que não posso usá-los para trabalhos isolados, mas tem também a vantagem de que os dois assumem juntos a responsabilidade de tudo aquilo de que eu os incumbir. Para mim é indiferente de que modo vocês dividem entre si o trabalho, a única coisa que não podem é se desculpar um por causa do outro, para mim vocês são um único homem.

Eles refletiram e disseram:

— Isso seria bem desagradável para nós.

— Como poderia deixar de ser? — atalhou K. — Naturalmente que deve ser desagradável, mas é assim que vai ficar.

Já por algum tempo K. estava vendo um dos camponeses esgueirar-se em volta da mesa; finalmente ele se decidiu, aproximou-se de um dos ajudantes e quis cochichar-lhe alguma coisa.

— Desculpem-me — disse K., batendo com a mão na mesa e se levantando. — Estes são meus ajudantes e estamos agora discutindo algumas questões. Ninguém tem o direito de nos interromper.

— Perdão, perdão — disse o camponês, receoso, enquanto voltava de costas à mesa dos seus companheiros.

— Esta é uma coisa que vocês precisam levar em conta acima de tudo — disse K. sentando-se outra vez. — Vocês não podem falar com ninguém sem a minha permissão. Eu sou um estranho aqui e se vocês são os meus antigos ajudantes, então são estranhos também. Por isso nós três, estranhos, temos de permanecer unidos; estendam-me suas mãos.

Eles as estenderam com demasiada presteza.

— Podem baixar as patas — disse. — Mas minha ordem continua valendo. Agora eu vou dormir e aconselho-os a fazer o mesmo. Hoje nós perdemos um dia de trabalho, amanhã temos de começar muito cedo. Vocês precisam arrumar um trenó para a ida ao castelo e estar prontos com ele às seis horas aqui em frente da casa.

— Está bem — disse um deles.

Mas o outro interveio:

— Você diz "está bem", mas sabe que não é possível.

— Quietos — disse K. — Vocês já estão querendo se distinguir um do outro.

Mas aí também o primeiro disse:

— Ele tem razão, é impossível; sem permissão nenhum estranho pode ir ao castelo.

— Onde é preciso pedir permissão?

— Não sei, talvez com o administrador do castelo.

— Então vamos fazer o pedido por telefone, telefonem já para o administrador, os dois.

Eles correram para o aparelho, pediram a ligação — como os dois se empurravam! Vistos de fora eram obedientes de uma maneira ridícula — e perguntaram se K. podia ir com eles amanhã ao castelo. O "não" da resposta K. ouviu da sua mesa, mas a resposta era ainda mais detalhada, ela dizia: "nem amanhã nem em qualquer outra ocasião".

— Vou telefonar pessoalmente — disse K. levantando-se.

Visto que até então K. e seus ajudantes, à exceção do incidente com um dos camponeses, tinham sido pouco notados, a última fala de K. despertou atenção geral. Todos se ergueram ao mesmo tempo que K. e, embora o dono do albergue tentasse fazê-los retroceder, eles se agrupavam junto ao telefone, formando em torno de K. um estreito semicírculo. Prevalecia entre eles a opinião de que K. não receberia resposta alguma. Teve de pedir-lhes que

fizessem silêncio, não estava pedindo para ouvir suas opiniões.

Do fone de ouvido saiu um zumbido que K. nunca antes tinha escutado ao telefonar. Era como se fosse o zumbido de inúmeras vozes infantis — mas não era também um zumbido e sim o canto de vozes distantes, extremamente distantes —, como se desse zumbido se formasse, de um modo completamente impossível, uma única voz, alta e forte, que batesse no ouvido de tal modo que exigisse entrar mais fundo do que apenas no pobre ouvido. K. escutou sem falar ao fone, tinha colocado o braço esquerdo no anteparo do telefone e foi assim que ficou ouvindo.

Ele não sabia por quanto tempo estivera escutando, até que o dono do albergue puxou-o pelo casaco: tinha chegado um mensageiro para ele.

— Fora daqui! — gritou descontrolado, talvez dentro do fone, pois alguém então entrou na linha.

Desenrolou-se a seguinte conversa:

— Aqui é Oswald, quem está falando? — bradou uma voz severa e altiva, com um pequeno erro de pronúncia, que pareceu a K. como o de alguém que tentasse compensá-lo com um acréscimo suplementar de severidade. K. hesitou em dizer seu nome, diante do telefone ele estava desarmado, o outro podia vituperá-lo, podia depor o fone de ouvido e com isso K. teria obstruído um canal que talvez não fosse sem importância. A hesitação de K. deixava o homem impaciente.

— Quem está falando? — repetiu ele, acrescentando: — Gostaria muito que não telefonassem tanto daí, faz apenas um instante fizeram um chamado.

K. ignorou a observação e anunciou com uma decisão repentina:

— Aqui é o ajudante do senhor agrimensor.

— Que ajudante? Que senhor? Que agrimensor?

Ocorreu a K. a conversa telefônica do dia anterior:

— Pergunte a Fritz — disse laconicamente.

Para seu próprio espanto, isso ajudou. Mas, mais ainda que o fato de ter ajudado, espantou-o a coordenação do serviço lá em cima. A resposta foi:

— Já sei. O eterno agrimensor. Sim, sim. O que mais? Que ajudante?

— Josef — disse K.

Perturbava-o um pouco o murmúrio dos camponeses às suas costas, evidentemente não concordavam com o fato de ele não ter se anunciado corretamente. Mas K. não tinha tempo para se ocupar dos camponeses, aquela conversa exigia muito dele.

— Josef? — perguntaram de volta.

— Os ajudantes se chamam — uma pequena pausa, obviamente perguntava os nomes a alguém mais — Artur e Jeremias.

— Esses são os novos ajudantes — disse K.

— Não, são os antigos.

— São os novos, mas eu sou o antigo, que hoje se juntou ao senhor agrimensor.

— Não! — gritou então a voz.

— Quem sou eu, então? — perguntou K., calmo como até aquele momento.

Depois de uma pausa a mesma voz disse com o mesmo erro de pronúncia, embora parecesse outra, mais profunda e mais digna de atenção:

— Você é o antigo ajudante.

Concentrado no tom da voz, K. quase não ouviu a pergunta:

— O que você quer?

De preferência ele já teria posto o fone no gancho. Não esperava nada mais daquela conversa. Foi forçado que ainda perguntou rapidamente:

— Quando o meu chefe pode ir ao castelo?

— Nunca — foi a resposta.

— Está bem — disse K. e pendurou o fone no gancho.

Atrás dele os camponeses já haviam avançado para bem perto. Os ajudantes estavam ocupados em afastá-los por causa dos freqüentes olhares de viés para ele. Mas parecia ser apenas uma comédia; os camponeses, satisfeitos com o resultado da conversa ao telefone, estavam retrocedendo lentamente. O grupo foi então apartado por trás com as passadas rápidas de um homem que se inclinou diante de K. e entregou-lhe uma carta. K. conservou a carta na mão enquanto fitava o homem, que naquele momento lhe parecia mais importante. Havia uma grande semelhança entre ele e os ajudantes, era tão esbelto quanto eles, estava igualmente vestido com trajes justos, era flexível e desembaraçado como eles, mas apesar disso totalmente diferente. K. o teria preferido muito mais como ajudante! Ele lembrava um pouco a mulher com o bebê ao colo que tinha visto na casa do mestre-de-curtume. Sua roupa era quase branca, certamente não era de seda, era um traje de inverno como todos os outros, mas tinha a delicadeza e a solenidade de uma roupa de seda. Seu rosto era claro e aberto, os olhos extremamente grandes. O sorriso tinha alguma coisa incomumente encorajadora; ele passava a mão pelo rosto como se quisesse afugentar esse sorriso, mas não o conseguia.

— Quem é você? — perguntou K.

— Meu nome é Barnabás — respondeu. — Sou mensageiro.

Quando ele falava, os lábios se abriam e fechavam de uma maneira viril e no entanto suave.

— Você gosta daqui? — perguntou K. e apontou os camponeses, pelos quais ele ainda não havia perdido o interesse e que, com seus rostos literalmente torturados — os crânios pareciam ter sido achatados em cima e os traços da face formados na dor da pancada —, os lábios protuberantes e as bocas abertas, olhavam, mas de novo pareciam não estar olhando, pois muitas vezes esse olhar se desviava e antes de voltar ficava preso num objeto qualquer; K. aí indicou também os ajudantes, que se mantinham abraçados, inclinando-se de faces coladas e sorrindo, não se sabia se por humildade ou zombaria; apontou para todos eles como se apresentasse uma comitiva que lhe tivesse sido imposta por circunstâncias especiais, esperando que Barnabás — havia nisso familiaridade e era o que importava a K. —, que Barnabás distinguisse com sensatez entre ele e os outros. Mas Barnabás — evidentemente em toda a inocência, isso era reconhecível — não levou a questão em conta, deixando-a passar como um criado bem treinado deixa passar uma palavra que o senhor só na aparência dirige a ele, e olhou em volta, atento apenas ao espírito da questão; com acenos de mão cumprimentou conhecidos entre os camponeses, trocando duas palavras com os ajudantes, tudo isso de um modo livre e independente, sem se misturar com eles. K. voltou-se — repelido, mas não envergonhado — para a carta que estava em sua mão e abriu-a. Seu teor era o seguinte:

> Prezado senhor: como sabe, o senhor foi admitido nos serviços administrativos do conde. Seu superior imediato é o prefeito da aldeia, que lhe comunicará todos os detalhes sobre o trabalho e as condições de pagamento e a quem o senhor também prestará contas. Mas não obstante isso eu também não o perderei de vista. Barnabás, o portador desta carta, perguntará de tempos em tempos pelo senhor para ficar sabendo dos seus desejos e comunicá-los a mim. O senhor me encontrará, sempre que possível, pronto a ser-lhe solícito. Interessa-me ter trabalhadores satisfeitos.

A assinatura não era legível, mas sob ela estava impresso: Chefe da repartição X.

— Espere — disse K. a Barnabás, que já se inclinava.

Chamou em seguida o dono do albergue, pedindo que ele lhe mostrasse seu quarto: queria ficar algum tempo sozinho com a carta. Lembrou-se então de que, apesar de toda a simpatia que tinha por Barnabás, ele não era senão um mensageiro e mandou que lhe dessem uma cerveja. Observou como iria aceitá-la, ele aceitou-a com evidente satisfação e começou imediatamente a beber. Depois K. foi com o dono do albergue. Naquela casa minúscula não tinham conseguido arranjar mais que uma pequena mansarda para K. e até mesmo isso havia esbarrado em dificuldades, pois tiveram de alojar em outra parte duas criadas que até então dormiam ali. Na verdade não tinham feito nada a não ser pôr para fora as criadas; de resto o quarto permanecia no mesmo estado da noite anterior, nenhum lençol na única cama, apenas alguns travesseiros e um cobertor de cavalo, na parede imagens de santos e fotografias de soldados; nem mesmo o ambiente tinha sido arejado, obviamente haviam esperado que o novo hóspede não ficasse muito tempo e não tinham feito nada para retê-lo. Mas K. estava de acordo com tudo, enrolou-se no cobertor, sentou-se à mesa e à luz de uma vela começou a ler outra vez a carta.

Ela não era uniforme, havia trechos em que falava dele como de um homem livre, cuja vontade própria se reconhece; assim era o cabeçalho, assim a passagem que dizia respeito aos seus desejos. Mas havia também trechos em que ele era tratado, aberta ou veladamente, como um pequeno trabalhador que mal se discernia do lugar onde estava o chefe, a chefia tinha de se esforçar para "não perdê-lo de vista", seu superior era apenas o prefeito da aldeia, a quem ele até precisava prestar contas, seu único colega talvez fosse o policial da aldeia. Eram contradições indubitáveis, tão visíveis que tinham de ser intencionais. A idéia amalucada, diante de uma tal autoridade, de que aqui tinha intervindo a indecisão, mal passou pela cabeça de K. Em vez disso ele viu ali uma escolha que lhe era oferecida abertamente, deixavam que fizesse o que queria das determinações da carta: se queria ser somente um trabalhador da aldeia com uma ligação de qualquer forma distinta, embora só aparente, com o castelo, ou então um trabalhador aparente da aldeia, que na realidade admitia que toda a sua relação de trabalho fosse definida pelas notícias trazidas por Barnabás. K. não hesitou, não teria hesitado mesmo sem as experiências que já havia feito. Só como trabalhador da aldeia, o mais distante possível dos senhores do castelo, ele era capaz de conseguir alguma coisa lá; estes habitantes da aldeia, que ainda eram tão desconfiados em relação a ele, começariam a falar uma vez que, apesar de

não ser amigo de nenhum, havia se tornado seu concidadão e sendo assim não se distinguia de Gerstäcker ou de Lasemann, por exemplo — tudo dependia de que isso acontecesse muito rápido —, então iam abrir-se de um só golpe, sem dúvida, todos os caminhos que, apenas na dependência dos senhores lá em cima ou do seu favor, teriam permanecido não só fechados para sempre, mas também invisíveis. Certamente havia um perigo e ele estava bem acentuado na carta, apresentado com uma certa alegria, como se fosse inelutável. Era o fato de ser um trabalhador. Serviço, superior, trabalho, condições de pagamento, prestação de contas, trabalhador — disso a carta fervilhava e, mesmo que não estivesse dito outra coisa mais pessoal, ela era afirmada daquele ponto de vista. Se K. queria ser trabalhador, podia fazê-lo, mas tão-somente com a mais completa seriedade, sem qualquer outra perspectiva. K. sabia que não se ameaçava com uma coerção real, essa ele não temia e aqui muito menos, mas a força do ambiente desencorajador, o hábito das decepções, a força das influências imperceptíveis de cada instante — tudo isso ele de qualquer modo temia, porém com esse perigo era preciso ousar lutar. A carta também não silenciava que, se as coisas chegassem às vias de fato, K. tivera a temeridade de começar, isso era dito com finura e só uma consciência intranqüila — intranqüila, e não culpada — podia notá-lo: eram as palavras "como o senhor sabe", relativas à sua admissão no serviço. K. havia se anunciado e desde então sabia, como expressava a carta, que fora admitido.

Tirou um quadro da parede e pendurou a carta no prego; ele iria morar naquele quarto e a carta deveria ficar pendurada ali.

Depois desceu até a sala; Barnabás estava sentado a uma mesinha com os ajudantes.

— Ah, aí está você — disse K. sem motivo, só porque estava contente por ver Barnabás.

Este saltou logo em pé. Mal K. havia entrado, os camponeses se ergueram para se aproximar dele; já tinha se tornado um costume eles andarem sempre atrás.

— O que vocês sempre estão querendo de mim? — bradou K.

Eles não levaram a mal e voltaram devagar para os seus lugares. Ao se afastar, um deles disse ao acaso, com um sorriso impenetrável que alguns outros assumiram:

— Sempre se ouve alguma novidade — e lambeu os lábios como se a novidade fosse alguma coisa para comer.

K. não disse nada conciliador, era bom que eles mantivessem um pouco de respeito diante dele, mas assim que se viu sentado com Barnabás sentiu na nuca o hálito de um camponês; como ele dizia, tinha vindo apanhar o saleiro, mas K. bateu o pé no chão com raiva e aí o camponês correu de volta sem o saleiro. Era realmente fácil incomodar K., só se precisava, por exemplo, açular os camponeses contra ele; seu interesse obstinado parecia-lhe pior do que a reserva dos outros, além do que também era reserva, pois se K. tivesse se sentado à sua mesa eles certamente não teriam permanecido sentados lá. Só a presença de Barnabás o impedia de fazer barulho. Mas se ele se voltava ameaçador para eles, eles também estavam voltados para K. Como, porém, ele os via sentados ali, cada qual no seu lugar, sem falar um com o outro, sem nenhuma relação visível entre si, só ligados um com o outro pelo fato de estarem olhando para ele, parecia-lhe que não era maldade o que os faria persegui-lo, talvez quisessem de fato alguma coisa determinada e só não pudessem dizê-lo — e, se não fosse isso, então talvez fosse apenas puerilidade; puerilidade que aqui parecia estar em casa; mas não era infantil o dono do albergue que, segurando com as duas mãos um copo de cerveja que devia levar a algum freguês, estacou, olhou para K. e ignorou um chamado da dona do albergue, que havia se reclinado no parapeito da cozinha.

Mais calmo K. virou-se para Barnabás — teria gostado de afastar os ajudantes, mas não achou um pretexto, aliás eles ainda olhavam quietos para sua cerveja.

— Li a carta — começou K. — Você conhece o conteúdo?

— Não — disse Barnabás.

Seu olhar parecia dizer mais do que suas palavras. Talvez aqui K. estivesse enganado por bem, como o estivera por mal com os camponeses, mas o bem-estar da sua presença se mantinha.

— Falam também de você na carta, você deve de vez em quando passar informações entre mim e o chefe da administração, por isso pensei que você conhecesse o conteúdo.

— Eu só recebi a incumbência de entregar a carta — disse Barnabás — e de esperar até que ela fosse lida e levar de volta, se isso lhe parecesse necessário, uma resposta oral ou escrita.

— Muito bem — disse K. — Não é necessário nada escrito, diga ao senhor chefe... como ele se chama? Não pude ler a assinatura.

— Klamm — disse Barnabás.

— Apresente então ao senhor Klamm os meus agradecimentos tanto pela

acolhida como também por sua especial gentileza, que sei valorizar como alguém que ainda não se afirmou aqui. Vou comportar-me inteiramente de acordo com as suas intenções. Hoje também não tenho nenhum desejo em particular.

Barnabás, que havia prestado toda a atenção, pediu para repetir diante de K. a mensagem; K. o permitiu, Barnabás repetiu tudo literalmente. Depois levantou-se para se despedir.

Durante o tempo inteiro K. tinha examinado seu rosto, agora ele o fazia pela última vez. Barnabás tinha mais ou menos o tamanho de K., seu olhar no entanto parecia baixar até K., embora isso acontecesse de forma quase humilde, era impossível que esse homem causasse embaraço a alguém. Sem dúvida ele era só um mensageiro, não tinha conhecimento do conteúdo das cartas que devia entregar, mas seu olhar, seu sorriso, seu andar pareciam também uma mensagem, mesmo que não soubesse nada acerca dela. E K. estendeu-lhe a mão, o que claramente o surpreendeu, pois ele tinha pretendido apenas se inclinar.

Logo que Barnabás se foi — diante da abertura da porta ele ainda havia reclinado um pouco o ombro ao encontro dela, com um sorriso que não se dirigia mais a ninguém em particular, abrangendo toda a sala — K. disse aos ajudantes:

— Vou apanhar no quarto minhas anotações, depois conversaremos sobre o próximo trabalho.

Eles queriam ir junto.

— Fiquem aqui — disse K.

K. precisou repetir a ordem com mais severidade. Barnabás já não estava mais no corredor. Mas tinha com certeza ido embora naquele instante. No entanto, mesmo diante da casa — caía neve outra vez — K. não o viu. Bradou:

— Barnabás!

Nenhuma resposta. Será que ele ainda estava na casa? Parecia não haver outra possibilidade. Apesar disso K. gritou com toda a força o nome e o nome ressoou pela noite. Da distância chegou uma fraca resposta, portanto Barnabás já estava àquela distância. K. chamou-o de volta e ao mesmo tempo foi ao seu encontro; no lugar em que eles se encontraram não podiam mais ser vistos do albergue.

— Barnabás — disse K. sem poder controlar um estremecimento da voz —, eu ainda queria dizer-lhe uma coisa. Notei agora como está mal

estabelecido o fato de que dependo única e exclusivamente da sua vinda eventual, para o caso de eu precisar de alguma coisa do castelo. Se neste momento eu não o tivesse alcançado casualmente — como você voa, pensei que ainda estava no albergue! —, quem sabe quanto tempo eu teria de esperar pela sua próxima aparição?

— É possível — disse Barnabás — pedir ao chefe da administração que eu sempre venha em tempos marcados por você.

— Isso também não seria suficiente — disse K. — Talvez eu não queira dizer absolutamente nada durante um ano todo, mas tenha algo inadiável para comunicar um quarto de hora depois de sua partida.

— Devo então anunciar ao chefe — disse Barnabás — que entre ele e você deve ser estabelecida outra ligação que não seja a minha?

— Não, não — disse K. — Absolutamente não, só menciono isso de passagem, desta vez ainda tive a sorte de alcançá-lo.

— Vamos voltar ao albergue — disse Barnabás — para que possa me dar lá a nova instrução?

Ele já havia dado um passo a mais em direção ao albergue.

— Barnabás — disse K. —, não é necessário, vou andar com você um pequeno trecho do caminho.

— Por que não quer ir ao albergue? — perguntou Barnabás.

— As pessoas lá me importunam — disse K. — Você mesmo viu a intromissão dos camponeses.

— Podemos ir ao seu quarto — disse Barnabás.

— É o quarto das criadas — disse K. — Sujo e abafado; para não ter de ficar lá eu queria andar um pouco com você. Você só precisa — acrescentou, para superar sua hesitação — deixar que eu enganche meu braço no seu, pois você anda com mais segurança.

E K. pendurou-se no braço de Barnabás. Estava completamente escuro, K. não via seu rosto, ele só distinguia sua figura sem nitidez, o braço ele já havia tentado apalpar um pouco antes.

Barnabás cedeu, ambos se distanciaram da estalagem. K. sentia sem dúvida que, apesar do maior esforço, não conseguia manter o mesmo passo de Barnabás, que ele tolhia sua liberdade de movimento e que em circunstâncias normais tudo deveria dar errado já nesses aspectos secundários, quanto mais em travessas como aquela em que, à tarde, tinha afundado na neve e da qual só poderia sair arrastado por Barnabás. Mas agora ele conservava longe de si essas preocupações, o fato de Barnabás ficar em silêncio também o consolava;

se andassem sem falar nada, até para Barnabás o mero ato de continuarem caminhando podia ser o objetivo de estarem juntos.

Eles andavam, mas K. não sabia para onde, não era capaz de reconhecer nada, nem mesmo sabia se já tinham passado pela igreja. Por causa do esforço que o simples andar lhe causava, acontecia não estar em condições de controlar seus pensamentos. Em lugar de permanecerem fixados no objetivo, eles se confundiam. A imagem do lar emergia continuamente e as lembranças dele o preenchiam. Também lá erguia-se na praça principal uma igreja, cercada em parte por um velho cemitério e este por um muro alto. Só alguns poucos meninos tinham escalado aquele muro, K. também não o havia conseguido. Não era curiosidade o que os movia, o cemitério não tinha mais nenhum segredo para eles, já haviam entrado várias vezes pela pequena porta gradeada, o que queriam era somente conquistar o muro alto e liso. Uma tarde — a praça quieta e vazia estava inundada de luz; quando K. a vira assim, antes ou depois? — ele o conseguiu de uma maneira surpreendentemente fácil; num lugar onde já fora vencido com freqüência, ele escalou o muro na primeira tentativa, com uma pequena bandeira entre os dentes. O cascalho ainda rolava debaixo dele quando já estava em cima. Fincou a bandeira, o vento esticou o tecido, ele olhou para baixo e à sua volta, pelo alto dos ombros, em direção à cruz que afundava na terra, ninguém agora era maior do que ele ali. Por acaso então passou o professor, forçou-o a descer com um olhar irado, na descida K. feriu o joelho, só chegou em casa com esforço, mas ele tinha estado com certeza em cima do muro, o sentimento dessa vitória parecia-lhe na época o suporte para uma longa vida, o que não fora completamente tolo, pois agora, tantos anos depois, vinha ajudá-lo na noite de neve no braço de Barnabás.

Segurou-se mais firme, Barnabás quase o arrastava, o silêncio não foi interrompido; do caminho, K. sabia apenas que, a julgar pelo estado da rua, ainda não tinham entrado em nenhuma travessa. Jurou não se deixar deter, por nenhuma dificuldade do caminho ou pela preocupação com a volta, na continuação da caminhada: afinal, para poder ser arrastado em frente, suas energias sem dúvida bastariam. Pois o caminho podia não ter fim? Durante o dia o castelo se apresentava diante dele como um alvo fácil, e o mensageiro certamente conhecia a rota mais curta.

Foi então que Barnabás parou. Onde eles estavam? Era ali o fim do caminho? Será que Barnabás ia se despedir? Ele não o conseguiria. K. agarrou firme o braço de Barnabás a tal ponto que ele próprio sentiu dor. Ou

será que o impossível tinha acontecido e eles já estavam no castelo ou diante dos seus portões? Mas, até onde sabia, eles não tinham subido. Ou será que Barnabás o levara por um caminho que ascendia de modo tão imperceptível?

— Onde estamos? — perguntou K. em voz baixa, mais a si mesmo do que para ele.

— Em casa — disse Barnabás, igualmente baixo.

— Em casa?

— Agora tenha cuidado, senhor, para não escorregar. Aqui é uma descida.

Descida?

— São alguns passos apenas — acrescentou, já batendo a uma porta.

Uma jovem abriu, eles estavam na soleira de uma grande peça quase às escuras, pois só uma minúscula lâmpada a óleo pendia sobre uma mesa à esquerda, no fundo.

— Quem está com você, Barnabás? — perguntou a moça.

— O agrimensor — disse ele.

— O agrimensor — repetiu a jovem mais alto em direção à mesa.

Nesse momento levantaram-se lá duas pessoas velhas, um homem e uma mulher, e além deles mais uma moça. Cumprimentaram K. Barnabás apresentou-lhe todos, eram seus pais e suas irmãs Olga e Amália. Mas mal as tinha visto, tiraram-lhe o casaco molhado para secá-lo junto ao aquecedor e K. não se opôs.

Ou seja, não eram os dois que estavam em casa, só Barnabás. Mas por que estavam ali? K. puxou Barnabás de lado e disse:

— Por que você veio para casa? Ou será que você mora dentro dos limites do castelo?

— Nos limites do castelo? — repetiu Barnabás, como se não estivesse entendendo K.

— Barnabás — disse K. —, você queria sair do albergue para ir ao castelo.

— Não, senhor — disse Barnabás. — Eu queria vir para casa, só vou cedo para o castelo, nunca durmo lá.

— Entendo — disse K. — Você não queria ir para o castelo, só queria vir para cá.

O sorriso de Barnabás parecia-lhe mais fraco, ele próprio menos vistoso.

— Por que não me disse isso?

— O senhor não me perguntou — disse Barnabás. — Queria apenas me dar mais uma instrução, mas não no albergue nem no seu quarto, então eu pensei que poderia fazer isso sem ser perturbado aqui na casa de meus pais;

todos eles se afastam imediatamente se o senhor mandar. Se o senhor preferisse ficar conosco, poderia passar a noite aqui. Não agi corretamente?

K. não era capaz de responder. Tinha sido então um mal-entendido, um mal-entendido comum e mesquinho, e K. havia se rendido completamente a ele. Tinha deixado de se encantar pela justa jaqueta de Barnabás, que brilhava como seda e que agora ele desabotoava e sob a qual aparecia uma camisa de tecido grosseiro cinzenta de suja, toda costurada, sobre o peito forte e anguloso de um criado. E tudo em torno não só correspondia a isso, mas até o superava: o velho pai que sofria de gota e avançava mais com a ajuda das mãos tateantes do que das pernas enrijecidas que se deslocavam lentas, a mãe com as mãos enlaçadas sobre o peito, que por causa de sua corpulência só podia dar os mínimos passos — ambos, pai e mãe, desde que K. havia entrado, caminhavam do seu canto em direção a ele e ainda não o tinham alcançado. As irmãs, muito loiras e parecidas tanto uma como a outra com Barnabás, embora seus traços fossem mais duros do que os deste, moças grandes e fortes, cercavam o recém-chegado e esperavam de K. alguma palavra de saudação, mas ele não conseguia dizer nada, havia acreditado que ali na aldeia qualquer um tinha importância para ele, e assim o era, só que justamente essas pessoas não o preocupavam nem um pouco. Se estivesse em condições de dominar sozinho o caminho para a estalagem, teria ido logo embora. A possibilidade de ir cedo com Barnabás ao castelo não o atraía de forma alguma. Ele tinha querido penetrar no castelo agora à noite, sem ser notado, guiado por Barnabás; mas por aquele Barnabás que até então lhe havia surgido, um homem que estava mais próximo dele do que todos os que vira até então e sobre o qual ao mesmo tempo acreditara que, muito acima do seu plano visível, estava estreitamente ligado ao castelo. Mas com o filho desta família, à qual ele pertencia completamente, e com o qual já estivera sentado à mesa, com um homem que significativamente nem mesmo podia dormir no castelo — ir ao castelo à luz do dia de braços com esse homem era impossível, era uma tentativa ridiculamente sem esperança.

K. sentou-se sobre um banco de janela, decidido a passar a noite ali e a não exigir mais nenhum trabalho da família. As pessoas da aldeia, que o repeliam ou tinham medo dele, pareciam-lhe menos perigosas, pois no fundo rejeitavam apenas em nome dele próprio, ajudavam-no a manter coesas suas forças, mas essas pessoas, que pareciam auxiliá-lo e que, em vez de o levarem ao castelo, o conduziam para sua família graças a uma pequena mascarada, desviando-o, quisessem ou não —, essas pessoas estavam trabalhando para a

destruição das suas energias. Não levou absolutamente em conta um chamado vindo da mesa da família convidando-o; com a cabeça baixa permaneceu no seu banco.

Então Olga, a mais suave das irmãs, levantou-se; ela também mostrava um traço de embaraço juvenil, aproximou-se de K. e pediu-lhe que fosse à mesa, havia ali à disposição pão e presunto, ela ainda ia buscar cerveja.

— De onde? — perguntou K.

— Do albergue — disse ela.

K. ouviu essa notícia com muito gosto, pediu-lhe que não fosse buscar cerveja mas o acompanhasse até o albergue, trabalhos importantes ainda o esperavam lá. Mas verificou-se então que ela não queria ir tão longe, não queria ir até a estalagem dele, mas a uma outra, muito mais próxima, a Hospedaria dos Senhores. Apesar disso K. pediu permissão para acompanhá-la, talvez — pensou — encontrasse lá um lugar para dormir; como quer que fosse, ele o teria preferido à melhor cama ali naquela casa. Olga não respondeu logo, voltou o olhar para a mesa. O irmão havia se levantado, meneou prontamente a cabeça e disse:

— Se é isso o que o senhor deseja...

Essa aprovação quase teria levado K. a retirar seu pedido, Barnabás só podia concordar com coisas sem valor. Mas quando depois se discutiu se iriam admitir K. na hospedaria e todos duvidaram disso, ele ainda insistiu com urgência para ir junto com Olga, mas sem se dar ao trabalho de inventar um motivo inteligível para o seu pedido; essa família tinha de aceitá-lo como ele era, de certo modo não tinha nenhum sentimento de vergonha diante dela. A única coisa que o confundia um pouco era Amália, com o seu olhar sério, direto, imperturbável, talvez também algo embotado.

Na curta caminhada até a hospedaria — K. havia se enganchado em Olga, sendo quase arrastado como antes pelo irmão, o que não podia evitar — ficou sabendo que essa hospedaria se destinava na verdade apenas aos senhores do castelo que, quando tinham alguma coisa para fazer na aldeia, comiam e às vezes até pernoitavam ali. Olga dirigia-se a K. em voz baixa, como se fosse com familiaridade; era agradável andar com ela quase tanto como com o irmão; K. defendia-se contra esse bem-estar, mas ele persistia.

A hospedaria era exteriormente muito parecida com o albergue em que K. estava hospedado; na aldeia não havia nenhuma grande diferença externa, mas podiam-se notar as pequenas: a escada da frente tinha um corrimão, sobre a porta estava fixada uma bela lanterna, quando eles entraram esvoaçou

um tecido sobre suas cabeças, era uma bandeira com as cores do conde. No corredor o hospedeiro veio logo ao seu encontro, fazia claramente uma ronda de inspeção; com olhos pequenos, perscrutadores ou sonolentos, ele olhou para K. ao passar e disse:

— O senhor agrimensor só pode ir até o balcão.

— Sem dúvida — disse Olga, que prontamente assumiu a causa de K. — Ele está apenas me acompanhando.

Mas K. livrou-se ingratamente de Olga, levou o hospedeiro para o lado, enquanto ela esperava pacientemente no fim do corredor.

— Eu gostaria de pernoitar aqui — disse K.

— Infelizmente isso é impossível — disse o hospedeiro. — O senhor parece não saber ainda que esta casa se destina exclusivamente aos senhores do castelo.

— Pode ser uma prescrição — disse K. — Mas certamente é possível me deixar dormir em algum canto.

— Gostaria muitíssimo de atendê-lo — disse o hospedei-o —, mas além da severidade da prescrição, sobre a qual o senhor fala como um estrangeiro, também é inviável porque os senhores são extremamente sensíveis; estou convencido de que não são capazes, pelo menos sem preparação, de suportar a visão de um estranho; se eu, portanto, o deixasse pernoitar aqui e por um acaso — e os acasos estão sempre a favor dos senhores — o senhor fosse descoberto, não só eu estaria perdido, como também o senhor. Soa ridículo, mas é a verdade.

Aquele senhor alto, solidamente abotoado, que descansava uma mão na parede e a outra nos quadris, as pernas cruzadas, um pouco inclinado para K., falava familiarmente com ele e mal parecia fazer parte da aldeia, embora seu traje escuro só parecesse solene para um camponês.

— Acredito plenamente no senhor — disse K. — e também não subestimo de modo algum o sentido da prescrição, embora tenha me expressado desajeitadamente. Só quero chamar-lhe a atenção para uma coisa: tenho ligações valiosas no castelo e vou ter outras mais valiosas ainda, elas o garantem contra qualquer perigo que poderia surgir com o meu pernoite aqui e são para o senhor uma caução de que estou em condições de agradecer de forma adequada por um pequeno favor.

— Eu sei — disse o hospedeiro, repetindo outra vez: — Eu sei.

Agora K. poderia apresentar seu pedido com mais ênfase, mas justamente essa resposta do hospedeiro o distraiu, por isso ele só perguntou:

— Estão pernoitando hoje aqui muitos senhores do castelo?

— Nesse aspecto hoje é um dia vantajoso — disse o hospedeiro, de certa maneira sedutor. — Só ficou aqui um senhor.

K. continuava sem poder insistir, embora ainda tivesse esperança de já estar quase aceito, por isso perguntou pelo nome do senhor.

— Klamm — disse o hospedeiro distraidamente, enquanto se voltava para sua mulher, que se aproximava com um rumor de roupas estranhamente usadas e fora de moda, sobrecarregada de retalhos e pregas, mas finas e urbanas. Ela vinha buscar o hospedeiro, o senhor chefe da administração queria alguma coisa. Mas, antes de ir, o hospedeiro ainda se voltou para K., como se não fosse mais ele e sim K. que tivesse de decidir sobre o pernoite. K., porém, não conseguia dizer nada; sobretudo a circunstância de que exatamente seu superior estava lá o deixava perplexo; sem que pudesse explicá-lo completamente a si mesmo, não se sentia tão livre diante de Klamm como diante do resto do castelo: ser descoberto por ele não seria para K., na verdade, nenhum horror no sentido dado pelo hospedeiro, mas certamente uma inconveniência penosa, algo como se causasse levianamente uma dor a alguém a quem devesse gratidão, embora o oprimisse de maneira pesada ver que nesse escrúpulo já se manifestassem com evidência as conseqüências temíveis da subordinação, do fato de ser um trabalhador e de que nem mesmo ali, onde elas se mostravam tão nítidas, ele era capaz de as aniquilar. Assim é que ficou ali em pé, mordendo os lábios, e não disse nada. Mais uma vez, antes de desaparecer por uma porta, o hospedeiro voltou o olhar para K., este o seguiu com os olhos sem sair do lugar, até que Olga chegou e o levou embora.

— O que você queria dele? — perguntou Olga.

— Queria passar a noite aqui — disse K.

— Mas você vai passar a noite conosco — disse Olga admirada.

— Sim, sem dúvida — disse K., deixando que ela interpretasse como quisesse as suas palavras.

Capítulo 3
FRIEDA

NA SALA ONDE FICAVA o balcão de bebidas, um aposento grande, completamente vazio no centro, estavam sentados junto às paredes, ao lado de barris ou em cima deles, alguns camponeses, mas seu aspecto diferia do das pessoas no albergue de K. Suas roupas eram de tecido grosseiro cinza-amarelado, mais asseadas e uniformes, as jaquetas folgadas e as calças justas. Eram homens pequenos, à primeira vista muito parecidos uns com os outros, de rostos chatos, ossudos e no entanto de bochechas redondas. Todos eles eram quietos e mal se moviam, seguiam só com o olhar os que entravam, porém lentamente e com indiferença. Apesar disso exerciam sobre K. algum efeito, por serem tantos e por estarem tão silenciosos. Ele segurou outra vez o braço de Olga, para dessa forma esclarecer às pessoas por que estava ali. Num canto ergueu-se um homem, um conhecido de Olga, querendo aproximar-se dela, mas K. virou-a para outra direção com o braço enganchado, ninguém além dela pôde notá-lo e ela consentiu com um olhar sorridente de soslaio.

A cerveja foi servida por uma jovem que se chamava Frieda — uma moça que não atraía a atenção, pequena e loira, de traços tristes e maçãs magras, mas que surpreendia pelo olhar, um olhar de especial superioridade. Quando o olhar incidiu sobre K., pareceu-lhe que já havia resolvido questões relativas a K. de cuja existência ele próprio ainda não tinha nenhum conhecimento; era esse olhar, porém, que o convencia de que elas existiam. K. não parou de fitar Frieda de viés nem quando ela já falava com Olga. As duas não pareciam ser amigas, apenas trocavam poucas palavras frias. K. quis ajudar e por isso perguntou abruptamente:

— Conhece o senhor Klamm?

Olga riu.

— Por que você está rindo? — perguntou K. irritado.

— Não estou rindo — disse ela, mas continuou a rir.

— Olga ainda é uma moça bem infantil — disse K. inclinando-se bastante sobre o balcão para atrair outra vez com firmeza o olhar de Frieda.

Mas ela o manteve baixo e disse em voz suave:

— Quer ver o senhor Klamm?

K. respondeu que sim. Ela apontou para uma porta logo à esquerda dela.

— Ali há um pequeno orifício, pode espiar por ele.

— E as pessoas que estão aqui? — perguntou K.

Ela projetou para a frente o lábio inferior e puxou K. até a porta com uma mão incomumente macia. Através do orifício, que evidentemente tinha sido perfurado para fins de observação, ele abrangeu com a vista quase todo o cômodo contíguo. Sentado a uma escrivaninha no meio do aposento, numa confortável poltrona de espaldar redondo, iluminado cruamente por uma lâmpada elétrica que baixava até ele, estava o senhor Klamm. Um homem de estatura média, gordo e pesado. O rosto ainda era liso, mas as maçãs do rosto já desciam um pouco com o peso da idade. O bigode preto era comprido. Um pincenê colocado obliquamente tapava os olhos. Se o senhor Klamm estivesse inteiramente sentado à mesa, K. só poderia ver seu perfil, mas uma vez que Klamm estava bastante virado em sua direção, ele o enxergava bem de frente. Klamm pousava o cotovelo esquerdo na mesa; a mão direita, na qual segurava um charuto, descansava no joelho. Sobre a mesa estava um copo de cerveja; mas como ela tinha uma borda alta, K. não podia ver direito se nela havia alguns documentos, mas a aparência era de que estava vazia. Para ter certeza, pediu a Frieda que olhasse pelo orifício, a fim de que ela o informasse a esse respeito. Mas, uma vez que havia estado fazia pouco tempo no aposento, ela pôde confirmar logo para K. que ali não existiam papéis escritos. K. perguntou a Frieda se ele já precisava ir embora, mas ela disse que ele poderia ficar olhando quanto tempo desejasse. K. estava agora sozinho com Frieda, Olga tinha ido ao encontro do seu conhecido — como ele verificou de passagem, estava sentada em cima de um barril e mexia com as pernas.

— Frieda — disse K. num sussurro —, você conhece bem o senhor Klamm?

— Ah, sim — disse ela. — Muito bem.

Ela inclinou-se para K. e arrumou de leve a blusa cor de creme, que, como só agora ele percebia, tinha um recorte ligeiro e decotado e assentava como alguma coisa estranha no seu pobre corpo. Depois ela disse:

— Não está lembrado do riso de Olga?

— Sim, aquela mal-educada — disse K.

— Bem — disse ela em tom conciliador. — Havia motivo para rir, você perguntou se eu conhecia Klamm e na verdade eu sou — neste momento ela endireitou o corpo um pouco, involuntariamente, e outra vez seu olhar vitorioso, sem relação alguma com o que tinha sido falado, passou por cima de K. —, eu sou de fato sua amante.

— Amante de Klamm — disse K.

Ela acenou com a cabeça.

— Então você é — disse K. sorrindo, para não deixar muita seriedade surgir entre eles — uma pessoa muito respeitável para mim.

— Não só para você — disse Frieda amistosamente, mas sem levar em conta seu sorriso.

K. dispunha de um meio contra o orgulho dela e o empregou, perguntando:

— Já esteve no castelo?

Não funcionou, pois ela respondeu:

— Não, mas não basta que eu esteja aqui neste balcão?

Sua ambição era visivelmente tola e ela queria, pelas aparências, satisfazê-la nele.

— Sem dúvida — disse K. — aqui no balcão você faz o serviço de hospedeiro

— Certo — disse ela. — E comecei como criada de estrebaria no Albergue da Ponte.

— Com essas mãos delicadas — disse K., com uma meia pergunta e sem saber ele próprio se só a lisonjeava ou se realmente estava cativado pela jovem.

Suas mãos eram, com efeito, pequenas e delicadas, mas poderiam igualmente ser descritas como frágeis e insignificantes.

— Antes ninguém prestou atenção nelas — disse ela — e mesmo agora...

K. olhou-a interrogativamente, ela sacudiu a cabeça e não quis mais continuar conversando.

— Naturalmente — disse K. — tem os seus segredos e não quer falar deles com ninguém que conhece faz meia hora e que ainda não teve a oportunidade de lhe contar como realmente se passam as coisas com ele.

Mas como então se notou, era uma observação inadequada; parecia que ele tinha despertado Frieda de uma sonolência que lhe era vantajosa; ela tirou da bolsa de couro que pendia do seu cinto uma tabuinha, tapou com ela o orifício, e disse a K., esforçando-se claramente para não deixar transparecer nada da mudança no seu estado de ânimo:

— No que lhe diz respeito, sei de tudo: é o agrimensor.

Depois acrescentou:

— Mas agora eu preciso trabalhar.

E foi para o seu lugar atrás do balcão, enquanto aqui e ali uma das pessoas se levantava para pedir que ela enchesse seu copo.

K. quis falar mais uma vez com ela de maneira discreta; por isso retirou um copo vazio de uma prateleira e dirigiu-se a ela:

— Só mais uma coisa, senhorita Frieda — disse ele. — É necessária uma força extraordinária e escolhida a dedo para chegar de criada de estrebaria a uma moça de balcão, mas será que com isso essa pessoa alcançou o alvo definitivo? Pergunta sem sentido, esta. Os seus olhos, senhorita Frieda, não zombe de mim, não falam tanto da luta passada, mas da futura. As resistências do mundo, porém, são grandes, serão maiores com os objetivos maiores, e não é nenhuma vergonha garantir a ajuda até de um pequeno homem sem influência mas igualmente lutador. Talvez possamos ainda falar um com o outro em tranqüilidade, sem tanta gente olhando.

— Não sei o que quer — disse ela, e dessa vez pareciam soar no seu tom de voz, contra a sua vontade, não o triunfo de sua vida, mas as infindáveis desilusões dela. — Quer por acaso me tirar de Klamm? Ó céus! — e bateu as palmas das mãos.

— Adivinhou — disse K., como que acometido de cansaço por tanta desconfiança. — Era essa exatamente minha intenção mais secreta. Você deveria abandonar Klamm e tornar-se minha amante. Agora eu tenho de ir. Olga! — bradou K. — Vamos para casa.

Olga escorregou obedientemente do barril, mas não se livrou logo dos amigos que a rodeavam. Frieda disse então em voz baixa, fitando K. ameaçadoramente:

— Quando posso falar com você?

— Posso passar a noite aqui? — perguntou K.

— Sim — disse Frieda.

— Posso ficar já aqui?

— Vá com Olga, para que eu consiga me livrar das pessoas aqui. Pode voltar dentro de pouco tempo.

— Está bem — disse K., esperando Olga com impaciência.

Mas os camponeses não a deixavam, tinham inventado uma dança cujo centro era Olga, eles dançavam em círculo ao seu redor e quando todos gritavam um se apresentava a Olga, agarrava-a firme com a mão em torno dos quadris e rodopiava com ela algumas vezes, a ciranda ficava cada vez mais rápida, os gritos, como que roncando de fome, tornavam-se aos poucos um único; Olga, que antes queria romper o círculo sorrindo, agora cambaleava de um para outro com o cabelo desfeito.

— São essas as pessoas que me mandam para cá — disse Frieda mordendo

de raiva os lábios finos.

— Quem são? — perguntou K.

— A criadagem de Klamm — disse Frieda. — Ele sempre traz essa gente, cuja presença me aniquila. Quase não sei o que falei hoje com o senhor agrimensor, se foi alguma coisa ruim me perdoe, a culpa é a presença dessas pessoas, são o que há de mais desprezível e repulsivo que conheço e é a eles que preciso encher os copos de cerveja. Quantas vezes já pedi a Klamm que os deixasse em casa, já tenho de suportar a criadagem de outros senhores, ele poderia ter consideração por mim, mas qualquer pedido é inútil, uma hora antes da chegada dele eles já invadem tudo como se fossem gado na estrebaria. Mas eles deviam ficar realmente na estrebaria a que pertencem. Se você não estivesse aí eu iria escancarar esta porta e o próprio Klamm teria de pô-los para fora.

— Ele não os ouve, então? — perguntou K.

— Não — disse Frieda. — Ele está dormindo.

— Como? — bradou K. — Ele está dormindo? Quando olhei para dentro do aposento ele ainda estava acordado e sentado à mesa.

— Ele sempre fica sentado assim — disse Frieda. — Também quando você o viu ele já estava dormindo — se não fosse isso eu o teria deixado olhar dentro? Era a sua posição de dormir, os senhores dormem muito, mal se pode entender isso. Aliás, se ele não dormisse tanto, como poderia suportar essa gente? Mas agora eu mesma vou expulsá-los.

Ela pegou um chicote que estava num canto e saltou com um único pulo, alto, não muito seguro, assim como salta um carneirinho, em direção aos que dançavam. A princípio eles se voltaram para ela como se tivesse chegado uma nova dançarina e efetivamente assim pareceu durante um momento, como se Frieda quisesse deixar o chicote cair, mas depois ela o ergueu outra vez.

— Em nome de Klamm — exclamou —, para a estrebaria, todos para a estrebaria.

Agora eles viam que era sério, com um medo incompreensível para K. começaram a se apinhar no fundo; sob o impacto do primeiro abriu-se uma porta, o ar da noite entrou, todos desapareceram com Frieda, que certamente os conduziu pelo pátio até a estrebaria. Mas no silêncio que se fez de repente K. ouviu passos vindos do corredor. Para se proteger de algum modo, ele saltou para trás do balcão, a única possibilidade de se esconder — na verdade não lhe estava proibido ficar no balcão, mas, uma vez que queria passar a noite ali, ele tinha agora, ainda, de evitar ser visto. Por isso, quando a porta

de fato foi aberta, deslizou para debaixo do balcão. Ser descoberto ali certamente não era uma coisa sem risco, de qualquer forma não era implausível a desculpa de que havia se escondido dos camponeses que tinham se tornado selvagens. Foi o hospedeiro que gritou "Frieda", andando algumas vezes pela sala de um lado para outro; felizmente Frieda veio logo e não fez menção a K., só se queixou dos camponeses e caminhou com o objetivo de encontrar K. atrás do balcão e lá K. pôde tocar o pé dela, sentindo-se daí por diante seguro. Já que Frieda não mencionou K., foi o hospedeiro que afinal teve de fazê-lo.

— E onde está o agrimensor? — perguntou.

Ele era um homem polido, finamente treinado pelo convívio constante e relativamente livre com funcionários muito superiores, mas com Frieda ele conversava de uma maneira particularmente atenciosa, isso chamava a atenção sobretudo porque, apesar de estar falando com uma empregada, nunca deixava de ser o empregador diante dela — naquele caso, além disso, de uma empregada bastante atrevida.

— Esqueci completamente o agrimensor — disse Frieda e colocou seu pequeno pé sobre o peito de K. — Certamente ele já foi embora faz muito tempo.

— Eu não o vi — disse o hospedeiro. — E estive quase todo o tempo no corredor.

— Mas aqui ele não está — disse Frieda friamente.

— Talvez tenha se escondido — disse o hospedeiro. — Pela impressão que tive dele, muita coisa pode ser-lhe atribuída.

— Essa esperteza ele decerto não tem — disse Frieda e apertou mais o pé sobre K.

Havia algo alegre e livre no ser dela, coisa que K. não havia notado antes e veio à tona de um modo completamente imprevisto quando ela de repente disse rindo as palavras:

— Talvez ele esteja escondido aqui embaixo.

Nesse ato abaixou-se até K., beijou-o de leve e voltando de um salto à posição anterior disse com tristeza:

— Não, ele não está aqui.

Mas o hospedeiro também causou espanto quando disse depois:

— É muito desagradável que eu não saiba com precisão se ele foi embora. Trata-se não apenas do senhor Klamm, trata-se da prescrição. Mas ela vale tanto para a senhorita Frieda como para mim. A responsabilidade pelo balcão

é sua, o resto da casa eu ainda vou vasculhar. Boa noite! Bom descanso!

Ele ainda não havia saído completamente da sala e Frieda já tinha desligado a luz elétrica e estava junto de K. sob o balcão.

— Querido, meu querido! — ela sussurrou, mas não tocou K.; como que desmaiada de amor, ela ficou deitada de costas e estendeu os braços, sem dúvida o tempo era infindável diante do seu amor feliz, ela suspirava — mais do que cantava — alguma pequena canção. Depois, como K. permanecesse em silêncio com os seus pensamentos, ela se assustou e começou a puxá-lo como a uma criança:

— Venha, aqui embaixo nós sufocamos.

Eles se abraçaram, o pequeno corpo ardia nas mãos de K., eles rolaram, num estado de esquecimento do qual K. tentava contínua mas inutilmente se livrar; alguns passos à frente, bateram surdamente na porta de Klamm e depois ficaram deitados nas pequenas poças de cerveja e outras sujeiras que cobriam o chão. Ali passaram-se as horas, horas de respiração confundida, de batidas comuns do coração, horas nas quais K. tinha sem parar o sentimento de que se perdia ou estivesse numa terra estranha como ninguém antes dele, uma terra estranha na qual até o ar não tinha nada de familiar e em cujas tentações sem sentido não era possível fazer nada senão ir em frente e continuar se perdendo. Assim, para ele, pelo menos no início, não foi um susto, mas um chegar consolador à consciência quando, do aposento de Klamm, Frieda foi chamada por uma voz profunda, que ao mesmo tempo ordenava e era indiferente:

— Frieda — disse K. no ouvido de Frieda, transmitindo assim o chamado.

Com uma obediência literalmente inata, Frieda quis saltar em pé, mas depois lembrou-se de onde estava, espreguiçou-se, riu em silêncio e disse:

— Não pense que eu vou, nunca mais irei para ele.

K. quis contradizê-la, queria forçá-la a ir para Klamm, começou a recolher os restos da sua blusa, mas não conseguia dizer nada, estava extremamente feliz em conservar Frieda consigo, bastante receoso e feliz ao mesmo tempo, pois parecia-lhe que, se Frieda o deixasse, tudo o que ele tinha o abandonaria. E como se Frieda estivesse fortalecida com a aprovação de K., cerrou o punho, bateu com ele na porta e bradou:

— Eu estou com o agrimensor! Eu estou com o agrimensor!

Klamm no entanto ficou em silêncio. Mas K. levantou-se, ajoelhou-se ao lado de Frieda e olhou em torno na turva luz da antemanhã. O que tinha acontecido? Onde estavam suas esperanças? O que poderia esperar de Frieda

agora, quando tudo estava revelado? Em vez de avançar com o maior cuidado, proporcionalmente ao tamanho do inimigo e do objetivo, ele havia rolado ali a noite inteira nas poças de cerveja, cujo cheiro agora era atordoante.

— O que você fez? — disse ele para si mesmo. — Estamos ambos perdidos.

— Não — disse Frieda. — Só eu estou perdida, mas conquistei você. Fique tranqüilo. Mas veja como os dois estão rindo.

— Quem? — perguntou K. virando-se.

Em cima do balcão estavam sentados os seus dois ajudantes, um pouco tresnoitados porém contentes, era a alegria do verdadeiro dever cumprido.

— O que vocês estão querendo aqui? — gritou K. como se eles fossem culpados por tudo, e procurou em volta o chicote que Frieda tinha usado a noite anterior.

— Tivemos de procurá-lo — disseram os ajudantes. — Já que não desceu ao nosso encontro na sala do albergue, fomos procurá-lo na casa de Barnabás e finalmente o encontramos aqui; ficamos sentados a noite toda aqui. Não é um serviço fácil, este.

— Eu preciso de vocês durante o dia, não à noite — disse K. — Fora daqui!

— Já é dia agora — eles disseram sem se mover.

De fato era dia, a porta da hospedaria foi aberta, os camponeses, junto com Olga, que K. tinha esquecido completamente, entraram aos bandos. Olga estava esperta como a noite passada, por pior que fosse o estado das suas roupas e do seu cabelo, já na porta seus olhos procuraram K.

— Por que não foi comigo para casa? — disse quase em lágrimas. — Por causa de uma mulherzinha como essa! — disse depois, repetindo algumas vezes a mesma coisa.

Frieda, que tinha desaparecido por um instante, voltou com uma pequena trouxa de roupa branca; Olga desviou-se de lado, triste.

— Agora podemos ir — disse Frieda, ela se referia claramente ao Albergue da Ponte, para o qual deviam ir.

K. junto com Frieda, atrás deles os ajudantes — essa era a comitiva, os camponeses mostravam muito desprezo por Frieda, era compreensível porque ela até então havia se comportado com tanta severidade, um deles chegou a pegar um bastão e agiu como se não quisesse deixá-la ir antes que ela saltasse sobre o cajado, mas o olhar dela bastou para repeli-lo. Fora na

neve K. respirou um pouco, a felicidade de estar ao ar livre era tão grande que dessa vez tornou a dificuldade do caminho suportável; se K. estivesse sozinho andaria melhor ainda. No albergue foi logo para o quarto e deitou-se na cama, Frieda instalou-se num leito ao lado, no chão, os ajudantes haviam se enfiado ali, foram expulsos, mas voltaram de novo pela janela. K. estava cansado demais para expulsá-los outra vez. A dona do albergue subiu especialmente para cumprimentar Frieda, foi chamada de mãezinha por ela, houve uma troca de saudações incompreensivelmente calorosa com beijos e longos abraços. No quartinho havia pouca tranqüilidade, volta e meia entravam também as criadas, fazendo barulho com as suas botas de homem, para trazer ou pegar algo. Se precisavam de alguma coisa entre as várias que entupiam a cama, puxavam-na sem nenhuma consideração por baixo de K. Cumprimentavam Frieda como se ela fosse uma igual. Apesar dessa falta de sossego, K. ficou na cama o dia inteiro e a noite toda. Frieda fazia-lhe pequenos serviços. Quando na manhã seguinte finalmente se levantou, muito revigorado, já era o quarto dia da sua permanência na aldeia.

Capítulo 4
PRIMEIRA CONVERSA COM A DONA DO ALBERGUE

ELE TERIA GOSTADO DE FALAR confidencialmente com Frieda, mas os ajudantes, com os quais, por sinal, ele de tempos em tempos também brincava e ria, o impediam de fazê-lo em virtude de sua mera presença inoportuna. Na verdade eles não eram exigentes, haviam se instalado no chão sobre dois velhos casacos de mulher; como freqüentemente argumentavam com Frieda, sua ambição era não perturbar o senhor agrimensor e precisar de espaço o menos possível; fizeram nesse sentido várias tentativas, sem dúvida sempre entre cicios e risadinhas, cruzaram os braços e as pernas, acocoraram-se juntos, e à luz do crepúsculo via-se no seu canto apenas um grande novelo. Mas infelizmente se sabia, pelas experiências feitas à luz do dia, que eram observadores muito atentos, fitando sempre K., seja quando, numa brincadeira aparentemente infantil, usassem suas mãos como telescópios, seja quando só piscassem em direção a K. e parecessem ocupados principalmente com o cuidado de suas barbas, às quais davam grande importância e cujo comprimento e cuja espessura eles comparavam inúmeras vezes e deixavam que Frieda julgasse. Muitas vezes K. olhava da sua cama, com total indiferença, as travessuras dos três.

Quando então se sentiu suficientemente forte para deixar a cama, todos acorreram para servi-lo. Ele ainda não tinha energia bastante para se defender contra todos os seus serviços; notou que desse modo ficava numa certa dependência deles, que podia ter más conseqüências, mas ele tinha de deixar que isso acontecesse. Também não era de maneira alguma muito desagradável beber à mesa o bom café que Frieda havia trazido, aquecer-se junto ao fogão que ela tinha deixado aceso, mandar os ajudantes, com o zelo e a falta de jeito deles, descerem e subirem dez vezes a escada para trazerem água para o banho, sabão, pente e um espelho e, finalmente, por ter expressado um desejo que podia ser levemente interpretado nesse sentido, um pequeno copo de rum.

No meio de todo esse vaivém de dar ordens e ser servido, K. disse mais por humor bonachão do que pela esperança de ter êxito:

— Agora vão embora, vocês dois; no momento não preciso de mais nada e quero falar a sós com a senhorita Frieda.

Quando não viu no rosto deles nenhuma resistência, disse ainda para recompensá-los:

— Depois nós três vamos até o prefeito; esperem-me no salão lá embaixo.

Curiosamente eles obedeceram, só que antes de ir embora ainda disseram:

— Nós poderíamos também esperar aqui.

K. respondeu:

— Eu sei, mas não é o que eu quero.

K. no entanto sentiu como uma coisa irritante e em certo sentido bem-vinda o fato de Frieda — que logo depois da ida dos ajudantes se sentou no seu colo — dizer:

— O que você tem contra os ajudantes, querido? Diante deles não precisamos fazer segredos. Eles são leais.

— Ah, sim, leais! — disse K. — Eles ficam à minha espreita o tempo todo, isso é inútil mas repulsivo.

— Creio que o compreendo — disse ela pendurando-se no seu pescoço.

Quis dizer mais alguma coisa, mas não pôde continuar falando porque a cadeira estava bem ao lado da cama, eles oscilaram e caíram em cima dela. Lá ficaram, mas não tão entregues como durante a noite. Ela buscava algo e ele buscava algo, ambos furiosos, fazendo caretas; enterrando a cabeça um no peito do outro eles se buscavam e seus abraços e seus corpos arqueados não os faziam esquecer, mas lembrar-se da obrigação de continuar buscando; como os cães raspam desesperadamente o chão, eles raspavam os seus corpos e, desamparados e decepcionados, para alcançar ainda uma última felicidade, eles às vezes passavam a larga língua sobre o rosto do outro. Só o cansaço os acalmava e os tornava mutuamente gratos. Depois as criadas subiram e uma delas disse:

— Veja como eles estão deitados.

E por compaixão atirou uma toalha sobre eles.

Quando, mais tarde, K. se livrou da toalha e olhou em volta, os ajudantes — isso não o espantou — estavam de novo no canto deles, exortavam um ao outro à seriedade com o dedo apontado para K. e batiam continência; mas além disso a dona do albergue estava sentada junto à cama, costurando uma meia, trabalho pequeno que combinava pouco com sua figura gigantesca, que quase escurecia o quarto.

— Já estou esperando faz tempo — disse ela e ergueu o rosto largo, vincado por muitas rugas da idade, mas em grande parte ainda liso e que talvez um dia tivesse sido belo.

As palavras soavam como uma censura, que não cabia, pois K. não tinha pedido que ela viesse. Por isso confirmou, só com um aceno de cabeça, as

palavras dela, e sentou-se na cama; Frieda também levantou-se, mas deixou K. e reclinou-se sobre a cadeira da dona do albergue.

— Será que a senhora não podia — disse K. distraído — adiar o que quer me dizer até que eu volte do prefeito? Tenho um encontro importante com ele.

— Este é mais importante, acredite em mim, senhor agrimensor — disse a dona do albergue. — Lá se trata provavelmente só de um trabalho, mas aqui se trata de uma pessoa, de Frieda, minha querida criada.

— Ah, bom — disse K. — Então sem dúvida; só que eu não sei por que esse assunto não é deixado para nós dois resolvermos.

— Por amor, por preocupação — disse a dona do albergue, puxando para si a cabeça de Frieda, que em pé chegava só até o ombro da dona do albergue sentada.

— Já que Frieda tem uma tal confiança na senhora — disse K. —, não posso agir de outra maneira. E ainda há pouco Frieda chamou meus ajudantes de leais, então todos nós estamos entre amigos. Nesse caso, senhora, posso dizer-lhe que acharia melhor que Frieda e eu nos casássemos, na verdade muito em breve. Infelizmente, infelizmente, não posso compensar Frieda pelo que ela perdeu por minha causa, o lugar na Hospedaria dos Senhores e a amizade de Klamm.

Frieda levantou o rosto, seus olhos estavam cheios de lágrimas, não havia neles o menor sinal de vitória:

— Por que eu? Por que justamente eu fui a escolhida para isso?

— Como? — perguntaram ao mesmo tempo K. e a dona do albergue.

— Ela está confusa, a pobre criança — disse a dona do albergue. — Confusa pelo encontro de demasiada felicidade e infelicidade.

E como que para confirmar essas palavras Frieda lançou-se sobre K., beijando-o furiosamente, como se não houvesse mais ninguém no quarto, e depois caiu de joelhos diante dele, aos prantos, mas ainda abraçando-o. Enquanto acariciava o cabelo de Frieda com as duas mãos, K. perguntou à dona do albergue:

— A senhora parece me dar razão?

— O senhor é um homem honrado — disse a dona do albergue.

Ela também tinha lágrimas na voz, estava com o aspecto um pouco baqueado e respirava com dificuldade; apesar disso ainda encontrou força para dizer:

— Agora só precisam ser pensadas certas garantias que deve dar a Frieda,

pois, por maior que seja minha consideração, o senhor é certamente um estranho, não tem referências, sua vida privada é desconhecida aqui, portanto são necessárias garantias, o senhor há de compreender, caro agrimensor; o senhor mesmo salientou o quanto, apesar de tudo, Frieda perde com a ligação com o senhor.

— Sem dúvida, garantias, naturalmente — disse K. — O melhor será que elas sejam dadas diante do tabelião, mas talvez ainda se envolvam outras autoridades do conde. Aliás, antes do casamento também tenho de resolver sem falta uma coisa. Preciso falar com Klamm.

— É impossível — disse Frieda levantando-se um pouco e pressionando o corpo contra K. — Que idéia!

— É necessário — disse K. — Se eu não o conseguir, você precisa fazê-lo.

— Não posso, não posso — disse Frieda. — Klamm nunca irá falar com você. Como pode simplesmente acreditar que ele vá falar com você!

— E com você ele falaria? — perguntou K.

— Também não — disse Frieda. — Nem com você, nem comigo; são coisas simplesmente impossíveis.

Voltou-se para a dona do albergue com os braços abertos:

— Veja a senhora o que ele está pedindo!

— O senhor é uma pessoa singular, senhor agrimensor — disse a dona do albergue.

Era assustador como ela estava sentada agora, mais ereta, as pernas apartadas uma da outra, os joelhos possantes apontando por baixo da saia fina.

— O senhor pede algo impossível.

— Por que impossível? — perguntou K.

— Vou explicar-lhe — disse a dona do albergue num tom de voz que sugeria ser essa explicação não talvez um último favor, mas já a primeira punição que ela aplicava. — Vou explicá-lo com prazer ao senhor. Na verdade, não faço parte do castelo; sou apenas uma mulher e somente uma dona de albergue numa estalagem de última categoria — não é de última categoria, mas não está longe disso —, e sendo assim pode ser que o senhor não dê muita importância à minha explicação, mas conservei na vida os olhos abertos, cruzei com muita gente e carreguei todo o peso do albergue sozinha, pois meu marido é de fato um bom rapaz mas não um dono de albergue e nunca irá compreender o que é responsabilidade. O senhor, por exemplo, deve só à negligência dele — naquela noite eu já estava cansada a ponto de

desmoronar — o fato de estar aqui na aldeia, sentado nessa cama em paz e conforto.

— Como? — perguntou K. despertando de uma certa distração, alvoroçado mais pela curiosidade do que pelo aborrecimento.

— É só à negligência dele que o senhor deve isso — bradou outra vez a dona do albergue com o dedo esticado para K.

Frieda tentou acalmá-la.

— O que você está querendo? — disse a dona do albergue voltando rapidamente o corpo inteiro. — O senhor agrimensor me perguntou e eu tenho de responder. Como é que ele vai entender de outro modo aquilo que é óbvio para nós: que o senhor Klamm nunca irá falar com ele? O que estou dizendo? "Irá"... Ele não pode jamais falar com ele. Ouça, senhor agrimensor. O senhor Klamm é um senhor do castelo, por si só isso já significa uma posição muito elevada, independentemente do posto que ele possa ocupar. Mas *o que* é o senhor, que nos solicita aqui com tanta humildade permissão para se casar? O senhor não é do castelo, o senhor não é da aldeia, o senhor não é nada. Infelizmente porém o senhor é alguma coisa, ou seja, um estranho, alguém que está sobrando e fica no meio do caminho, alguém que sempre causa aborrecimento, por cuja culpa é preciso desalojar as criadas, alguém cujas intenções são desconhecidas, que seduziu nossa querida Frieda e a quem infelizmente é preciso dá-la como mulher. Por tudo isso eu no fundo não lhe faço censuras; o senhor é o que é; já vi em minha vida coisas demais para que não deva suportar mais essa visão. Mas agora imagine o que o senhor em verdade está exigindo. Um homem como Klamm deve falar com o senhor. Foi com sofrimento que ouvi dizer que Frieda o deixou olhar pelo buraco da porta; quando ela fez isso já estava seduzida pelo senhor. Diga-me como é que pôde suportar a visão de Klamm. Não precisa me responder, sei que a suportou muito bem. O senhor não é capaz de ver realmente Klamm, não é arrogância da minha parte, pois eu mesma não sou capaz. Klamm deve falar com o senhor, mas ele não fala nem com pessoas da aldeia, nunca até agora ele falou com alguém da aldeia. A grande distinção de Frieda, uma distinção que será o meu orgulho até o fim, é o fato de que ele costumava pelo menos chamar o nome de Frieda e ela podia conversar com ele à vontade, tendo recebido a permissão de usar o buraco da porta; mas falar ele também não falou com ela. E o fato de que às vezes ele chamava Frieda não deve ter o significado que se gosta de atribuir a isso, ele simplesmente chamava o nome de Frieda — quem conhece suas

intenções? Que Frieda naturalmente fosse correndo, era problema dela; que ela fosse admitida sem protesto, era bondade de Klamm; mas que ele a tivesse por acaso chamado, isso não se pode afirmar. Agora, certamente, tudo aquilo que foi acabou para sempre. Talvez Klamm ainda venha a chamar o nome de Frieda, isso é possível, mas admitida por ele, ela não o será mais, isso é certo — uma jovem que foi se arranjar com o senhor. Só uma coisa, só uma coisa eu não consigo entender com a minha pobre cabeça: como é que uma moça, de quem se disse que era amante de Klamm — considero isso, aliás, uma denominação muito exagerada —, tinha simplesmente permitido que o senhor a tocasse.

— Com efeito, isso é curioso — disse K., pegando Frieda no colo, onde ela logo se ajeitou, embora de cabeça baixa. — Mas prova, acredito, que nem tudo se comporta como a senhora julga. Assim, por exemplo, a senhora sem dúvida tem razão quando diz que eu sou um nada diante de Klamm, e se agora ainda peço para falar com Klamm e não sou dissuadido nem por suas explicações, isso ainda não quer dizer que eu não seja capaz de suportar sequer a visão de Klamm sem a porta no meio e que não saia correndo do quarto à mera aparição dele. Mas um temor desses, embora justificado, ainda não é para mim motivo para não ousá-lo. Se eu porém conseguir suportá-lo, então não é de modo algum necessário que ele fale comigo, basta-me ver a impressão que minhas palavras fazem nele e se elas não fizerem nenhuma impressão ou se ele não as ouvir, em absoluto, eu ainda terei o benefício de ter falado livremente perante um poderoso. A senhora, no entanto, com o seu grande conhecimento da vida dos homens, e Frieda, que ainda ontem era amante de Klamm — não vejo razão para desistir dessa palavra —, podem sem dúvida facilmente me proporcionar a oportunidade de falar com Klamm; se não é possível de nenhum outro modo, que seja então na Hospedaria dos Senhores, talvez ele ainda esteja lá hoje.

— É impossível — disse a dona do albergue. — Vejo que lhe falta a capacidade de compreender. Mas diga: sobre o que quer falar com Klamm?

— Sobre Frieda, naturalmente — disse K.

— Sobre Frieda? — perguntou a dona do albergue, perplexa, voltando-se para Frieda. — Você está ouvindo, Frieda? É sobre você que ele, ele, quer falar com Klamm, com Klamm.

— Ah, madame — disse K. — A senhora é uma mulher tão inteligente e que inspira respeito, no entanto qualquer coisinha a assusta. Ora, eu quero falar sobre Frieda com ele, isso não é tão monstruoso assim, pelo contrário, é

natural. Pois a senhora decerto também se engana quando julga que, a partir do momento em que eu apareci, Frieda perdeu a importância para Klamm. A senhora o subestima se acredita nisso. Sinto perfeitamente que é presunçoso de minha parte querer ensiná-la a esse respeito, mas apesar disso tenho de fazê-lo. A relação de Klamm com Frieda não pode ter sido alterada em nada por minha causa. Ou não existia nenhuma relação consistente — na realidade dizem isso aqueles que tiram de Frieda o título de amante — e nesse caso ela não existe hoje também, ou então ela existe e, assim sendo, como poderia, por minha causa, como a senhora bem diz, que sou um nada aos olhos de Klamm, como poderia ela ser perturbada por mim? Acredita-se em coisas desse tipo no primeiro momento do susto, mas a menor reflexão já as põe no lugar. Aliás, deixemos que Frieda diga aqui a sua opinião.

Com o olhar vagando na distância, a maçã do rosto no peito de K., Frieda disse:

— É sem dúvida como a mãe diz: Klamm não quer saber mais nada de mim. Não certamente porque você, querido, apareceu, nada dessa ordem poderia tê-lo abalado. Mas eu acredito que é obra dele o fato de nos termos encontrado debaixo do balcão — bendita, e não amaldiçoada, seja essa hora!

— Se é assim — disse K. devagar, pois doces eram as palavras de Frieda; fechou os olhos por alguns segundos, para se deixar impregnar pelas palavras. — Se é assim, há menos razão ainda para ter medo de uma conversa com Klamm.

— Para dizer a verdade — disse a dona do albergue, olhando K. de cima para baixo —, o senhor às vezes me lembra o meu marido: ele é tão teimoso e pueril como o senhor. Está neste lugar há alguns dias e já quer saber tudo melhor do que os que nasceram aqui, melhor do que eu, uma velha senhora, e melhor do que Frieda, que viu e ouviu tanta coisa na Hospedaria dos Senhores. Não nego que também seja possível, uma vez ou outra, conseguir algo totalmente contrário às prescrições e contra a tradição, nunca experimentei nada desse tipo, mas existem, ao que se supõe, exemplos nesse sentido; pode ser, mas então isso não acontece com certeza da maneira como o senhor fez, dizendo *não* sem parar, fazendo só o que lhe dá na cabeça e não ouvindo os conselhos mais bem-intencionados. Será que acredita ser o senhor a minha preocupação? Fiquei preocupada com o senhor enquanto estava sozinho? Embora tivesse sido bom e muita coisa tivesse sido evitada? A única coisa que eu disse então ao meu marido sobre o senhor foi: "Mantenha distância dele". Isso teria valido até hoje para mim mesma, se

Frieda não tivesse sido envolvida no seu destino. É a ela que o senhor deve — goste ou não disso — o meu cuidado e até mesmo a minha consideração. E o senhor não pode simplesmente me afastar, porque tem uma grave responsabilidade perante mim, a única pessoa que vigia a pequena Frieda com solicitude materna. É possível que Frieda tenha razão e que tudo o que aconteceu seja a vontade de Klamm, mas dele eu agora não sei nada, nunca irei falar com ele, ele me é inteiramente inacessível, mas o senhor fica sentado aqui, com a minha Frieda nas suas mãos e — por que devo silenciar isso? — retido nas minhas. Sim, retido, pois tente, jovem, caso eu o mande embora desta casa, encontrar em alguma parte da aldeia um alojamento, mesmo que seja numa casa de cachorro.

— Obrigado — disse K. — São palavras francas e eu acredito inteiramente na senhora. Minha posição, portanto, é bem insegura e com isso a de Frieda também.

— Não! — interrompeu furiosamente a dona do albergue. — A posição de Frieda neste particular não tem absolutamente nada a ver com a sua. Frieda pertence à minha casa e ninguém tem o direito de chamar de inseguro o seu lugar aqui.

— Muito bem, muito bem — disse K. — Também nisso dou-lhe razão, especialmente porque Frieda, por motivos que me são desconhecidos, parece ter medo demais da senhora para intervir. Portanto, fiquemos no momento apenas com o meu caso. Meu lugar é altamente inseguro, isso a senhora não nega, pelo contrário esforça-se para prová-lo. Como em tudo o que diz, isso também só é verdadeiro na maior parte, mas não completamente. Por exemplo, eu sei de um lugar muito bom para pousar que está à minha disposição.

— Onde? Onde? — bradaram Frieda e a dona do albergue, as duas ao mesmo tempo e tão ávidas como se tivessem as mesmas razões para a pergunta.

— Na casa de Barnabás — disse K.

— Esses patifes! — exclamou a dona do albergue. — Esses consumados patifes! Na casa de Barnabás! Escutem — e voltou para o canto dos ajudantes, mas estes já haviam se aproximado fazia muito tempo e estavam de braços dados atrás da dona do albergue, que então agarrou a mão de um deles como se precisasse de um ponto de apoio. — Vocês estão ouvindo onde este senhor tem andado, na família de Barnabás! Não há dúvida de que lá ele ganha um pouso para dormir. Ah, seria melhor se ele tivesse ficado lá e não

na Hospedaria dos Senhores. Mas onde vocês estavam?

— Minha senhora — disse K. antes que os ajudantes respondessem. — Eles são meus ajudantes, mas a senhora os trata como se fossem ajudantes seus e meus vigias. Em tudo o mais estou disposto pelo menos a discutir, com a maior polidez, as suas opiniões, não porém a respeito dos meus ajudantes, pois aqui a questão é bastante clara. Peço-lhe portanto que não fale com os meus ajudantes e, se meu pedido não for suficiente, proíbo meus ajudantes de responderem à senhora.

— Quer dizer que não posso falar com vocês — disse a dona da estalagem, e os três riram, a dona do albergue com zombaria mas muito mais branda do que K. havia esperado, os ajudantes no seu modo costumeiro, significando muito e nada ao mesmo tempo e recusando qualquer responsabilidade.

— Não fique bravo — disse Frieda. — Você tem de entender direito nossa excitação. Se quiser, nós devemos apenas a Barnabás o fato de que agora pertencemos um ao outro. Quando eu o vi pela primeira vez no balcão de bebidas — você estava entrando, enlaçado em Olga — eu já sabia, na verdade, alguma coisa sobre você, mas no geral você me era totalmente indiferente. Não era só você que me era indiferente, quase tudo, quase tudo me era indiferente. Naquela ocasião eu também estava insatisfeita com muita coisa e muita coisa me irritava — mas que insatisfação e que irritação! Se por exemplo um dos fregueses me molestava no balcão — eles estavam sempre atrás de mim, você viu os rapazes lá, mas vinham outros muito piores ainda, a criadagem de Klamm não era a pior de todas —, se então alguém me insultava, o que isso significava para mim? Era como se isso tivesse acontecido fazia muitos anos, ou como se não tivesse me acontecido, ou como se eu tivesse ouvido contar, ou como se eu mesma já houvesse esquecido. Mas não posso descrevê-lo, não posso nem mesmo imaginá-lo mais, tudo mudou desde que Klamm me abandonou.

E Frieda interrompeu sua narrativa, baixando a cabeça e conservando as mãos cruzadas no colo.

— Veja — exclamou a dona do albergue, não como se ela mesma falasse, mas só emprestasse sua voz a Frieda; ela se aproximou mais e ficou sentada bem ao lado de Frieda. — Veja, senhor agrimensor, as conseqüências dos seus atos; também os seus ajudantes, com os quais aliás eu não posso falar, podem ficar olhando para aprender a lição. O senhor tirou Frieda do estado mais feliz que tinha sido destinado a ela e conseguiu isso sobretudo porque Frieda, na sua compaixão pueril e exagerada, não pôde suportar que o senhor

estivesse de braços dados com Olga, parecendo desse modo entregue à família de Barnabás. Assim ela o salvou e nesse ato se sacrificou. E agora que isso aconteceu e Frieda trocou tudo o que tinha pela felicidade de estar sentada no seu joelho, o senhor vem e lança como o seu grande trunfo a possibilidade que teve de poder pernoitar na casa de Barnabás. Com isso o senhor decerto quer provar que é independente de mim. Sem dúvida: se tivesse realmente passado a noite em casa de Barnabás o senhor seria tão independente de mim que teria de deixar imediatamente a minha casa, e o mais rápido possível.

— Não conheço os pecados da família de Barnabás — disse K. enquanto erguia com cuidado Frieda, que parecia sem vida, punha-a devagar na cama, levantando-se a seguir. — Talvez a senhora tenha razão, mas está fora de dúvida que eu tinha o direto de lhe pedir que deixasse que apenas Frieda e eu cuidássemos dos nossos assuntos. A senhora mencionou na ocasião alguma coisa sobre amor e cuidado, mas desde então não notei nada disso; pelo contrário, tenho ouvido falar mais em ódio, escárnio e expulsão de casa. Se a senhora estava empenhada em afastar Frieda de mim ou a mim dela, então isso foi levado a efeito com bastante jeito, mas acredito que não conseguirá o que queria e, caso consiga, a senhora — permita-me também fazer uma ameaça sombria — vai se arrepender amargamente. Quanto ao alojamento que a senhora me concede — com isso só pode estar se referindo a este buraco repulsivo —, não é absolutamente certo que o faça de livre e espontânea vontade; parece-me ao contrário que existe aí uma determinação da autoridade do conde. Vou então anunciar lá que fui despejado daqui e, se me indicarem um outro alojamento, a senhora vai com certeza respirar aliviada e eu mais ainda. E agora vou tratar desta e de outras questões com o prefeito. Por favor, cuide ao menos de Frieda, a quem a senhora causou bastante mal com os seus discursos por assim dizer maternais.

Voltou-se então para os ajudantes.

— Venham — disse ele, tirando a carta de Klamm do prego na parede e fazendo menção de ir embora.

A dona do albergue acompanhava-o em silêncio com o olhar e só quando K. estava com a mão na maçaneta, ela disse:

— Senhor agrimensor, antes que vá embora ainda tenho uma coisa para dizer, pois seja qual for o discurso que pretende fazer e a maneira como queira me insultar, a mim, uma velha senhora, o senhor é o futuro marido de Frieda. Só por causa disso eu digo que o senhor é pavorosamente ignorante

sobre como são as coisas aqui, a cabeça fica zunindo quando se escuta o que o senhor fala e quando se compara mentalmente aquilo que afirma e pensa com a situação real. Essa ignorância não pode ser corrigida de uma só vez, talvez isso nem seja possível, mas muita coisa pode melhorar se o senhor acreditar só um pouco em mim e tiver sempre presente essa ignorância. Vai se tornar, então, por exemplo, imediatamente mais justo em relação a mim e começará a ter uma idéia dos sustos pelos quais passei — as conseqüências desses sustos ainda se mantêm — quando reconheci que minha querida pequena de certo modo abandonou a águia para se ligar a uma lesma, mas a relação real é muito pior ainda e eu preciso incessantemente procurar me esquecer dela, pois caso contrário não poderia trocar nenhuma palavra tranqüila com o senhor. Ah, o senhor ficou bravo outra vez. Não, não vá ainda, ouça apenas mais este pedido: para onde quer que se dirija, fique consciente de que o senhor é o que menos sabe neste lugar e tenha cuidado; aqui, entre nós, a presença de Frieda o protege de qualquer dano, por mais que abra livremente o coração; aqui por exemplo o senhor pode mostrar como pretende mais tarde falar com Klamm, mas na realidade, na realidade, por favor, por favor, não o faça.

Ela se levantou, foi até K. vacilando um pouco de emoção, agarrou sua mão e olhou implorando para ele.

— Senhora dona do albergue — disse K. —, não entendo por que, em virtude de uma coisa dessas, se rebaixa a me fazer um pedido. Se como diz é impossível que eu fale com Klamm, então é óbvio que não vou conseguir, peça-me ou não. Mas se for possível, por que então não devo fazê-lo, principalmente tendo em vista que, caindo sua principal objeção, todos os outros temores seus se tornam muito duvidosos? Certamente sou ignorante, a verdade permanece de qualquer forma e isso é muito triste para mim, mas existe também a vantagem de que o ignorante ousa mais e por esse motivo quero, com prazer, carregar mais um pouco a ignorância e suas más conseqüências — enquanto as energias para tanto forem suficientes. Mas no essencial essas conseqüências só afetam a mim e é sobretudo por isso que não entendo seu pedido. A senhora vai cuidar sempre de Frieda, com toda a certeza, e se eu desaparecesse completamente da vista dela isso só poderia significar uma felicidade, do seu ponto de vista. O que está temendo, então? Será que a senhora na verdade não teme que, para quem não sabe de nada, tudo parece possível?

K. já estava abrindo a porta quando disse:

— Será que a senhora não teme, na verdade, por Klamm?

A dona do albergue acompanhou-o em silêncio com o olhar enquanto ele descia a escada e os ajudantes o seguiam.

Capítulo 5
COM O PREFEITO

QUASE PARA SUA PRÓPRIA SURPRESA, a entrevista com o prefeito causava pouca preocupação a K. Tentou explicá-lo a si mesmo pelo fato de que, a julgar pelas experiências anteriores, o trato oficial com as autoridades do conde tinha sido muito simples. Por um lado, isso se devia a que, em relação ao tratamento dado aos seus assuntos, haviam adotado claramente — e de uma vez por todas — um princípio que, visto de fora, era muito favorável a ele e por outro lado à coesão admirável dos serviços administrativos, que se pressentia como particularmente perfeita, logo onde ela parecia não existir. Quando às vezes só pensava nisso, K. não ficava longe de achar sua situação satisfatória, muito embora sempre dissesse rapidamente a si mesmo, depois desses acessos de bem-estar, que o perigo estava exatamente aí.

A relação direta com as autoridades não era, na verdade, difícil demais, pois as autoridades, por mais bem organizadas que fossem, sempre tinham de defender coisas remotas e invisíveis em nome de senhores remotos e invisíveis, ao passo que K. lutava o mais vivamente possível por coisas próximas, ou seja, por ele mesmo e, além disso, ao menos nos primeiros tempos, por vontade própria, uma vez que ele era o agressor, sem ser apenas ele que lutava por si, mas também, ao que parece, outras forças que não conhecia, mas nas quais podia crer a partir das medidas tomadas pelas autoridades. Mas por se mostrarem amplamente receptivas, em caráter prévio e em coisas menos essenciais — até agora não se tratara de nada mais que isso —, as autoridades o privavam da possibilidade de pequenas e fáceis vitórias e, com essa possibilidade, também da satisfação correspondente e da segurança bem fundada, que dela derivava, para outras lutas maiores. Em vez disso deixavam K. deslizar por toda parte que quisesse, se bem que apenas no interior da aldeia, minando-o e enfraquecendo-o com isso: aqui elas eliminavam qualquer luta que houvesse e desse modo o deslocavam para a vida extra-administrativa, totalmente sem transparência, turva, estranha. Sendo assim, podia bem acontecer, caso ele não estivesse sempre alerta, que um dia, a despeito de toda a amabilidade das autoridades e da realização plena de todas as obrigações oficiais tão exageradamente fáceis, iludido pelo favor aparente que lhe era dispensado, conduzisse sua outra vida de forma tão descuidada que, nesse ponto, ele desmoronasse e as autoridades, sempre brandas e amigáveis, tivessem de vir, como se fosse contra a vontade, mas em nome de alguma ordem pública que desconhecia, para tirá-lo do caminho. E

o que era ali, na realidade, aquela outra vida? Em lugar nenhum K. tinha visto antes, como ali, as funções administrativas e a vida tão entrelaçadas — de tal maneira entrelaçadas que às vezes podia parecer que a função oficial e a vida tinham trocado de lugar. O que significava, por exemplo, o poder até agora apenas formal que Klamm exercia sobre o ofício de K., comparado com o poder que Klamm tinha em toda a sua efetividade no quarto de dormir de K.? Acontecia assim que, ali, um procedimento um pouco mais ligeiro, uma certa distensão, só cabiam na relação direta com as autoridades, ao passo que no mais era sempre necessário um grande cuidado, um olhar em volta para todos os lados antes de cada passo.

A concepção que tinha das autoridades locais K. viu inicialmente bem confirmada junto ao prefeito. Este, um homem amável, gordo, escanhoado, estava doente, com um forte ataque de gota, e recebeu K. na cama.

— Então é este o nosso senhor agrimensor! — disse ele, querendo levantar-se, mas sem conseguir fazê-lo.

Lançou-se de volta outra vez aos travesseiros, desculpando-se e apontando para as pernas. Uma mulher silenciosa, quase uma sombra na luz crepuscular do quarto de janelas pequenas, mais escurecido ainda pelas cortinas, trouxe uma cadeira, colocando-a ao lado da cama.

— Sente-se, sente-se, senhor agrimensor — disse o prefeito. — Diga-me o que deseja.

K. leu em voz alta a carta de Klamm, acrescentando algumas observações. Mais uma vez teve o sentimento da extraordinária facilidade no trato com as autoridades. Elas carregavam literalmente todo o peso, era possível pôr-lhes tudo nos ombros, conservando-se incólume e livre. Como se também sentisse isso à sua maneira, o prefeito virou-se incomodado na cama. Finalmente disse:

— Como já deve ter notado, senhor agrimensor, estou ciente de tudo. O fato de não ter feito nada ainda tem sua razão, primeiro, na minha doença, e depois na sua demora para vir; eu já estava pensando que o senhor tinha posto o assunto de lado. Mas já que teve a bondade de me procurar pessoalmente, preciso de qualquer modo dizer-lhe toda a desagradável verdade. O senhor foi aceito como agrimensor, como diz, mas infelizmente nós não precisamos de agrimensor. Não haveria o menor trabalho para um, aqui. As fronteiras das nossas pequenas propriedades agrícolas estão traçadas, está tudo registrado e em ordem, trocas de títulos quase não ocorrem e os pequenos litígios de fronteira nós mesmos resolvemos. Portanto, por que

teríamos necessidade de um agrimensor?

No íntimo K. estava convencido, sem haver pensado nisso antes, de ter esperado uma comunicação semelhante. Por esse motivo mesmo foi capaz de dizer logo:

— Isso me surpreende muito. Atira por terra todos os meus cálculos. Só posso esperar que haja algum equívoco.

— Infelizmente não — disse o prefeito. — É como estou dizendo.

— Mas como isso é possível? — exclamou K. — Certamente não fiz esta viagem interminável para agora ser mandado de volta.

— Isso é uma outra questão — disse o prefeito. — Não tenho de resolvê-la, mas seja como for posso explicar-lhe como esse equívoco foi possível. Numa administração tão grande como a do conde, pode acontecer às vezes que uma repartição determine isto, a outra aquilo, nenhuma sabe da outra; na verdade o controle superior é extremamente preciso, mas pela sua própria natureza chega tarde demais e sendo assim pode surgir uma pequena confusão. Evidentemente são sempre particularidades minúsculas, como por exemplo o seu caso; em coisas grandes nenhum erro chegou ao meu conhecimento, mas as ninharias também são com freqüência suficientemente penosas. No que diz respeito ao seu caso, não quero manter segredos de ofício — para tanto não sou funcionário de verdade, sou camponês e fico nisso — e vou contar francamente o que aconteceu. Há muito tempo, na época eu era prefeito fazia só alguns meses, chegou uma ordem, não sei mais de que repartição, na qual se comunicava, da maneira peculiar e categórica dos senhores de lá, que devia ser convocado um agrimensor, encarregando-se a comunidade de conservar prontos para os trabalhos dele todos os planos e anotações necessários. Naturalmente essa ordem não dizia respeito ao senhor, pois isso foi há muitos anos e eu não teria me lembrado se não estivesse agora doente e dispusesse de tempo suficiente, na cama, para pensar nas coisas mais ridículas.

Interrompendo de repente o seu relato, ele disse à esposa, que continuava a ir e vir sem ruído pelo quarto, numa atividade incompreensível:

— Mizzi, por favor procure no armário, talvez você encontre a ordem.

Dirigindo-se a K., esclareceu:

— É que ela era dos meus primeiros tempos, naquela época eu ainda guardava tudo.

A mulher abriu logo o armário, K. e o prefeito ficaram observando. O armário estava abarrotado de papéis; ao ser aberto, dois maços de processos

rolaram para fora, amarrados como se costuma atar lenha para o fogo; a mulher pulou assustada para o lado.

— Embaixo, deveria estar embaixo — disse o prefeito, dirigindo da cama a operação.

Obediente, juntando os processos nos braços, a mulher tirou tudo do armário para chegar aos papéis de baixo. Os papéis já cobriam a metade do quarto.

— Muito trabalho foi feito — disse o prefeito com um aceno de cabeça. — E isso é só uma pequena parte. A massa principal eu guardei no celeiro e a maior parte naturalmente se perdeu. Quem é que pode conservar tudo? Mas no celeiro ainda tem muita coisa.

Voltou-se então outra vez para a esposa:

— Vai conseguir encontrar a ordem? Você precisa procurar um auto no qual a palavra "agrimensor" está grifada em azul.

— Está muito escuro aqui — disse a mulher. — Vou buscar uma vela.

E saiu do quarto passando por cima dos papéis.

— Minha mulher é um grande apoio neste pesado labor administrativo, que na verdade precisa ser feito além do resto — disse o prefeito. — Para os trabalhos escritos tenho mais um auxiliar, o professor, mas mesmo assim é impossível fazer tudo, sempre sobra alguma coisa que não foi terminada, que está reunida naquele armário ali — e apontou para um outro armário. — E agora que estou doente, então, as coisas se acumulam.

Disse isso e voltou a se deitar, cansado mas também orgulhoso.

— Será que eu não poderia — disse K., quando a mulher tinha voltado com a vela e procurava o documento ajoelhada diante do armário —, será que eu não poderia ajudar sua esposa a procurar?

O prefeito riu sacudindo a cabeça.

— Como já disse, não tenho segredos de ofício perante o senhor, mas deixá-lo procurar no meio dos processos — até aí eu certamente não posso ir.

Fez-se então silêncio no quarto, só se ouvia o sussurro dos papéis, talvez o prefeito até cochilasse um pouco. Uma leve batida à porta fez K. voltar-se. Naturalmente eram os ajudantes. Fosse como fosse eles já estavam um pouco educados, não se precipitaram logo dentro do quarto, mas primeiro cochicharam pela porta um pouco aberta:

— Estamos com frio aqui fora.

— Quem é? — perguntou o prefeito, sobressaltando-se.

— São só os meus ajudantes — disse K. — Não sei onde devo fazê-los me esperar, lá fora está frio demais e aqui dentro eles incomodam.

— A mim eles não perturbam — disse o prefeito amavelmente. — Mande-os entrar. Aliás, eu os conheço. Velhos conhecidos.

— Mas a mim eles incomodam — disse K., com franqueza, deixando o olhar ir dos ajudantes para o prefeito e de volta aos primeiros, achando o sorriso dos três indistinguíveis uns dos outros. — Já que estão aqui, porém — disse K. ensaiando —, fiquem e ajudem a senhora do prefeito a procurar um processo no qual a palavra agrimensor está assinalada em azul.

O prefeito não levantou nenhuma objeção; o que K. não podia fazer os ajudantes podiam, eles se lançaram imediatamente sobre os papéis, mas mais reviravam os montes do que procuravam e quando um estava soletrando um texto o outro o arrancava sempre de sua mão. A mulher, pelo contrário, se ajoelhava diante do armário vazio, não parecia mais nem um pouco estar procurando, de qualquer forma a vela estava muito distante dela.

— Os ajudantes — disse o prefeito com um sorriso cheio de si, como se tudo dependesse das suas determinações mas ninguém fosse nem mesmo capaz de suspeitar disso —, os ajudantes então o incomodam. Mas eles são seus próprios ajudantes.

— Não — disse K. friamente. — Eles só vieram correndo para mim aqui.

— Como assim, vieram correndo? — disse ele. — Eles foram confiados ao senhor, é o que com certeza está querendo dizer.

— Está bem, eles me foram confiados — disse K. — Mas poderiam igualmente ter caído com a neve, tão irrefletida foi essa atribuição.

— Nada aqui acontece sem reflexão — disse o prefeito, esquecendo a dor nos pés e endireitando-se na cama.

— Nada? — disse K. — E o que dizer da minha nomeação?

— Também ela foi pensada — disse o prefeito. — Só que circunstâncias secundárias intervieram para confundir, vou provar isso ao senhor com o processo na mão.

— Os autos não serão encontrados — disse K.

— Não serão encontrados? — exclamou o prefeito. — Mizzi, por favor procure um pouco mais depressa! Mas eu posso contar-lhe primeiro a história sem o dossiê. Aquela ordem, sobre a qual já falei, nós a respondemos com o agradecimento de que não precisávamos de nenhum agrimensor. Ao que parece, porém, essa resposta não chegou à repartição original, vou chamá-la A, mas por engano à repartição B. A repartição A, portanto, ficou

sem resposta, mas infelizmente também a B não recebeu nossa resposta completa, seja porque os conteúdos do processo permaneceram conosco, seja porque se perderam no caminho — na própria repartição não, isso eu posso garantir —; seja como for, à repartição B só chegou também um envelope dos autos, sobre o qual não estava anotado nada além do fato de que o processo incluso — mas que na realidade estava faltando — tratava da designação de um agrimensor. A repartição A esperou, nesse ínterim, a nossa resposta, na verdade ela tinha os dados sobre o assunto, mas como acontece com uma freqüência compreensível, tendo em vista a precisão de todos os trâmites, o funcionário encarregado confiou que nós iríamos responder e que ele então ou convocaria o agrimensor ou continuaria se correspondendo conosco sobre o assunto conforme a necessidade. Em conseqüência disso ele negligenciou os dados que estavam em sua posse e tudo caiu no esquecimento. Na repartição B, entretanto, o envelope do processo chegou às mãos de um funcionário famoso por sua consciência profissional, ele se chama Sordini, um italiano; até para mim, que sou um iniciado, é incompreensível por que um homem da sua capacidade é deixado num posto praticamente dos mais subalternos. Esse Sordini naturalmente nos mandou de volta o envelope vazio do processo para que ele fosse completado. Mas desde aquela primeira circular da repartição A já haviam se passado muitos meses, se não anos, uma coisa compreensível, pois se um processo segue o caminho certo, como é a regra, ele chega à repartição correspondente o mais tardar em um dia, sendo despachado nesse mesmo dia ainda; se porém erra o caminho, tem de procurar o caminho errado com bastante zelo, dada a excelência da organização, caso contrário não o acha e então é evidente que demora muito tempo. Quando daí recebemos o memorando de Sordini, só conseguíamos ainda nos lembrar muito vagamente do assunto, na época éramos apenas dois para o trabalho, Mizzi e eu, o professor ainda não tinha sido confiado a mim, só conservávamos as cópias nas questões mais importantes — em suma, somente pudemos responder, de maneira muito vaga, que não sabíamos nada daquela nomeação e que não havia, entre nós, necessidade de um agrimensor.

Aqui o prefeito se interrompeu, como se tivesse ido longe demais no zelo da narração ou como se fosse pelo menos possível que tivesse ido longe demais e depois disse:

— Mas esta história não o aborrece?

— Não — disse K. — Ela me entretém.

Ao que o prefeito replicou:

— Eu a conto ao senhor só para entretê-lo.

— Ela me entretém apenas pelo fato — disse K. — de que me oferece uma percepção da ridícula embrulhada que, conforme as circunstâncias, decide sobre a existência de uma pessoa.

— O senhor ainda não obteve nenhuma percepção — disse o prefeito, sério. — E posso continuar contando. Naturalmente um Sordini não podia ficar satisfeito com a nossa resposta. Eu admiro esse homem, embora seja um tormento para mim. Com efeito, ele desconfia de todos; mesmo quando, por exemplo, ficou conhecendo alguém, em inúmeras oportunidades, como a pessoa mais digna de confiança, ele desconfia dela na próxima ocasião, como se não a conhecesse em absoluto, ou melhor: como se a conhecesse como um velhaco. Eu considero isso certo, um funcionário tem de agir assim, infelizmente não consigo, pela minha natureza, seguir esse princípio, o senhor está vendo como exponho tudo ao senhor, um estrangeiro, tudo abertamente, não posso fazê-lo de outra forma. Sordini, pelo contrário, ficou imediatamente desconfiado de nossa resposta. Seguiu-se então uma grande correspondência. Sordini perguntou por que havia me ocorrido de repente que nenhum agrimensor devia ser chamado; respondi com a ajuda da excelente memória de Mizzi que de fato a primeira sugestão tinha vindo da própria repartição (que se tratava de uma outra repartição nós já tínhamos naturalmente esquecido fazia muito tempo); Sordini replicou — por que só agora eu mencionava esse despacho oficial; eu de volta: porque só agora eu me lembrei dele; Sordini — é muito estranho; eu — não é nada estranho num assunto que se arrasta por tanto tempo; Sordini — é *sem dúvida* estranho, pois o despacho, do qual eu me lembrara, não existe; eu — naturalmente que não existe, porque o processo inteiro se perdeu; Sordini — mas precisava existir um memorando referente àquele primeiro despacho; ele porém não existe. Aí eu hesitei, pois não ousava afirmar nem acreditar que havia ocorrido um erro na repartição de Sordini. Talvez o senhor mentalmente censure Sordini pelo fato de, movido ao menos por consideração em relação às minhas afirmações, não ter procurado se informar sobre o assunto em outras repartições. Mas justamente isso teria sido errôneo: não quero que permaneça uma mancha sobre esse homem, nem que seja no pensamento do senhor. É um princípio de trabalho da administração que não se levem absolutamente em conta as possibilidades de erro. Esse princípio é justificado pela excelente organização do todo, sendo

necessário para que se atinja a velocidade extrema de execução. Sordini, portanto, não tinha de forma alguma o direito de se informar junto às outras repartições, aliás elas não teriam nem mesmo respondido, porque teriam notado desde logo que se tratava da investigação de uma possibilidade de erro.

— Permita-me, senhor prefeito, que eu o interrompa com uma pergunta — disse K. — O senhor não fez menção, antes, a uma autoridade de controle? A administração, da maneira como o senhor descreve, é de uma natureza tal, que a pessoa se sente mal só de pensar que esse controle possa estar ausente.

— O senhor é muito severo — disse o prefeito. — Mas pode multiplicar por mil sua severidade que ela não será nada em comparação com a severidade que a administração emprega em relação a si mesma. Só uma pessoa completamente estranha pode fazer uma pergunta como a sua. Se existem autoridades de controle? Existem apenas autoridades de controle. Evidentemente elas não se destinam a descobrir erros no sentido grosseiro da palavra, pois não ocorrem erros, e mesmo que aconteça um, como no seu caso, quem tem o direito de dizer de forma definitiva que é um erro?

— Isso seria uma novidade completa! — exclamou K.

— Para mim é uma coisa muito antiga — disse o prefeito. — Eu mesmo estou convencido, de um modo não muito diferente do seu, de que houve um erro e de que, por causa do desespero com isso, Sordini adoeceu gravemente; as primeiras instâncias de controle, às quais devemos a descoberta da origem do erro, aqui também o reconhecem. Mas quem pode afirmar que a segunda instância julga da mesma maneira e a terceira também e assim por diante todas as demais?

— Pode ser — disse K. — Prefiro não me intrometer nessas considerações, além disso é a primeira vez que ouço falar dessas instâncias de controle e naturalmente ainda não sou capaz de entendê-las. Acredito apenas que aqui se devem distinguir duas coisas: primeiro, aquilo que acontece dentro da administração das instâncias e o que, por sua vez, pode ser concebido administrativamente, de uma maneira ou outra; e segundo, minha pessoa real, eu, que estou fora da administração e a quem ameaça um prejuízo tão insensato por parte delas, que ainda não consigo acreditar na seriedade do perigo. Para o primeiro ponto provavelmente vale o que o senhor, prefeito, narra com um conhecimento de causa espantoso, extraordinário, mas agora eu gostaria de ouvir também uma palavra a meu respeito.

— Chego também a isso — disse o prefeito. — Mas o senhor não poderia entender se eu não antecipasse ainda alguma coisa. Já o fato de eu mencionar neste momento as instâncias de controle foi prematuro. Volto portanto às divergências com Sordini. Como dizia, aos poucos baixei a guarda. Mas se Sordini tem nas mãos a mínima vantagem sobre alguém, ele já venceu, pois aí se intensificam sua atenção, sua energia, sua presença de espírito, e para a pessoa atacada é uma visão terrível e para os inimigos dela uma visão estupenda. Só posso falar dele assim como estou fazendo porque em outros casos também experimentei isso. Aliás, até agora nunca consegui vê-lo com meus próprios olhos, ele não pode vir aqui para baixo, está muito sobrecarregado de trabalho, sua sala, conforme me descreveram, tem todas as paredes cobertas por colunas de processos volumosos empilhados uns sobre os outros, são apenas aqueles nos quais Sordini está trabalhando no momento, e uma vez que das pilhas são constantemente retirados processos e juntados novos documentos, tudo na maior pressa, as pilhas desmoronam e é justamente esse estrondo que se repete sem cessar que se tornou característico do escritório de Sordini. Sim, Sordini é um grande trabalhador e dedica o mesmo cuidado tanto ao menor como ao maior dos casos.

— Senhor prefeito — disse K. —, o senhor continua dizendo que o meu caso é um dos menores e no entanto ele já ocupou bastante muitos funcionários e, mesmo que no início tenha sido bem pequeno, tornou-se um grande caso graças ao zelo de funcionários do tipo do senhor Sordini. Infelizmente, e muito contra a minha vontade, pois minha ambição não é fazer com que cresçam e desabem pilhas de autos que me dizem respeito, mas trabalhar tranqüilamente como pequeno agrimensor numa pequena escrivaninha.

— Não — disse o prefeito. — Não é um grande caso, nesse sentido o senhor não tem motivo algum para se queixar, é um dos menores entre os pequenos casos. O volume de trabalho não determina a importância do caso, o senhor ainda está muito longe de entender a autoridade, se acredita nisso. Mas mesmo que dependesse da quantidade de trabalho, o seu seria um dos casos menos importantes; os mais comuns, ou seja, aqueles sem os assim chamados erros, dão muito mais trabalho ainda e certamente um trabalho bem mais frutífero. O senhor, aliás, ainda não sabe absolutamente nada do verdadeiro trabalho que seu caso provocou, e é disso que eu agora quero falar. Num primeiro momento, então, Sordini me pôs de lado, mas todos os dias chegavam à Hospedaria dos Senhores os seus funcionários e lá se

realizavam inquéritos protocolares de membros notáveis da comunidade. A maioria ficou do meu lado, só alguns hesitavam, a questão do agrimensor toca de perto o camponês, eles farejavam algum acordo secreto, alguma injustiça, além disso encontraram um chefe e das suas declarações Sordini tinha de chegar à convicção de que, se eu tivesse apresentado o assunto ao conselho, nem todos teriam sido contrários à nomeação de um agrimensor. Assim é que uma coisa óbvia — ou seja, que não é preciso nenhum agrimensor — se tornou de qualquer forma no mínimo duvidosa. Nessa ocasião destacou-se especialmente um certo Brunswick, o senhor com certeza não o conhece, talvez ele não seja mau, mas estúpido e fantasioso, é cunhado de Lasemann.

— Do mestre-de-curtume? — perguntou K., e descreveu o homem barbudo que tinha visto na casa de Lasemann.

— Sim, é ele — disse o prefeito.

— Conheço também sua mulher — disse K. um pouco aleatoriamente.

— É possível — disse o prefeito e calou-se.

— Ela é bonita — disse K. —, mas um pouco pálida e doentia. Certamente é originária do castelo?

Isso foi dito metade como pergunta, metade como afirmação.

O prefeito olhou para o relógio, derramou remédio numa colher e engoliu-o apressadamente.

— Do castelo o senhor decerto só conhece os escritórios — disse K. com grosseria.

— Sim — disse o prefeito com um sorriso irônico e no entanto agradecido. — Eles são a coisa mais importante. E, quanto a Brunswick, se tivéssemos sido capazes de excluí-lo da comunidade, quase todos nós estaríamos felizes e Lasemann não seria o último. Mas naquela época Brunswick tinha conquistado uma certa influência, na verdade ele não é um orador, mas alguém que grita e para alguns isso já basta. Foi assim que me vi forçado a apresentar o caso ao conselho municipal, e foi esse, aliás, num primeiro momento, o único êxito de Brunswick, pois naturalmente o conselho manifestou por grande maioria que não queria saber de um agrimensor. Também isso aconteceu faz anos, mas durante todo esse tempo a coisa não chegou ao ponto de repouso, em parte por causa da escrupulosidade de Sordini, que procurava investigar com os levantamentos mais minuciosos os motivos tanto da maioria quanto da oposição, em parte por causa da estupidez e da ambição de Brunswick, que tem várias ligações pessoais com

as autoridades, as quais ele punha em movimento com invenções sempre novas da sua fantasia. Sordini no entanto não se deixou enganar por Brunswick — como é que Brunswick poderia enganar Sordini? —, mas mesmo para não se deixar enganar eram necessários novos levantamentos e antes ainda que eles estivessem terminados Brunswick já havia imaginado mais uma vez outra novidade; ele é muito versátil, isso faz parte da sua estupidez. Chego agora a uma característica especial do nosso aparelho administrativo. Correspondendo à sua precisão ele é extremamente sensível. Quando um assunto foi ponderado durante longo tempo, pode acontecer — mesmo que as ponderações ainda não estejam concluídas — que de repente, rápida como um raio, surja uma solução num ponto imprevisível e mais tarde não mais encontrável, que encerra a questão de maneira o mais das vezes muito justa, embora certamente arbitrária. É como se o aparelho administrativo não suportasse mais a tensão, a excitação derivada durante anos da mesma questão, talvez em si própria insignificante, e tivesse tomado a decisão por espontânea vontade, sem a colaboração dos funcionários. Naturalmente não aconteceu nenhum milagre e sem dúvida algum funcionário escreveu a resolução ou encontrou uma decisão não escrita, mas de qualquer modo, pelo menos de nossa parte, daqui onde estamos, ninguém, nem mesmo da administração competente, pode estabelecer que funcionário decidiu nesse caso e por quais motivos. Só os serviços de controle são capazes de estabelecê-lo muito mais tarde, mas nós não ficamos sabendo de mais nada, aliás é difícil que depois alguém ainda se interesse. Como foi dito, porém, justamente essas decisões são na maioria das vezes ótimas, o único inconveniente delas é que só vêm a ser conhecidas tarde demais, conforme acontece em geral com essas coisas, e portanto se continua, nesse ínterim, a deliberar apaixonadamente sobre questões há muito tempo decididas. Não sei se no seu caso se chegou a uma decisão assim — algumas coisas dizem que sim, outras que não; mas, se isso aconteceu, a nomeação teria sido enviada ao senhor e o senhor teria feito a longa viagem até aqui; aí muito tempo teria passado e nesse lance Sordini teria continuado a trabalhar na mesma causa até a exaustão, Brunswick feito intrigas e eu teria sido atormentado pelos dois. Só faço menção a essa possibilidade; de maneira definida, porém, só sei o seguinte: uma seção de controle descobriu, nesse meio-tempo, que da repartição A foi enviada, faz muitos anos, uma consulta à municipalidade a respeito de um agrimensor, sem que até agora tenha chegado uma resposta. Recentemente perguntaram

outra vez a mim e nesse momento a coisa toda foi obviamente esclarecida, a repartição A deu-se por satisfeita com a minha resposta no sentido de que não era necessário um agrimensor, e Sordini teve de reconhecer que não era competente neste caso e, certamente sem culpa, tinha produzido todo aquele trabalho inútil e enervante. Se não tivessem aparecido novos trabalhos de todos os lados como sempre e se o seu caso não tivesse sido apenas um caso pequeno —, pode-se quase dizer: o menor entre os pequenos —, teríamos então, todos, sem dúvida, respirado aliviados, acredito que até o próprio Sordini; só Brunswick ficou rancoroso, o que, porém, era apenas ridículo. Agora imagine, senhor agrimensor, minha decepção quando, após o término feliz de toda essa questão — e a partir de então já decorreu, de novo, muito tempo —, o senhor se apresenta de repente e tudo assume o aspecto de que o caso vai começar outra vez do início. O senhor sem dúvida entende que estou firmemente decidido a não admitir isso de maneira alguma, no que depende de mim.

— Certamente — disse K. — Mas entendo, mais ainda, que aqui se comete um abuso atroz contra mim, talvez até contra as leis. Quanto à minha pessoa, saberei me defender.

— Como quer fazer isso? — perguntou o prefeito.

— Não posso revelá-lo — disse K.

— Não quero me impor — disse o prefeito —, só quero que o senhor reflita no fato de que tem em mim, não digo um amigo, pois somos totalmente estranhos um ao outro, mas de certo modo um sócio. Só não permito que o senhor seja admitido como agrimensor, fora isso, porém, o senhor pode sempre se dirigir a mim, claro que dentro dos limites do meu poder, que não é grande.

— O senhor sempre diz que não devo ser admitido como agrimensor — disse K. —, mas de fato eu já fui admitido, aqui está a carta de Klamm.

— A carta de Klamm — disse o prefeito — é valiosa e digna de respeito por causa de sua assinatura, que parece ser autêntica, mas, no mais... não, não ouso me pronunciar sozinho sobre isso. Mizzi! — bradou e depois disse: — Mas o que é que estão fazendo?

Mizzi e os ajudantes, que não eram observados fazia tempo, evidentemente não haviam encontrado o processo que procuravam e querendo trancar tudo outra vez no armário não o tinham conseguido por causa do acúmulo desordenado dos autos. Foram por certo os ajudantes que chegaram a essa idéia, que eles agora executavam. Tinham deitado o armário no chão,

enfiado todos os autos dentro, depois haviam se sentado junto com Mizzi sobre as portas do armário, tentando nesse instante pressioná-las aos poucos para baixo.

— O processo não foi encontrado — disse o prefeito. — É uma pena, mas a história o senhor já conhece, na verdade não precisamos mais dos autos, aliás eles ainda vão ser encontrados com certeza, provavelmente estão com o professor, com quem ainda se encontram muitos outros. Mas venha aqui com a vela, Mizzi, e leia comigo esta carta.

Mizzi se aproximou, parecendo agora mais cinzenta e insignificante ainda do que quando estava sentada à beira da cama e se comprimia contra esse homem forte e cheio de vida que a mantinha abraçada. Só então é que o seu rosto pequeno sobressaiu à luz da vela, com traços claros, severos, abrandados apenas pelas linhas atenuantes do declínio da idade. Mal olhou para a carta, juntou as mãos e disse — "de Klamm". Aí leram juntos a carta, cochicharam um pouco entre si e finalmente, justo quando os ajudantes bradavam "hurra!", pois tinham afinal fechado as portas do armário e Mizzi dirigia a eles um olhar silencioso e grato, o prefeito disse:

— Mizzi é totalmente da minha opinião, que agora posso muito bem exprimir. Esta carta não é de forma alguma um escrito oficial, mas uma carta particular. Já se pode reconhecer isso claramente pelo sobrescrito "Muito estimado senhor". Além do mais, não se diz nela nenhuma palavra de que o senhor foi aceito como agrimensor, fala-se antes em termos gerais sobre serviços de ordem senhorial e também isso não é afirmado à maneira de um compromisso, mas que o senhor é aceito apenas "como já sabe", isto é, o ônus da prova de que foi aceito cabe ao senhor. Por fim, do ponto de vista administrativo, o senhor está sendo remetido exclusivamente a mim, prefeito, como seu superior imediato, que deve lhe comunicar todos os pormenores, o que aliás já ocorreu em sua maior parte. Para alguém que sabe ler documentos oficiais e em conseqüência disso lê melhor ainda cartas não oficiais, está tudo muito claro; o fato de que o senhor, um estrangeiro, não o reconheça, não me causa espanto. Mas no conjunto a carta não significa outra coisa senão que Klamm pretende se ocupar pessoalmente do senhor para a eventualidade de que seja admitido a serviço do senhor conde.

— Senhor prefeito — disse K., o senhor interpreta tão bem a carta que afinal não resta nada a não ser a assinatura numa folha de papel vazia. Não se dá conta de que, fazendo isso, rebaixa o nome de Klamm, que pretende respeitar?

— Isso é um equívoco — disse o prefeito. — Eu não desconheço o significado da carta, não a deprecio pela minha interpretação, pelo contrário. Uma carta particular de Klamm naturalmente tem muito mais importância que um escrito oficial, só que ela não tem a importância que o *senhor* atribui a ela.

— O senhor conhece Schwarzer? — perguntou K.

— Não — disse o prefeito. — Talvez você, Mizzi? Também não. Não, não o conhecemos.

— É curioso — disse K. — Ele é filho de um subcastelão.

— Caro senhor agrimensor — disse o prefeito —, como posso conhecer todos os filhos de todos os subcastelães?

— Muito bem — disse K. — Então tem que acreditar na minha palavra. Logo no dia da minha chegada tive com ele um incidente desagradável. Ele então se informou pelo telefone com um subcastelão chamado Fritz e recebeu a notícia de que eu tinha sido aceito como agrimensor. Como é que o senhor explica isso, senhor prefeito?

— Muito simples — disse o prefeito. — O senhor na verdade nunca manteve contato real com nossas autoridades. Todos esses contatos são apenas aparentes, mas o senhor, por ignorar as circunstâncias, toma-os por reais. E no que diz respeito ao telefonema, o senhor está vendo, no meu caso, que de fato tenho muita coisa a ver com as autoridades — não existe telefone. Em albergues e similares o telefone pode prestar bons serviços, do mesmo modo que um aparelho de música automático, mas mais que isso não há nada. O senhor por acaso já telefonou aqui? Bem, então o senhor talvez me entenda. No castelo é óbvio que o telefone funciona de forma perfeita; como me contaram, lá se telefona ininterruptamente, o que naturalmente acelera muito o trabalho. Esses telefonemas incessantes nós ouvimos nos telefones daqui como rumor e canto, sem dúvida o senhor também ouviu isso. Mas esse rumor e esse canto são a única coisa certa e confiável que os telefones daqui transmitem, tudo o mais é enganoso. Não existe nenhuma linha telefônica definida com o castelo, nenhuma central telefônica que encaminhe nossos chamados; quando daqui se chama alguém no castelo, tocam lá todos os aparelhos das seções mais subalternas, ou melhor, todos tocariam se a campainha não estivesse desligada em quase todos eles, como sei com certeza. Mas de vez em quando um funcionário extenuado tem a necessidade de se distrair um pouco — principalmente ao anoitecer ou durante a noite — e liga a campainha, aí então nós recebemos uma resposta,

resposta no entanto que não é senão uma brincadeira. Também isso é muito compreensível. Quem pode pretender, em nome de suas pequenas preocupações particulares, se imiscuir, à custa de toques de campainha telefônica, nesses trabalhos importantíssimos que evoluem sempre em ritmo vertiginoso? Não entendo também como é que alguém, ainda que seja um estrangeiro, pode acreditar que, quando chama Sordini pelo telefone, é realmente Sordini quem responde. É mais provável que seja um pequeno arquivista de uma seção completamente diferente. Seja como for, pode acontecer, em alguma hora fora do comum que, quando alguém chame o pequeno arquivista, seja o próprio Sordini quem dê a resposta. Nesse caso, sem dúvida, é melhor sair correndo do telefone antes que se ouça o primeiro toque.

— De qualquer modo não vi as coisas assim — disse K. — Não podia conhecer esses detalhes, mas não tinha muita confiança nessas conversas telefônicas e sempre estive consciente de que só tem real importância aquilo que se fica sabendo no castelo, ou que se vem a saber vindo de lá.

— Não — disse o prefeito atendo-se a uma palavra. — Essas respostas por telefone têm importância real, como é que não? Como é que uma informação dada por um funcionário do castelo pode ser desimportante? Já disse isso a propósito da carta de Klamm. Todas essas manifestações não têm nenhuma importância oficial; o senhor incorre em erro quando atribui a elas importância oficial; por outro lado, sua importância privada, como sinal de amizade ou de hostilidade, é muito grande, em geral muito maior do que jamais poderia ser a importância oficial.

— Muito bem — disse K. — Admitindo que tudo é assim, então eu teria muitos bons amigos no castelo; vista mais de perto, já a idéia daquela seção, faz muitos anos, de mandar vir um agrimensor, poderia ser um gesto de amizade para comigo, e na seqüência um gesto foi se sucedendo a outro até que fui seduzido para um final ruim e ameaçado de expulsão.

— Existe uma certa verdade na sua maneira de ver as coisas — disse o prefeito. — O senhor tem razão no sentido de que não se deve acolher ao pé da letra as manifestações do castelo. Mas o cuidado é necessário em toda parte, não só aqui, e tão mais necessário quanto mais importante é a manifestação de que se trata. Porém o que o senhor me diz de sedução é incompreensível para mim. Se o senhor tivesse seguido melhor minhas explanações, precisaria saber, sem dúvida, que a questão do seu chamado para cá é difícil demais para que pudéssemos respondê-la aqui no curso de

uma pequena conversa.

— Resta como resultado, então — disse K. —, que tudo é obscuro e insolúvel, a não ser a minha expulsão.

— Quem ousaria expulsá-lo, senhor agrimensor? — disse o prefeito. — Mesmo a falta de clareza das questões preliminares lhe assegura o tratamento mais cordial, só que o senhor, ao que parece, é muito suscetível. Ninguém o retém aqui, mas isso não significa expulsão.

— Oh, senhor prefeito — disse K. — Agora é o senhor que vê as coisas claras demais. Vou enumerar-lhe algumas das que me retêm aqui: o sacrifício que fiz para me distanciar de casa, a longa viagem, as esperanças fundadas que alimentei em nome de minha aceitação neste lugar, minha total falta de recursos, a impossibilidade de encontrar, agora, na minha terra, um trabalho equivalente e finalmente, o que não é menos relevante, minha noiva, que é daqui.

— Ah, Frieda! — disse o prefeito sem mostrar qualquer surpresa. — Eu sei. Mas Frieda o seguiria para qualquer parte. No que diz respeito ao resto são necessárias, de fato, certas ponderações e vou informar o castelo a esse respeito. Se se chegar a uma decisão, ou se for preciso interrogá-lo mais uma vez antes disso, vou mandar chamá-lo. O senhor está de acordo?

— Não, de maneira alguma — disse K. — Não quero favores do castelo, mas aquilo que é o meu direito.

— Mizzi — disse o prefeito à sua mulher, que ainda estava sentada e colada a ele e brincava perdida em sonhos com a carta de Klamm, com a qual tinha feito um naviozinho.

Assustado, K. arrancou-a das mãos dela.

— Mizzi — continuou o prefeito —, minha perna está começando outra vez a doer muito, precisamos fazer outra compressa.

K. levantou-se e disse:

— Vou me despedir então.

— Sim — disse Mizzi, já preparando o ungüento. — Está fazendo uma corrente de ar forte, aqui.

K. voltou-se, os ajudantes, na sua presteza sempre inadequada para servir, haviam aberto ambas as folhas da porta, logo em seguida às palavras de K. Para proteger o quarto do doente do forte frio que entrava, K. só pôde inclinar-se ligeiramente diante do prefeito. Depois saiu às pressas do quarto, arrastando consigo os ajudantes, e fechou rapidamente a porta.

Capítulo 6
SEGUNDA CONVERSA COM A DONA DO ALBERGUE

DIANTE DO ALBERGUE o dono da casa o esperava. Sem ser interpelado ele não teria ousado falar, por isso K. perguntou o que ele queria.

— Já tem outro lugar para ficar? — perguntou de volta o dono do albergue, olhando para o chão.

— Você está fazendo a pergunta por conta de sua mulher — disse K. — Depende dela a esse ponto?

— Não — disse o dono do albergue. — Não estou perguntando em nome dela. Mas ela está muito agitada e infeliz por sua causa, não pode trabalhar, fica deitada na cama, suspirando e se lamentando sem parar.

— Devo ir falar com ela? — perguntou K.

— Peço por favor que vá — disse o dono do albergue. — Eu já quis ir buscá-lo na casa do prefeito, fiquei escutando à porta, mas como estavam conversando não quis perturbar, além disso eu estava preocupado com minha mulher, corri de volta para cá, ela porém não me deixou entrar no quarto e assim não me restou outra coisa senão esperá-lo.

— Então vamos rápido — disse K. — Vou tranqüilizá-la logo.

— Espero que consiga — disse o dono do albergue.

Atravessaram a cozinha clara, onde três ou quatro criadas, cada uma distante da outra, cuidando dos seus respectivos trabalhos, ficaram literalmente paralisadas à vista de K. Já da cozinha se ouviam os suspiros da dona do albergue. Ela estava deitada num cubículo sem janela separado da cozinha por um leve tabique de madeira. Só havia espaço para um grande leito de casal e um armário. A cama estava colocada de tal modo que dela se podia ver toda a cozinha e vigiar o trabalho. Da cozinha, porém, não se podia ver quase nada do quartinho, lá estava completamente escuro, só a coberta branca e vermelha cintilava um pouco. Quando se havia entrado e os olhos se habituado à escuridão é que se podiam distinguir os detalhes.

— Finalmente o senhor veio — disse a dona do albergue com voz fraca.

Ela estava deitada de costas, era evidente que tinha dificuldade para respirar, havia atirado a coberta de plumas para os pés da cama. Parecia muito mais jovem no leito do que vestida, mas uma touquinha de dormir de renda delicada, que tinha na cabeça, embora fosse pequena demais e oscilasse sobre os cabelos, fazia a decadência do seu rosto causar pena.

— Como é que poderia ter vindo? — disse K. com brandura. — A senhora

não mandou me chamar.

— O senhor não deveria ter-me feito esperar tanto — disse a dona do albergue com a obstinação dos doentes. — Sente-se — disse apontando para a beira da cama. — Os outros, porém, vão embora.

Além dos ajudantes haviam entrado no quarto, nesse meio-tempo, também as criadas.

— Devo também ir embora, Gardena? — disse o dono do albergue.

K. ouvia pela primeira vez o nome da mulher.

— Naturalmente — disse ela devagar.

Como se estivesse entretida com outros pensamentos, acrescentou:

— Por que justamente você deveria ficar?

Quando todos haviam se retirado para a cozinha — dessa vez os ajudantes também seguiram, embora estivessem atrás de uma criada —, Gardena teve presença de espírito suficiente para perceber que se podia escutar da cozinha tudo o que ali se falava, pois o tabique não tinha porta. Ordenou por isso que todos deixassem também a cozinha, o que se fez imediatamente.

— Por favor, senhor agrimensor — disse então Gardena —, no armário bem em frente está pendurado um xale, pegue-o para mim, quero me cobrir com ele, não suporto o cobertor de penas, respiro com tanta dificuldade.

E quando K. lhe trouxe o xale ela disse:

— Como o senhor vê, é um belo xale, não é verdade?

Para K. parecia ser uma peça comum de lã, ele a apalpou mais uma vez por gentileza, mas não disse nada.

— Sim, é um belo xale — disse Gardena cobrindo-se com ele.

Ela agora estava deitada ali tranqüilamente, parecia que toda dor a tinha deixado, ocorreu-lhe até que seus cabelos haviam ficado em desalinho pelo fato de estar deitada; sentou-se por um instante na cama e arrumou um pouco o penteado em volta da pequena touca. Sua cabeleira era abundante.

K. ficou impaciente e disse:

— A senhora mandou perguntar se eu já tinha outro lugar para morar.

— Mandei perguntar? — disse a dona do albergue. — Não, é um engano.

— Seu marido acaba de me perguntar isso.

— Acredito — disse a dona do albergue. — É uma rixa entre nós. Quando eu não queria o senhor aqui, ele o reteve; agora que estou feliz com o fato de o senhor estar morando aqui, ele o manda embora. Ele sempre faz coisas assim.

— A senhora então — disse K. — mudou tanto sua opinião a meu

respeito? Em uma, duas horas?

— Não mudei de opinião — disse a dona do albergue outra vez com a voz fraca. — Estenda-me a sua mão. Assim. E agora me prometa ser completamente honesto, eu também vou fazer o mesmo com o senhor.

— Está bem — disse K. — Mas quem vai começar?

— Eu — disse a dona do albergue, sem deixar a impressão de que desse modo quisesse ser gentil com K., mas de que estava ansiosa por ser a primeira a falar.

Tirou uma fotografia de sob o travesseiro e estendeu a K.

— Olhe esta fotografia — disse num tom de súplica.

Para enxergar melhor, K. deu um passo para dentro da cozinha, mas lá também não era fácil reconhecer alguma coisa na foto, pois ela estava empalidecida pelo tempo, rachada em vários lugares, amassada e cheia de manchas.

— Ela não está em muito bom estado — disse K.

— Infelizmente, infelizmente — disse a dona do albergue. Quando alguém a leva sempre consigo, de cá para lá, durante anos, ela fica assim. Mas se o senhor olhar direito, vai reconhecer tudo, com toda a certeza. Posso, aliás, ajudá-lo: diga-me o que está vendo, alegra-me muito ouvir falar da fotografia. E então, o que vê?

— Um jovem — disse K.

— Certo — disse a dona do albergue. — E o que ele está fazendo?

— Creio que está deitado numa tábua, esticando o corpo e bocejando.

A dona do albergue riu.

— Completamente errado — disse ela.

— Mas aqui está a tábua e aqui está ele deitado — insistiu K. no seu ponto de vista.

— Olhe com mais atenção — disse a dona do albergue irritada. — Ele está realmente deitado?

— Não — disse então K. — Ele não está deitado, está suspenso no ar e agora eu vejo que não é uma tábua, mas provavelmente um fio, e o jovem está dando um salto.

— Eis aí — disse satisfeita a dona do albergue. — Ele está saltando, é assim que se exercitam os mensageiros oficiais, eu sabia que o senhor iria perceber. Vê também o rosto dele?

— Do rosto só vejo muito pouco — disse K. — É evidente que está fazendo esforço, a boca está aberta, os olhos apertados e o cabelo esvoaça.

— Muito bem — disse a dona do albergue com aprovação. — Mais que isso alguém que não viu pessoalmente não consegue perceber. Mas era um bonito jovem, eu só o vi fugazmente uma vez e nunca vou esquecê-lo.

— Quem era ele, então? — perguntou K.

— Era o mensageiro pelo qual Klamm me chamou pela primeira vez — disse a dona do albergue.

K. não pôde escutar direito, sua atenção tinha sido desviada por um retinir de vidro. Descobriu logo a causa da perturbação. Os ajudantes estavam no pátio de fora, pulando na neve ora com um pé, ora com outro. Agiam como se estivessem felizes por ver K. outra vez, de felicidade apontavam um para o outro e davam contínuas batidinhas na vidraça da cozinha. A um movimento ameaçador de K. deixaram imediatamente de fazer isso, procurando empurrar um ao outro para trás, mas logo um escapulia do outro e lá estavam os dois outra vez junto à janela. K. foi correndo para dentro do tabique, onde os ajudantes não podiam vê-lo de fora, do mesmo modo que ele não podia vê-los. Mas o tinir da vidraça, leve e suplicante, continuou a persegui-lo ali também por muito tempo.

— Outra vez os ajudantes — disse ele à dona do albergue para se desculpar, apontando para fora.

Ela porém não prestou atenção, tirou dele a fotografia, olhou-a, alisou-a e colocou-a de novo sob o travesseiro. Seus movimentos haviam se tornado mais vagarosos, não por cansaço, mas por causa do peso da recordação. Ela quisera contar a K. e o havia esquecido por causa da história. Ficou brincando com as franjas do xale. Só um instante depois é que levantou o olhar, passou a mão sobre os olhos e disse:

— Este xale também é de Klamm. A touca também. A fotografia, o xale e a touca são as três lembranças que tenho dele. Não sou tão jovem como Frieda, não sou tão ambiciosa quanto ela, nem tão sensível, ela é muito sensível, em suma, eu sei como me adaptar à vida, mas uma coisa preciso admitir: sem estas três coisas não teria suportado ficar aqui tanto tempo, com toda probabilidade não teria suportado um dia aqui. Talvez estas três recordações pareçam pouca coisa ao senhor, mas veja: Frieda, que conviveu com Klamm tanto tempo, não possui absolutamente nenhuma lembrança, eu perguntei a ela, ela é entusiasmada demais e além disso exigente demais; eu, pelo contrário, que estive com Klamm só três vezes — depois disso ele não me mandou mais chamar, não sei por quê —, trouxe comigo estas recordações, sem dúvida pressentindo que meu tempo seria breve.

Certamente é preciso se preocupar com isso, espontaneamente Klamm não dá nada, mas quando a pessoa vê ali alguma coisa adequada, pode obtê-la pedindo.

K. sentiu-se desconfortável diante dessas histórias, por mais que elas também dissessem respeito a ele.

— Há quanto tempo foi tudo isso? — perguntou suspirando.

— Há mais de vinte anos — disse a dona do albergue. — Bem mais de vinte anos.

— Esse é portanto o tempo que se mantém a fidelidade a Klamm — disse K. — Mas a senhora está consciente também de que com essas confissões me causa graves preocupações quando penso no meu futuro casamento?

A dona do albergue achou incorreto que K. quisesse se intrometer nos seus assuntos pessoais e olhou-o de lado, irada.

— Não fique tão zangada, minha senhora — disse K. — Não estou dizendo uma palavra contra Klamm, mas por força dos acontecimentos entrei em determinadas relações com Klamm; isso nem o maior admirador de Klamm pode negar. Pois bem. Em virtude disso, a menção a Klamm sempre me força a pensar em mim, não há o que fazer. Aliás, senhora — e aqui K. agarrou sua mão hesitante —, pense em como nossa última conversa acabou mal e no fato de que desta vez queremos nos separar em paz.

— O senhor tem razão — disse a dona do albergue inclinando a cabeça. — Mas por favor me poupe. Não sou mais suscetível que os outros, pelo contrário, cada qual tem pontos vulneráveis e eu só tenho este.

— Infelizmente ele também é ao mesmo tempo o meu — disse K. — Mas certamente vou me dominar; explique-me no entanto, minha senhora, como devo suportar no casamento essa horrível fidelidade a Klamm, uma vez que nisso Frieda também é parecida com a senhora.

— Horrível fidelidade? — repetiu com rancor a dona do albergue. — Então isso é fidelidade? Sou fiel ao meu marido, mas em relação a Klamm o que sou? Klamm tornou-me uma vez sua amante, será que posso um dia perder esse nível? E como o senhor deve suportar isso com Frieda? Ah, senhor agrimensor, quem é o senhor para ousar perguntar isso?

— Senhora dona do albergue! — disse K. em tom de advertência.

— Eu sei — disse a dona do albergue cedendo. — Mas nem meu marido fez essas perguntas. Não sei quem deve ser considerada mais infeliz, eu naquela época ou Frieda agora. Frieda, que deixou voluntariamente Klamm, ou eu, que ele não mandou mais chamar. Talvez seja Frieda, embora ela

ainda não pareça sabê-lo em toda a sua dimensão. Mas outrora meus pensamentos eram dominados exclusivamente por minha desgraça, pois eu precisava me perguntar continuamente e no fundo ainda hoje não paro de perguntar o seguinte: por que isso aconteceu? Klamm mandou me chamar três vezes e na quarta não me chamou mais, na quarta vez nunca, nunca mais! O que então me ocupava além disso? Sobre o que então eu podia conversar com o meu marido, com quem logo depois me casei? Durante o dia não tínhamos tempo, assumimos este albergue num estado miserável e tínhamos de colocá-lo em pé, mas e à noite? Anos e anos nossas conversas noturnas só giravam sobre Klamm e as razões que o levaram a mudar de intenção. E quando meu marido adormecia durante essas conversas, eu o acordava e continuávamos falando disso.

— Agora, se me permite — disse K. —, vou fazer-lhe uma pergunta muito grosseira.

A dona do albergue silenciou.

— A senhora portanto não me autoriza a fazê-la — disse K. — Isso também me basta.

— Certamente — disse a dona do albergue. — Também isso lhe basta e sobretudo isso. O senhor interpreta tudo erradamente, até o silêncio. Mas não pode agir de outro modo. Permito que me faça a pergunta.

— Se interpreto tudo errado — disse K. —, talvez faça o mesmo até com a minha pergunta, talvez ela não seja tão grosseira. Eu queria apenas saber como a senhora conheceu o seu marido e como chegaram à posse deste albergue.

A dona do albergue franziu a testa mas disse com serenidade:

— Essa história é simples. Meu pai era ferreiro, e Hans, meu atual marido, cavalariço de um grande proprietário rural, vinha ver meu pai com freqüência. Isso foi depois do último encontro com Klamm, eu estava muito infeliz e na verdade não devia estar, pois tudo havia evoluído corretamente e o fato de não poder mais me encontrar com Klamm tinha sido uma decisão de Klamm, portanto era correta, apenas os motivos eram obscuros, eu podia pesquisá-los, mas não devia ter ficado infeliz, mas a verdade é que estava, não conseguia trabalhar e ficava o dia todo sentada no nosso jardinzinho da frente. Foi ali que Hans me viu, sentou-se algumas vezes ao meu lado, com ele eu não me queixava; mas ele sabia do que se tratava e porque é um jovem bondoso acontecia que chorava comigo. Quando o proprietário do albergue naquela ocasião, que havia perdido a mulher e por isso obrigado a renunciar

à atividade — além do mais já era um homem idoso —, passou pelo nosso jardinzinho e nos viu ali sentados, parou e, sem mais, nos ofereceu o albergue para que o arrendássemos; não queria nenhuma antecipação em dinheiro porque confiava em nós e pediu um preço bem baixo pelo arrendamento. Eu só não queria ser um peso para o meu pai; o resto me era indiferente e assim, pensando no albergue e no novo trabalho, que talvez trouxesse algum esquecimento, concedi minha mão a Hans. Essa é a história.

Houve um momento de silêncio, depois K. disse:

— O modo de agir do dono do albergue naquela época foi um belo gesto, apesar de imprudente, ou ele tinha motivos particulares para confiar nos dois?

— Ele conhecia Hans — disse a dona do albergue. — Era tio de Hans.

— Com certeza então a família de Hans tinha o maior interesse na união dele com a senhora — disse K.

— Talvez — disse a dona do albergue. — Não sei, não me preocupei com isso.

— Mas deve ter sido assim, sem dúvida — disse K. — Se a família estava disposta a fazer esse sacrifício e entregar o albergue nas suas mãos, simplesmente sem garantia.

— Não foi imprudente, como se viu mais tarde — disse a dona do albergue. — Lancei-me ao trabalho, eu era forte, filha do ferreiro, não precisava de criada ou criado, estava em toda parte, na sala do albergue, na cozinha, no estábulo, no pátio, cozinhava tão bem que tirava clientes até da Hospedaria dos Senhores; o senhor não estava no albergue na hora do almoço, não conhece nossos clientes do almoço, antes eram mais numerosos ainda, depois é que muitos foram se dispersando. E o resultado foi que não só pudemos pagar em dia o arrendamento, mas também compramos tudo depois de alguns anos e o albergue hoje está quase isento de dívidas. O outro resultado certamente foi que me destruí com isso, fiquei doente do coração e agora sou uma mulher velha. Talvez o senhor creia que sou muito mais velha do que Hans, mas na realidade ele é apenas dois ou três anos mais novo e com certeza nunca vai envelhecer, pois com o trabalho que faz — fumar cachimbo, ficar escutando os fregueses, depois esvaziar o cachimbo e de vez em quando ir buscar uma cerveja —, com esse tipo de trabalho não se envelhece.

— O que a senhora fez é admirável — disse K. — Quanto a isso não há dúvida, mas estávamos falando do tempo anterior ao seu casamento e

naquela época deve ter sido estranho que a família de Hans pressionasse no sentido do casamento, com sacrifício financeiro ou pelo menos assumindo um risco tão grande, como era o arrendamento do albergue, não tendo no caso nenhuma outra esperança a não ser a força de trabalho da senhora — que ainda não se conhecia — e a força de trabalho de Hans, cuja inexistência já se deveria conhecer.

— Muito bem — disse a dona do albergue cansada. — Sei aonde quer chegar e também o quanto se engana. Em tudo isso não havia o menor rastro de Klamm. Por que ele deveria ter se preocupado comigo, ou melhor: como poderia ter de alguma forma se preocupado? Ele já não sabia mais nada de mim. O fato de não ter mais mandado me chamar era um sinal de que havia me esquecido. Quem ele não manda mais chamar é quem ele esquece por completo. Não quis falar sobre isso na frente de Frieda. Mas não é apenas esquecimento, é mais do que isso. Aquele de quem se esqueceu pode-se conhecer de novo. Com Klamm isso não é possível. Quem ele não manda mais chamar não só foi esquecido completamente em relação ao passado, mas também para o futuro todo — literalmente. Quando me esforço muito posso penetrar nos seus pensamentos, senhor agrimensor, pensamentos que aqui não fazem sentido, mas que talvez sejam válidos no país estrangeiro do qual o senhor vem. Possivelmente o senhor se atreva à loucura de pensar que Klamm me deu Hans como marido para que eu não encontrasse muito obstáculo para ir até ele caso no futuro me mandasse chamar. Bem, mais longe que isso nem a loucura pode ir. Mas que marido poderia me impedir de correr para Klamm se Klamm me fizesse um sinal? Absurdo, completo absurdo, quando alguém brinca com um absurdo assim, confunde a si mesmo.

— Não — disse K. — Não vamos nos confundir, eu ainda não tinha ido tão longe nos meus pensamentos como a senhora supõe, embora, para dizer a verdade, estivesse a caminho. No momento, porém, me surpreendia apenas com o fato de que os parentes esperassem tanto do casamento e de que essas esperanças efetivamente se realizassem, se bem que à custa do seu coração e da sua saúde. A idéia de uma ligação entre esses fatos e Klamm certamente se impunha aos meus pensamentos, mas não — ou ainda não — na forma grosseira como a senhora apresentou, evidentemente com o único propósito de me descompor mais uma vez porque isso lhe dá prazer. Tenha então esse prazer! Mas o que eu estava pensando era o seguinte: primeiro de tudo, Klamm é claramente a causa do casamento. Sem Klamm a senhora não teria

sido infeliz, não teria ficado sentada sem fazer nada no jardinzinho da frente, sem Klamm não teria visto Hans ali, sem a tristeza da senhora o tímido Hans não teria nunca ousado lhe falar, sem Klamm nunca teria se encontrado com Hans nas lágrimas, sem Klamm o velho e bom tio dono do albergue nunca teria visto Hans e a senhora tranqüilamente sentados juntos ali, sem Klamm a senhora não teria ficado indiferente diante da vida e portanto não teria se casado com Hans. Bem, eu devia achar que em tudo isso já havia Klamm suficiente, na minha opinião. Mas ainda continua. Se a senhora não tivesse procurado se esquecer, certamente não teria trabalhado com tamanha falta de consideração por si mesma, nem melhorado tanto o albergue. Aqui também entra Klamm. Mas, à parte isso, Klamm também é a causa da sua doença, pois o coração da senhora já estava esgotado antes do casamento em virtude da paixão infeliz. Resta só perguntar o que atraía tanto os parentes de Hans nesse casamento. A senhora mesmo mencionou uma vez que ser amante de Klamm significa uma elevação de nível que não se perde; logo, pode ser que isso os tenha atraído. Além do que, acredito, a esperança de que a boa estrela que a conduziu a Klamm — supondo que era uma boa estrela, mas é a senhora que o afirma — lhe pertencesse, ou seja, tivesse de permanecer com a senhora sem abandoná-la tão rápida e repentinamente como Klamm o fez.

— O senhor está pensando tudo isso a sério? — perguntou a dona do albergue.

— A sério — disse K. depressa. — Julgo apenas que os parentes de Hans não estavam nem inteiramente certos nem inteiramente errados nas suas esperanças e creio também reconhecer o erro que a senhora cometeu. Exteriormente tudo parece bem-sucedido, Hans está em boas mãos, tem uma excelente mulher, é respeitado, o albergue está isento de dívidas. Mas na verdade nem tudo deu certo; com uma mulher simples de quem tivesse sido o primeiro grande amor, ele teria sido sem dúvida muito mais feliz; se, como a senhora o censura, ele às vezes parece perdido no albergue, isso acontece porque ele se sente realmente perdido — sem ser infeliz com isso, com certeza, até onde eu já o conheço —, mas é igualmente certo que esse jovem bonito e compreensivo teria sido mais feliz com outra mulher, com o que quero dizer ao mesmo tempo: mais independente, mais ativo, mais viril. E sem dúvida também a senhora não é feliz e, como me dizia, sem as três lembranças não queria continuar vivendo — além do que é doente do coração. Os parentes, portanto, estavam errados alimentando aquelas

esperanças? Não acredito. A bênção estava sobre a senhora, mas não souberam fazê-la baixar.

— O que então deixaram de fazer? — perguntou a dona do albergue.

Ela agora estava estendida de costas e olhava para o teto.

— De perguntar a Klamm — disse K.

— Estaríamos então de volta ao senhor — disse a dona do albergue.

— Ou à senhora — disse K. — Nossos assuntos tocam um no outro.

— O que o senhor está então querendo de Klamm? — disse a dona do albergue.

Ela havia se erguido para ficar sentada na cama, sacudido os travesseiros para poder se recostar e olhava K. bem nos olhos:

— Eu contei meu caso francamente ao senhor para que pudesse aprender alguma coisa com ele. Diga-me com igual franqueza o que então o senhor quer perguntar a Klamm. Foi só com esforço que convenci Frieda a subir ao seu quarto e ficar lá, eu temia que na presença dela o senhor não iria falar com franqueza suficiente.

— Não tenho nada a esconder — disse K. — Mas primeiro quero chamar sua atenção para uma coisa. Klamm esquece logo, disse a senhora. Ora, isso me parece, em primeiro lugar, muito improvável, mas em segundo não pode ser provado; é claro que não passa de uma lenda, elucubrada pela mente daquelas meninas que estavam justamente nas graças de Klamm. Admiro-me de que acredite numa invenção tão rasa.

— Não é uma lenda — disse a dona do albergue. — Pelo contrário, é fruto da experiência comum.

— Ou seja, pode ser refutada por uma nova experiência — disse K. — Existe então mais uma diferença entre o seu caso e o de Frieda. De certo modo não sucedeu que Klamm não tivesse mais chamado Frieda, ao contrário ele a chamou, mas ela não atendeu. É até possível que ele ainda a espere.

A dona do albergue silenciou e deixou apenas seu olhar ficar observando K. de alto a baixo. Depois disse:

— Quero ouvir calmamente tudo o que o senhor tem a dizer. É melhor falar abertamente do que me poupar. Só tenho um pedido. Não use o nome de Klamm. Chame-o de "ele" ou qualquer outra coisa, mas não pelo nome.

— Com prazer — disse K. — Mas o que eu quero dele é difícil de dizer. Primeiro quero vê-lo de perto, depois ouvir sua voz, em seguida quero saber dele o que pensa do nosso casamento; o que talvez eu ainda queira pedir

depende do curso da entrevista. Muita coisa pode vir à fala, mas o principal, para mim, é ficar diante dele. Na verdade até agora não conversei diretamente com nenhum funcionário real. Isso parece ser mais difícil de alcançar do que eu acreditava. Agora no entanto tenho o dever de falar com ele como um particular e na minha opinião isso é muito mais fácil de conseguir; como funcionário só posso falar em seu escritório, talvez inacessível, no castelo ou, o que já é duvidoso, na Hospedaria dos Senhores; mas como particular posso falar em qualquer parte, em casa, na rua, onde consiga encontrá-lo. Que nesse caso então eu também tenha diante de mim o funcionário é algo que vou aceitar com prazer, mas não é o meu objetivo principal.

— Bem — disse a dona do albergue afundando o rosto no travesseiro como se dissesse alguma coisa indecente. — Se por meio das minhas ligações eu conseguir dar seguimento ao seu pedido de entrevista, o senhor me promete, até a resposta descer, não empreender nada por conta própria?

— Isso eu não posso prometer — disse K. — Por mais que queira atender ao seu pedido ou ao seu capricho. O fato é que a coisa urge, principalmente depois do resultado desfavorável da minha conversa com o prefeito.

— Essa objeção não é válida — disse a dona do albergue. — O prefeito é uma pessoa completamente sem importância. O senhor não notou isso? Ele não poderia ficar um dia no seu posto se não fosse sua mulher, que dirige tudo.

— Mizzi? — disse K.

A dona do albergue fez um aceno com a cabeça.

— Ela estava lá — disse K.

— Ela manifestou sua opinião? — disse a dona do albergue.

— Não — disse K. — Também não tive a impressão de que ela pudesse fazer isso.

— Ah, sim — disse a dona do albergue. — O senhor tem uma visão errada de tudo, aqui. Seja como for, o que o prefeito dispôs sobre o senhor não tem nenhuma importância e com a mulher eventualmente falo eu. E se ainda por cima lhe prometer que a resposta de Klamm vai chegar no máximo em uma semana, o senhor certamente não tem mais nenhum motivo para não ceder.

— Nada disso decide — disse K. — Minha resolução é firme e eu tentaria executá-la mesmo que viesse uma resposta negativa. Mas, se tenho desde já essa intenção, não posso mandar pedir antes uma entrevista. O que sem o pedido talvez fosse uma tentativa temerária, embora de boa-fé, seria aberta

rebeldia depois de uma resposta negativa. Sem dúvida isso seria muito pior.

— Pior? — disse a dona do albergue. — Em qualquer caso é rebeldia. E agora faça como quiser. Passe-me o vestido.

Sem levar K. em conta ela pôs o vestido e foi às pressas para a cozinha. Fazia muito tempo que do salão chegavam sinais de impaciência. Tinham batido na janelinha. Os ajudantes haviam-na aberto uma vez e gritado para dentro que estavam com fome. Depois outros rostos tinham aparecido ali. Ouviu-se até um canto baixo mas de várias vozes.

Com certeza a conversa de K. com a dona do albergue havia atrasado muito o preparo do almoço; ele ainda não havia ficado pronto, mas os fregueses estavam reunidos, de qualquer modo ninguém tinha ousado entrar na cozinha desrespeitando a proibição da dona do albergue. Mas assim que os que observavam da janelinha anunciaram que a dona do albergue já estava vindo, as criadas correram logo para a cozinha e quando K. entrou no salão do albergue as pessoas, espantosamente numerosas, mais de vinte, homens e mulheres, vestidos à moda da província, mas não como camponeses, saíram em massa da janelinha, onde tinham estado reunidos, em direção às mesas, para garantir seus lugares. Só numa pequena mesa situada num canto já estava sentado um casal com algumas crianças; o marido, um homem simpático de olhos azuis, cabelo e barba grisalhos e desalinhados, estava em pé inclinado sobre as crianças e marcava com uma faca o compasso do seu canto, que ele se empenhava sem parar em manter baixo. Talvez ele quisesse fazer esquecer a fome com o canto. A dona do albergue desculpou-se diante das pessoas com algumas palavras ditas com indiferença, ninguém lhe fez censuras. Ela procurou com o olhar o dono do albergue, que no entanto, perante a dificuldade da situação, já havia escapulido fazia muito tempo. Depois foi devagar para a cozinha; a K., que se apressou a ir para o quarto de Frieda, ela não concedeu mais nenhum olhar.

Capítulo 7
O PROFESSOR

EM CIMA K. ENCONTROU o professor. Felizmente o quarto estava quase irreconhecível, a tal ponto Frieda havia trabalhado. Estava bem arejado, a estufa regiamente nutrida, o chão lavado, a cama arrumada; as coisas das criadas, essa odiosa imundície, haviam desaparecido, inclusive os quadros; a mesa, que antes, para onde quer que a pessoa se voltasse, literalmente a perseguia com sua tampa incrustada de sujeira, estava coberta por uma branca toalha de tricô. Agora já era possível receber hóspedes, uma vez que a pequena provisão de roupas de baixo de K., que Frieda certamente tinha lavado de manhã cedo, importunava pouco. O professor e Frieda estavam sentados à mesa, levantaram-se quando K. entrou, Frieda saudou K. com um beijo e o professor fez uma pequena inclinação. Distraído e ainda inquieto por causa da conversa com a dona do albergue, K. começou a se desculpar por até agora não ter feito a visita ao professor; era como se estivesse supondo que o professor, impaciente com a ausência de K., tivesse ele próprio tomado essa iniciativa. Mas o professor, com o seu modo de ser comedido, parecia só agora se lembrar, aos poucos, de que ele e K. tinham marcado uma espécie de visita.

— Ah, sim, senhor agrimensor — disse ele devagar. — O senhor é o estrangeiro com quem falei faz alguns dias na praça da igreja.

— Exato — disse K. secamente.

O que antes havia tolerado em desamparo ele não precisava admitir aqui no seu quarto. Voltou-se para Frieda e se aconselhou com ela sobre uma importante visita que tinha de fazer imediatamente e para a qual era preciso que estivesse o mais bem vestido possível. Frieda chamou no mesmo instante os ajudantes, sem fazer mais perguntas a K.; eles estavam ocupados em examinar a nova toalha de mesa e ela ordenou que eles escovassem cuidadosamente no pátio as roupas e as botas de K., que ele logo começou a despir. Ela mesma tirou uma camisa do varal e correu até a cozinha para passá-la a ferro.

Agora K. estava a sós com o professor, que continuava sentado em silêncio à mesa; fê-lo esperar um pouco, despiu a camisa e começou a lavar-se na bacia. Só então, de costas voltadas para o professor, perguntou-lhe o motivo de sua vinda.

— Venho por incumbência do senhor prefeito — disse ele.

K. estava pronto para escutar do que se tratava. Mas uma vez que suas

palavras eram difíceis de entender em virtude do barulho da água, o professor teve de se aproximar, encostando-se na parede ao lado de K. K. pediu desculpas por estar se lavando e por estar inquieto com a urgência da visita que planejava fazer. O professor fez como se não tivesse ouvido e disse:

— O senhor foi descortês com o senhor prefeito, esse velho respeitável, experiente e digno.

— Não sabia que tinha sido descortês — disse K. enquanto se enxugava. — Mas é verdade que estava pensando em outras coisas além das boas maneiras, pois se tratava de minha existência, que está ameaçada por um sistema administrativo ultrajante, cujos pormenores não preciso expor ao senhor, já que o senhor mesmo é um elo ativo dessa autoridade. O prefeito se queixou de mim?

— Para quem ele deveria se queixar? — perguntou o professor. — E mesmo que tivesse alguém para quem se queixar, será que iria alguma vez fazê-lo? Eu apenas redigi uma pequena minuta daquilo que ele ditou sobre a conversa que ambos tiveram e a partir daí constatei, o suficiente, a bondade do senhor prefeito e o tipo das respostas dadas pelo senhor.

Enquanto procurava o pente, que Frieda devia ter colocado em alguma parte, K. disse:

— Como? Minuta? Redigida mais tarde, na minha ausência, por alguém que nem sequer esteve presente à conversa? Nada mau. E por que uma minuta? Era por acaso um ato oficial?

— Não — disse o professor. — Semi-oficial, a minuta também é só semi-oficial, foi feita apenas porque aqui é necessária uma ordem rigorosa em tudo. Seja como for, a minuta existe e não o honra.

K., que finalmente encontrara o pente que havia deslizado para a cama, disse com mais calma:

— Que exista, então. O senhor veio para me comunicar isso?

— Não — disse o professor. — Mas não sou um autômato e tive de dizer ao senhor minha opinião. Meu encargo, por outro lado, é mais uma prova da bondade do senhor prefeito; saliento que essa bondade é incompreensível para mim e que realizo esta incumbência só porque meu posto o impõe e pela veneração que tenho pelo senhor prefeito.

K., lavado e penteado, estava agora sentado à mesa, esperando a camisa e as roupas; tinha pouca curiosidade em relação ao que o professor lhe trazia, além de estar influenciado pela pouca estima que a dona do albergue mostrara pelo prefeito.

— Já passou de meio-dia, não é? — perguntou pensando no caminho que tinha de percorrer, mas depois se corrigiu e disse: — O senhor queria me dizer alguma coisa da parte do prefeito.

— Bem, vou dizer — replicou o professor sacudindo os ombros como se estivesse sacudindo de si mesmo qualquer responsabilidade pessoal. — O senhor prefeito teme que o senhor faça algo irrefletido, por conta própria, se a decisão sobre o seu caso demorar demais. Da minha parte não sei por que ele teme isso; no meu modo de ver, é melhor o senhor fazer o que quiser. Não somos seus anjos da guarda e não temos nenhuma obrigação de ficar correndo atrás dos seus passos. Muito bem. O senhor prefeito tem outra opinião. A decisão propriamente dita, que é assunto da autoridade do conde, ele sem dúvida não pode apressar. Mas quer com certeza chegar a uma decisão provisória, verdadeiramente generosa, dentro da sua esfera de influência; só depende do senhor aceitá-la; no momento ele lhe oferece o cargo de servente de escola.

A princípio K. mal prestou atenção naquilo que lhe era oferecido, mas o fato de que alguma coisa lhe era oferecida não lhe pareceu sem importância. Indicava que, do ponto de vista do prefeito, ele era capaz, para se defender, de realizar coisas das quais a própria prefeitura justificava certas despesas como defesa. E como levaram o assunto a sério! O professor, que já havia esperado ali um bom tempo, e antes disso ainda tinha redigido a minuta, devia ter sido despachado pelo prefeito a toda pressa.

Quando o professor viu que tinha, apesar de tudo, feito K. se tornar pensativo, prosseguiu:

— Levantei minhas objeções. Assinalei que até agora não havia sido necessário nenhum servente na escola, a mulher do sacristão fazia de tempos em tempos a limpeza e a senhorita Gisa, a professora, supervisionava esse serviço; tenho atribulações suficientes com as crianças, não quero me aborrecer ainda por cima com um servente. O senhor prefeito replicou que apesar disso há muita sujeira na escola. Rebati, conforme a verdade, que não era tão grave assim. E acrescentei: será melhor se admitirmos aquele homem como servente? Certamente que não. Sem dizer que ele não entende nada de serviços dessa natureza, o prédio da escola só tem duas salas de aula grandes, sem dependências anexas, o servente precisa, portanto, morar com sua família numa das salas de aula, dormir, talvez cozinhar nela, o que naturalmente não deve aumentar a limpeza. Mas o senhor prefeito apontou que esse cargo era para o senhor a salvação num momento difícil e que por

isso o senhor irá se empenhar com todas as energias e cumprir bem suas tarefas; o senhor prefeito argumentou mais, que ganhamos com o senhor, também, o concurso de sua mulher e dos ajudantes, de tal modo que não só a escola mas também o jardim da escola poderão ser conservados numa ordem exemplar. Refutei tudo isso com facilidade. Finalmente o senhor prefeito não pôde alegar mais nada em favor do senhor, riu e disse apenas que, sendo o senhor um agrimensor, será capaz de traçar os canteiros do jardim de uma maneira particularmente bela. Bem, contra brincadeiras não é possível objetar e por esse motivo vim até aqui com a proposta.

— Não se preocupe à toa, senhor professor — disse K. — Não me ocorre aceitar o posto.

— Excelente — disse o professor. — Excelente, o senhor recusa a oferta sem reserva.

Pegou o chapéu, inclinou-se e foi embora.

Logo em seguida Frieda apareceu, com o rosto contorcido; trazia a camisa sem passar e não respondia às perguntas; para distraí-la K. contou-lhe sobre o professor e a oferta; mal ela havia escutado, atirou a camisa em cima da cama e saiu outra vez correndo. Voltou logo, mas com o professor, que tinha uma aparência aborrecida e nem sequer cumprimentou ao entrar. Frieda pediu-lhe um pouco de paciência — pelo visto já tinha feito isso algumas vezes no caminho —, depois levou K. por uma porta lateral, cuja existência ele ignorava, até o sótão contíguo e ali contou-lhe, afinal, excitada, sem fôlego, o que lhe havia acontecido. A dona do albergue, indignada por ter se rebaixado diante dele com confidências e, o que era pior ainda, transigido em relação a uma entrevista com Klamm e com isso não tivesse conseguido nada senão, conforme disse, uma recusa fria e além disso insincera, estava decidida a não tolerar mais K. em sua casa; se ele tinha vínculos com o castelo, então que os aproveitasse agora com a maior rapidez, pois ainda hoje, agora mesmo, tinha de deixar a casa e ela só voltaria a aceitá-lo de novo obedecendo a uma ordem direta da administração; mas esperava que não se chegasse a tanto, pois ela também tinha vínculos com o castelo e saberia fazê-los valer. Aliás ele só estava no albergue por causa da negligência do dono e de resto não se encontrava absolutamente numa situação aflitiva, uma vez que ainda hoje de manhã havia se jactado da existência de um outro alojamento à sua disposição para passar a noite. Naturalmente Frieda devia permanecer; caso Frieda se mudasse com ele, ela, dona do albergue, ficaria profundamente infeliz; já hoje, lá embaixo na cozinha, tinha caído em

lágrimas, ao lado do fogão, só de pensar nisso, a pobre mulher que sofria do coração; mas como poderia se comportar de outra maneira, agora que, pelo menos na sua imaginação, estava em jogo a honra das lembranças de Klamm. Assim portanto estavam as coisas com a dona do albergue. Sem dúvida Frieda o seguirá, a ele, K., para onde ele quiser, na neve e no gelo, acerca disso naturalmente não era preciso perder mais nenhuma palavra, mas de qualquer modo a situação dos dois era muito ruim, por isso ela acolhia com grande satisfação a oferta do prefeito; embora não fosse um posto adequado para K., era apenas provisório, isso tinha sido expressamente acentuado, ganhava-se tempo e com facilidade vão ser encontradas outras possibilidades, mesmo que a decisão definitiva seja desfavorável.

— Em caso de necessidade — bradou afinal Frieda com os braços já no pescoço de K. —, nós emigramos, o que nos prende aqui na aldeia? Mas por enquanto, não é verdade, meu querido?, nós aceitamos a oferta, eu trouxe o professor de volta, você diz a ele "aceito", mais nada, e nos transferimos para a escola.

— Isso é grave — disse K., mas sem levá-lo muito a sério, pois o alojamento o preocupava pouco: ali no sótão, sem parede e janela de dois lados, atravessado por uma corrente de ar frio e cortante, ele também passava muito frio, vestido só com as roupas de baixo. — Agora que você acaba de arrumar tão bem o quarto é que nós devemos nos mudar! É a contragosto, a contragosto, que eu aceitaria esse posto, já a humilhação, mesmo momentânea, diante desse pequeno professor é penosa para mim e agora ele vai se tornar meu superior. Se fosse possível permanecer aqui mais um pouco talvez minha situação ficasse diferente ainda hoje à tarde. Se pelo menos você permanecesse aqui seria possível esperar e dar ao professor somente uma resposta vaga. Para mim eu posso sempre encontrar um pouso para a noite, ainda que fosse de fato na casa de Bar...

Frieda tapou-lhe a boca com a mão.

— Isso não — disse ela com medo. — Por favor, não diga isso outra vez. Mas em tudo o mais eu lhe obedeço. Se você quiser, fico sozinha aqui, por mais triste que seja. Se você quiser, nós rejeitamos a proposta, por mais incorreto que fosse na minha opinião. Pois veja, se você encontra uma outra possibilidade, mais ainda: se você a encontra ainda hoje à tarde, é natural que renunciemos imediatamente ao emprego na escola, ninguém irá nos impedir. E no que diz respeito à humilhação diante do professor, deixe que eu cuide disso e você vai ver que ela não acontece, eu mesma vou falar com ele, você

fica ali sem dizer nada, mais tarde a situação também não muda, se você quiser nunca terá de conversar pessoalmente com ele, na realidade vou ser a única subordinada dele e nem mesmo isso eu serei, pois conheço suas fraquezas. Sendo assim, nada estará perdido se aceitamos o posto, mas muita coisa o estará se nós o recusarmos; acima de tudo, você realmente não encontrará, nem que seja só para você, em parte alguma da aldeia, um lugar para dormir, a menos que consiga ainda hoje alguma coisa no castelo — falo aqui de um lugar de que eu, como sua futura mulher, não tenha de me envergonhar. E se você não arrumar nenhum alojamento para passar a noite, então é possível que exija de mim que eu durma aqui, num quarto quente, sabendo que você anda lá fora sem rumo, de um lado para outro, na noite e no frio.

K., que o tempo todo, com os braços cruzados sobre o peito, batia com as mãos nas costas, para se aquecer um pouco, disse:

— Então não resta outra coisa senão aceitar. Venha!

Na sala do albergue ele correu logo para a estufa sem se importar com o professor. Este estava sentado à mesa, puxou o relógio e disse:

— Ficou tarde.

— Mas em compensação agora estamos plenamente de acordo, senhor professor — disse Frieda. — Aceitamos o posto de servente.

— Bem — disse o professor. — Mas o lugar foi oferecido ao senhor agrimensor, é ele que tem de se manifestar.

Frieda interveio para ajudar K.

— Certamente — disse ela. — Ele aceita o posto, não é verdade, K.?

Desse modo K. podia reduzir seu pronunciamento a um simples "sim", que nem mesmo era dirigido ao professor, mas a Frieda.

— Então — disse o professor — não me resta outra coisa senão indicar-lhe seus deveres de ofício, para que nesse ponto fiquemos de acordo de uma vez por todas: o senhor agrimensor tem que limpar e aquecer diariamente as duas salas de aula, providenciar pessoalmente pequenos consertos na casa, bem como no material escolar e nos aparelhos de ginástica, manter a trilha pelo jardim livre da neve, levar mensagens para mim e para a senhorita professora e cuidar de todo o serviço de jardinagem na época mais quente do ano. Em troca o senhor tem o direito de morar à sua escolha numa das salas de aula. Precisa, obviamente, quando não houver aula ao mesmo tempo nas duas salas e o senhor estiver instalado justamente na sala em que está havendo aula, mudar-se para a outra sala. Não tem permissão para cozinhar

na escola; em compensação o senhor e os seus serão alimentados aqui no albergue à custa da prefeitura. Que o senhor tem de se comportar de acordo com a dignidade da escola e que particularmente as crianças não devem ser nunca testemunhas, durante a aula, de cenas familiares desagradáveis, é coisa que só menciono de passagem, pois como homem instruído o senhor deve saber disso. A esse propósito observo ainda que nós temos de insistir em que o senhor legitime o mais breve possível suas relações com a senhorita Frieda. Sobre tudo isso e mais algumas coisas miúdas será formulado um contrato de ofício que o senhor terá de assinar logo que se mudar para a escola.

Para K. parecia tudo sem importância, como se não lhe dissesse respeito ou ao menos não o obrigasse de fato, só a grandiloqüência do professor o exasperava, por isso disse sem pensar muito:

— Claro, são as obrigações costumeiras.

Para mitigar um pouco essa observação, Frieda perguntou pelo salário.

— Se será pago um salário — disse o professor —, só será levado em conta depois de um mês de serviço probatório.

— Mas isso é duro para nós — disse Frieda. — Devemos nos casar quase sem dinheiro, arrancar do nada nossa economia doméstica. Não poderíamos, senhor professor, pedir um pequeno e imediato emolumento à prefeitura? Qual seria o seu conselho nesse sentido?

— Não fazê-lo — disse o professor, que sempre dirigia suas palavras a K. — Uma solicitação como essa só seria respondida se eu a recomendasse, e eu não o faria. A concessão do posto é apenas um favor dirigido ao senhor, e favores, quando se toma consciência de sua responsabilidade pública, não são levados tão longe.

Mas aí K. interveio quase contra sua vontade.

— Quanto ao favor, senhor professor — disse K. —, julgo que se engana. Talvez esse favor seja antes da minha parte.

— Não — disse o professor sorrindo, pois agora havia forçado K. a falar. — Sobre isso estou informado com precisão. Precisamos do servente de escola com tanta urgência como talvez do agrimensor. Servente de escola, do mesmo modo que agrimensor, é um peso nas nossas costas. Ainda vai me custar muita reflexão a maneira de fundamentar as despesas diante da prefeitura; o melhor e o mais próximo da verdade seria lançar na mesa a solicitação e não fundamentar nada.

— É o que eu também acho — disse K. — Contra sua vontade o senhor tem de me aceitar; apesar das graves meditações que isso lhe causa, o senhor

tem de me aceitar. Ora, quando alguém é forçado a aceitar um outro e este se deixa aceitar, é o segundo que se mostra complacente.

— Estranho — disse o professor. — O que nos força a aceitá-lo é o coração bondoso, bondoso demais, do senhor prefeito. Veja bem, senhor agrimensor, que terá de desistir de várias fantasias antes de se tornar um servente de escola aproveitável. E essas observações naturalmente tornam pouco propício o clima para a concessão de um salário eventual. Noto também, infelizmente, que o comportamento do senhor ainda vai me dar muito trabalho, o tempo todo o senhor fica negociando comigo — não paro de ver isso e quase não acredito — de camisa e roupa de baixo.

— Sim — exclamou K. rindo e batendo as mãos. — Os horríveis ajudantes, onde estão eles?

Frieda correu até a porta; o professor, notando que K. já não estava acessível à sua palavra, perguntou a Frieda quando ela ia se mudar para a escola.

— Hoje — disse Frieda.

— Então passo amanhã cedo para fazer a vistoria — disse o professor, cumprimentou com um aceno de mão, quis cruzar a porta, que Frieda havia aberto para ele, para sair, mas bateu de encontro com as empregadas, que já vinham com suas coisas para se instalar outra vez no quarto; teve de deslizar entre elas, que não teriam recuado diante de ninguém, e Frieda o seguiu.

— Vocês estão com pressa — disse K., que dessa vez estava muito satisfeito com elas. — Nós ainda estamos aqui e vocês já precisavam se instalar?

Elas não responderam, apenas girando embaraçadas suas trouxas, das quais K. via penderem os trapos sujos que conhecia bem.

— Vocês com certeza nunca lavaram suas coisas — disse K., não com maldade, mas com uma certa simpatia.

Elas o notaram, abriram ao mesmo tempo suas duras bocas, mostrando os belos e fortes dentes de animal e riram silenciosamente.

— Venham, então — disse K. — Acomodem-se, é mesmo seu quarto.

Mas, uma vez que ainda hesitavam — o quarto delas lhes parecia obviamente mudado demais —, K. pegou uma pelo braço para fazê-las avançar. Mas largou-a logo, tão espantado estava o olhar das duas: depois de um curto entendimento mútuo, elas não o desviaram mais de K.

— Agora porém vocês já me fitaram o tempo suficiente — disse K., defendendo-se de algum sentimento desagradável; pegou as roupas e as botas que Frieda havia trazido, seguida timidamente pelos ajudantes, e vestiu-se.

Sempre e agora de novo a paciência que Frieda tinha com os ajudantes lhe parecia incompreensível. Depois de uma busca prolongada, ela os havia encontrado almoçando tranqüilamente na sala de baixo, com as roupas, que eles deviam ter limpado no pátio, ainda sujas, amassadas no colo; então ela mesma teve de limpar tudo e não os repreendeu em absoluto — aquela mulher que sabia dominar tão bem pessoas ordinárias; além disso falou, na presença deles, sobre sua grosseira negligência, como se fosse uma pequena travessura, dando ainda um leve tapa na maçã do rosto de um deles, à maneira de uma lisonja. K. queria censurá-la mais tarde por isso. Mas agora urgia ir embora.

— Os ajudantes ficam aqui para ajudá-la a fazer a mudança — disse K.

Eles no entanto não estavam de acordo; saciados e contentes como estavam, gostariam de fazer um pouco de movimento. Só se sujeitaram quando Frieda disse:

— Não há dúvida, vocês dois ficam aqui.

— Você sabe para onde vou? — perguntou K.

— Sim — respondeu Frieda.

— E você não me retém mais então? — perguntou K.

— Você vai encontrar tantos obstáculos — disse ela — que uma palavra minha não significaria nada.

Deu um beijo de despedida em K. e entregou-lhe um pacotinho com pão e salsicha, uma vez que ele não tinha almoçado; ela o havia trazido lá de baixo e lembrou-lhe que ele não devia mais voltar para o albergue e sim ir diretamente para a escola. Com a mão no ombro dele ainda o acompanhou até a porta.

Capítulo 8
A ESPERA POR KLAMM

DE INÍCIO K. SENTIU-SE CONTENTE por ter escapado à aglomeração de criadas e ajudantes naquele quarto quente. Sentiu também um pouco de frio, a neve estava mais firme, o ato de andar mais fácil. Só que começava a escurecer e ele acelerou o passo.

O castelo, cujos contornos já principiavam a se desvanecer, permanecia silencioso como sempre, nunca ainda K. tinha visto o menor sinal de vida nele, talvez não fosse possível reconhecer alguma coisa daquela distância e no entanto os olhos exigiam isso e não queriam suportar a quietude. Quando K. fitava o castelo, às vezes era como se observasse alguém que estivesse calmamente sentado ali e dirigisse o olhar para a frente, não porventura perdido nos próprios pensamentos e com isso fechado a tudo, mas sim livre e despreocupado: como se estivesse sozinho e ninguém o observasse. Tinha no entanto de notar que era observado, sem que isso afetasse o mínimo que fosse sua tranqüilidade; na realidade — não se sabia se era a causa ou a conseqüência — os olhares do observador não podiam se fixar e se desviavam. Essa impressão estava hoje mais reforçada pela escuridão prematura: quanto mais ele fitava tanto menos reconhecia, tanto mais fundo tudo mergulhava no crepúsculo.

Justamente quando K. chegou à Hospedaria dos Senhores ainda não iluminada abriu-se uma janela no primeiro andar, um senhor jovem, gordo e de rosto escanhoado, vestindo um casaco de pele, inclinou-se para fora e depois ficou na janela; não pareceu responder nem com o mais leve aceno de cabeça ao cumprimento de K. Nem no corredor nem no balcão de bebidas K. encontrou alguém, o cheiro de cerveja choca no balcão estava ainda pior que na vez anterior, uma coisa assim decerto não acontecia no Albergue da Ponte. K. se dirigiu imediatamente à porta através da qual havia observado Klamm da última vez, baixou cautelosamente a maçaneta, mas a porta estava trancada; tentou em seguida apalpar o lugar onde havia a abertura, mas ela provavelmente estava tão bem selada que ele não conseguiu descobri-la desse modo; por isso acendeu um fósforo. Nesse momento ouviu um grito que o assustou. No canto entre a porta e o aparador, perto da estufa, estava enrodilhada sobre si mesma uma jovem que olhava para ele à luz do fósforo com olhos ébrios de sono que se mantinham abertos a custo. Evidentemente era a sucessora de Frieda. Ela se recompôs logo, acendeu a luz elétrica, a expressão do seu rosto ainda era brava, aí ela reconheceu K.

— Ah, o senhor agrimensor — disse sorrindo, estendeu-lhe a mão e se apresentou. — Eu me chamo Pepi.

Ela era pequena, vermelha, saudável, o abundante cabelo de um loiro-avermelhado estava enrolado numa trança forte, além de se encaracolar em torno do rosto; ela trajava um vestido que descia liso e lhe assentava muito pouco, feito de um tecido cinza-brilhante amarrado na bainha de uma maneira infantil e desajeitada por uma fita de seda que terminava num laço e tolhia seus movimentos. Ela se informou sobre Frieda e perguntou se esta não voltaria logo. Era uma pergunta que chegava ao limite da maldade.

— Fui chamada com urgência logo depois da ida de Frieda porque aqui não pode ser empregada qualquer uma, de modo algum; até agora eu era criada de quarto, mas não fiz uma boa troca. Aqui há muito trabalho no fim da tarde e à noite, é muito cansativo, mal posso agüentar, não me admira que Frieda o tenha abandonado.

— Frieda estava muito satisfeita aqui — disse K. para afinal chamar a atenção de Pepi para a diferença que existia entre ela e Frieda e que ela tinha negligenciado.

— Não acredite nela — disse Pepi. — Frieda consegue se controlar como ninguém o faz facilmente. O que ela não quer admitir ela não admite, e nesse lance não se nota nem um pouco que teria de admitir alguma coisa. Agora estou trabalhando aqui com ela faz alguns anos, sempre dormimos juntas na mesma cama, mas não tenho familiaridade com ela, certamente hoje ela já não pensa mais em mim. Talvez sua única amiga seja a velha dona do Albergue da Ponte e isso também é sem dúvida significativo.

— Frieda é minha noiva — disse K. procurando no gesto a abertura de vigia na porta.

— Eu sei — disse Pepi. — É por isso que estou contando isso. Se não fosse assim não teria nenhum sentido para o senhor.

— Compreendo — disse K. — Você quer dizer que posso ficar orgulhoso por ter conseguido uma jovem tão reservada.

— Sim — disse ela rindo satisfeita como se tivesse conquistado a concordância de K. para um segredo a respeito de Frieda.

Mas não eram propriamente as palavras dela que preocupavam K. e o desviavam um pouco da sua busca, mas o fato de Pepi ter aparecido e de estar naquele lugar. Ela era com certeza muito mais jovem que Frieda, quase infantil ainda e suas roupas eram ridículas: obviamente havia se trajado de acordo com as idéias exageradas que tinha da importância de uma moça que

servia no balcão. E essas idéias ela tinha à sua maneira com razão, pois o emprego ao qual ainda não se adaptava tinha sido atribuído a ela de modo inesperado, imerecido e apenas provisoriamente: nem mesmo a pequena bolsa de couro que Frieda sempre trazia no cinto lhe fora confiada. E sua suposta insatisfação com o lugar não era outra coisa senão arrogância. E no entanto, apesar de sua insensatez infantil, ela também mantinha, provavelmente, ligações com o castelo; se não havia mentido, tinha sido criada de quarto e sem se dar conta passava os dias ali, ociosamente. Mas um abraço desse pequeno corpo gordo, de costas um pouco curvas, não podia arrancá-la, na verdade, dessa posse, mas sim roçar por ela e estimulá-la a trilhar o duro caminho. Talvez não fosse diferente com Frieda? Oh, sim, era outra coisa. Era preciso apenas pensar no olhar de Frieda para entendê-lo. Nunca K. teria tocado em Pepi. Mas agora tinha de cobrir os olhos um instante, de tão ávido era o olhar que ela dirigia a ele.

— Não é preciso que a luz fique acesa — disse Pepi e desligou-a outra vez. — Eu só a acendi porque o senhor me assustou tanto. O que quer aqui, afinal? Frieda esqueceu alguma coisa?

— Sim — disse K. e apontou para a porta. — Aqui na sala ao lado, uma toalha de mesa branca, bordada.

— Ah, sim, a toalha de mesa dela — disse Pepi. — Eu me lembro, um trabalho bonito, ajudei-a nele também, mas dificilmente ela está aí.

— Frieda acredita que sim. Quem então está morando nesse lugar? — perguntou K.

— Ninguém — disse Pepi. — É a sala da senhoria, aqui bebem e comem os senhores, isto é, a peça se destina a essa finalidade, mas a maior parte dos senhores fica nos quartos lá em cima.

— Se eu soubesse que não haveria ninguém agora aqui ao lado — disse K. —, gostaria muito de entrar e procurar a toalha. Mas isso é incerto; Klamm, por exemplo, muitas vezes costuma ficar sentado ali.

— Klamm com certeza agora não está lá — disse Pepi. — Vai partir logo, o trenó já está esperando no pátio.

Imediatamente, sem uma palavra de explicação, K. deixou o balcão; no corredor dirigiu-se não para a saída, mas para o interior da casa e, em poucas passadas, chegou ao pátio. Como era silencioso e belo ali! Um pátio quadrangular, limitado em três lados pela casa e, na direção da rua — uma rua lateral, que K. não conhecia —, por um muro alto e branco com um grande e pesado portão que agora estava aberto. Ali do lado do pátio a casa

parecia mais alta do que vista de frente, pelo menos o primeiro andar estava totalmente terminado e tinha uma aparência mais imponente, pois era rodeada por uma galeria de madeira, com a única exceção de uma fenda na altura dos olhos. Diante de K., embora obliquamente, ainda no corpo central do edifício, mas já no ângulo que a ala lateral formava, havia uma entrada para a casa, aberta, sem porta. Diante dela estava um trenó escuro, fechado, puxado por dois cavalos. Além do cocheiro, que a distância K. agora no crepúsculo mais adivinhava do que reconhecia, não se via ninguém.

Com as mãos nos bolsos, olhando cautelosamente em torno, K. percorreu dois lados do pátio andando perto do muro até chegar junto ao trenó. O cocheiro, um dos camponeses que estivera da última vez no balcão de bebidas, mergulhado na sua manta de pele, o havia visto se aproximar, indiferente como alguém que segue o percurso de um gato. Mesmo quando K. já estava próximo dele e o cumprimentou, até os cavalos ficaram um pouco inquietos por causa do homem que surgia da escuridão, mas o cocheiro permaneceu absolutamente imperturbável. Para K. isso veio a calhar. Encostado no muro, desembrulhou sua comida, pensou com gratidão em Frieda, que o havia provido tão bem, e nesse momento espiou para dentro da casa. Uma escada que quebrava em ângulos retos descia até cruzar com um corredor baixo mas aparentemente comprido; estava tudo limpo, caiado, delimitado com nitidez e precisão.

A espera durou mais tempo do que K. havia pensado. Ele já tinha acabado de comer havia algum tempo, o frio se fazia sentir, o crepúsculo já se tornara completa escuridão e Klamm não chegava.

— Ainda pode demorar muito tempo — disse de repente uma voz rouca, tão perto de K. que ele se sobressaltou.

Era o cocheiro, que, como se tivesse despertado, se espreguiçava e bocejava alto.

— O que pode demorar tanto assim? — perguntou K., não sem uma certa gratidão pela intromissão, pois o silêncio ininterrupto e a tensão já tinham se tornado incômodos.

— Até que o senhor vá embora — disse o cocheiro.

K. não o entendeu, mas não fez mais perguntas; acreditava que desse modo fosse melhor levar o homem arrogante a falar. Ali, naquela escuridão, não responder era quase uma provocação. E de fato o cocheiro perguntou depois de alguns instantes:

— O senhor quer conhaque?

— Sim — disse K. sem refletir, seduzido demais pela oferta, pois tremia de frio.

— Então abra o trenó — disse o cocheiro. — Na bolsa lateral estão algumas garrafas, pegue uma delas, beba e depois a passe para mim. Por causa da pele é difícil descer daqui.

K. se aborreceu por ter de fazer esses serviços de criado, mas, uma vez que já havia entrado em conversações com o cocheiro, obedeceu, mesmo correndo o perigo de ser surpreendido por Klamm no trenó. Abriu a larga porta e teria podido tirar logo a garrafa que estava colocada na parte interna dela; quando, porém, a porta já estava aberta, sentiu-se tão atraído para entrar no trenó que não conseguiu resistir: queria ficar sentado lá apenas por um instante. Deslizou para dentro. No trenó fazia um calor extraordinário e continuou assim, embora a porta, que K. não ousava fechar, permanecesse escancarada. Não era possível saber em absoluto se a pessoa estava sentada num banco, tantas eram as cobertas, almofadas e peles; podia-se virar e se esticar para todos os lados que sempre se mergulhava no macio e no tépido. Os braços estendidos, a cabeça apoiada em almofadas que estavam sempre à mão, K. dirigiu o olhar do trenó para o edifício escuro. Por que demorava tanto tempo para Klamm descer? Como se estivesse anestesiado pelo calor depois de ficar longamente em pé na neve, K. desejou que Klamm finalmente chegasse. O pensamento de que não devia ser visto por Klamm na posição em que agora estava veio-lhe à consciência só indistintamente, como uma leve perturbação. Via-se apoiado nesse estado de ausência pelo comportamento do cocheiro, que devia sem dúvida saber que ele estava no trenó e o deixava lá, até sem exigir dele o conhaque. Era um gesto de consideração, mas na verdade K. queria servi-lo. Pesadamente, sem mudar de posição, estendeu a mão para a bolsa lateral do trenó, não a da porta aberta, que estava distante demais, mas da que se encontrava atrás dele, fechada; de qualquer forma dava no mesmo, também nesta última havia garrafas. Puxou uma delas para fora, desatarraxou a tampa e cheirou; teve de rir involuntariamente porque o cheiro era tão doce, tão acariciante, como quando alguém ouve elogios e belas palavras de uma pessoa a quem se quer muito bem e não sabe exatamente do que se trata, nem quer saber, mas está feliz com o conhecimento de que é essa pessoa que fala desse modo.

— Será conhaque? — perguntou K. a si mesmo, duvidando, e por curiosidade tomou um trago.

Por sinal era conhaque mesmo; que ardia e esquentava. Ao beber, algo que

era apenas portador de um doce perfume se transformava numa bebida própria de um cocheiro.

— Será que é possível? — perguntou-se K., como que fazendo uma censura a si mesmo e tomou outro gole.

Então — K. estava às voltas com um gole prolongado — ficou tudo claro, a luz elétrica brilhou dentro, na escada, no corredor, e fora na entrada. Ouviram-se passos descendo, a garrafa escapou da mão de K., o conhaque derramou sobre uma pele, K. saltou do trenó, conseguiu bater a porta, o que produziu um barulho estrondoso, quando logo depois um senhor saiu devagar da casa. O único consolo parecia ser: não era Klamm ou era logo isso que tinha de ser lamentado? Era o homem que K. já tinha visto na janela do primeiro andar. Um jovem extremamente bem-parecido, em branco e vermelho, mas muito sério. K. também o olhou de uma maneira sombria, mas dirigia esse olhar para si mesmo. Teria sido preferível chamar os seus ajudantes; para comportar-se como ele havia se comportado, até eles teriam sido capazes. Diante dele o senhor ainda estava em silêncio, como se não tivesse, no seu peito extremamente largo, fôlego bastante para falar.

— Isto é um horror! — disse depois empurrando um pouco o chapéu para livrar a testa.

Como? Aquele senhor provavelmente não sabia nada da permanência de K. no trenó e já considerava alguma coisa horrível? Por acaso, que K. tivesse penetrado até o pátio?

— Como é que o senhor chegou aqui? — perguntou o senhor, agora em voz mais baixa e deixando escapar o ar dos pulmões, resignando-se com o inevitável. Que perguntas? Que respostas? Será que K. devia ainda confirmar expressamente àquele senhor que o seu caminho, iniciado com tantas esperanças, tinha sido inútil? Em vez de responder, K. voltou-se para o trenó, abriu-o e pegou seu boné, que ele havia esquecido lá dentro. Com mal-estar notou que o conhaque estava pingando sobre o estribo. Voltou-se em seguida outra vez para o senhor: já não pensava mais em mostrar a ele que estivera no trenó, nem isso era o pior; se fosse perguntado, só então, com certeza, não queria silenciar que o próprio cocheiro o havia levado pelo menos a abrir a porta do trenó. Propriamente ruim, porém, era o fato de que o senhor o havia surpreendido, que não houvera tempo suficiente para se esconder dele e então poder esperar por Klamm sem perturbação; ou que ele não tivera presença de espírito suficiente para permanecer no trenó, fechar a porta e esperar lá dentro, sobre as peles, a chegada de Klamm; ou ainda ficar

lá pelo menos enquanto aquele senhor estava perto. Certamente não teria podido saber se talvez não fosse o próprio Klamm em pessoa que chegava, para recebê-lo fora do trenó, o que naturalmente teria sido muito melhor. Sim, havia muitas coisas a considerar, mas agora não mais, pois estava no fim.

— Venha comigo — disse o senhor, não propriamente em voz de comando; a ordem, porém, não estava nas palavras, mas num breve aceno de mão, que as acompanhava e tinha uma intenção de indiferença.

— Estou aqui esperando alguém — disse K. já sem esperança de êxito, mas por uma questão de princípio.

— Venha — disse outra vez o senhor, imperturbável, como se quisesse mostrar que não havia nunca duvidado de que K. esperava alguém.

— Mas assim eu não vou ver a pessoa a quem estou esperando — disse K. com um estremecimento do corpo.

Apesar de tudo o que tinha acontecido ele sentia que o que até agora havia alcançado era uma espécie de posse que na verdade só detinha na aparência, mas que não precisava entregar obedecendo a uma ordem qualquer.

— O senhor não vai vê-lo de todo modo, ficando ou indo embora — disse o senhor, manifestando bruscamente a sua opinião, mas com evidente tolerância pelo raciocínio de K.

— Prefiro então não vê-lo ficando aqui — disse K., obstinado.

Por meio das meras palavras daquele jovem senhor ele certamente não se deixaria expulsar dali. Diante disso o senhor fechou um pouco os olhos, com uma expressão superior refletida no rosto virado para trás, como se quisesse voltar da insensatez de K. novamente para a própria sensatez; passou a ponta da língua nos lábios da boca um tanto aberta e depois disse ao cocheiro:

— Desatrele os cavalos!

O cocheiro, submisso ao senhor, mas com um malévolo olhar de viés para K., teve então de descer envolvido na pele e, com muita hesitação, como se esperasse não uma contra-ordem do senhor, mas uma reconsideração de K., começou a afastar os cavalos com o trenó para perto da ala lateral, na qual estava evidentemente instalado, atrás de um grande portão, o estábulo com a cocheira. K. viu-se deixado sozinho, de um lado distanciava-se o trenó, do outro — no caminho que K. havia percorrido — o jovem senhor, ambos no entanto muito vagarosos, como se quisessem mostrar a K. que ainda estava no seu poder alcançá-los.

Talvez ele dispusesse desse poder, mas não teria podido usá-lo, pois pegar

de volta o trenó significava expulsar a si mesmo. Assim sendo permaneceu parado, como o único que dominava o lugar, mas não era uma vitória que causasse alegria. Ele acompanhava com o olhar ora o senhor, ora o cocheiro. O senhor já tinha alcançado a porta, através da qual K. havia entrado antes no pátio, e olhado uma vez para trás: K. acreditou vê-lo balançar a cabeça em relação a tanta relutância, depois voltou-se com um movimento decidido, breve e definitivo e penetrou no corredor no qual logo desapareceu. O cocheiro ficou mais tempo no pátio, tinha muito trabalho com o trenó, precisava abrir o pesado portão do estábulo, levar o trenó recuando até o seu lugar, desatrelar os cavalos, conduzi-los à manjedoura; fez tudo isso seriamente, voltado para si mesmo, já sem nenhuma esperança de uma viagem próxima; esse trabalho silencioso, sem qualquer olhar de soslaio a K., pareceu a este uma censura muito mais severa do que o comportamento do jovem senhor. Depois de terminar a tarefa do estábulo, o cocheiro atravessou o pátio, com o seu andar lento e balançado, fechou o grande portão e depois retornou, tudo devagar e literalmente contemplando suas próprias pegadas na neve; em seguida se fechou no estábulo e apagou todas as luzes — para quem elas deveriam ficar acesas?

Na parte de cima ficou iluminada apenas a fenda na galeria de madeira, capturando um pouco o olhar errante, uma vez que parecia a K. que agora todas as ligações com ele tivessem sido rompidas e estivesse sem dúvida mais livre que nunca e pudesse ali esperar no local antes proibido para ele quanto tempo quisesse e tivesse lutado por essa liberdade como quase nenhum outro e ninguém tivesse permissão para tocá-lo ou mandá-lo embora, nem mesmo interpelá-lo. No entanto essa convicção era no mínimo igualmente forte, como se, ao mesmo tempo, não existisse nada mais sem sentido, nada mais desesperado do que essa liberdade, essa espera, essa invulnerabilidade.

Capítulo 9
LUTA CONTRA O INQUÉRITO

ELE SE DESGRUDOU DAQUELE LUGAR e voltou para a hospedaria, dessa vez não ao longo do muro, mas pelo meio da neve; encontrou na estrada o dono, que o saudou sem palavras e apontou para a porta do balcão de bebidas; ele seguiu o aceno porque estava congelado e porque queria ver pessoas, mas ficou decepcionado quando viu sentado lá — numa mesinha que com certeza tinha sido posta ali especialmente, pois caso contrário a pessoa se contentaria com os barris — o jovem senhor e diante dele, em pé, uma visão deprimente para K., a dona do Albergue da Ponte. Pepi, orgulhosa, com a cabeça atirada para trás, o eterno sorriso nos lábios, consciente de sua dignidade irrefutável, balançando as tranças a cada movimento, corria de lá para cá, trazendo cerveja e depois tinta e caneta, pois o senhor havia espalhado papéis diante de si, cotejava dados que encontrava num papel ora neste, ora no outro lado da mesa e se preparava para escrever. A dona do albergue, silenciosa, com os lábios um pouco protuberantes, como se relaxasse, olhava de cima o senhor e os papéis — à maneira de quem já tivesse dito tudo o que era necessário e isso houvesse sido bem acolhido.

— O senhor agrimensor, finalmente — disse o senhor à entrada de K. com um breve alçar de olhos, depois voltou a se aprofundar nos seus papéis. A dona da hospedaria dirigiu também um olhar indiferente e sem surpresa a K. Mas Pepi parecia ter notado K. só quando ele se aproximou do banco do balcão e pediu um conhaque.

K. inclinou-se sobre o balcão, esfregou a mão nos olhos sem se preocupar com mais nada. Depois bebericou do conhaque e empurrou-o de volta, porque ele era intragável.

— Todos os senhores o bebem — disse Pepi laconicamente, jogou fora o resto, lavou o pequeno copo e colocou-o na prateleira.

— Os senhores também têm um melhor — disse K.

— É possível — disse Pepi —, mas eu não.

Com isso despachou K. e voltou a servir ao jovem senhor, que no entanto não precisava de nada, e ela não fazia outra coisa senão descrever sem parar círculos atrás dele, lançando de vez em quando, com tentativas respeitosas, um olhar sobre os papéis; mas era apenas uma vã curiosidade e jactância, que até a dona do albergue desaprovava com o cenho franzido.

De repente porém a dona do albergue aguçou o ouvido e totalmente entregue à escuta ficou fitando o vazio. K. virou o corpo, não ouviu nada de

especial, os demais também pareciam não escutar nada, mas a dona do albergue correu na ponta dos pés, em largas passadas, até a porta do fundo que dava para o pátio, espiou pelo buraco da fechadura, depois se voltou para os outros com olhos arregalados, rosto afogueado, fez-lhes sinais com o dedo para que se aproximassem; todos eles olharam, cada um por sua vez, na verdade a maior participação era da dona do albergue, mas Pepi também foi contemplada, o jovem senhor era o que se conservava relativamente mais indiferente. Pepi e o senhor na verdade voltaram logo, só a dona do albergue continuava a olhar com empenho, muito agachada, quase de joelhos; a impressão era de que agora ela conjurava até o buraco da fechadura a deixá-la passar, uma vez que certamente fazia já muito tempo que não existia mais nada para ser visto. Quando ela finalmente se levantou, passando as mãos sobre o rosto e arrumando os cabelos, respirou fundo, seus olhos pareciam ter necessidade de se acostumar outra vez com a sala e as pessoas, o que fez a contragosto. K. então — não para que lhe confirmassem o que já sabia, mas para prevenir um ataque que quase temia, tão vulnerável estava agora — disse:

— Klamm já partiu, portanto?

A dona do albergue passou muda por ele, mas o jovem senhor disse da sua mesinha:

— Sem dúvida. Uma vez que o senhor renunciou ao seu posto de vigia, Klamm pôde ir embora. Mas é extraordinário como ele é sensível! Observou, senhora dona do albergue, a inquietação com que Klamm olhava em volta?

A dona do albergue parecia não ter notado nada, mas o senhor prosseguiu:

— Bem, felizmente não havia mais nada para ver, o cocheiro varreu até as pegadas na neve.

— A senhora dona do albergue não notou nada — disse K.

Mas não o disse esperando alguma coisa, apenas porque estava irritado com a afirmação do jovem senhor, que queria soar tão definitiva e inapelável.

— Talvez justamente nesse momento eu não estivesse olhando pelo buraco da fechadura — disse a princípio a dona do albergue em defesa do senhor.

Mas depois também quis dar razão a Klamm e acrescentou:

— Seja como for, não acredito numa sensibilidade tão grande de Klamm. Certamente todos nós tememos por ele e procuramos protegê-lo, por isso partimos da suposição de uma extrema sensibilidade de Klamm. Isso é bom e sem dúvida de acordo com a vontade de Klamm. Mas como se passa na realidade nós não sabemos. Com certeza Klamm nunca vai falar com alguém

com quem não queira falar, nunca, por mais que esse alguém se esforce e por mais intoleráveis que sejam seus avanços; mas só esse fato — o de que Klamm nunca irá falar com ele, nunca o deixará aparecer diante dele — já é suficiente: por que, na realidade, não poderia suportar a visão de alguém? Ao menos não é possível prová-lo, uma vez que isso nunca chegará a ser testado.

O jovem senhor assentiu fervorosamente:

— Naturalmente essa também é no fundo a minha opinião — disse ele. — Se me expressei de maneira um pouco diferente, era para que se tornasse compreensível ao senhor agrimensor. É certo, no entanto, que Klamm olhou em volta várias vezes quando estava no pátio.

— Talvez ele estivesse me procurando — disse K.

— É possível — disse o senhor. — Isso não me havia ocorrido.

Todos riram; Pepi, que mal entendia do que estavam falando, foi a que riu mais alto.

— Já que agora estamos reunidos tão alegremente — disse então o jovem senhor —, pediria encarecidamente ao senhor agrimensor que completasse com alguns dados os meus autos.

— Muita coisa se escreve aqui — disse K. e olhou a distância para o arquivo.

— É verdade, um mau hábito — disse o senhor e riu de novo. — Mas talvez o senhor ainda não saiba bem quem eu sou. Sou Momus, o secretário de Klamm para a aldeia.

Depois dessas palavras todos na sala ficaram sérios. Embora a dona do albergue e Pepi naturalmente conhecessem bem o senhor, ambas se mostraram profundamente afetadas, quando foi mencionado o nome dele e seu alto cargo. Até mesmo o senhor, como se tivesse dito alguma coisa demais para sua própria capacidade intelectual, e como se quisesse pelo menos escapulir de qualquer solenidade adicional inerente às suas palavras, mergulhou nos papéis que trazia consigo e começou a escrever, de tal forma que não se ouvia na sala nada senão o rumor da pena.

— O que quer dizer isso: secretário da aldeia? — perguntou K. um momento depois.

Falando por Momus, que agora, depois de ter se apresentado, não considerava mais adequado dar ele próprio tais explicações, disse a dona do albergue:

— O senhor Momus é secretário de Klamm como qualquer outro secretário de Klamm, mas sua sede oficial e se não me engano também sua

jurisdição...

Momus, ainda escrevendo, balançou vivamente a cabeça, e a dona do albergue se corrigiu:

— Ou seja, só a sua sede oficial e não sua jurisdição se restringe à aldeia. O senhor Momus cuida dos trabalhos escritos que se fazem necessários na aldeia e recebe em primeiro lugar todas as solicitações dirigidas a Klamm.

Quando K., ainda pouco emocionado com essas coisas, dirigiu um olhar vazio para a dona do albergue, ela acrescentou meio embaraçada:

— Essa é a regra, todos os senhores do castelo têm seus secretários de aldeia.

Momus, que tinha escutado com muito mais atenção que K., disse à dona do albergue a fim de completar suas informações:

— A maioria dos secretários de aldeia trabalha só para um senhor, mas eu trabalho para dois, Klamm e Vallabene.

— Sim — disse a dona do albergue, que agora também se lembrava disso, voltando-se para K. — O senhor Momus trabalha para dois senhores, Klamm e Vallabene, ele é portanto duas vezes secretário de aldeia.

— Duas vezes, não é? — disse K. e acenou com a cabeça para Momus, que agora erguia os olhos para ele, quase vergado para a frente como alguém que balança a cabeça para uma criança cujo elogio acabou de ouvir.

Se havia nisso um certo menosprezo, ou ele não foi notado ou então de fato foi exigido. Exatamente diante de K., que não era nem mesmo digno de ser casualmente visto por Klamm, é que foram apresentados em minúcia os méritos de um homem do círculo imediato de Klamm, com a intenção declarada de provocar o reconhecimento e o louvor de K. No entanto K. não tinha uma percepção correta disso; ele, que se esforçava com todas as energias para captar um olhar de Klamm, não dava um valor muito alto, por exemplo, para a posição de um Momus, que podia viver sob os olhos de Klamm; estava longe de sentir admiração, para não dizer inveja, pois para ele não era a proximidade de Klamm o almejável, mas que ele, K., só ele, nenhum outro, chegasse até Klamm com os seus desejos, os dele e os de mais ninguém, não para pousar perto dele, mas sim para passar por ele, ir em frente rumo ao castelo.

Olhou para o seu relógio e disse:

— Bem, agora preciso ir para casa.

Imediatamente a relação mudou em favor de Momus.

— Sim, sem dúvida — disse este. — Os deveres do servente de escola o

chamam. Mas o senhor ainda precisa me conceder mais um momento. Apenas algumas perguntas breves.

— Não tenho vontade — disse K. e quis se dirigir para a porta.

Momus bateu com um dossiê na mesa e se levantou:

— Em nome de Klamm eu exijo que o senhor responda às minhas perguntas.

— Em nome de Klamm? — repetiu K. — Meus assuntos, portanto, o preocupam?

— Sobre isso — disse Momus — não tenho juízo formado e o senhor muito menos ainda; vamos portanto, ambos, deixar isso sob a responsabilidade dele. Mas na minha posição, atribuída por Klamm, exijo que o senhor fique e responda.

— Senhor agrimensor — intrometeu-se a dona do albergue —, poupo-me de aconselhá-lo outra vez, já fui repelida pelo senhor, de uma forma inaudita, com os meus conselhos até agora, os mais bem-intencionados que podem existir, e vim aqui à presença do senhor secretário — não tenho nada a esconder —, vim apenas para informar devidamente a administração sobre o seu comportamento e as suas intenções e para me proteger para todo o sempre diante da possibilidade de que o senhor se aloje outra vez em minha casa; é assim que estamos um com o outro e certamente nisso nada mais será mudado; portanto se agora digo minha opinião não é, acaso, para ajudá-lo, mas para aliviar um pouco a pesada tarefa que significa para o senhor secretário tratar com um homem como o senhor. Mas em vista da minha completa franqueza, o senhor pode — não consigo tratá-lo a não ser de maneira franca e assim mesmo o faço a contragosto —, o senhor pode tirar vantagem das minhas palavras, se o quiser. Neste caso só chamo sua atenção para o fato de que o único caminho que o leva a Klamm passa pelos protocolos do senhor secretário. Mas não quero exagerar, talvez o caminho não leve até Klamm, talvez cesse bem antes dele — sobre isso decide o parecer do senhor secretário. Seja como for, no entanto, é o único caminho que, pelo menos para o senhor, leva em direção a Klamm. E é a esse único caminho que quer renunciar, por nenhum outro motivo, exceto a obstinação?

— Ah, senhora dona do albergue — disse K. —, não é nem o único caminho, nem vale mais que os outros. E o senhor, secretário, decide se aquilo que eu diria aqui pode chegar a Klamm ou não.

— Sem dúvida — disse Momus baixando o olhar orgulhosamente à direta

e à esquerda, onde não havia nada para enxergar. — Para que então eu seria secretário?

— Veja, senhora dona do albergue — disse K. —, não é para Klamm que preciso de um caminho, mas em primeiro lugar para o senhor secretário.

— É esse o caminho que eu queria abrir para o senhor — disse a dona do albergue. — Não lhe ofereci de manhã para encaminhar seus pedidos a Klamm? Isso aconteceria por intermédio do senhor secretário. Mas o senhor o recusou e agora não lhe resta mais nada senão este caminho, particularmente depois daquela sua representação hoje, da sua tentativa de surpreender Klamm — com menos perspectiva de sucesso ainda. Mas esta última e evanescente esperança, na verdade inexistente, é a única que o senhor tem.

— Como se explica, senhora dona do albergue — disse K. —, que no início tentou me impedir com tanto empenho de avançar até Klamm e agora parece levar tão a sério meus pedidos que me considera de certo modo perdido se meus planos vierem a fracassar? Se alguém pôde, naquele momento, sinceramente e de todo coração, me dissuadir de qualquer jeito de lutar para chegar a Klamm, como é possível que agora, com uma sinceridade na aparência idêntica, me empurre para a frente, no caminho de Klamm, embora este — convenhamos — possa não levar absolutamente a ele?

— Sou eu que o incito a seguir em frente? — disse a dona do albergue. — Quando digo que suas tentativas não têm esperança, isso significa incitá-lo a ir adiante? Seria verdadeiramente o cúmulo da ousadia se dessa forma o senhor quisesse descarregar em cima de mim a responsabilidade por si mesmo. Não será talvez a presença do senhor secretário que lhe dá vontade de fazer isso? Não, senhor agrimensor, eu não o estou incitando a fazer absolutamente nada. Só uma coisa posso confessar: que quando o vi pela primeira vez talvez o tenha supervalorizado um pouco. Seu rápido triunfo sobre Frieda me assustou, eu não sabia do que o senhor ainda seria capaz, queria evitar outros infortúnios e acreditava não poder consegui-lo senão tentando desestabilizá-lo com pedidos e ameaças. Nesse meio-tempo aprendi a pensar a respeito de tudo isso de uma maneira mais calma. O senhor pode fazer o que quiser. Os seus atos talvez deixem vestígios profundos na neve do pátio lá fora, mas não mais do que isso.

— A contradição não me parece totalmente esclarecida — disse K. — Mas me dou por satisfeito em ter chamado sua atenção sobre ela. Agora porém solicito ao senhor secretário que me diga se a opinião da senhora dona do

albergue está certa, ou seja, se o protocolo que de fato o senhor deseja formular com base nas minhas declarações poderia, em suas últimas conseqüências, levar à conclusão de que posso me apresentar diante de Klamm. Se for este o caso, estou disposto a responder imediatamente a todas as perguntas. Nesse sentido estou absolutamente pronto a tudo.

— Não — disse Momus. — Não existem essas correlações. Para mim trata-se apenas de obter uma descrição exata da tarde de hoje para o arquivo de Klamm relativo à aldeia. Essa descrição já está feita, o senhor ainda deve preencher duas ou três lacunas, por uma questão de ordem; não existe outro objetivo, nem ele pode ser alcançado.

K. olhou em silêncio para a dona do albergue.

— Por que está olhando para mim? — perguntou a dona do albergue. — Por acaso eu disse alguma coisa diferente? Ele é sempre assim, senhor secretário, é sempre assim. Deturpa as informações que lhe são dadas e depois afirma ter recebido informações falsas. Digo a ele desde sempre, hoje e em qualquer situação, que não tem a mínima chance de ser recebido por Klamm; se ela portanto não existe, ele também não vai consegui-la por meio desse protocolo. Alguma coisa pode ser mais clara? Digo mais: esse protocolo é o único laço oficial real que ele pode ter com Klamm — isso também é suficientemente claro e indubitável. Mas se ele não acredita em mim, se constantemente — não sei por quê nem para quê — tem a esperança de chegar até Klamm, então, para ficar no seu tipo de raciocínio, o único vínculo oficial efetivo que ele tem com Klamm só pode ser esse protocolo. Eu disse apenas isso e quem afirma outra coisa distorce maliciosamente minhas palavras.

— Se é assim, senhora dona do albergue — disse K. —, peço-lhe desculpas, pois a entendi mal, acreditando erroneamente, como agora se evidencia, ter depreendido de suas palavras anteriores que para mim não existe qualquer esperança, por mínima que seja.

— Sem dúvida — disse a dona do albergue. — De qualquer forma essa é a minha opinião, o senhor distorce outra vez minhas palavras, só que desta feita em direção contrária. Uma esperança dessa natureza existe para o senhor, na minha opinião, e se baseia, seja como for, apenas nesse protocolo. Mas isso não significa que o senhor pode simplesmente assaltar o senhor secretário com a pergunta "Vou poder chegar a Klamm se responder às questões?". Quando uma criança faz uma pergunta dessas, as pessoas riem; se é um adulto que a faz, é uma injúria à autoridade, o senhor secretário ocultou

isso benevolamente com a finura de sua resposta. Mas a esperança a que me refiro consiste precisamente no fato de que o senhor talvez tenha uma espécie de ligação com Klamm por meio do protocolo. Não é uma esperança suficiente? Se alguém perguntasse ao senhor quais são os méritos que o tornam digno da dádiva de uma esperança assim, será que poderia apresentar o mínimo que fosse? Sobre essa esperança certamente não se pode dizer nada de mais preciso e principalmente o senhor secretário não fará nunca a menor menção possível a esse respeito na sua qualidade oficial. Para ele se trata, como afirmou, apenas de uma descrição da tarde de hoje, por questão de ordem; mais ele não vai dizer, ainda que agora mesmo o senhor o indague em relação às minhas palavras.

— Senhor secretário — perguntou K. —, Klamm vai ler o protocolo?

— Não — disse Momus. — Por que haveria de fazê-lo? Klamm não pode ler todos os protocolos, na verdade não lê absolutamente nenhum. "Tire de perto de mim esses seus protocolos!", ele costuma dizer.

— Senhor agrimensor — queixou-se a dona do albergue —, o senhor me esgota com essas perguntas. É necessário ou pelo menos desejável que Klamm leia o protocolo e tenha literalmente consciência das futilidades da sua vida? Não seria melhor para o senhor pedir com a maior humildade que se esconda o protocolo de Klamm — um pedido, aliás, que seria tão insensato quanto o anterior, pois quem pode esconder alguma coisa de Klamm, ainda que com certeza revelasse um caráter mais simpático? E será que isso é necessário para aquilo que o senhor chama de esperança sua? O senhor mesmo não declarou que ficaria satisfeito se tivesse apenas a possibilidade de falar a Klamm, mesmo que ele não o fitasse nem ouvisse? E com esse protocolo o senhor não consegue ao menos isso — talvez muito mais?

— Muito mais? — perguntou K. — De que maneira?

— Simplesmente não querendo que tudo fosse logo oferecido em forma mastigável, como a uma criança — bradou a dona do albergue. — Quem é que pode responder a tais perguntas? O protocolo vai para o arquivo de Klamm sobre a aldeia, isso o senhor já ouviu, a respeito disso não se pode dizer mais nada com exatidão. Mas será que o senhor já não conhece todo o significado do protocolo, do senhor secretário, do arquivo sobre a aldeia? O senhor sabe o que significa ser interrogado pelo senhor secretário? É provável que talvez nem ele próprio saiba. Fica sentado tranqüilamente ali e cumpre o seu dever, em função da ordem, como diz. Mas tenha em mente

que Klamm o nomeou, que ele trabalha em nome de Klamm, que o que faz — mesmo que nunca chegue até Klamm — tem desde o início a aprovação de Klamm. E como pode alguma coisa ter a aprovação de Klamm que não esteja plena do seu espírito? Longe de mim querer com isso, por acaso, lisonjear de uma maneira rude o senhor secretário, ele próprio o proibiria com veemência, mas não estou falando de sua personalidade individual, mas daquilo que ele é quando conta com a aprovação de Klamm, como é o caso agora. Pois ele é um instrumento sobre o qual repousam as mãos de Klamm — e ai daquele que não se submete.

As ameaças da dona do albergue não amedrontavam K., ele estava cansado das esperanças com as quais ela tentava capturá-lo. Klamm estava distante, certa vez a dona do albergue havia comparado Klamm com uma águia e isso parecera ridículo para K., mas agora não mais; pensava na distância de Klamm, em sua morada inexpugnável, naquela mudez interrompida talvez só por gritos como K. ainda nunca tinha ouvido, no seu olhar penetrante que vinha de cima, que não se deixava jamais comprovar, jamais refutar, nos seus círculos indestrutíveis a partir das profundezas em que K. se achava, círculos que Klamm traçava no alto segundo leis incompreensíveis — tudo isso era comum a Klamm e à águia. Mas com certeza o protocolo não tinha nada a ver com isso — protocolo justamente sobre o qual agora Momus quebrava uma rosca de sal que ele degustava com cerveja e com a qual esparramava sal e cominho sobre todos os papéis.

— Boa noite — disse K. — Tenho aversão a todo tipo de interrogatório.

E realmente dirigiu-se até a porta.

— Ele vai mesmo embora — disse Momus, quase com ansiedade, à dona do albergue.

— Ele não ousará — disse ela.

K. não ouviu mais nada, já estava no corredor. Fazia frio e soprava um vento forte. De uma porta em frente veio o gerente da hospedaria, parecia manter sob observação o corredor através de um orifício. Tinha de conservar as abas do casaco coladas ao corpo, de tanto que o vento, mesmo no corredor, batia nelas.

— O senhor agrimensor já vai? — disse.

— O senhor se admira com isso? — perguntou K.

— Sim — disse o gerente da hospedaria. — O senhor então não está sendo interrogado?

— Não — disse K. — Não permito que me interroguem.

— Por que não? — perguntou o gerente.

— Não saberia dizer por que devia deixar que me interroguem — disse K. — Por que devia me submeter a uma brincadeira ou a um capricho administrativo? Talvez numa outra ocasião eu o tivesse feito, igualmente por brincadeira ou capricho, mas hoje não.

— Claro, claro — disse o gerente, mas era apenas um assentimento cortês, sem convicção. — Devo agora deixar a clientela entrar na sala do balcão — disse depois. — Faz muito tempo que já chegou a hora. Só não queria atrapalhar o interrogatório.

— O senhor o considera tão importante assim? — perguntou K.

— Oh, sim — disse o gerente.

— Então eu não devia tê-lo recusado? — perguntou K.

— Não — disse o gerente. — O senhor não devia ter feito isso.

Uma vez que K. não dizia uma palavra, ele acrescentou, seja para consolar K., seja para ir embora mais rápido:

— Bem, bem, não é por isso que logo vai chover enxofre do céu.

— Não — disse K. — Não se pode deduzir isso do tempo que está fazendo.

E os dois se separaram rindo.

Capítulo 10
NA RUA

K. SAIU PELA ESCADA VARRIDA selvagemente pelo vento e olhou para a escuridão. Um tempo mau, muito mau. Em relação a isso ocorreu-lhe, de algum modo, como a dona do albergue havia se empenhado em submetê-lo ao protocolo, mas como ele tinha resistido. Certamente não fora um empenho aberto; ao mesmo tempo, sub-repticiamente, ela o arrastara para longe do protocolo e no fim não se sabia se havia resistido ou cedido. Uma pessoa de natureza intrigante, que aparentemente trabalhava sem sentido, como o vento, obedecendo a incumbências remotas e estranhas, que nunca se abriam à recepção.

Mal tinha dado alguns passos na estrada quando viu a distância duas luzes vacilantes; esse sinal de vida o alegrou e ele correu em direção a elas, que também vinham ao seu encontro, pairando no ar. Não sabia por que ficara tão decepcionado quando reconheceu os ajudantes, eles vieram sem dúvida encontrá-lo, provavelmente enviados por Frieda, e as lanternas, que o livraram da escuridão que o assaltava ruidosamente por todos os lados, eram decerto propriedade dele; apesar disso estava decepcionado, havia esperado estranhos, não esses velhos conhecidos, que eram um fardo para ele. Mas não foram apenas os ajudantes que apareceram; da escuridão entre eles emergiu Barnabás.

— Barnabás! — exclamou K. e estendeu-lhe a mão. — Você está à minha procura?

A surpresa do reencontro fez, a princípio, K. esquecer toda a irritação que Barnabás lhe causara antes.

— À sua procura — disse Barnabás inalteravelmente amável como antes — com uma carta de Klamm.

— Uma carta de Klamm! — disse K. atirando a cabeça para trás e pegando-a apressadamente da mão de Barnabás. — Iluminem aqui — disse aos ajudantes, que se apertaram contra ele à direita e à esquerda levantando as lanternas.

K. precisou dobrar em tamanho pequeno, para ler, a grande folha de papel, protegendo-a do vento.

Depois leu o seguinte:

Ao agrimensor no Albergue da Ponte. Os trabalhos de agrimensor que o senhor realizou até agora gozam do meu reconhecimento. Os trabalhos

dos ajudantes também são louváveis; o senhor sabe induzi-los bem ao serviço. Não ceda no seu zelo! Leve os trabalhos a um bom termo. Uma interrupção me deixaria contrariado. De resto confie em que a questão dos honorários será decidida muito em breve. Eu não o perco de vista.

K. só levantou os olhos da carta quando os ajudantes, que liam muito mais devagar, gritaram três vezes "hurra!" para comemorar as boas notícias e balançaram as lanternas.

— Fiquem quietos — disse K. aos ajudantes.

E depois a Barnabás:

— É um equívoco.

Barnabás não o entendeu.

— É um equívoco — repetiu K.

O cansaço da tarde voltou outra vez, o caminho para a escola parecia tão longo, atrás de Barnabás estava a família inteira e os ajudantes continuavam se apertando contra ele, tanto que ele os rechaçou com o cotovelo. Como é que Frieda tinha podido mandá-los ao seu encontro, já que ele havia ordenado que os dois deviam ficar com ela? Teria encontrado o caminho para casa sozinho e com mais facilidade só do que em semelhante companhia. Além disso um deles tinha enrolado um cachecol no pescoço, cujas pontas esvoaçavam ao vento e às vezes batiam no rosto de K.; embora o outro afastasse a cada vez, depressa, o cachecol do rosto de K. com seus dedos compridos, pontiagudos e sempre em movimento, a coisa ainda assim não melhorava. Os dois até pareciam se divertir com o vaivém e em geral o vento e a intranqüilidade da noite os entusiasmavam.

— Em frente! — gritou K. — Já que vieram ao meu encontro, por que não trouxeram meu cajado? Com o que então posso empurrá-los para casa?

Eles se agacharam atrás de Barnabás, mas não estavam com tanto medo que os impedisse de colocar suas lanternas, à esquerda e à direita, sobre os ombros do seu protetor, que evidentemente logo as sacudiu dali.

— Barnabás — disse K.

Pesava-lhe no coração que Barnabás visivelmente não o entendia: em tempos de calma sua jaqueta brilhava bonita, mas quando as coisas ficavam sérias não se encontrava nele nenhuma ajuda, somente uma resistência muda, uma resistência contra a qual não se podia lutar, pois ele próprio era indefeso, apenas seu sorriso se iluminava, mas servia tão pouco como as estrelas no alto diante da tempestade de vento aqui embaixo.

— Veja o que me escreve esse senhor — disse K. e colocou a carta de Klamm diante do rosto de Barnabás. — O senhor Klamm está mal informado. Não estou fazendo nenhum trabalho de agrimensura e você mesmo vê o que valem os ajudantes. E o trabalho que não faço evidentemente não posso interromper, não posso nem mesmo provocar a contrariedade do senhor Klamm, como poderia merecer seu reconhecimento? E confiar é uma coisa que não posso fazer nunca.

— Transmitirei a mensagem — disse Barnabás, que durante todo esse tempo havia desviado o olhar da carta, que de qualquer forma também não teria podido ler, pois estava com ela muito próxima do rosto.

— Ah! — exclamou K. — Você está me prometendo transmitir o recado, mas como posso realmente acreditar em você? E preciso tanto de um mensageiro digno de confiança, agora mais que nunca!

K. mordeu o lábio de impaciência.

— Senhor — disse Barnabás inclinando molemente o pescoço.

Por pouco K. não teria se deixado seduzir de novo e acreditado em Barnabás.

— Sem dúvida vou transmitir a mensagem — disse ele. — Também aquilo que me encarregou a última vez de dizer eu vou sem dúvida transmitir.

— Como? — bradou K. — Você ainda não passou a mensagem? Não esteve, portanto, no dia seguinte no castelo?

— Não — disse Barnabás. — Meu bom pai é velho, o senhor o viu, e precisamente havia muito trabalho, precisava ajudá-lo. Mas logo vou retornar ao castelo.

— Mas o que você está fazendo, criatura incompreensível? — gritou K. batendo na testa. — Então os assuntos de Klamm não têm precedência sobre tudo o mais? Você tem o alto cargo de um mensageiro e o administra tão miseravelmente assim? O que importa o trabalho do seu pai? Klamm está esperando as notícias, e você, em vez de se dobrar na corrida, prefere tirar o estrume do estábulo?

— Meu pai é sapateiro — disse Barnabás imperturbável. — Tem encomendas de Brunswick e eu sou o oficial de meu pai.

— Sapateiro, encomendas, Brunswick! — exclamou K. com raiva, como se estivesse inutilizando para sempre cada uma dessas palavras. — E quem precisa de botas nesses caminhos eternamente vazios? E que me importa todo esse negócio de sapatos? Confiei a você uma mensagem, não para que você a esquecesse em cima do balcão de sapateiro e nele misturasse tudo, mas

para que a levasse logo ao senhor Klamm.

Neste instante K. se acalmou um pouco quando lhe ocorreu que Klamm provavelmente não tinha estado todo aquele tempo no castelo, mas na Hospedaria dos Senhores; mas Barnabás o irritou outra vez ao começar a recitar a primeira mensagem de K. como prova de que a havia memorizado bem.

— Basta, não quero saber nada — disse K.

— Não fique bravo comigo, senhor — disse Barnabás.

Como se quisesse punir inconscientemente K., desviou o olhar dele e baixou os olhos, mas sem dúvida isso se devia ao fato de estar atônito com os gritos de K.

— Não estou bravo com você — disse K., e sua intranqüilidade se voltou então contra ele próprio. — Com você não, mas é muito ruim para mim ter só um mensageiro assim para coisas importantes.

— Veja — disse Barnabás, e parecia que, ao falar isso, estava defendendo sua honra de mensageiro mais do que era lícito. — Klamm não espera nenhuma notícia, ele fica até irritado quando chego, "outra vez novas notícias", disse ele uma vez, e na maioria dos casos se levanta ao me ver a distância, vai até a sala vizinha e não me recebe. Tampouco está previsto que eu deva chegar logo com qualquer mensagem; se estivesse, naturalmente viria logo, mas não há nada definido a esse respeito, e se não chegasse nunca, não seria admoestado por isso. Quando levo uma mensagem, faço-o espontaneamente.

— Bem — disse K. observando Barnabás e desviando propositadamente os olhos dos ajudantes, que emergiam devagar, alternadamente, por trás dos ombros de K., como se saíssem de um alçapão e desaparecessem outra vez depressa, com um leve assobio que imitava o vento, aparentando susto diante da visão de K.; desapareceram de novo e assim se divertiram por muito tempo —, como se passam as coisas com Klamm eu não sei; mas que você possa saber exatamente como elas são lá, disso eu duvido e, mesmo que você fosse capaz disso, não poderíamos melhorá-las. Mas levar uma mensagem é uma coisa que você pode e é isso que eu lhe peço. Uma mensagem brevíssima. Você pode levá-la logo amanhã e amanhã ainda me comunicar rápido a resposta ou pelo menos reportar como foi recebido? É capaz de fazer isso e quer fazê-lo? Seria muito valioso para mim. E talvez eu ainda tenha oportunidade de agradecer-lhe devidamente, ou talvez você já tenha agora algum desejo que eu possa realizar.

— Com certeza vou executar a tarefa — disse Barnabás.

— Você vai se empenhar em executá-la da melhor maneira possível, entregar a mensagem ao próprio Klamm, receber dele próprio a resposta, rápido, tudo rápido, amanhã, ainda na parte da manhã, vai fazer isso?

— Vou fazer o melhor que puder — disse Barnabás. — Mas isso eu faço sempre.

— Não vamos mais discutir agora a esse respeito — disse K. — A mensagem é esta: "O agrimensor K. solicita ao senhor chefe permissão para falar-lhe pessoalmente, acatando de antemão qualquer condição que possa estar vinculada a essa permissão. Está forçado a fazer esse pedido porque até agora todos os intermediários falharam completamente na sua incumbência; como prova disso alega que até agora não realizou o menor trabalho de agrimensura e segundo as informações do prefeito não as executará nunca. Por isso leu com desesperada vergonha a última carta do senhor chefe: neste caso, só a conversação pessoal pode ajudar. O agrimensor sabe o quanto está solicitando, mas irá se esforçar, no que estiver a seu alcance, para tornar o incômodo o menor possível; submete-se a qualquer restrição de tempo, mesmo a uma fixação, porventura considerada necessária, das palavras que tem permissão para usar durante a entrevista; acredita que dez palavras lhe bastam. Com profundo respeito e extrema impaciência aguarda a decisão".

K. havia falado como se estivesse esquecido de si mesmo — como se estivesse diante da porta de Klamm e falasse com o porteiro.

— Está muito mais longo do que eu pensava — disse depois. — Mas você precisa transmitir a mensagem oralmente, não quero escrever uma carta, ela iria outra vez passar pelo caminho infindável dos autos.

Assim, rabiscou essas palavras para Barnabás num pedaço de papel apoiado nas costas de um dos ajudantes, enquanto o outro iluminava com a lanterna; mas K. já podia escrever acompanhando o ditado de Barnabás, que havia memorizado tudo e recitava com uma precisão escolar, sem se preocupar com as intervenções erradas dos ajudantes.

— Sua memória é extraordinária — disse K. e entregou-lhe o papel. — Mas por favor mostre-se excepcional também no resto. E os desejos? Você não tem nenhum? Digo francamente que se você tivesse algum ficaria um pouco mais tranqüilo quanto ao destino da minha mensagem.

A princípio Barnabás permaneceu quieto, depois disse:

— Minhas irmãs mandam cumprimentá-lo.

— Suas irmãs — disse K. — Ah, sim, as moças grandes e fortes.

— As duas mandam cumprimentá-lo, principalmente Amália — disse Barnabás. — Ela me trouxe ainda hoje esta carta do castelo para o senhor.

Aferrando-se sobretudo a essa notícia, K. perguntou:

— Será que ela não poderia também levar minha mensagem ao castelo? Ou será que vocês dois não poderiam ir juntos e cada um tentar a sorte?

— Amália não tem permissão para entrar nas chancelarias — disse Barnabás. — Se não fosse isso ela certamente teria prazer em fazê-lo.

— Talvez eu vá amanhã à casa de vocês — disse K. — Primeiro volte com a resposta. Eu o espero na escola. Cumprimente suas irmãs em meu nome.

A promessa de K. pareceu ter deixado Barnabás muito feliz; depois do aperto de mãos da despedida ele ainda tocou de leve no ombro de K. Como se agora tudo fosse outra vez como antes, quando Barnabás entrou com o seu esplendor por entre os camponeses que estavam na sala do albergue, K. recebeu esse toque, é verdade que sorrindo, como uma distinção. De mais bom humor deixou, no caminho de volta, os ajudantes fazerem o que queriam.

Capítulo 11
NA ESCOLA

CHEGOU EM CASA completamente enregelado, por toda parte estava escuro, as velas das lanternas consumidas; guiado pelos ajudantes, que ali já conheciam o caminho, ele foi tateando através de uma sala de aula.

— A primeira coisa louvável que vocês fizeram — disse lembrando-se da carta de Klamm.

Ainda meio dormindo Frieda gritou de algum canto:

— Deixem K. dormir! Não o perturbem!

K. ocupava os pensamentos dela, portanto, mesmo quando, vencida pelo sono, não tinha podido esperá-lo. A luz então foi acesa, mas de qualquer modo não era possível subir muito a mecha da lâmpada, pois havia muito pouco querosene. A recente instalação do casal ainda tinha muitas lacunas. Na verdade o ambiente estava aquecido, mas o cômodo, que era grande e também utilizado para ginástica — os aparelhos estavam espalhados pelo chão ou pendiam do teto —, já havia consumido toda a provisão de madeira; conforme asseguraram a K. ela tinha se conservado agradavelmente aquecida, mas infelizmente havia esfriado outra vez por completo. Havia na realidade uma grande reserva de madeira num galpão, mas ele estava trancado e a chave ficava com o professor, que só permitia a retirada de madeira durante as horas de aula. Isso teria sido suportável se houvesse camas para se refugiar. Mas nesse sentido não existia ali nada senão um único saco de palha, coberto, com um capricho digno de reconhecimento, por uma manta de lã de Frieda, mas sem acolchoado e com apenas dois cobertores rústicos e duros que quase não esquentavam. Mesmo esse pobre saco de palha os ajudantes ficaram olhando com cobiça, mas naturalmente não tinham esperança de poder jamais dormir nele. Frieda olhou com ansiedade para K.; no Albergue da Ponte ela tinha provado que sabia tornar habitável a peça mais miserável, mas ali ela não havia conseguido fazer mais nada, uma vez que estava completamente desprovida de meios.

— Nosso único ornamento de quarto são os aparelhos de ginástica — disse ela rindo com dificuldade, entre lágrimas.

Mas em relação às faltas mais sérias — as camas e o aquecimento —, prometeu com firmeza arranjar tudo já no dia seguinte e pediu a K. que tivesse paciência até então. Nenhuma palavra, nenhuma alusão, nenhuma expressão do rosto permitiam concluir que ela abrigava no coração a mínima amargura em relação a K., embora ele a tivesse arrancado — como tinha de

reconhecer — tanto da Hospedaria dos Senhores como agora também do Albergue da Ponte. Por isso K. se esforçou para achar tudo suportável, o que para ele também não era tão difícil, porque em pensamento acompanhava a caminhada de Barnabás e repetia palavra por palavra sua mensagem, não porém como ele a havia transmitido a Barnabás, e sim como acreditava que ela ia soar diante de Klamm. Ao mesmo tempo, no entanto, também se alegrava sinceramente com o café que Frieda havia preparado para ele numa espiriteira e, inclinado sobre a estufa que esfriava, seguia os gestos ágeis, muito experientes, com os quais ela estendia sobre a escrivaninha do professor a inevitável toalha branca e colocava uma xícara de café pintada de flores ao lado do pão, do toucinho e até mesmo de uma lata de sardinha. Agora estava tudo pronto, Frieda também não tinha comido ainda, mas esperado K. Havia duas cadeiras, K. e Frieda estavam sentados nelas à mesa, os ajudantes a seus pés em cima do estrado, mas não ficavam quietos nunca, até comendo eles perturbavam: embora tivessem sido servidos abundantemente de tudo e ainda estivessem longe de terminar, de tempos em tempos eles se levantavam para verificar se ainda havia bastante comida na mesa e se podiam ainda esperar por alguma coisa. K. não se preocupava com os dois, só o riso de Frieda o fez prestar atenção neles. Pousou sua mão como uma carícia na dela sobre a mesa e perguntou em voz baixa por que era tão indulgente com eles a ponto de acatar com amabilidade até suas malcriações. Desse modo nunca se livrariam dos dois, ao passo que com um tratamento de certa maneira enérgico, que correspondesse de fato à sua conduta, poderiam conseguir domá-los ou, o que seria ainda mais provável e melhor, tornar o lugar tão intolerável para eles que finalmente sairiam correndo dali. Com efeito, não prometia ser ali na escola uma estada muito agradável, nem duraria muito também; mas ninguém repararia muito em tudo o que faltava se os ajudantes tivessem ido embora e eles dois estivessem sozinhos na casa silenciosa. Por acaso ela não reparava que os ajudantes se tornavam dia a dia mais insolentes, como se na realidade a presença de Frieda os estimulasse, e a esperança de que, diante dela, K. não interviesse tão rigorosamente como faria de outro modo? Aliás, talvez houvesse meios muito simples de livrar-se deles imediatamente, sem qualquer rodeio; talvez até Frieda os conhecesse, de tão familiarizada com o que se passava. Aos próprios ajudantes provavelmente só se faria um favor se de algum modo os enxotassem, pois não era das melhores, ali, a boa vida que levavam e mesmo a ociosidade, de que até então haviam aproveitado, iria acabar pelo menos

em parte, pois teriam de trabalhar, uma vez que Frieda, depois das excitações dos últimos dias, precisava se poupar, e ele, K., estaria ocupado em encontrar uma saída para a sua situação de emergência. Ele, no entanto, se os ajudantes fossem embora, se sentiria tão aliviado que poderia executar facilmente os trabalhos de servente da escola, além de todos os demais.

Frieda, que havia escutado atentamente, acariciou lentamente o braço de K. e disse que a opinião dela a respeito de tudo aquilo era a mesma, mas que ele talvez superestimasse a falta de modos dos ajudantes: eles eram rapazes jovens, engraçados e um pouco simplórios, pela primeira vez a serviço de um estrangeiro, libertos da severa disciplina do castelo e por isso sempre um pouco excitados e espantados e nesse estado de espírito faziam às vezes idiotices, sobre as quais na verdade era natural ficar zangado, e mais razoável rir. Às vezes ela não conseguia conter o riso. Apesar disso estava inteiramente de acordo com K. no sentido de que o melhor era mandá-los embora e ela e K. viverem a sós. Ela se aproximou de K. e escondeu o rosto no seu ombro. E ali disse — numa voz dificilmente inteligível, de tal modo que K. precisou se inclinar até ela — que não conhecia nenhum recurso contra os ajudantes e temia que tudo aquilo que K. havia proposto fosse malograr. Até onde sabia, o próprio K. os exigira e agora os tinha e precisava mantê-los. O melhor era levá-los com leveza como o povo simplório que eles também eram; seria o melhor modo de suportá-los.

K. não ficou satisfeito com a resposta; meio brincando, meio a sério, disse que ela parecia combinada com eles ou pelo menos ter uma grande queda pelos dois: eles eram rapazes bonitos, mas não existia ninguém de quem não se pudesse livrar com alguma boa vontade e ele ia provar isso a ela no caso dos ajudantes.

Frieda disse que ficaria muito grata a ele se o conseguisse. Aliás, de agora em diante não ia rir mais deles nem falar nenhuma palavra desnecessária com os dois. Também não via nada mais neles para rir, realmente não era pouca coisa ser constantemente observada por dois homens — tinha aprendido a ver os dois com os seus próprios olhos. E de fato ela estremeceu um pouco quando os dois ajudantes se levantaram outra vez, em parte para conferir as reservas de comida, em parte para examinar a fundo aquele cochicho contínuo.

K. aproveitou a ocasião para indispor Frieda com os ajudantes, atraiu-a para si e terminaram a refeição bem juntos um do outro. Agora deveriam ir dormir e todos estavam muito cansados, um dos ajudantes tinha até

adormecido enquanto comia, isso entreteve bastante o outro e ele procurou fazer com que K. e Frieda olhassem a cara idiota do que estava dormindo, mas não conseguiu; eles estavam sentados lá em cima, com o ar severo. No frio que se tornava insuportável eles também hesitavam em ir dormir; finalmente K. esclareceu que era preciso aquecer o ambiente, caso contrário não seria possível dormir. Ele procurou algum machado, os ajudantes sabiam onde havia um, e aí eles foram até o galpão de madeira. Depois de algum tempo a leve porta foi arrombada; com um entusiasmo de quem nunca havia presenciado até então algo tão belo, perseguindo-se e chocando-se um contra o outro, os ajudantes começaram a levar a madeira para a sala de aula; logo havia ali um monte volumoso, acenderam o aquecedor, todos se puseram em torno dele, os ajudantes receberam um cobertor para se embrulhar; isso lhes bastava perfeitamente, pois tinha sido combinado que um deles sempre ficaria vigiando e mantendo o fogo aceso; em breve estava tão quente perto do aquecedor que já não se precisava mais dos cobertores; a lâmpada foi apagada e felizes com o calor e o silêncio K. e Frieda se esticaram para dormir.

Quando K. acordou no meio da noite por causa de algum ruído e no primeiro e ainda incerto movimento de sono tateou procurando Frieda, notou que, em vez dela, estava deitado ao seu lado um ajudante. Provavelmente em conseqüência da irritabilidade que o despertar repentino acarretava, esse foi o maior susto que até então havia levado na aldeia. Com um grito, levantou-se pela metade e sem noção do que fazia deu um soco tão forte no ajudante que este começou a chorar. Aliás, tudo se esclareceu logo. Frieda tinha sido despertada porque — ao menos assim lhe parecia — algum animal grande, provavelmente um gato, havia lhe saltado sobre o peito e escapado em seguida. Ela se levantou e ficou procurando o animal com uma vela pelo quarto inteiro. Um dos ajudantes se aproveitou disso para gozar por um instante o prazer do saco de palha, coisa que agora estava pagando amargamente. Frieda porém não conseguiu encontrar nada, talvez tivesse sido apenas um engano; voltou para junto de K. e no caminho, como se tivesse esquecido a conversa da noite, passou, num gesto de consolo, a mão sobre o cabelo do ajudante, que estava agachado e gemia. K. não disse nada, ordenou apenas que o ajudante parasse de alimentar o fogo do aquecedor, pois com o consumo de quase toda a lenha acumulada o calor já havia se tornado excessivo.

De manhã todos só acordaram quando os primeiros alunos já estavam lá e

rodeavam com curiosidade o acampamento. Foi desagradável porque em conseqüência do forte calor, que pela manhã, no entanto, havia outra vez cedido a um sensível frescor, todos haviam se despido até a camisa e, justamente quando começavam a se vestir, apareceu na porta Gisa, a professora, uma jovem loira, grande e bonita, só que um pouco rígida. Ela estava visivelmente preparada para o novo servente da escola e com certeza também havia recebido do professor prescrições de conduta, pois já da soleira da porta disse:

— Não posso tolerar isso. Que belo estado de coisas! Vocês têm permissão para dormir na sala de aula, mas eu não tenho obrigação de lecionar no dormitório de vocês. Uma família de serventes que fica se espreguiçando na cama até altas horas da manhã. Que asco!

"Bem, haveria muito o que dizer, principalmente a respeito da família e das camas" — pensou K., enquanto ele e Frieda — com os ajudantes não podiam contar, pois estavam deitados no chão e olhando assustados para a professora e as crianças — afastavam o mais rápido possível as barras paralelas e o cavalo, cobriam as peças com os cobertores e desse modo formavam um pequeno recinto no qual, protegidos contra os olhares das crianças, podiam pelo menos se vestir. Naturalmente não houve um instante de sossego: primeiro, a professora ralhou porque não havia água fresca no lavabo; K. tinha cogitado em levá-la para Frieda e ele naquele momento; a princípio renunciou à idéia para não irritar demais a professora, mas a desistência não ajudou em nada, pois logo depois houve um grande alvoroço, infelizmente haviam esquecido de limpar o resto do jantar da mesa do professor, a professora afastou tudo com a régua e tudo voou para o chão; o fato de que o óleo de sardinha e os restos de café se esparramaram e a cafeteira se fez em pedaços não tinha por que preocupar a professora — os serventes iriam logo pôr tudo em ordem. Sem terem acabado de se vestir, K. e Frieda, apoiados nas barras paralelas, contemplaram a destruição de sua pequena propriedade; os ajudantes, que evidentemente não pensavam em se vestir, espiavam por entre as cobertas, para grande satisfação das crianças. O que mais doía a Frieda, naturalmente, era a perda da cafeteira; só quando K., para consolá-la, assegurou-lhe que iria imediatamente ao prefeito para exigir e receber uma peça de substituição, é que ela se recompôs a ponto de, apenas de camisa e combinação, sair correndo do cercado para pegar ao menos a coberta para preservá-la de novas manchas. Conseguiu fazer isso embora a professora, para afugentá-la, martelasse a mesa com a régua de um modo que irritava os

nervos. Quando K. e Frieda haviam se vestido, tiveram de forçar os ajudantes — que pareciam tomados pelos acontecimentos — a se vestir, não só sob ordens e empurrões, mas também, em parte, vesti-los pessoalmente. Depois, quando tudo estava pronto, K. distribuiu os próximos trabalhos: os ajudantes deviam ir buscar madeira e fazer o aquecimento, mas em primeiro lugar na outra sala de aula, de onde partiam como ameaças perigos ainda maiores, pois provavelmente o professor já estava lá; Frieda tinha de limpar o assoalho, e K. iria buscar água ou dar outras ordens; no café-da-manhã não era preciso pensar no momento. Mas para se informar em geral sobre o estado de ânimo da professora, K. queria sair primeiro e os demais só deveriam seguir quando ele os chamasse. Tomou essas precauções, por um lado, porque não pretendia deixar de antemão que a situação piorasse com as tolices dos ajudantes e, por outro, porque desejava poupar Frieda o mais possível, uma vez que ela tinha ambições, e ele não, ela era suscetível, ele não, ela só pensava nas pequenas abjeções do presente, ele, porém, em Barnabás e no futuro. Frieda obedeceu fielmente às suas ordens, quase não tirava os olhos dele. Mal ele havia entrado, a professora bradou debaixo de uma gargalhada das crianças, que daí em diante não parou mais:

— Então, dormiu bem?

E quando K. não prestou atenção porque não era realmente uma pergunta e se dirigiu ao lavatório, a professora perguntou:

— O que é que você fez ao meu bichano?

Um gato grande, velho e carnudo estava estendido preguiçosamente sobre a mesa, e a professora examinava sua pata sem dúvida um pouco machucada. Frieda portanto tivera razão — o gato não havia na verdade saltado sobre ela, pois com certeza já não podia mais saltar, mas se arrastado por cima dela; assustado com a presença de pessoas na casa habitualmente vazia, tinha se escondido rapidamente e nessa pressa, que nele não era costumeira, havia se ferido. K. tentou explicar isso calmamente à professora, mas ela só se ateve ao resultado e disse:

— É sim, você feriu o animal; foi desse modo que você começou aqui. Veja!

Chamou K. até a escrivaninha, mostrou-lhe a pata e, antes mesmo que ele se desse conta, ela passou as garras sobre o dorso da mão dele; na verdade as garras já estavam embotadas, mas a professora as tinha enfiado com tanta firmeza — dessa vez sem levar o gato em consideração — que brotaram filetes de sangue.

— E agora vá para o seu trabalho — disse ela impaciente, inclinando-se outra vez para o gato.

Frieda, que havia observado por trás das barras, junto com os ajudantes, gritou à vista do sangue. K. mostrou a mão para as crianças e disse:

— Vejam o que um gato maldoso e pérfido me fez.

Ele disse isso não certamente por causa das crianças, cujos gritos e cujas risadas já tinham se tornado tão autônomos que não precisavam de nenhum novo motivo ou estímulo: nenhuma palavra podia penetrá-las ou influenciá-las. Mas como a professora só respondeu à ofensa com um breve olhar de soslaio, continuando a se ocupar com o gato, o primeiro impulso de raiva com a sangrenta punição parecia satisfeito; K. chamou Frieda e os ajudantes, e o trabalho começou.

Quando K. levou o balde e jogou fora a água suja, trouxe água fresca e começou a varrer a sala de aula, um menino de cerca de doze anos saiu de um banco, tocou a mão de K. e disse alguma coisa ininteligível em meio ao barulho. De repente, porém, cessou todo o ruído. K. voltou-se. O que tinha sido temido durante toda a manhã havia acontecido. Na porta estava o professor; em cada uma das mãos o pequeno homem segurava pela gola um dos ajudantes. Sem dúvida havia surpreendido os dois apanhando lenha, pois com uma voz poderosa bradou, introduzindo uma pausa entre as palavras:

— Quem ousou arrombar o galpão de lenha? Quem é essa pessoa, para que eu a esmague?

Nesse momento Frieda levantou-se do chão, que ela se esforçava para lavar aos pés da professora, olhou na direção de K., como se quisesse ganhar força, e disse — em sua atitude havia algo de sua antiga superioridade no olhar e na postura:

— Fui eu quem fez isso, senhor professor. Não havia outro remédio. Se as salas de aula precisavam estar aquecidas de manhã cedo, era preciso abrir o galpão; não ousei pegar a chave com o senhor durante a noite, meu noivo estava na Hospedaria dos Senhores, era possível que pernoitasse lá, por isso tive que tomar a decisão sozinha. Se fiz algo errado, peço perdão por minha inexperiência; recebi muita repreensão da parte do meu noivo quando ele viu o que tinha acontecido. Na verdade ele me proibiu até de fazer o aquecimento cedo, uma vez que acreditava que o senhor teria demonstrado, ao trancar o galpão, que não queria aquecimento até chegar pessoalmente. O fato de que não está aquecido agora é culpa dele, mas a culpa de que o galpão foi arrombado é minha.

— Quem arrombou a porta? — perguntou o professor aos ajudantes, que continuavam em vão tentando se livrar da sua garra.

— O senhor — disseram ambos e, para que não houvesse dúvida, apontaram para K.

Frieda riu, e esse riso parecia provar mais do que as suas palavras; depois começou a torcer dentro do balde o pano de chão com que havia lavado o piso, como se com sua explicação o incidente estivesse terminado e a declaração dos ajudantes tivesse sido apenas uma brincadeira feita num segundo momento; só quando já estava ajoelhada outra vez para trabalhar é que ela disse:

— Nossos ajudantes são crianças, que apesar de sua idade deviam ainda estar nos bancos escolares. Fui eu sozinha que abri a porta com o machado ao anoitecer, foi muito simples, para isso não precisei dos ajudantes, eles só teriam atrapalhado. Mas depois meu noivo chegou à noite e saiu para verificar os estragos e se possível repará-los; os ajudantes foram correndo com ele, provavelmente porque temiam ficar sós aqui, viram meu noivo trabalhar na porta violada e é por isso que agora estão dizendo — bem, são crianças.

Com efeito os ajudantes sacudiam sem parar a cabeça durante a explicação de Frieda, continuavam apontando para K. e se esforçavam com caretas mudas para persuadir Frieda a mudar de opinião; mas uma vez que não conseguiam, acabaram se submetendo; tomaram as palavras de Frieda como ordem e não responderam mais a uma nova pergunta do professor.

— Então — disse o professor — vocês mentiram? Ou no mínimo inculparam levianamente o servente da escola?

Eles continuaram em silêncio, mas os seus tremores e olhares de angústia pareciam indicar consciência de culpa.

— Sendo assim vou surrá-los imediatamente — disse o professor e mandou uma das crianças ao outro aposento ir buscar a vara.

Quando ele então a levantou para bater, Frieda gritou:

— Os ajudantes é que disseram a verdade!

Atirou desesperada o pano de chão dentro do balde, de tal forma que a água espirrou alto, e correu para trás das barras paralelas, onde se escondeu.

— Um monte de mentirosos — disse a professora, que acabara de enfaixar a pata e tinha colocado o animal no colo, no qual ele mal cabia.

— Resta portanto o senhor servente da escola — disse o professor, empurrou os ajudantes e se voltou para K., que durante todo o tempo,

apoiado na vassoura, havia escutado. — Este senhor servente, que por covardia admite com tranqüilidade que culpem falsamente outras pessoas por suas patifarias.

— Bem — disse K., que sem dúvida notava que a intromissão de Frieda havia abrandado a cólera sem freios do professor —, se os ajudantes tivessem sido surrados um pouco, eu não teria lamentado; se eles foram poupados por cem motivos justos, podem ser punidos uma vez por uma causa injusta. Mas pondo isso de lado, teria ficado contente em evitar um choque direto entre mim e o senhor, professor; talvez até o senhor tivesse gostado. Mas uma vez que Frieda me sacrificou aos ajudantes — aqui K. fez uma pausa, ouvia-se no silêncio atrás dos cobertores Frieda soluçar —, é preciso naturalmente pôr a limpo este assunto.

— Inaudito — disse a professora.

— Sou inteiramente da sua opinião, senhorita Gisa — disse o professor. — O senhor, servente da escola, diante naturalmente desta vergonhosa falta disciplinar, está despedido no ato; a punição, que ainda virá, é algo que eu me reservo, mas abandone esta casa agora mesmo com todas as suas coisas. Para nós será um verdadeiro alívio e a aula vai poder finalmente começar. Por isso: vá andando!

— Não me movo daqui — disse K. — O senhor é meu superior, mas não o que me concedeu este posto; ele é o senhor prefeito e só aceito demissão da parte dele. Mas o posto não me foi atribuído para que eu me enregele aqui com o meu pessoal, e sim — como o senhor mesmo disse — para que o senhor prefeito impeça atos desesperados e irrefletidos da minha parte. Demitir-me de repente, agora, seria, assim, francamente contrário à sua intenção; enquanto eu não ouvir o oposto, de sua própria boca, não vou acreditar. É, portanto, provavelmente para grande proveito do senhor que eu não obedeça à sua leviana demissão.

— O senhor então não vai obedecer? — perguntou o professor.

K. balançou a cabeça.

— Reflita bem — disse o professor. — Suas decisões nem sempre são as melhores; pense por exemplo na noite de ontem, quando o senhor se recusou a ser interrogado.

— Por que o senhor menciona isso agora? — perguntou K.

— Porque me apraz — disse o professor. — E agora repito pela última vez: fora daqui!

Mas quando nem isso produziu efeito, o professor foi até a escrivaninha e

confabulou em voz baixa com a professora; esta falou alguma coisa sobre a polícia, mas o professor recusou; finalmente chegaram a um acordo, o professor ordenou às crianças que fossem para a classe; elas teriam as aulas lá junto com as outras. Essa mudança agradou a todos, logo a sala foi esvaziada sob risos e gritos e o professor e a professora seguiram por último. A professora levou o diário de classe e sobre ele instalado em toda a sua plenitude o gato indiferente. O professor bem que teria deixado o gato ali, mas a professora rejeitou uma insinuação nesse sentido alegando a crueldade de K.; de modo que, além de toda a irritação com K., mais o gato ficou pesando sobre o professor. Certamente tiveram influência nisso as últimas palavras que o professor dirigiu a K.:

— A senhorita professora deixa com as crianças, constrangida e forçada, esta sala, porque o senhor não obedece, de modo renitente, à minha ordem de demissão e porque ninguém pode exigir dela, uma jovem, que ministre aula em meio à sujeira da sua vida familiar. Portanto o senhor fica sozinho e pode, sem ser perturbado pela repulsa de espectadores decentes, espalhar-se aqui como quiser. Mas isso não vai durar muito, eu garanto.

Ato contínuo, bateu a porta.

Capítulo 12
OS AJUDANTES

NEM BEM SAÍRAM TODOS, K. disse aos ajudantes:

— Vão para fora!

Estupefatos com essa ordem inesperada, eles obedeceram, mas, quando K. trancou a porta atrás deles, quiseram voltar, choramingaram do outro lado e bateram à porta.

— Vocês estão despedidos — bradou K. — Nunca mais eu os admito ao meu serviço.

Evidentemente essa era uma coisa que eles não podiam tolerar e martelaram a porta com as mãos e os pés.

— Mestre, deixe-nos voltar! — exclamavam, como se K. fosse a terra seca e eles estivessem a ponto de se afogar na inundação.

Mas K. não tinha compaixão e esperava impaciente, até que o barulho insuportável obrigasse o professor a intervir. Isso aconteceu logo.

— Deixe os malditos ajudantes entrarem! — gritou ele.

— Eu os demiti — gritou K. de volta.

A constatação teve o efeito involuntário de mostrar ao professor o que acontecia quando alguém era suficientemente forte não só para demitir, mas também para executar a demissão. O professor então tentou acalmar por bem os ajudantes: eles deviam apenas ficar calmos, no final K. teria de admiti-los outra vez. Depois foi embora. E talvez tivesse feito silêncio se K. não houvesse começado a gritar para eles que agora estavam definitivamente demitidos e não tinham a mínima esperança de readmissão. Diante disso eles recomeçaram a fazer barulho como antes. O professor voltou, porém dessa vez não negociou mais, mas os expulsou de casa, empregando, evidentemente, a temida vara de castigo.

Eles não tardaram em aparecer diante das janelas da sala de ginástica, ficaram batendo na vidraça e gritando, mas não era mais possível entender as palavras. Permaneceram ali no entanto não por muito tempo: na neve profunda não podiam ficar saltando como exigia sua inquietação. Por isso correram até a grade do jardim da escola, pulando sobre a base de pedra, de onde, embora só a distância, tinham uma visão melhor do interior do quarto; ficaram correndo ali, agarrando-se à grade, de um lado para outro, depois pararam de novo estendendo suplicantes as mãos enlaçadas para K. Assim continuaram durante longo tempo sem levar em conta a inutilidade dos seus esforços; permaneciam como que em estado de cegueira, certamente

também não ouviam quando K. baixou as cortinas para se livrar da sua vista.

No quarto agora mergulhado na penumbra K. foi até as barras paralelas para ver Frieda. Sob o seu olhar ela se ergueu, arrumou os cabelos, enxugou o rosto e em silêncio se preparou para fazer café. Não obstante ela soubesse de tudo, K. informou-lhe literalmente que havia demitido os ajudantes. Frieda só meneou a cabeça. K. ficou sentado num banco da escola observando seus movimentos cansados. Tinham sido sempre o frescor e a decisão que embelezaram seu corpo insignificante, e agora essa beleza havia acabado. Poucos dias de vida em comum com K. tinham bastado para chegar a isso. O trabalho no balcão de bebidas não fora fácil, mas provavelmente mais adequado a ela. Ou era a distância de Klamm a verdadeira causa desse declínio? A proximidade de Klamm é que a tornara tão incrivelmente atraente; graças a essa atração ela tinha arrebatado K. e agora ela murchava nos seus braços.

— Frieda — disse K.

Ela depôs rápido o moedor de café e se dirigiu a K. no banco.

— Você está zangado comigo? — perguntou ela.

— Não — disse K. — Creio que você não pôde agir de outra maneira. Vivia satisfeita na Hospedaria dos Senhores. Eu devia tê-la deixado lá.

— Sim — disse Frieda olhando à sua frente com tristeza. — Você deveria ter me deixado lá. Por isso não sou digna de viver com você. Livre de mim você talvez pudesse alcançar tudo o que quer. Por consideração comigo você se submete ao professor tirânico, assume este posto miserável, solicita penosamente uma conversação com Klamm. Tudo por mim, mas eu retribuo mal.

— Não — disse K. e colocou o braço consoladoramente em torno dela. — Tudo isso são ninharias que não me fazem mal e se quero chegar a Klamm não é só por sua causa. E quanta coisa você fez por mim! Antes de conhecê-la eu caminhava completamente a esmo aqui. Ninguém me recebia e se eu me impusesse a alguém era imediatamente despachado. E se em algum lugar eu conseguia encontrar a paz era com pessoas de quem eu fugia de novo, como a gente de Barnabás.

— Você fugia deles, não é verdade? Querido! — bradou Frieda com vivacidade para recair em seguida na prostração após um "sim" hesitante de K.

Mas K. também não estava mais decidido a esclarecer por que a partir da sua relação com Frieda tudo para ele havia mudado para melhor. Soltou

devagar o braço em torno de Frieda e os dois ficaram sentados um momento em silêncio até que Frieda, como se o braço de K. a tivesse aquecido — um calor de que não podia mais prescindir —, disse:

— Não vou mais suportar esta vida aqui. Se você quiser ficar comigo temos de emigrar para alguma parte, para o sul da França, para a Espanha.

— Não posso emigrar — disse K. — Vim aqui para ficar aqui. E vou ficar.

E numa contradição que não se esforçou para explicar, acrescentou, como se estivesse falando consigo mesmo:

— O que poderia ter me atraído para este lugar ermo se não fosse o desejo de permanecer aqui?

Depois disse:

— Mas você também quer ficar aqui, é a sua terra. Só Klamm é que lhe faz falta e isso a leva a pensamentos desesperados.

— Klamm me faz falta? — disse Frieda. — Existe uma superabundância de Klamm aqui, Klamm demais; para fugir dele quero ir embora. Não é ele que me faz falta, mas você. Por sua causa quero ir embora; porque não posso me saciar de você neste lugar, onde todos me usurpam. Preferia que me arrancassem esta bela máscara, preferia que meu corpo se tornasse miserável, se eu pudesse viver em paz com você.

De tudo isso K. só ouviu uma coisa:

— Klamm continua a manter contato com você? — perguntou logo. — Ele manda chamá-la?

— Não sei nada a respeito de Klamm — disse Frieda. — Agora quero falar de outras coisas, por exemplo dos ajudantes.

— Ah, os ajudantes — disse K. surpreso. — Eles a perseguem?

— Você então não percebeu? — perguntou Frieda.

— Não — disse K. tentando em vão lembrar-se de detalhes. — São sem dúvida rapazes impertinentes e lascivos, mas não notei que tenham ousado se aproximar de você.

— Não? — disse Frieda. — Você não notou que era impossível mandá-los embora do nosso quarto no Albergue da Ponte, como vigiavam ciumentamente nossas relações, como um deles se deitou no meu lugar no saco de palha esta noite, como eles hoje se manifestaram contra você para expulsá-lo, arruiná-lo e ficarem a sós comigo? Você não percebeu nada disso?

K. olhou para Frieda sem responder. Certamente essas acusações contra os ajudantes eram corretas, mas podiam ser também todas elas interpretadas

com muito mais inocência a partir da personalidade ridícula, infantil, volúvel e descontrolada dos dois. E não falava contra a acusação o fato de que eles sempre haviam se empenhado em acompanhar K. por toda parte e não em ficar com Frieda? K. tentou dizer qualquer coisa nesse sentido.

— Hipocrisia — disse Frieda. — Será que você não se deu conta? Por que então você os expulsou, se não por esse motivo?

E foi até a janela, puxou a cortina um pouco de lado, olhou para fora e depois chamou K. Os ajudantes continuavam do lado de fora junto à grade; por mais que já estivessem visivelmente cansados, ainda estendiam de quando em quando, reunindo todas as forças, os braços suplicantes em direção à escola. Um deles, para não ter de se segurar o tempo todo na grade, tinha espetado a parte de trás do casaco numa das barras de ferro.

— Pobrezinhos! Pobrezinhos! — disse Frieda.

— Por que eu os expulsei? — perguntou K. — Você foi a causa imediata.

— Eu? — perguntou Frieda sem desviar o olhar lá de fora.

— Sua maneira de tratar com gentileza demais os ajudantes — disse K. — O modo de perdoar suas más maneiras, de rir deles, acariciar seus cabelos, a compaixão constante por eles; "pobrezinhos, pobrezinhos" é o que você disse mais uma vez, e finalmente o último incidente, em que eu não era para você um preço muito alto a pagar para poupá-los das bastonadas.

— Mas é justamente isso — disse Frieda. — É disso que estou falando, é o que me faz infeliz, que me afasta de você, ao passo que não conheço felicidade maior do que estar com você sempre, sem interrupção, sem fim; embora nem em meus sonhos eu imagine que exista na Terra um lugar calmo para o nosso amor, seja na aldeia ou em qualquer outra parte, e por isso imagino um túmulo profundo e apertado onde fiquemos abraçados como se fosse com tenazes, onde eu esconda meu rosto em você e você o seu em mim e ninguém nunca mais nos veja. Aqui porém — veja os ajudantes! Não é para você que eles se dirigem quando juntam as mãos, mas para mim.

— E não sou eu que olho para eles — disse K. —, mas você.

— Eu, com certeza — disse Frieda quase zangada. — É sobre isso que estou falando sem parar; que importância teria de resto que os ajudantes estivessem atrás de mim, ainda que fossem enviados de Klamm?

— Enviados de Klamm — disse K., a quem essa designação, por mais natural que logo lhe parecesse, de fato causou muita surpresa.

— Enviados de Klamm, certamente — disse Frieda. — Talvez o sejam, mas são também, ao mesmo tempo, jovens estúpidos, que ainda precisam de

uma surra para ser educados. Como são feios e sujos e como é repulsivo o contraste de seus rostos, que sugerem adultos, até mesmo estudantes, e seu comportamento pueril e tolo! Você não acredita que eu perceba isso? Envergonho-me deles. Mas é exatamente isso, ambos não me causam repulsa; no entanto, me envergonho deles. Tenho sempre de estar olhando para os dois. Quando uma pessoa chega ao ponto de se irritar com eles, tenho de rir. Quando deviam bater neles, tenho de passar a mão sobre seus cabelos. E se estou deitada à noite ao seu lado, não posso dormir e preciso olhar por cima de você para ver como um deles dorme bem enrolado na coberta e o outro se ajoelha diante da portinha aberta do aquecedor para alimentá-lo, e então tenho de me inclinar para a frente de tal maneira que quase o acordo. E não é o gato que me assusta — ah, conheço os gatos e sei também o que significa cochilar inquieta e sempre perturbada no balcão de bebidas —, não é o gato que me assusta, eu mesma me assusto. Não há necessidade alguma de que aquele monstro de gato apareça, eu me sobressalto ao menor ruído. Uma vez temi que você despertasse e tudo terminasse; fico outra vez em pé num salto e acendo a vela, para que você acorde logo e possa me proteger.

— Nunca soube de nada disso — disse K. — Tinha apenas um vago pressentimento, por esse motivo eu os expulsei; mas agora eles foram embora, talvez agora tudo corra bem.

— Sim, finalmente eles foram embora — disse Frieda, mas seu rosto parecia angustiado e sem alegria. — Só que não sabemos quem eles são. Enviados de Klamm — é assim que os chamo em pensamento, por brincadeira; talvez porém eles o sejam de verdade. Seus olhos, esses olhos ingênuos e no entanto cintilantes, lembram-me às vezes os olhos de Klamm. Sim, é isto, é o olhar de Klamm que às vezes me atravessa, vindo dos olhos deles. E por isso não era exato quando disse que me envergonho deles. Gostaria que fosse assim. Sei na verdade que em outra parte e em outras pessoas igual comportamento seria estúpido e indecente, mas com eles a coisa não se passa desse modo: é com respeito e admiração que observo suas tolices. Mas se os dois forem enviados de Klamm, quem nos livra deles? Seria bom nos libertarmos deles? Será que então você não teria que ir buscá-los de volta e ficar feliz se eles ainda viessem?

— Você quer que eu os deixe entrar de novo? — perguntou K.

— Não, não — disse Frieda. — Não há coisa que eu queira menos. A visão deles, se irrompessem agora aqui, sua alegria por me verem de novo, seu

saltitar de crianças e os braços de homens que se estendem — talvez não pudesse absolutamente suportar tudo isso. Mas quando depois penso que você, que permanece tão duro contra eles, talvez impeça com isso que o próprio Klamm se aproxime, quero por todos os meios evitar as conseqüências disso. Nesse momento, desejo que os deixe entrar aqui outra vez. Por isso, faça-os vir logo! Não me leve em consideração, que importância eu tenho? Vou me defender enquanto posso, mas se tiver que perder, aí será com a consciência de que isso também acontecerá a você.

— Você só reforça minha opinião sobre os ajudantes — disse K. — Nunca eles irão entrar de novo com o meu consentimento. O fato de eu ter mandado os dois para fora prova sem dúvida que conforme as circunstâncias é possível controlá-los e, um pouco adiante, que eles não têm nada essencial a ver com Klamm. Só ontem à noite recebi uma carta de Klamm, na qual se pode ver que ele está totalmente mal informado sobre os ajudantes, de onde se pode concluir, por sua vez, que estes lhe são indiferentes por completo, pois, se não o fossem, ele teria com certeza conseguido obter informações precisas sobre os dois. Que você no entanto veja Klamm neles não prova nada, pois ainda continua, infelizmente, influenciada pela dona do albergue e enxerga Klamm em toda parte. Você continua sendo a amante de Klamm, distante ainda de ser minha mulher. Às vezes isso me deixa triste, é como se tivesse perdido tudo; tenho então a sensação de ter acabado de chegar à aldeia, mas não esperançoso como antes na realidade estive, e sim consciente de que só me esperam decepções e que vou ter de prová-las uma depois da outra até a última gota. Mas isso só acontece de vez em quando — acrescentou K. sorrindo, ao ver Frieda sucumbir às suas palavras — e no fundo confirma a existência de algo bom, ou seja, aquilo que você significa para mim. E se agora exige de mim que eu escolha entre você e os ajudantes, então os ajudantes já perderam. Que idéia, escolher entre você e os ajudantes! Mas agora quero livrá-la definitivamente deles. Aliás, quem é que sabe se a fraqueza que nos acometeu a ambos não vem do fato de ainda não termos tomado o café-da-manhã?

— É possível — disse Frieda com um sorriso cansado.

Em seguida pôs-se a trabalhar. K. também pegou outra vez a vassoura.

Capítulo 13
HANS

UM INSTANTE DEPOIS bateram de leve à porta.

— Barnabás! — gritou K., atirou a vassoura e com alguns passos estava junto à porta.

Mais assustada com o nome do que com tudo o mais, Frieda olhou para ele. Com as mãos inseguras K. não conseguia abrir logo a velha fechadura.

— Já abro — continuava a repetir em vez de perguntar quem realmente estava batendo.

Teve então de verificar que pela porta bem aberta entrava não Barnabás, mas o pequeno jovem, que já antes tinha querido falar com K. Este, porém, não tinha nenhuma vontade de se lembrar dele.

— O que você quer aqui? — perguntou. — A sala de aula fica ao lado.

— Estou vindo de lá — disse o jovem e ergueu para K. seus grandes olhos castanhos; ficou ali em pé, os braços perto do corpo.

— O que então você quer? Rápido! — disse K., vergando o corpo um pouco para baixo, pois o jovem falava baixo.

— Posso ajudá-lo? — perguntou o jovem.

— Ele quer nos ajudar — disse K. a Frieda e depois ao jovem: — Como é o seu nome?

— Hans Brunswick — disse o jovem. — Aluno da quarta série, filho de Otto Brunswick, mestre-sapateiro da rua Madeleine.

— Veja só, seu nome é Brunswick! — disse-lhe K. mais amigavelmente.

Verificou-se que Hans tinha ficado tão impressionado com as estrias de sangue que a professora havia riscado nas mãos de K. que ele naquele momento decidira socorrê-lo. Espontaneamente havia escapulido agora — correndo o risco de uma grande punição — da sala de aula ao lado como se fosse um desertor. Provavelmente eram sobretudo essas idéias infantis que o dominavam. Correspondia a isso, também, a seriedade que transparecia em tudo o que fazia. A timidez só o havia tolhido no início, mas logo ele se acostumou com K. e Frieda e, quando depois recebeu um bom café quente para beber, tornou-se vivaz e confiante e suas perguntas fervorosas e insistentes, como se quisesse saber o mais rápido possível o que era mais importante para em seguida poder tomar com autonomia decisões relativas a K. e Frieda. Havia também algo autoritário no seu modo de ser, mas estava tão misturado com uma inocência infantil que a pessoa se submetia a ele voluntariamente, meio a sério, meio brincando. Seja como for, exigia toda a

atenção para si, todo o trabalho tinha terminado, o café-da-manhã se estendia muito. Embora estivesse sentado num banco de escola, K. no alto, à mesa do professor, e Frieda numa cadeira ao lado, a impressão era de que o professor era Hans, testando e julgando as respostas com um leve sorriso nos lábios macios, o que parecia insinuar que certamente sabia que se tratava apenas de um jogo; mas por outro lado sua concentração era tanto mais séria em função disso, talvez não fosse absolutamente um sorriso, mas a felicidade da infância que aflorava dos seus lábios. Só consideravelmente mais tarde é que admitiu que já conhecia K., desde que este certa vez entrou na casa de Lasemann. K. ficou feliz com isso.

— Você estava brincando aos pés da senhora, naquela ocasião? — perguntou K.

— Sim — disse Hans. — Era minha mãe.

Precisou então contar sobre sua mãe, mas ele o fazia só com hesitação e apenas depois de incitações reiteradas se constatou que na verdade ele era um menino, que às vezes, principalmente nas perguntas — quem sabe numa antecipação do futuro, mas talvez também só em conseqüência de uma ilusão dos sentidos do ouvinte inquieto e tenso —, parecia um homem enérgico, inteligente e de visão ampla falando, que logo depois, porém, sem transição, era outra vez um simples escolar, que às vezes nem entendia muitas das questões e interpretava mal outras, falava baixo demais, com uma falta de consideração infantil, embora chamassem com freqüência sua atenção para o erro cometido e que no fim, como se fosse por birra diante de certas questões urgentes, silenciava por completo, na verdade sem o menor embaraço, como um adulto jamais seria capaz de fazer. Em geral parecia que só ele tinha permissão para fazer perguntas e que, quando os outros perguntavam, alguma prescrição era infringida e o tempo desperdiçado. Podia então permanecer sentado por muito tempo, imóvel e com o corpo aprumado, a cabeça abaixada e o lábio inferior projetado para a frente. Frieda gostou tanto disso que com muita freqüência lhe fez perguntas, esperando que elas o fizessem desse modo calar-se. Conseguiu esse resultado algumas vezes, mas K. se irritou. No conjunto ficaram sabendo pouca coisa: a mãe era um pouco doentia, mas ficou indefinido que enfermidade era; a criança que a senhora Brunswick tinha no colo era a irmã de Hans e se chamava Frieda (a identidade do nome com o nome da mulher que o inquiria foi recebida de forma inamistosa por Hans), todos eles moravam na aldeia, mas não na casa de Lasemann, estavam lá como visitas para tomar banho, uma vez que

Lasemann tinha uma tina grande, na qual as crianças pequenas, de que Hans não fazia parte, tinham um prazer especial em se banhar e ficar brincando; sobre o pai, Hans falava com reverência e medo, mas apenas quando sua mãe não estava em questão na mesma hora; diante da mãe o valor do pai era manifestamente pequeno, aliás todas as perguntas sobre a vida da família permaneciam sem resposta, qualquer que fosse a maneira de abordá-la; acerca dos negócios do pai descobriram que ele era o maior sapateiro do lugar, ninguém o igualava; isso foi repetido várias vezes também em relação a questões muito diferentes; ele até dava trabalho a outros sapateiros, por exemplo o pai de Barnabás; no caso deste último, Brunswick certamente o fazia como uma concessão especial, pelo menos foi isso que sugeriu o orgulhoso movimento de cabeça de Hans, que motivou Frieda a descer de um salto até ele e lhe dar um beijo. À pergunta sobre se já tinha estado no castelo ele respondeu só depois de várias repetições, na verdade com um "não", e à pergunta idêntica, referente à mãe, ele não deu resposta alguma. Finalmente K. se cansou, também a ele o questionário parecia inútil; deu razão ao jovem no sentido de que havia algo vergonhoso em tentar descobrir segredos de família pelo meio indireto que era a criança inocente; duplamente vergonhoso era no entanto o fato de que nem assim ficaram sabendo coisa alguma. E quando então K. perguntou ao jovem, para terminar, no que ele se prontificava a ajudar, não se espantou mais ao ouvir que Hans queria auxiliar no serviço ali para que o professor e a professora não ralhassem mais tanto com K. Este explicou a Hans que essa ajuda não era necessária; ralhar fazia parte, sem dúvida, da natureza do professor e havia pouca possibilidade, mesmo com o trabalho mais meticuloso, de se furtar a isso; o trabalho propriamente dito não era difícil e só em conseqüência de circunstâncias fortuitas ele hoje estava atrasado; aliás, a zanga não produzia em K. o mesmo efeito que causava a um aluno; K. se desembaraçava dele logo, como se lhe fosse quase indiferente, e esperava poder escapar inteiramente do professor muito em breve. Assim, como se tratava apenas de apoio contra o professor, agradecia muitíssimo e Hans podia agora voltar; a esperança era de que não fosse punido. Apesar disso K. não acentuou de modo algum e só involuntariamente insinuou que não precisava de ajuda em relação ao professor, ao passo que deixava em aberto a questão de outro tipo de auxílio; Hans no entanto percebeu isso claramente e perguntou se K. talvez precisasse de outra ajuda; iria ajudá-lo com muito prazer e, mesmo que ele próprio não estivesse em condições para tanto,

pediria à sua mãe para fazê-lo e certamente ia consegui-lo. Mesmo que o pai ficasse preocupado, iria pedir ajuda à mãe. E a mãe já havia uma vez perguntado por K.; pessoalmente quase não saía de casa, só excepcionalmente tinha estado antes na casa de Lasemann, mas ele, Hans, ia com freqüência até lá para brincar com os filhos de Lasemann, e uma ocasião a mãe lhe perguntou se por acaso o agrimensor estivera outra vez lá. Ora, a mãe, por estar tão fraca e cansada, não ia fazer a pergunta inutilmente, e sendo assim ele havia dito simplesmente que não tinha visto o agrimensor lá, e a partir daí não se falou mais a esse respeito; mas quando ele o encontrou ali na escola, teve de lhe falar, para que pudesse relatar à mãe. Pois era aquilo de que a mãe mais gostava, quando os seus desejos eram realizados sem ordem expressa. Depois de breve reflexão K. disse que não precisava de nenhuma ajuda, tinha tudo de que necessitava, mas era muito gentil da parte de Hans que quisesse auxiliá-lo e agradecia pela boa intenção; era até possível que mais tarde precisasse de alguma coisa e nesse caso recorreria a ele, seu endereço ele já tinha. Por outro lado talvez ele, K., pudesse dessa vez ajudar um pouco, lamentava que a mãe de Hans não estivesse bem de saúde e evidentemente ninguém ali entendia a causa da dor; num caso negligenciado como esse era possível, muitas vezes, que sobreviesse o agravamento sério de um sofrimento leve. Ocorria que ele, K., possuía alguns conhecimentos médicos e, o que valia mais ainda, experiência no tratamento de doentes. Muita coisa que os médicos não haviam conseguido, ele tinha alcançado. Em sua casa, por causa de virtudes de curador, sempre o chamaram de “erva amarga”. De qualquer forma ele gostaria de ver a mãe de Hans e conversar com ela. Talvez pudesse dar um bom conselho; ele o faria com prazer em nome de Hans. Os olhos do menino brilharam logo de início a essa oferta, o que induziu K. a se tornar mais insistente; mas o resultado foi insatisfatório, pois Hans respondeu a diversas perguntas, sem nem mesmo ficar triste, que a mãe não podia receber nenhuma visita de pessoas estranhas, porque estava necessitando de muitos cuidados; K. mal havia falado com ela aquele dia, apesar disso a mãe ficou de cama alguns dias, o que sem dúvida acontece com freqüência. Mas o pai, na época, se irritou muito com o fato de K. ter dirigido a palavra à mulher e certamente não permitiria jamais que K. a visitasse, na verdade ele quis então procurar K. para puni-lo por seu comportamento e só a mãe o impediu de fazer isso. Acima de tudo, porém, a própria mãe não queria em geral falar com ninguém, e o fato de ter perguntado por K. não significava nenhuma exceção à regra; pelo contrário,

justamente por tê-lo mencionado naquela eventualidade, ela poderia ter expressado o desejo de vê-lo, mas isso ela não fez e desse modo externou claramente sua vontade. Ela só queria ouvir a respeito de K., e não conversar com ele. Por sinal, não era de uma doença propriamente dita que sofria; conhecia muito bem a causa do seu estado e às vezes fazia alusão a isso: provavelmente era o ar dali que não conseguia suportar, mas ela não queria mais de jeito algum deixar outra vez o lugar por causa do pai e das crianças — além do que já estava melhor do que estivera antes. Foi mais ou menos isso que K. ficou sabendo; a capacidade de reflexão de Hans se intensificava visivelmente, uma vez que queria proteger a mãe diante de K.; de K., a quem supostamente quisera ajudar; sim, com o objetivo de manter K. a distância da mãe ele contradizia em alguns pontos até mesmo as suas próprias afirmações anteriores, por exemplo em relação à doença. Apesar disso, K. também notava que Hans ainda continuava bem-intencionado em relação a ele, só que esquecia de tudo o mais em função da mãe; quem quer que se pusesse diante da mãe incorria logo em erro; dessa vez tinha sido K., mas podia, por exemplo, ter sido também o pai. K. quis tirar a prova e disse que fora com certeza muito sensato da parte do pai proteger a mãe assim de qualquer perturbação, e se ele, K., tivesse na ocasião apenas pressentido algo semelhante, não teria certamente ousado interpelar a mãe e agora, a despeito do atraso, pedia que o desculpassem em casa. Entretanto ele não era capaz de entender plenamente por que o pai — uma vez que a causa da enfermidade tinha sido explicada tão claramente como Hans dizia —, por que o pai impedia a mãe de se recuperar mudando de ares; era preciso dizer que a retinha, pois ela só não ia por causa dos filhos e dele próprio, mas podia levar consigo os filhos, aliás não tinha de ficar fora por muito tempo, nem ir para muito longe; já lá no alto da montanha do castelo o ar era totalmente outro. O pai não precisava temer os custos de uma viagem dessas, afinal era o maior sapateiro do lugar e certamente ele ou ela tinham parentes ou conhecidos no castelo que os acolheriam com prazer. Por que ele não a deixava partir? Não devia subestimar um mal como aquele, K. só havia visto a mãe fugazmente, é certo; foram no entanto sua palidez e fraqueza, dignas de chamar a atenção, que o tinham movido a falar com ela; já então ficara admirado com o fato de que o pai havia deixado a mulher doente no ar nocivo da sala de banho e lavagem de roupa e não se contivera nem um pouco em suas altas vociferações. Sem dúvida o pai não sabia do que se tratava, mesmo que o mal tivesse talvez melhorado nos últimos tempos, uma moléstia dessa natureza

tem caprichos, e quando não é combatida ela se impõe com força total e aí nada mais pode ajudar. Se K. já não podia falar com a mãe, quem sabe fosse bom que ele falasse com o pai e o alertasse sobre tudo isso.

Hans ouviu com muita atenção, compreendeu a maioria das coisas e ficou fortemente impressionado com a ameaça contida no restante do que lhe fora incompreensível. Apesar disso Hans disse que K. não podia falar com o seu pai, o qual tinha aversão por ele e provavelmente o trataria como o professor. Disse isso sorrindo com timidez quando se referia a K., sombrio e triste quando fazia menção ao pai. Mas acrescentou que talvez K. pudesse conversar com a mãe, mas sem que o pai o soubesse. Depois Hans refletiu um pouco, o olhar fixo, como uma mulher que quer fazer algo proibido e procura uma possibilidade para realizá-lo sem ser castigada. Disse que talvez fosse possível depois do dia seguinte: à noite o pai ia à Hospedaria dos Senhores, onde mantinha conversações; nesse caso ele, Hans, viria ao anoitecer e levaria K. até a mãe, com a condição, é verdade, de que a mãe concordasse, o que ainda era muito improvável. Acima de qualquer coisa ela não faria nada contra a vontade do pai, obedecia-lhe em tudo, inclusive nas coisas cuja insensatez até ele, Hans, percebia claramente. Na realidade, Hans agora buscava o apoio de K. contra o pai; era como se tivesse enganado a si mesmo, uma vez que acreditara que queria ajudar K., enquanto o que realmente desejava descobrir era se talvez — já que ninguém no seu antigo círculo pudera auxiliá-lo — esse homem, que tinha aparecido de repente e havia até mencionado sua mãe, não seria capaz disso. Quão inconscientemente fechado era esse jovem, quase manhoso, era uma coisa que até agora mal tinha sido possível deduzir de suas maneiras e palavras; só se percebia isso através das confissões literalmente suplementares, arrancadas por acaso ou com intenção. E agora ele ponderava, em longas conversas com K., que dificuldades tinham de ser superadas; mesmo com toda a boa vontade de Hans, elas eram quase intransponíveis; mergulhado nos seus pensamentos e no entanto buscando ajuda, ele continuava fitando K. com os olhos que piscavam inquietos sem parar. Antes da saída do pai não devia dizer nada à mãe, senão o pai ficaria sabendo e tudo seria impossível; portanto só mais tarde poderia mencionar o fato, mas agora, em consideração pela mãe, não devia fazê-lo de repente e rápido, porém devagar e na ocasião oportuna, pois primeiro tinha de pedir permissão à mãe, depois vir buscar K.; mas será que aí já não seria tarde demais, a volta do pai já não ameaçava acontecer? Bem, era impossível que acontecesse. K. provou que, pelo contrário, não era

impossível. Que o tempo não bastasse não era preciso temer — uma conversa breve, um encontro breve, era suficiente; e não havia necessidade de que Hans viesse buscar K. K. esperaria escondido em algum lugar perto da casa e iria logo a um aceno de Hans.

— Não — disse Hans.

K. não podia ficar perto da casa (outra vez a suscetibilidade em torno da mãe o dominava). Sem o conhecimento da mãe, K. não podia se pôr a caminho; num entendimento como aquele, desconhecido da mãe, Hans não devia entrar com K., era preciso que ele fosse buscar K. na escola e não antes — antes que a mãe soubesse e permitisse. "Muito bem", disse K.; então era realmente perigoso, pois aí seria possível que o pai o surpreendesse na casa e, mesmo que isso não acontecesse, a mãe não o deixaria de modo algum entrar, de medo, e sendo assim tudo ia fracassar por causa do pai. Dessa vez foi Hans que fez objeções, e desse modo a discussão andou de um lado para outro. Já fazia muito tempo que K. tinha chamado Hans, que estava sentado no banco, para a escrivaninha do professor, colocando-o entre os seus joelhos e às vezes o acariciando para que se acalmasse. Essa proximidade também contribuiu para estabelecer um acordo a despeito da oposição intermitente de Hans. Os dois afinal concordaram com o seguinte: primeiro, Hans diria toda a verdade à mãe; entretanto, para tornar mais fácil sua anuência, acrescentaria que K. também falaria pessoalmente com Brunswick, mas não a respeito dela, e sim dos seus assuntos. Isso de fato era correto — no curso da conversa ocorreu a K. que Brunswick, que em outros aspectos era uma pessoa perigosa e má, não podia na verdade ser seu adversário: fora ele, pelo menos segundo o relato do prefeito, que havia liderado aqueles que, mesmo tendo sido por motivos políticos, haviam solicitado a indicação de um agrimensor. A chegada de K. à aldeia devia, pois, ter sido bem recebida por Brunswick; de qualquer modo, a acolhida irritada no primeiro dia e a aversão, da qual Hans falara, eram quase incompreensíveis; mas é possível que Brunswick tenha ficado ofendido pelo fato de K. não ter se dirigido primeiro a ele para pedir ajuda; talvez existisse um outro equívoco que pudesse ser esclarecido em algumas palavras. Mas se isso tivesse ocorrido, então K. podia perfeitamente contar com um apoio contra o professor, até mesmo contra o prefeito, e todo o embuste oficial — pois era outra coisa a não ser isso? — por meio do qual o prefeito e o professor o mantinham a distância das autoridades do castelo e o constrangiam ao posto de servente de escola; se isso fosse descoberto haveria

uma nova luta entre Brunswick e o prefeito em torno de K., e Brunswick teria de puxar K. para o seu lado; K. se tornaria hóspede na casa de Brunswick, os poderes de Brunswick seriam postos à sua disposição, a despeito do prefeito; quem é que sabe aonde ele chegaria por esse meio? Em todo caso estaria com freqüência na proximidade da mulher. Assim brincava K. com os seus sonhos e os sonhos com ele, ao passo que Hans, que não pensava em nada senão na mãe, observava com inquietação o silêncio de K., do modo como fazem as pessoas diante de um médico mergulhado nos próprios pensamentos para encontrar um método de cura para um caso difícil. Hans estava de acordo com a proposta de K. no sentido de ir conversar com Brunswick a respeito do trabalho de agrimensura, mas apenas porque, assim, sua mãe ficava protegida do pai; além disso tratava-se de um caso de emergência, que ele esperava que não chegasse a acontecer. Só perguntou como K. ia explicar ao pai a hora tardia da visita e afinal se satisfez, embora com o rosto um pouco anuviado, com a possibilidade de K. dizer que o posto insuportável de servente de escola e o tratamento desonroso que recebia do professor o haviam feito perder qualquer contenção num súbito acesso de desespero.

Quando então, desse modo, tudo — até onde se podia ver — estava previamente pensado e a possibilidade de êxito pelo menos não ficava mais excluída, Hans, liberado do peso de refletir, se tornou mais alegre, ainda conversou um pouco, infantilmente, primeiro com K. e depois com Frieda, que durante muito tempo ficou ali sentada, como se estivesse perdida em outros pensamentos e só agora recomeçava a participar da conversa. Entre outras coisas, perguntou a Hans o que ele queria ser quando crescesse; ele não pensou muito e disse que queria se tornar um homem como K. Quando depois foi perguntado por que motivos, evidentemente não soube o que responder, e à pergunta sobre se queria por acaso virar servente de escola ele disse "não" com firmeza. Só depois que o interrogatório continuou é que se percebeu o desvio pelo qual havia chegado ao seu desejo. A situação presente de K. não era de modo algum invejável, mas triste e desprezível — isso Hans também via com precisão e para percebê-lo não tinha de observar outras pessoas; ele mesmo teria preferido preservar a mãe de qualquer olhar ou palavra de K. Apesar disso, veio a K. e ofereceu-lhe apoio; ficou feliz quando K. aceitou; acreditava ter localizado algo semelhante em outras pessoas e acima de tudo a própria mãe havia mencionado K. Dessa contradição nasceu nele a crença de que K. era, naquele momento, ainda baixo e repulsivo, mas,

num futuro quase inconcebível de tão remoto, ele iria sem dúvida superar a todos. E era exatamente essa distância absurda e a orgulhosa evolução a que ela devia levar que atraíam Hans; por esse preço ele desejava aceitar até o K. atual. A qualidade peculiarmente infantil e precoce desse desejo consistia no fato de Hans olhar K. de cima para baixo como a alguém mais jovem, cujo futuro se estendia mais à frente do que o dele próprio, que era o de um menino. E também era com uma seriedade quase sombria que ele, sempre pressionado pelas perguntas de Frieda, falava sobre essas coisas. Só K. o animou outra vez, quando disse que sabia o que Hans invejava nele — tratava-se de um belo cajado nodoso que estava sobre a mesa e com o qual Hans havia distraidamente brincado durante a conversa. Ora, K. sabia fazer cajados como aquele e, se o plano vingasse, faria um ainda mais belo para Hans. Agora já não estava mais inteiramente claro se Hans não tivera em mente, de fato, apenas o cajado, tão contente ele ficou com a promessa e se despediu alegremente, não sem apertar firme a mão de K. e dizer:

— Então, até depois de amanhã.

Capítulo 14
A CENSURA DE FRIEDA

ESTAVA EM CIMA DA HORA para Hans ter saído, pois logo em seguida o professor escancarou a porta e gritou quando viu K. e Frieda tranqüilamente sentados à mesa:

— Desculpem pelo incômodo! Mas me digam quando afinal vão arrumar as coisas aqui. Temos de ficar apertados do outro lado, a aula é prejudicada com isso, vocês porém se esticam refestelados aqui na grande sala de ginástica e, para terem mais espaço ainda, mandaram embora também os ajudantes. Agora, no entanto, por gentileza, pelo menos se levantem e se mexam!

Depois disse só para K.:

— Você vá buscar já para mim o almoço no Albergue da Ponte.

Tudo isso foi gritado com raiva, mas as palavras eram relativamente brandas, mesmo o "você", que era de uma rude familiaridade.

K. estava disposto a obedecer imediatamente e, só para sondar o professor, disse:

— Mas eu fui despejado.

— Despejado ou não despejado, vá buscar meu almoço — disse o professor.

— Despejado ou não despejado, é justamente isso o que eu quero saber — disse K.

— Mas o que é que você está tagarelando aí? — disse o professor. — Você não aceitou o despejo.

— Isso é suficiente para torná-lo sem efeito? — perguntou K.

— Para mim não — disse o professor. — Pode acreditar, mas para o prefeito sim, de uma maneira incompreensível. Bem, agora corra, senão você realmente sai daqui voando.

K. estava satisfeito; nesse meio-tempo, portanto, o professor havia conversado com o prefeito, ou talvez nem conversado, mas apenas se conformado com a opinião previsível do prefeito e esta era favorável a K. Agora K. queria ir buscar às pressas o almoço no albergue, mas quando ainda estava saindo o professor gritou de novo para ele voltar, seja porque queria experimentar a docilidade de K. por meio dessa ordem especial, para depois se orientar por ela, seja porque tinha outra vez vontade de dar ordens: causava-lhe satisfação fazer K. sair correndo a toda e depois voltar, por um comando seu, com a mesma pressa, como se ele fosse um garçom. Por sua

vez, K. sabia que pela concessão excessiva ele se transformaria em escravo e saco de pancadas do professor, mas até um determinado limite ele agora queria aceitar com paciência os caprichos do professor, pois mesmo que este, conforme ficara evidenciado, não pudesse despejá-lo legalmente, ainda era certamente capaz de tornar o posto dolorosamente insuportável. Mas justamente esse lugar agora não importava a K. mais como antes. A conversa com Hans havia lhe dado novas esperanças, admissivelmente improváveis e completamente sem base, mas que não podiam ser esquecidas: elas quase eclipsavam até as de Barnabás. Se as seguisse, e não podia fazer outra coisa, então precisaria reunir toda a sua energia para não se preocupar com nada mais, nem com a comida, a casa, as autoridades da aldeia, nem mesmo com Frieda — e no fundo só se tratava de Frieda, pois todas as outras coisas só o preocupavam quando relacionadas a ela. Era por isso que precisava tentar conservar esse posto, que dava alguma segurança a Frieda e, visando a esse objetivo, não devia lamentar que suportasse da parte do professor mais do que costumava engolir. Nada disso era excessivamente penoso, fazia parte da cadeia contínua dos pequenos sofrimentos da vida, não era nada em comparação com aquilo a que K. aspirava e ele não tinha ido até ali para levar uma vida de honra e paz.

Sendo assim, da mesma forma que estivera pronto para correr até o albergue, estava também disposto, diante da mudança de ordem, a arrumar primeiro a sala, para que a professora pudesse vir com a classe. Mas a limpeza precisava ser muito rápida, pois em seguida K. devia ir buscar o almoço, e o professor já estava com bastante fome e sede. K. garantiu que tudo seria feito segundo o seu desejo; um instante depois o professor observou como K. se apressava, afastando os leitos, repondo no lugar os aparelhos de ginástica, varrendo o chão voando, enquanto Frieda lavava e esfregava o estrado. O zelo parecia satisfazer ao professor, que chamou a atenção para o fato de que diante da porta estava preparado um monte de lenha para o aquecedor — certamente ele não queria mais deixar que K. tivesse acesso à reserva — e depois, ameaçando voltar logo para verificar as coisas, saiu para ir ver as crianças.

Após um momento de trabalho em silêncio Frieda perguntou por que K. agora se submetia tanto ao professor. Era sem dúvida uma pergunta cheia de compaixão e preocupação, mas K., que estava pensando em quão pouco Frieda tinha conseguido protegê-lo das ordens e violências do professor, segundo a promessa inicial dela, disse laconicamente que, agora que havia se

tornado servente de escola, precisava cumprir os deveres do posto. Depois o silêncio voltou, até que K., lembrando — justamente por causa da breve conversa — que Frieda permanecera tanto tempo como que perdida em pensamentos preocupados, sobretudo durante quase toda a conversa com Hans, perguntou-lhe abertamente, enquanto carregava para dentro a lenha do aquecedor, o que então a ocupava. Ela respondeu, levantando devagar os olhos para ele, que não era nada definido, que apenas pensava na dona do albergue e na verdade em muitas de suas palavras. Só quando K. a pressionou é que ela, depois de várias negativas, respondeu com mais precisão, mas sem com isso deixar de fazer o seu trabalho, coisa que realizava não por zelo, uma vez que o trabalho não progredia nada, e sim para não ser forçada a encarar K. E aí contou como a princípio ouvira calmamente a conversa de K. com Hans, como depois, com algumas palavras de K., ficou assustada, começando a entender mais claramente o sentido delas e como, a partir de então, não pôde mais parar de captar, no que K. dizia, confirmações de uma advertência que ela devia à dona do albergue, mas em cuja justeza nunca quisera acreditar. K., zangado com as generalidades de Frieda e mais irritado do que comovido com a voz chorosamente queixosa — sobretudo porque a dona do albergue outra vez se imiscuía na sua vida, pelo menos através das lembranças, já que até então tivera pouco êxito pessoal —, atirou no chão a lenha que carregava, sentou-se em cima dela e exigiu, agora com palavras sérias, plena clareza.

— Muitas vezes — começou Frieda —, logo no início, a dona do albergue se empenhou para que eu desconfiasse de você; ela não afirmava que você mente; pelo contrário, dizia que você é infantilmente franco, mas que o seu modo de ser é tão diferente do nosso, que nós, mesmo quando você fala com franqueza, dificilmente conseguimos acreditar e, se uma boa amiga não nos salva antes, temos que nos acostumar por meio da amarga experiência. Até ela, que tem um olho agudo para as pessoas, não deixou de passar por coisa diversa. Mas depois da última conversa com você no Albergue da Ponte — repito aqui apenas suas palavras maldosas — ela desvendou seus truques, agora você não seria mais capaz de enganá-la, mesmo que se esforçasse para ocultar suas intenções.

"Mas ele não esconde nada", isso eu sempre dizia, e aí ela também afirmou. "Empenhe-se em escutá-lo de fato numa oportunidade qualquer, não apenas superficialmente, mas prestando uma atenção real." Ela não fez nada mais que isso e no que me diz respeito escutou naquele momento mais ou menos

o seguinte: você se insinuou junto a mim — ela usou essa palavra pejorativa — só porque cruzei o seu caminho por acaso, não o desagradei de todo, porque você também considera uma empregada de bar, completamente equivocado, a vítima predestinada de qualquer cliente que estenda a mão. Além disso queria passar a noite, naquela ocasião, na Hospedaria dos Senhores, por algum motivo, segundo a dona do albergue soube pelo gerente da hospedaria — e não havia absolutamente outro meio para consegui-lo senão por meu intermédio. Tudo isso teria sido motivo suficiente para me transformar em sua amante por aquela noite; mas a fim de que alguma coisa a mais resultasse disso, esse mais era Klamm. A dona do albergue não afirma que saiba o que você quer de Klamm; afirma apenas que, antes de me conhecer, você tentava chegar a Klamm tão freneticamente quanto depois. A única diferença era que antes você estava sem esperança, mas agora acreditava ter em mim um meio confiável para abrir caminho a Klamm de maneira real, rápida e até com vantagem. Como me assustei! Mas foi só por um instante, sem razão mais profunda do que hoje, quando você disse que, antes de me conhecer, teria se perdido aqui. Talvez sejam as mesmas palavras que a dona do albergue usou; ela disse também que, desde que me conheceu, você se tornou consciente do seu objetivo. Foi o resultado, afirmou ela, de você acreditar que conquistou, na minha pessoa, uma amante de Klamm e assim ter em sua posse um penhor que só poderia ser resgatado ao preço mais alto. Negociar esse preço com Klamm era sua única aspiração. Já que você não tem nenhum interesse por mim, que tudo o que importa é o preço, está disposto a aceitar tudo em relação a mim, mas se obstina em relação ao preço. Por isso é indiferente que eu perca o lugar na Hospedaria dos Senhores, indiferente que eu também tenha de deixar o Albergue da Ponte e indiferente que eu precise fazer o trabalho pesado de servente da escola; você não tem mais delicadeza, nem tempo para mim, me abandona aos ajudantes, não sabe o que é ciúme, meu único valor para você é que fui amante de Klamm; na sua ignorância se esforça para não deixar que Klamm me esqueça para que no final eu não resista tanto quando chegar a hora decisiva; no entanto, luta também contra a dona do albergue, a única pessoa que você acha capaz de me arrebatar de você; por esse motivo leva ao limite a disputa com ela para ter que deixar comigo o Albergue da Ponte; você não duvida que, em qualquer circunstância, eu seja sua propriedade, na medida em que isso dependa só de mim. A entrevista com Klamm é vista por você como um negócio, moeda contra moeda. Você calcula todas as possibilidades; uma vez

que alcance o preço, está pronto a fazer tudo; se Klamm me quiser, irá me entregar a ele; se ele quiser que fique comigo, você ficará; se ele quiser que você me rejeite, você vai me rejeitar. Mas você também está disposto a representar uma comédia: se for vantajoso vai fingir que me ama para tentar combater sua indiferença ressaltando sua nulidade e envergonhando-o com o fato de o ter sucedido; ou então comunicando-lhe as confissões de amor que eu fiz em relação à pessoa dele, o que realmente aconteceu, e pedindo-lhe que me acolha de novo, certamente pagando o preço por isso. E se tudo o mais não der certo, você irá simplesmente implorar em nome do casal K. Mas é aí que você vai ver — concluiu a dona do albergue — que se enganou em tudo, nas suas suposições e esperanças, na idéia que tem de Klamm e das relações dele comigo; nesse momento vai começar o meu inferno, pois só então serei realmente a única propriedade de que você depende, mas ao mesmo tempo uma propriedade que provou ser sem valor e que irá tratar de forma correspondente, já que você não tem nenhum outro sentimento por mim a não ser o de proprietário.

Tenso, a boca cerrada, K. tinha ouvido com atenção, a lenha debaixo dele havia rolado, ele escorregara quase até o chão sem ter notado, só agora se levantou, sentou-se no estrado, pegou a mão de Frieda, que tentava fugir fragilmente dele, e disse:

— No relato que fez, nem sempre fui capaz de distinguir a sua opinião da opinião da dona do albergue.

— Era apenas a opinião da dona do albergue — disse Frieda. — Ouvi tudo com atenção porque a venero, mas foi a primeira vez em minha vida que rejeitei totalmente a opinião dela. Parecia tão lastimável tudo o que ela dizia, tão distante de uma compreensão de como são as coisas entre nós! O que ela falava me dava a impressão, antes de mais nada, de que o correto era completamente o oposto do que dizia. Pensei na manhã sombria depois de nossa primeira noite. Como você se ajoelhou ao meu lado com o olhar de que então estava tudo perdido. E como depois se configurou de fato, por mais que eu me esforçasse para ajudá-lo, só o atrapalhava. Por minha causa a dona do albergue se tornou sua inimiga, uma inimiga poderosa, que você ainda continuava a subestimar; por minha causa, sendo obrigado a cuidar de mim, precisou lutar pelo seu posto, ficou em desvantagem com o prefeito, teve de se submeter ao professor, colocou-se à mercê dos ajudantes, mas o pior de tudo foi que, por minha causa, você talvez tenha ofendido Klamm. O fato de querer sempre chegar até ele era só a aspiração impotente de aplacar

Klamm de algum modo. E eu pensei comigo mesma que a dona do albergue, que sabe de tudo isso certamente muito mais do que eu, quis com as suas insinuações apenas me proteger contra auto-recriminações demasiadamente ruins. Esforços bem-intencionados, mas supérfluos. Meu amor por você teria me ajudado a superar tudo, teria no fim feito você avançar, se não aqui na aldeia, então em alguma outra parte; uma prova de sua força esse amor já deu, foi ele que o salvou da família de Barnabás.

— Era essa portanto sua opinião contrária na ocasião — disse K. — O que mudou a partir daí?

— Não sei — disse Frieda olhando para a mão de K., que segurava a sua. — Talvez nada tenha mudado; quando você está tão perto de mim e faz perguntas com tanta calma, então acredito que nada mudou. Mas na realidade — ela retirou a mão de K., sentou-se ereta diante dele, e chorou sem cobrir o rosto; ofereceu abertamente esse rosto lavado de lágrimas para ele, como se não chorasse por ela mesma e por isso não tivesse nada a esconder, mas como se chorasse pela traição de K. e desse modo ele merecesse o espetáculo daquela desolação —, na realidade tudo mudou desde que eu o ouvi falando com Hans. Como você começou inocente, perguntando pelas relações na casa dele, por isso e aquilo, era como se acabasse de chegar ao balcão de bebidas, confiante, de coração aberto e buscasse meu olhar tão pueril e avidamente. Não havia então nenhuma diferença de antes, e eu desejava que a dona do albergue estivesse lá, escutasse o que você dizia e depois ainda procurasse aderir à opinião dela. Mas aí, de repente, não sei como isso aconteceu, percebi com que intenção você conversava com o jovem. Com as suas palavras cheias de simpatia conquistou a confiança dele, que não é fácil de alcançar, para então partir imperturbável para o seu objetivo, que eu percebia cada vez mais. Esse objetivo era a mãe do rapaz. Da sua fala aparentemente preocupada com ela emergia, totalmente descoberta, apenas a consideração pelos seus próprios negócios. Você estava enganando a mulher ainda antes de conquistá-la. Não só o meu passado, mas também o meu futuro, era o que eu ouvia através de suas palavras; era como se a dona do albergue estivesse sentada ao meu lado e me explicasse tudo; tento afastá-la de mim com todas as forças, porém estou bem consciente da falta de esperança desse esforço; naquele momento não era propriamente eu que tinha sido enganada, não estava nem mesmo sendo enganada — era aquela mulher desconhecida. E quando então me recompus e perguntei o que Hans queria se tornar e ele disse que queria se tornar

como você, a quem já pertencia integralmente, em que consistia, naquela hora, a grande diferença entre ele, o bom menino, de quem ali se abusava, e eu, como o fui outrora no balcão de bebidas?

— Tudo o que você diz — afirmou K., já restaurado da descompostura à medida que ia se acostumando — é correto num certo sentido, não é falso, apenas hostil. São pensamentos da dona do albergue, minha inimiga, mesmo que você pense que são seus, e isso me consola. Mas eles são instrutivos, pode-se ainda aprender muita coisa com a dona do albergue. Ela não o disse na minha cara, embora de resto não houvesse me poupado; é evidente que confiou a você essa arma na esperança de que iria usá-la numa hora particularmente difícil ou decisiva; se é verdade que abuso de você, então ela também o faz de forma semelhante. Mas agora pense no seguinte, Frieda: mesmo que tudo fosse exatamente como afirma a dona do albergue, só seria muito ruim num caso, ou seja, se você não gosta de mim. Então sim, a realidade seria que a conquistei com cálculo e malícia, para lucrar com essa posse. Talvez até já fizesse parte do meu plano que, naquela época, para atrair sua compaixão, eu aparecesse diante de você de braços dados com Olga, e foi apenas isso que a dona do albergue se esqueceu de incluir no meu débito. Mas se as coisas não forem tão más assim e um predador ladino não a tivesse apanhado, mas ao contrário você tivesse vindo ao meu encontro como eu fui ao seu e tivéssemos nos encontrado ambos esquecidos de si mesmos, como é que seria, diga, Frieda? Significa sem dúvida que defendo minha causa tanto quanto a sua, aqui não há distinção, e só uma inimiga, a dona do albergue, pode traçar uma. Isso vale para tudo, até em relação a Hans. Ao julgar minha conversa com Hans, aliás, você exagera muito na sua ternura, pois se as intenções de Hans e as minhas não batem uma com a outra, isso não chega ao ponto de que possa por acaso existir uma oposição entre elas; além do mais nosso desacordo não escapou à percepção de Hans; se você pensou isso, então subestimou muito esse cauteloso jovenzinho e, mesmo que tudo houvesse escapado a ele, ninguém vai sofrer por essa causa, espero.

— É tão difícil se situar, K. — disse Frieda com um suspiro. — Eu certamente não tive nenhuma desconfiança de você e se algo desse sentimento passou da dona do albergue para mim, ficarei feliz em rejeitá-lo e pedir-lhe perdão de joelhos, como de fato faço o tempo todo, por piores que sejam as coisas que digo a você. Continua sendo verdade, porém, que você esconde de mim muita coisa; vem e vai não sei de onde e para onde. Quando Hans bateu à porta aquela vez, você chegou a chamar o nome de Barnabás.

Se ao menos uma vez tivesse me chamado em tom tão afetuoso como então pronunciou, por um motivo incompreensível para mim, esse nome odiado! Se você não tem confiança em mim, como, pois, não deve surgir em mim a desconfiança? Fico portanto totalmente entregue à dona do albergue, a quem o seu comportamento parece dar razão. Não em tudo — não quero dizer que você concorda com ela em tudo o que ela diz; de qualquer modo não foi por minha causa que expulsou os ajudantes? Ah, se soubesse com que ânsia busco em tudo o que faz e fala, mesmo que me torture, um fundo bom para mim!

— Frieda, acima de tudo — disse K. — não escondo absolutamente nada de você. Como a dona do albergue me odeia e como se empenha em retirá-la de mim e que métodos desprezíveis ela usa para tanto, e você cede, Frieda, como você cede! Diga: em que escondo alguma coisa de você? Que eu quero chegar até Klamm você sabe, sabe também que nisso não pode me ajudar e que eu, por conseqüência, preciso conseguir por conta própria e vê que até agora não tive êxito. Devo então, recontando as tentativas inúteis que na realidade já me humilham amplamente, me humilhar em dobro? Devo por acaso me gabar por ter esperado inutilmente, morto de frio, na porta do trenó de Klamm uma noite inteira? Contente por não ter mais de pensar nessas coisas, corro até você e agora tudo é atirado outra vez contra mim por você, de maneira ameaçadora? E Barnabás? Certamente espero por ele. Ele é o mensageiro de Klamm, não fui eu quem o transformou nisso.

— Outra vez Barnabás — bradou Frieda. — Não posso acreditar que ele seja um bom mensageiro.

— Talvez você tenha razão — disse K. — Mas é o único mensageiro que me foi enviado.

— Tanto pior — disse Frieda. — Tanto mais você deve se proteger dele.

— Infelizmente até agora ele não me deu motivo para isso — disse K. sorrindo. — Vem raras vezes e o que traz é sem importância; é só o fato de que procede diretamente de Klamm que lhe dá valor.

— Mas veja — disse Frieda —, Klamm já não é mais seu objetivo, talvez seja isso o que mais me inquieta; já era ruim que você sempre quisesse chegar até Klamm passando por mim; mas é muito pior que agora pareça recuar de Klamm; é algo que nem mesmo a dona do albergue previu. Segundo ela, minha felicidade, uma felicidade tão duvidosa e no entanto tão real, terminou no dia em que você finalmente percebeu que sua esperança de alcançar Klamm era inútil. Mas agora que não espera mais nem esse dia,

aparece de repente um jovem e você começa a lutar com ele pela mãe, como se estivesse lutando pelo ar que respira.

— Você entendeu direito minha conversa com Hans — disse K. — Foi realmente assim. Mas nesse caso toda a sua vida anterior está tão mergulhada no esquecimento (com exceção naturalmente da dona do albergue, que não pode ser jogada fora junto) que você não sabe mais como é preciso lutar para ir em frente, principalmente quando se vem de tão baixo. De que maneira tem que ser utilizado tudo que oferece alguma forma de esperança? E essa mulher vem do castelo, ela mesma o disse a mim, quando no primeiro dia acabei indo parar na casa de Lasemann. O que é mais natural do que pedir-lhe conselho ou até ajuda? Se a dona do albergue conhece com precisão todos os obstáculos que mantêm Klamm a distância, então essa mulher provavelmente conhece o caminho, pois ela mesma voltou por ele.

— O caminho para Klamm? — perguntou Frieda.

— Para Klamm, é claro; para onde mais? — disse ele.

K. então levantou-se de um salto:

— Está em cima da hora para ir buscar o almoço.

Com uma urgência muito maior que a ocasião exigia, Frieda pediu que ele ficasse, como se apenas a sua permanência confirmasse as palavras de consolo que dissera a ela. K. porém lembrava a ela a respeito do professor, apontava para a porta, que a qualquer momento podia ser escancarada com o ruído de um trovão, prometeu também voltar logo, ela não precisava nem mesmo acender o aquecedor, ele cuidaria pessoalmente disso. Finalmente Frieda se submeteu em silêncio. Enquanto lá fora K. andava com dificuldade na neve — o caminho deveria ter sido limpo fazia muito tempo, era estranho como o trabalho progredia devagar —, ele viu junto à grade um dos ajudantes agarrado às barras, exaurido. Só um deles, onde estava o outro? Será que K. havia quebrado a resistência de pelo menos um? O que havia permanecido certamente mantinha o fervor, isso era visível porque ele, reavivado com a visão de K., começou a estender de novo os braços e revirar os olhos suplicantes.

— Sua persistência é exemplar — disse K. consigo mesmo e teve no entanto de acrescentar: — a tal ponto que vai congelar na grade.

Mas objetivamente tudo o que fez pelo ajudante não foi senão uma ameaça com o punho, que excluía qualquer aproximação; na verdade o ajudante recuou, com medo, um trecho considerável. Nesse momento Frieda abriu uma janela para arejar o aposento antes de aquecê-lo, conforme havia

combinado com K. Imediatamente o ajudante deixou K. sozinho e se esgueirou, atraído de modo irresistível, para a janela. O rosto contraído de bondade para com o ajudante e um apelo de impotência em direção a K., ela balançou um pouco a mão em cima da janela, não era nítido se se tratava de um gesto de rejeição ou de saudação, e o ajudante não deixou de se aproximar. Então Frieda fechou rápido a janela externa, mas ficou por trás dela, a mão no trinco, com a cabeça inclinada de lado, os olhos abertos e um sorriso rígido. Será que ela sabia que com isso atraía mais o ajudante do que o afugentava? Mas K. não olhou mais para trás, queria se apressar o mais possível e voltar em breve.

Capítulo 15
EM CASA DE AMÁLIA

FINALMENTE — JÁ ESTAVA ESCURO, fim de tarde — K. havia limpado o caminho do jardim, empilhado a neve dos dois lados e a socado solidamente, com o que o trabalho do dia chegava ao fim. Permaneceu em pé junto ao portão do jardim, não havia ninguém em parte alguma. Já tinha despachado o ajudante fazia horas, expulsando-o para muito longe, mas este havia se escondido em algum lugar entre os pequenos canteiros e cabanas, não podia mais ser encontrado e a partir desse momento não apareceu de novo. Frieda estava em casa, lavando a roupa ou continuando a lavar o gato de Gisa; tinha sido um sinal de grande confiança da parte de Gisa o fato de ter delegado a Frieda esse trabalho, que sem dúvida era pouco atraente e inadequado, incumbência que K. certamente não teria tolerado se não fosse muito aconselhável, após as diversas falhas no serviço, aproveitar toda oportunidade para ficar com crédito em relação a Gisa. Satisfeita, Gisa observara que K. havia trazido do sótão a banheira do bebê, como a água fora aquecida e finalmente o modo cuidadoso como o gato havia sido levantado até a banheira. Depois Gisa entregou o gato completamente aos cuidados de Frieda, pois Schwarzer, o conhecido de K. na primeira noite de sua chegada, o havia cumprimentado com uma mistura de timidez, explicável naquela noite, e incomensurável desprezo, como cabe a um servente de escola, e depois se dirigido com Gisa para a outra sala de aula. Os dois ainda permaneciam lá. Como tinham contado a K. no Albergue da Ponte, Schwarzer, apesar de ser filho de um castelão, fazia muito tempo vivia na aldeia por amor a Gisa; mediante suas ligações havia conseguido ser nomeado professor auxiliar da comunidade; exercia esse cargo de um modo tal que não perdia quase nenhuma aula de Gisa, sentado ou no banco escolar entre as crianças ou de preferência no estrado aos pés de Gisa. Não havia mais perturbação, as crianças já haviam se acostumado fazia muito tempo e isso talvez de uma maneira mais fácil do que Schwarzer, que não tinha nem afeição nem compreensão pelas crianças, mal falava com elas, só assumira de Gisa a aula de ginástica e no mais estava satisfeito por ficar nas proximidades de Gisa e de viver no ar e no calor dela. Seu grande prazer era ficar sentado ao lado de Gisa e corrigir com ela os cadernos escolares. Ainda hoje estavam ocupados com isso, Schwarzer havia trazido uma grande pilha de cadernos, o professor deu a eles também os seus e enquanto ainda estava claro K. tinha visto os dois trabalhando junto a uma mesinha perto da janela, cabeças

encostadas, imóveis; mas agora se podia enxergar lá apenas duas velas tremeluzindo. Era um amor sério, taciturno, o que os unia; o tom era dado por Gisa, cujo temperamento pesado às vezes se tornava selvagem e rompia todas as fronteiras, mas que não toleraria nunca coisa semelhante em outros, numa outra ocasião; conseqüentemente até o vivaz Schwarzer tinha de se submeter, andar devagar, falar devagar, silenciar muito, mas por tudo isso se via que era regiamente recompensado pela presença simples e tranqüila de Gisa. No entanto ela talvez não o amasse absolutamente; seja como for, seus olhos redondos, cinzentos, literalmente nunca piscavam; em vez disso as pupilas pareciam se revolver sem dar resposta a essas perguntas, só se notava que ela tolerava Schwarzer sem objeções, mas sabia com certeza não levar em conta a honra de ser amada pelo filho de um castelão e levava em frente seu corpo amplo e opulento do mesmo modo inalteravelmente calmo, não importando se os olhares de Schwarzer a seguiam ou não. Schwarzer, por seu lado, fazia-lhe o sacrifício constante de permanecer na aldeia; os mensageiros do pai, que com freqüência vinham buscá-lo, ele os despachava com tanta indignação como se a breve lembrança causada por eles já fosse uma recordação do castelo e dos seus deveres filiais — uma perturbação sensível e irreparável da sua felicidade. Entretanto, tinha, na realidade, bastante tempo livre, pois Gisa só se mostrava a ele, em geral, durante as horas de aula e da correção dos cadernos; sem dúvida não se tratava de cálculo, e sim porque ela amava o conforto e por isso, acima de tudo, a solidão; provavelmente o mais feliz para ela era quando podia se esticar no canapé em casa, com plena liberdade, tendo ao lado o gato, que não perturbava porque quase não era mais capaz de se mover. Sendo assim, Schwarzer ia de um lado para o outro durante uma grande parte do dia sem fazer nada, mas isso o agradava, pois sempre dispunha da possibilidade — que também aproveitava com freqüência — de ir à rua do Leão, onde Gisa morava, subir até o seu quartinho de sótão, escutar junto à porta invariavelmente fechada e depois na verdade ir embora de novo, após ter notado no aposento, sem exceção, o mais completo e incompreensível silêncio. Mesmo no seu caso, contudo, se manifestavam às vezes as conseqüências desse modo de vida, nunca porém na presença de Gisa, que tomavam a forma de ridículas explosões em momentos de renovada arrogância oficial, que obviamente se ajustava suficientemente mal à sua posição atual; com efeito, na maioria das vezes as coisas não iam muito bem, como a experiência pessoal de K. comprovava.

Espantoso era apenas o fato de que, ao menos no Albergue da Ponte, se

falasse com um certo respeito de Schwarzer, mesmo quando se tratava de coisas mais ridículas do que estimáveis, e nesse aspecto Gisa estava incluída. No entanto não era correto que, como auxiliar de ensino, Schwarzer acreditasse que era imensamente superior a K.; essa superioridade não existia, um servente é uma pessoa importante para o corpo docente, sobretudo para um professor como Schwarzer, uma pessoa muito importante que não pode ser destratada impunemente; esse desrespeito, na medida em que se torna inevitável pelos interesses da hierarquia, tem de ser tolerável pelo menos com a contrapartida correspondente. K. queria conservar isso em mente naquela ocasião; Schwarzer também estava em débito com ele desde a primeira noite e não havia diminuído pelo fato de os dias subseqüentes terem em verdade justificado a recepção de Schwarzer. Pois nesse caso não devia ser esquecido que a recepção talvez houvesse estabelecido o curso daquilo que se seguiu. Através de Schwarzer, de modo inteiramente irracional, a atenção plena das autoridades tinha se voltado, logo na primeira hora, para K., quando ele, ainda inteiramente desconhecido na aldeia, sem relações, sem abrigo, exausto com a caminhada na neve, desamparado por completo, estava ali deitado no saco de palha, exposto a qualquer ação oficial. Apenas uma noite mais tarde e tudo teria ocorrido de maneira diferente, com calma, quase em segredo. Seja como for, ninguém teria sabido de nada a seu respeito, nenhuma suspeita teria sido levantada, no mínimo ninguém teria hesitado em deixar um viandante sozinho por um dia, teria visto sua utilidade e confiabilidade, as pessoas haveriam de comentar na vizinhança, provavelmente K. teria encontrado logo, como mão-de-obra, um alojamento em alguma parte. Naturalmente ele não teria escapado à administração. Mas havia uma diferença fundamental se, no meio da noite, a repartição central, ou quem quer que pudesse estar ao telefone, fosse abruptamente despertada por sua causa, se houvesse a exigência de uma decisão imediata — com aparente humildade, mas também com uma implacabilidade enfadonha —, e acima de tudo por Schwarzer, com certeza malquisto lá em cima; ou se, em vez de tudo isso, K. batesse à porta do prefeito no dia seguinte em horário de expediente e, segundo convinha, se apresentasse como caminhante estrangeiro, que já tinha um lugar para dormir na casa de um determinado membro da comunidade, devendo provavelmente retomar a viagem no dia seguinte, exceto na eventualidade altamente improvável de que encontrasse trabalho ali, obviamente por alguns dias, pois se fosse por mais tempo ele não poderia ficar de modo algum. Isso ou algo semelhante teria acontecido

sem Schwarzer. A autoridade teria também continuado a se ocupar do seu caso, mas com tranqüilidade, conforme os trâmites oficiais, sem ser perturbada pela impaciência do interessado, o que lhe era particularmente detestável. Pois bem, K. era inocente de tudo isso, a culpa era de Schwarzer, mas Schwarzer era filho de um castelão e exteriormente havia se comportado corretamente, por essa razão portanto K. era obrigado a pagar. E o ridículo motivo de tudo? Talvez um humor inclemente de Gisa naquele dia em virtude do qual Schwarzer perambulou de um lado para outro, insone, naquela noite, para em seguida se desforrar da sua dor em K. Sem dúvida também se poderia dizer, por outro lado, que K. devia muito a esse comportamento de Schwarzer. Só por meio dele tinha sido possível, pelo menos um pouco, aquilo que K. nunca alcançou sozinho, nem teria ousado fazê-lo, o que também, por outro lado, a autoridade dificilmente teria admitido, ou seja, que ele desde o início a havia encarado sem rodeio, com fraqueza e olho no olho, na medida, evidentemente, em que isso era possível. Porém foi um péssimo presente que, na verdade, poupou a K. muita mentira e subterfúgio, mas também o tornou quase sem defesa; de qualquer maneira o prejudicou na luta e poderia, em relação a isso, desesperá-lo, caso não estivesse em condições de dizer que a diferença de forças entre a autoridade e ele era tão monstruosa que toda mentira e esperteza de que teria sido capaz não poderia atenuar essencialmente a diferença em seu favor, e sim precisaria permanecer relativamente imperceptível. Isso entretanto era apenas um pensamento com o qual K. consolava a si mesmo, Schwarzer continuava apesar disso sendo devedor seu; se naquela ocasião ele havia prejudicado K., talvez pudesse ajudá-lo da próxima vez; K. teria continuado a necessitar de ajuda no nível mais elementar em todas as condições prévias; até Barnabás, por exemplo, parecia estar outra vez falhando. Por causa de Frieda, K. havia hesitado o dia todo para ir à casa de Barnabás perguntar por notícias; para não ter de recebê-lo diante de Frieda, K. estivera trabalhando fora e depois do trabalho ainda havia permanecido ali, à espera de Barnabás, mas Barnabás não veio. Não restava outra coisa, então, a não ser ir atrás das irmãs, apenas por um momento; queria fazer as perguntas já na soleira da porta, voltaria em breve. E assim fincou a pá na neve e correu. Chegou à casa de Barnabás sem fôlego; depois de bater brevemente à porta, escancarou-a e, sem prestar atenção no que se passava na sala, perguntou:

— Barnabás ainda não chegou?

Só agora percebia que Olga não estava lá, os dois velhos sentavam-se como

antes à mesa distante, numa espécie de torpor e sem clara consciência do que tinha acontecido na porta; foi só lentamente que voltaram os rostos para lá e que finalmente Amália, sob cobertas no banco junto ao aquecedor, levantou o corpo no primeiro susto com a aparição de K. e pôs a mão na testa para se recompor. Se Olga estivesse ali, teria respondido logo e K. teria podido ir embora, por isso teve ao menos de dar uns passos até Amália, estender-lhe a mão, que ela apertou em silêncio, e pedir-lhe que evitasse que os velhos, assustados, caminhassem para algum lugar, o que ela fez com algumas palavras. K. ficou sabendo que Olga estava no pátio cortando lenha e que Amália, exausta — não disse o motivo —, precisara deitar-se fazia pouco tempo; Barnabás de fato ainda não havia chegado, mas deveria aparecer em breve, pois nunca passava a noite no castelo. K. agradeceu pela informação, podia ir embora, mas Amália perguntou se ele não queria ainda esperar Olga, mas infelizmente ele não tinha mais tempo; depois Amália perguntou se K. havia conversado naquele dia com Olga, ele negou espantado e perguntou se Olga queria lhe comunicar algo especial. Amália franziu a boca como se estivesse levemente irritada, fez um aceno silencioso de cabeça para K., era claramente uma despedida, e deitou-se outra vez. Da sua posição de descanso mediu-o com os olhos, como se estivesse admirada pelo fato de ele ainda estar ali. Seu olhar era frio, claro, imóvel como sempre, não estava exatamente dirigido sobre aquilo que observava, mas passava um pouco ao largo do objeto, de uma maneira quase imperceptível, mas indubitável — o que era incômodo; não parecia ser fraqueza, embaraço ou desonestidade que o causava, mas uma exigência contínua, superior a qualquer outro sentimento, de ficar sozinha, o que talvez viesse à consciência dela mesma só dessa maneira. K. julgou se lembrar de que esse olhar já o havia ocupado na primeira noite: provavelmente toda a má impressão que essa família logo lhe causou remontava àquele olhar, que em si mesmo não era feio, mas altivo e honesto na sua impenetrabilidade.

— Você está sempre tão triste, Amália — disse K. — Alguma coisa a atormenta? Não pode dizer? Ainda não vi uma moça do campo como você. Só hoje, só agora é que na verdade isso me ocorreu. Você é aqui da aldeia? Nasceu aqui?

Amália fez sinal que sim, como se K. só tivesse feito a última pergunta, depois disse:

— Você vai então esperar Olga?

— Não sei por que você sempre me pergunta a mesma coisa — disse K. —

Não posso ficar mais tempo porque minha noiva me espera em casa.

Amália apoiou-se nos cotovelos, não sabia de nenhuma noiva. K. disse o nome, Amália não a conhecia. Perguntou se Olga sabia do noivado, K. acreditava que sim, Olga o havia visto com Frieda, além do que notícias como essa se espalhavam rápido pela aldeia. Mas Amália lhe garantiu que Olga não sabia e que isso iria fazê-la muito infeliz, pois ela parecia amar K. Ela não havia falado abertamente sobre o assunto, pois era muito discreta; o amor porém se traía sem querer. K. estava convencido de que Amália estava enganada. Amália sorriu e, apesar de triste, o sorriso iluminou o rosto sombrio e fechado, fez falar o que silenciava, tornou familiar o que era estranho: era a entrega de um segredo, de uma posse até então bem guardada, que na verdade podia ser tomada outra vez de volta, mas nunca por completo. Amália disse que certamente não se enganava, sabia com efeito de mais coisas ainda — sabia que K. também tinha uma inclinação por Olga e que as visitas dele, sob o pretexto de alguma mensagem de Barnabás, na realidade eram dirigidas a Olga. Agora que Amália sabia de tudo, ele não precisava mais ser tão severo e podia vir com freqüência. Era isso o que ela queria dizer a ele. K. sacudiu a cabeça e lembrou-lhe do seu noivado. Amália parecia não desperdiçar muitos pensamentos com esse noivado; a presença imediata de K. ali, sozinho diante dela, é que era decisiva, ela perguntou apenas quando K. havia conhecido aquela moça; ele estava fazia poucos dias na aldeia. K. narrou a noite na Hospedaria dos Senhores, ao que Amália replicou laconicamente que ela fora muito contrária a que o levassem à hospedaria. Ela invocou como testemunha disso Olga, que acabava de entrar com uma braçada de lenha, fresca, com o rosto picado pelo ar frio, viva e vigorosa, como que metamorfoseada pelo trabalho, em comparação com sua inércia anterior, tão pesada, ali no quarto. Atirou a madeira no chão, saudou K. com desembaraço e logo perguntou por Frieda. K. trocou um olhar de conivência com Amália, mas esta não dava a impressão de se considerar desmentida. Um pouco excitado com aquilo, K. contou, com mais detalhes do que o faria em outras circunstâncias, a respeito de Frieda, descreveu com que dificuldades ela de algum modo conduzia uma vida doméstica na escola e, na pressa de contar — queria ir logo para casa —, esqueceu-se de tal maneira que, na forma de uma despedida, convidou as duas irmãs a visitá-lo. Nesse ponto entretanto assustou-se e ficou bloqueado, enquanto Amália imediatamente declarou aceitar o convite, sem o deixar com tempo para pronunciar uma palavra; foi então que Olga precisou também fazê-lo e o fez.

K., porém, pressionado sem parar pelo pensamento de necessidade de uma rápida despedida e se sentindo inquieto sob o olhar de Amália, não hesitou em admitir sem disfarce que o convite havia saído sem a menor reflexão e somente a partir do seu sentimento pessoal, que ele no entanto não podia sustentá-lo, uma vez que existia uma grande hostilidade entre Frieda e a família Barnabás, que aliás lhe era totalmente incompreensível.

— Não é hostilidade — disse Amália, levantando-se do banco e atirando para trás o cobertor. — Não é grande coisa, simplesmente reproduz a opinião geral. Mas agora vá, vá para a sua noiva, eu vejo com que pressa está. Não tema também que nós iremos, eu o disse logo de início apenas brincando, de malvadeza. Mas você pode vir à nossa casa com freqüência, não há impedimento para isso; pode sempre usar o pretexto das mensagens de Barnabás. Eu facilito as coisas para você dizendo que ele, mesmo quando traz uma mensagem do castelo, não pode ir outra vez à escola, para se apresentar. Não pode ficar correndo tanto de um lado para outro, o pobre rapaz; ele se consome no ofício, você terá que vir pessoalmente para pegar as notícias que lhe são dirigidas.

K. ainda não tinha ouvido Amália falar tanto daquele assunto, soava diferente da sua fala habitual, havia nela uma espécie de majestade que não só K. sentia, mas, com toda evidência, Olga também, sua irmã já acostumada com ela; estava em pé um pouco à parte, as mãos cruzadas no colo, outra vez na sua postura habitual, as pernas separadas, um pouco curvada, os olhos dirigidos para Amália, enquanto esta fitava K.

— É um equívoco — disse K. —, um grande equívoco você julgar que minha espera por Barnabás não é séria; pôr em ordem meus assuntos com a autoridade é meu desejo mais alto, na verdade, meu único desejo. E Barnabás deve me ajudar nisso, muita esperança minha depende dele. Na realidade já me decepcionou muito uma vez, mas foi mais por culpa minha do que por culpa dele, aconteceu na confusão das primeiras horas, na época eu acreditava alcançar tudo com um passeio à noite, e o fato de que o impossível se mostrara impossível eu imputei a ele. Influenciou mesmo meu julgamento sobre sua família, sobre vocês. Mas isso já passou, eu creio conhecê-las agora melhor do que antes, vocês são até — K. procurou a palavra certa, não a encontrou logo e contentou-se com uma que ia passando —, vocês são talvez mais bondosas do que qualquer um entre os habitantes da aldeia, na medida em que os conheço até agora. Mas você, Amália, me confunde de novo, uma vez que rebaixa, se não o ofício de seu irmão, pelo menos o sentido que ele

tem para mim. Talvez não esteja iniciada nos assuntos de Barnabás; então está bem e vou deixar as coisas ficarem como estão, mas talvez você seja iniciada — é essa, antes de qualquer outra, a impressão que tenho —, aí então é ruim, pois isso significaria que seu irmão me engana.

— Não se preocupe — disse Amália. — Não sou iniciada, nada poderia me incitar a deixar que eu fosse iniciada, nada, nem mesmo a consideração por você, por quem eu com certeza teria feito muita coisa, pois, como diz, somos pessoas bondosas. Mas os assuntos do meu irmão são dele, não sei nada a esse respeito a não ser o que ouço por acaso, aqui e ali, contra a minha vontade. Olga, ao contrário, pode lhe dar uma informação completa, pois ela é confidente de Barnabás.

E Amália foi embora, primeiro em direção aos pais, com os quais cochichou, depois para a cozinha; tinha saído sem se despedir de K., como se soubesse que ele permaneceria ainda por muito tempo e não fosse necessária nenhuma despedida.

Capítulo 16

K. FICOU ALI, o rosto um pouco espantado, Olga riu dele, puxou-o para o banco do aquecedor, parecia realmente feliz com o fato de que agora podia permanecer sozinha, ao lado dele, mas era uma felicidade pacífica, com certeza não turvada pelo ciúme. E exatamente essa distância do ciúme e portanto de qualquer austeridade fazia bem a K., ele olhava com prazer naqueles olhos azuis, não sedutores, não imperativos, mas que pousavam tímidos, olhos que sustentavam timidamente o seu olhar. Era como se as advertências de Frieda e da dona do albergue o tivessem tornado não mais receptivo, porém mais atento e mais alerta. E ele riu com Olga, quando esta se admirou por K. ter chamado justamente Amália de bondosa, pois Amália era muitas coisas, mas não propriamente bondosa. Ao que K. declarou que o elogio cabia naturalmente a ela, Olga, mas que Amália era tão dominadora que não só se apropriava de tudo o que era dito na sua presença, como também espontaneamente se atribuía tudo a ela.

— É verdade — disse Olga, ficando mais séria —, mais verdade do que julga. Amália é mais jovem que eu, mais jovem também do que Barnabás, mas é ela que, na família, decide tanto no bem como no mal e obviamente carrega também, mais que todos, tanto o bem como o mal.

K. considerou isso um exagero, tinha acabado de dizer a Amália que ela não se preocupava com os assuntos do irmão, por exemplo, e Olga, pelo contrário, sabia de tudo a esse respeito.

— Como posso explicar? — perguntou Olga. — Amália não se preocupa nem com Barnabás nem comigo, não se importa com ninguém a não ser os pais, cuida deles dia e noite, agora mesmo perguntou outra vez o que desejavam e foi para a cozinha cozinhar para eles; por causa deles fez o esforço de se levantar, pois está mal desde meio-dia e deitada aqui no banco. Mas apesar de não se preocupar conosco, somos dependentes dela, como se ela fosse a mais velha de todos, e, se fosse dar conselhos em nossos assuntos, nós certamente os seguiríamos, mas Amália não o faz, somos estranhos a ela. Você tem muita experiência em relação às pessoas, vem do estrangeiro, ela não lhe parece especialmente inteligente?

— É especialmente infeliz que ela me parece — disse K. — Mas como conciliar, por exemplo, o respeito de vocês por ela com o fato de Barnabás realizar esse serviço de mensageiro, que Amália desaprova, talvez até despreze?

— Se ele soubesse fazer outra coisa que não isso, abandonaria

imediatamente o serviço de mensageiro, que não o agrada em absoluto.

— Ele não é sapateiro de profissão? — perguntou K.

— Sem dúvida — disse Olga. — Trabalha além disso para Brunswick e, se o quisesse, trabalharia noite e dia e ganharia muito.

— Muito bem — disse K. — Teria então uma alternativa para o ofício de mensageiro.

— Para o ofício de mensageiro? — perguntou Olga, espantada. — Ele o assumiu então por causa do dinheiro?

— Pode ser que sim — disse K. — Você mencionou que o serviço não o satisfaz.

— Não o satisfaz por diversos motivos — disse Olga. — Mas é um ofício do castelo, seja como for uma espécie de ofício do castelo, pelo menos é nisso que se devia acreditar.

— Como? — disse K. — Até nisso vocês estão em dúvida?

— Bem — disse Olga. — Na realidade, não; Barnabás entra nas repartições, trata com os servidores como seus iguais, vê da distância, também, alguns funcionários, recebe cartas relativamente importantes, confiam-lhe até mensagens a serem transmitidas oralmente, é muita coisa e poderíamos estar orgulhosos com o fato de já ter alcançado tanta coisa ainda tão jovem.

K. acenou com a cabeça, agora não pensava mais em voltar para casa.

— Ele tem uma libré própria? — perguntou.

— Você se refere à jaqueta? — disse-lhe Olga. — Não, essa foi Amália quem fez para ele, ainda antes que ele fosse mensageiro. Mas você se aproxima do ponto doloroso. Faz muito tempo que ele devia receber, não uma libré, que não existe no castelo, mas um uniforme da repartição; isso lhe foi assegurado, mas nesse aspecto as pessoas são muito lentas no castelo, e o pior é que nunca se sabe o que significa essa lentidão; pode significar que a coisa está em andamento, mas pode também significar que o trâmite oficial ainda nem começou, que, por exemplo, querem primeiro pôr Barnabás à prova; pode significar também, afinal, que o trâmite já terminou, que por algum motivo a garantia foi retirada e que Barnabás nunca vai receber o uniforme. Mais detalhes a esse respeito não é possível saber, ou então só depois de muito tempo. Temos aqui um provérbio que talvez você conheça: “Decisões administrativas são tímidas como as jovens”.

— É uma boa observação — disse K., que o levara mais a sério que Olga. — Uma boa observação, e as decisões podem ter ainda outras propriedades

em comum com as jovens.

— Talvez — disse Olga. — Certamente não sei como você o entende. Talvez você o entenda como um elogio. Mas no que diz respeito ao uniforme oficial, é essa justamente uma das preocupações de Barnabás e, uma vez que temos preocupações em comum, ela é minha também. Por que ele não recebe um uniforme oficial é uma pergunta que faremos inutilmente. Mas toda essa questão não é simples. Os funcionários, por exemplo, parecem não ter absolutamente nenhum uniforme oficial; até o ponto que sabemos aqui e pelo tanto que Barnabás conta, os funcionários circulam com roupas comuns, apesar de belas. Aliás, você já viu Klamm. Ora, naturalmente Barnabás não é um funcionário, nem um funcionário da categoria mais baixa, nem ele se atreve a querer sê-lo. Mas mesmo servidores de nível superior, que aqui na aldeia com certeza não se consegue em absoluto ver, não têm uniformes oficiais, segundo o relato de Barnabás; seria possível pensar de antemão que isso é um certo consolo, mas é um engano, pois Barnabás é um servidor de nível superior? Não, mesmo que se esteja muito inclinado a favor dele, não se pode dizer isso, ele não é um servidor de nível superior; já o fato de vir à aldeia, até de morar aqui, é uma prova em contrário, os servidores de nível superior são mais reservados do que os funcionários, talvez com razão estejam situados mais alto até do que certos funcionários; algumas coisas parecem indicá-lo, eles trabalham menos e, segundo Barnabás, deve ser uma visão maravilhosa enxergar esses homens fortes, grandes, seletos, caminharem lentamente pelos corredores; Barnabás sempre se esgueira junto a eles. Em suma, está fora de discussão que Barnabás é um servidor de nível superior. Poderia pois ser um dos serviçais subalternos, mas precisamente estes têm uniformes oficiais, pelo menos quando descem à aldeia, não é uma libré propriamente dita, existem também muitas variedades, mas de qualquer forma o servidor do castelo é reconhecido imediatamente pelas roupas, você já viu essa gente na Hospedaria dos Senhores. O que mais chama a atenção nas roupas é que elas, na maioria das vezes, são justas, não conviriam a um camponês ou artesão. Muito bem: esse tipo de roupa Barnabás não tem, isso não é apenas vergonhoso ou desonroso, seria possível suportá-lo, mas — principalmente em horas de tristeza e algumas vezes, não muito raramente, nós as temos, Barnabás e eu — faz duvidar de tudo. Afinal, é um serviço do castelo o que Barnabás faz?, perguntamo-nos então; certamente ele entra nas repartições, mas será que as repartições são o castelo propriamente dito? E mesmo que as repartições pertençam ao castelo, é nelas que Barnabás tem

permissão para entrar? Ele vai às repartições, mas é apenas uma parte de todas elas, depois existem barreiras e atrás delas há ainda outras repartições. Não o proíbem de continuar andando pura e simplesmente, mas ele não pode prosseguir se já encontrou seus superiores, que despacharam com ele e o mandaram embora. Além disso, lá a pessoa é sempre observada, ao menos é o que se acredita. E mesmo que ele continuasse a caminhar, no que isso ajudaria, se lá ele não tem um trabalho administrativo e não passa de um intruso? Você não pode imaginar, também, essas barreiras como uma fronteira definida, Barnabás costuma sempre me chamar a atenção sobre isso. Existem barreiras também nas repartições onde ele entra, existem portanto até barreiras pelas quais passa e elas não parecem diferentes daquelas que ele ainda não ultrapassou e por essa razão não se deve assumir previamente que atrás dessas últimas barreiras se encontrem repartições essencialmente distintas daquelas nas quais Barnabás já esteve. Não se acredita nisso senão naquelas horas de tristeza. E assim persiste a dúvida, não é possível se defender. Barnabás conversa com funcionários, recebe mensagens. Mas que funcionários, que mensagens são essas? Agora, como diz, está à disposição de Klamm e recebe os encargos diretamente da parte dele. Ora, isso já seria muito, mesmo servidores de nível mais alto não conseguem ir tão longe; seria quase demais, e o angustiante está justamente aí. Pense só: estar à disposição imediata de Klamm, falar com ele em pessoa! Mas será que é de fato assim? Bem, é assim, mas por que então Barnabás duvida de que o funcionário que lá é designado como Klamm seja realmente Klamm?

— Olga — disse K. —, você não está querendo fazer brincadeiras: como pode existir dúvida sobre a aparência física de Klamm? Sua aparência é conhecida, eu mesmo o vi.

— Certamente não, K. — disse Olga. — Não são brincadeiras, mas minhas mais sérias preocupações. Portanto não o conto para aliviar meu coração e fazer o seu ficar pesado, mas porque você perguntou por Barnabás, porque Amália me deu a incumbência de contar e porque também julgo que é útil que saiba de coisas mais detalhadas. É também por Barnabás que eu o faço, a fim de que não deposite nele esperanças muito grandes, que ele não o decepcione e depois sofra pessoalmente com a sua decepção. Ele é muito sensível; hoje à noite, por exemplo, não dormiu porque ontem ao anoitecer você se mostrou insatisfeito com ele; parece que disse a ele que é muito ruim para você o fato de ter “apenas um mensageiro” como Barnabás. Essas palavras lhe tiraram o sono, mesmo você não terá notado muito a comoção

dele, os mensageiros do castelo precisam se controlar muito. Mas não é fácil para ele, mesmo que seja com você. Sem dúvida, no seu modo de ser, você não exige muito dele, trouxe consigo certas noções sobre o ofício de um mensageiro e é por elas que mede suas exigências. Mas no castelo as pessoas têm outras noções sobre o ofício do mensageiro, elas não coincidem com as suas, mesmo que Barnabás se sacrificasse totalmente, para o que, por infelicidade, ele às vezes parece inclinado. É preciso se submeter, não se pode dizer nada contra, nem que fosse apenas a pergunta se é realmente serviço de mensageiro o que ele faz. Diante de você, naturalmente, Barnabás não tem permissão para expressar nenhuma dúvida a esse respeito, significaria minar sua própria existência se o fizesse, ferir grosseiramente leis sob as quais julga estar submetido; inclusive diante de mim ele não fala livremente, tenho de acariciá-lo, beijá-lo, para desembaraçá-lo de suas dúvidas e ainda assim evitar admitir que as dúvidas são de fato dúvidas. Ele tem algo de Amália no sangue. E com certeza não me diz tudo, embora eu seja sua única confidente. Mas conversamos às vezes sobre Klamm; nunca o vi, sabe, Frieda gosta pouco de mim e jamais me concedeu permissão para vê-lo; naturalmente, porém, seu aspecto físico é bem conhecido na aldeia, alguns o viram, todos ouviram falar dele e dessa aparência, desses rumores e também de segundas intenções, várias e falsas, se formou uma imagem de Klamm que certamente nos traços básicos deve ser verdadeira. Mas só nesses traços essenciais. De resto ela é mutável como a aparência real de Klamm e talvez nem mesmo tão mutável. Ele deve ter uma aparência completamente diferente quando vem à aldeia, outra quando a deixa, outra ainda antes de ter bebido cerveja, outra depois, outra acordado, outra dormindo, outra sozinho, outra durante uma conversa e, o que é compreensível, quase inteiramente outra lá em cima no castelo. Já no interior da aldeia há diferenças razoavelmente grandes, que são relatadas, diferenças de altura, de postura, de gordura, de barba; apenas em relação à roupa os relatos felizmente são os mesmos; ele veste sempre a mesma roupa, um casaco negro de abas longas. Naturalmente todas essas diferenças não se devem a nenhuma mágica, mas são muito compreensíveis, surgem do estado de ânimo do momento, do grau de excitação, das gradações inumeráveis de esperança ou desespero em que se encontra o espectador, que além disso só pode ver Klamm por instantes; conto tudo isso do modo como Barnabás esclareceu muitas vezes, e no geral, quando não está imediatamente envolvida na coisa, a pessoa pode se tranqüilizar. Nós não somos capazes disso, para Barnabás é uma questão vital se realmente está

falando ou não com Klamm.

— Para mim não fica por menos — disse K., e os dois se aproximaram mais no banco do aquecedor.

Na realidade K. sentia-se atingido pelas notícias desfavoráveis de Olga, mas via em grande parte uma vantagem no fato de que ali havia pessoas, às quais, pelo menos exteriormente, as coisas eram as mesmas que para ele próprio, às quais portanto poderia aderir, com as quais ele podia se entender em muitos aspectos, não apenas em alguns como com Frieda. Perdeu, em verdade, aos poucos, a esperança de êxito na mensagem de Barnabás, mas quanto pior iam as coisas para Barnabás lá em cima, tanto mais próximo ficava dele aqui embaixo; K. nunca havia pensado que da aldeia podia emergir um desejo de tal modo infeliz como o de Barnabás e de suas irmãs. Certamente isso estava longe de ser esclarecido o suficiente e afinal podia ainda voltar-se para o seu contrário, era necessário não se deixar seduzir logo pelo modo de ser sem dúvida inocente de Olga e acreditar na sinceridade de Barnabás.

— Os relatos sobre a aparência física de Klamm — continuou Olga — Barnabás conhece muito bem, reuniu e comparou muita coisa, talvez demais; viu certa vez Klamm na aldeia através da janela de uma viatura, ou acreditou ver; estava portanto suficientemente preparado para reconhecê-lo e — como é que você explica isso a si mesmo? —, quando chegou a uma repartição do castelo e lhe mostraram um entre vários funcionários, dizendo que aquele era Klamm, não o reconheceu e durante muito tempo depois não foi capaz de se habituar ao fato de que devia ser Klamm. Mas se perguntar a Barnabás no que aquele homem se distingue da noção usual que se tem de Klamm, ele não pode responder, talvez responda e descreva o funcionário no castelo, mas essa descrição não bate exatamente com a de Klamm, tal como o conhecemos. "Então, Barnabás", digo eu, "por que duvida, por que se atormenta?" Ao que ele, então, num embaraço visível, começa a enumerar as peculiaridades do funcionário no castelo, que parece mais inventar que relatar, mas que além disso são tão insignificantes — referem-se, por exemplo, a um aceno especial da cabeça ou apenas ao colete desabotoado — que é impossível levá-las a sério. Mais importante é o modo como Klamm se comporta com Barnabás. Ele o descreveu para mim com freqüência, até desenhou. Comumente Barnabás é levado a uma grande sala da repartição, mas não é a de Klamm, não é nem mesmo o escritório de um funcionário só. Essa sala está dividida em duas por uma escrivaninha que vai de uma parede

lateral a outra; o espaço dos funcionários é estreito, onde duas pessoas só podem passar uma pela outra se espremendo, e um espaço amplo, que é o das partes, dos espectadores, dos servidores, dos mensageiros. Sobre a escrivaninha estão abertos livros grandes, um ao lado do outro, e ao lado da maioria deles há funcionários em pé, que os lêem. Mas eles não permanecem no mesmo livro, embora não troquem de livros, mas de lugares; para Barnabás o mais espantoso é como eles, nessa troca de lugares, precisam prensar uns aos outros ao passar, por causa justamente da estreiteza do espaço. Bem diante da escrivaninha se encontram mesinhas baixas, onde estão sentados escrivães que, se os funcionários querem, escrevem os ditados que lhes são apresentados. A maneira como isso acontece sempre espanta Barnabás. Não ocorre nenhuma ordem explícita do funcionário, nem o ditado é feito em voz alta, quase não se nota que está sendo ditado, ao contrário, o funcionário parece ler como antes, só que nesse lance ele ainda sussurra e o escrivão ouve. Muitas vezes o funcionário dita tão baixo que o escrivão, sentado, não consegue ouvir, aí ele precisa se levantar de um salto para captar o que é ditado, sentar-se rapidamente e escrever, depois saltar outra vez e assim por diante. Como é curioso! É quase incompreensível. Sem dúvida Barnabás tem tempo suficiente para observar tudo, pois na sala de espera ele fica sentado horas e às vezes o dia inteiro antes que o olhar de Klamm incida sobre ele. E mesmo quando Klamm já o viu e Barnabás se endireitou em posição de prestar atenção, nada ainda se decidiu, pois Klamm pode voltar-se outra vez dele para o livro e esquecê-lo, e isso acontece com freqüência. Mas que serviço de mensageiro é este, tão sem importância? Fico triste quando Barnabás diz de manhã cedo que vai ao castelo. Essa caminhada provavelmente inútil por completo, esse dia provavelmente perdido, essa esperança provavelmente em vão. O que quer dizer tudo isso? E aqui na aldeia se acumula o serviço de sapateiro, que ninguém faz e para cuja execução Brunswick exerce pressão.

— Muito bem — disse K. —, Barnabás tem de esperar muito tempo antes de receber uma tarefa. Isso é compreensível, parece haver aqui uma abundância de pessoal, nem todos podem receber todo dia uma incumbência, disso vocês não precisam se queixar, pois atinge todos. Mas afinal Barnabás com certeza recebe mensagens, a mim mesmo ele já trouxe duas cartas.

— É possível — disse Olga — que não tenhamos o direito de nos queixar, especialmente eu, que sei tudo por ouvir dizer e por ser moça também não sou capaz de entender tão bem como Barnabás, que aliás guarda consigo

muita coisa ainda. Mas ouça bem, agora, o que se passa com essas cartas, com as cartas para você, por exemplo. Elas não são recebidas diretamente de Klamm, mas do escrivão. Num dia qualquer, numa hora qualquer — por isso é que também o serviço, que parece tão fácil, fica tão cansativo, pois Barnabás precisa prestar atenção sem parar — o escrivão se lembra dele e faz-lhe um aceno. Klamm parece não ter absolutamente motivado isso, fica lendo calmamente seu livro; só às vezes, é verdade, mas ele o faz; de resto, com assiduidade, está a ponto de limpar o seu pincenê quando Barnabás chega e talvez o veja nesse momento, supondo-se que vê alguma coisa sem pincenê; Barnabás duvida, Klamm está na ocasião com os olhos quase fechados, parece dormir e limpar o pincenê apenas em sonho. Nesse meio-tempo o escrivão busca entre os muitos dossiês e cartas que conserva sob a mesa e puxa uma carta para você; não é portanto uma carta que acabou de escrever. É antes — pelo aspecto do envelope — uma carta muito antiga, que já está ali faz muito tempo. Mas se é uma carta velha, por que fizeram Barnabás esperar tanto tempo? E você também, certamente? E afinal a carta também, pois agora ela já está sem dúvida envelhecida. Com isso Barnabás fica com a inquietação de ser um mensageiro mau e demorado. O escrivão, entretanto, facilita as coisas para si, entrega a carta a Barnabás e diz: "De Klamm para K." e assim Barnabás é despachado. Vez por outra Barnabás chega em casa sem fôlego, a carta tanto tempo aguardada sob a camisa, no corpo nu, e nos sentamos aqui no banco como agora e ele conta o que houve e investigamos então tudo separadamente e avaliamos o que foi alcançado e finalmente descobrimos que é muito pouco e que esse pouco é duvidoso, e Barnabás põe a carta de lado e também não tem vontade de entregá-la, também não tem nenhuma vontade de ir dormir, pega o trabalho de sapateiro e permanece sentado no banquinho a noite toda. Assim é, K., e são esses os meus segredos; agora você não se admira mais, com certeza, que Amália tenha renunciado a eles.

— E a carta? — perguntou K.

— A carta? — disse Olga. — Bem, depois de algum tempo, quando pressionei Barnabás bastante (é possível que passem dias e semanas nesse ínterim), ele a pega e vai entregá-la. Nessas coisas exteriores ele é muito dependente de mim. Eu, quando superei a primeira impressão do seu relato, posso me recompor, coisa de que ele, provavelmente porque sabe mais, não é capaz. Assim é que posso sempre dizer outra vez a ele: "O que você quer propriamente, Barnabás? Com que carreira, com que objetivo sonha? Quer

talvez ir tão longe que precise nos abandonar, me abandonar por completo? É esse o seu objetivo? Não sou obrigada a crer nisso, uma vez que de resto seria incompreensível por que motivo está tão terrivelmente insatisfeito com o que já conseguiu. Olhe em torno para ver se alguém entre nossos vizinhos já chegou tão longe. Certamente a situação deles é diferente da nossa e não temos nenhuma razão para aspirar a algo mais, mas também, sem fazer comparações, é necessário constatar que para você tudo vai da melhor maneira possível. Existem obstáculos, pontos discutíveis, decepções, mas isso significa apenas aquilo que já sabíamos antes, que nada será dado de presente a você, que pelo contrário terá de lutar por qualquer ninharia, motivo a mais para ser altivo e não abatido. E você não combate por nós, então? Isso não significa nada, não lhe dá nenhuma força nova? E o fato de eu ser feliz e quase arrogante por ter um irmão assim não lhe dá segurança? Em verdade, não no que alcançou no castelo, mas naquilo que consegui com você, fico decepcionada. Você pode entrar no castelo, é um visitante constante das repartições, passa dias inteiros no mesmo espaço que Klamm, é mensageiro publicamente reconhecido, tem direito a um uniforme oficial, recebe cartas importantes para levar — tudo isso você é, pode tudo isso e desce para a aldeia; em vez de chorarmos de felicidade nos braços um do outro, ao me ver parece abandonar toda a coragem, duvida de tudo, só os trabalhos de sapateiro o atraem, e a carta, essa caução do nosso futuro, você põe de lado?". Assim falo com ele e, depois que o repeti o dia inteiro, ele apanha suspirando a carta e parte. Mas provavelmente não se trata do efeito das minhas palavras e sim do impulso de ir outra vez ao castelo e, sem ter executado a tarefa, ele não ousaria ir para lá.

— Mas você tem razão em tudo o que diz a ele — disse K. — Resumiu tudo direito de uma forma admirável. Como é capaz de pensar claro de maneira espantosa!

— Não — disse Olga. — Isso o engana e talvez seja assim também que eu o engane. O que, pois, ele conseguiu? Pode entrar numa repartição, mas não parece nem mesmo uma repartição, antes uma ante-sala das repartições, talvez nem mesmo isso, talvez um quarto, onde devem ser retidos todos aqueles que não podem entrar nas repartições reais. É com Klamm que ele fala, mas é Klamm? Não é antes alguém apenas parecido com Klamm? Talvez um secretário, no melhor dos casos, que é um pouco semelhante a Klamm e se empenha em parecer mais semelhante ainda e então se faz de importante à maneira sorridente e sonhadora de Klamm. Essa parte do seu

ser é a mais fácil de imitar, vários o tentam, mas do resto eles sabiamente têm medo de fazer má figura. E um homem tão freqüentemente desejado e tão raramente alcançado, como Klamm é, assume na imaginação dos homens, facilmente, diversas configurações. Por exemplo, Klamm tem aqui um secretário de aldeia chamado Momus. Verdade? Você o conhece? Ele também se mantém muito reservado, mas de fato já o vi algumas vezes. Um senhor jovem e forte, não é? E provavelmente ele não é nada semelhante a Klamm. Apesar disso podem-se encontrar na aldeia pessoas que jurariam que Momus é Klamm e nenhum outro. Assim é que as pessoas laboram na própria confusão. E será que no castelo é diferente? Alguém disse a Barnabás que aquele funcionário é Klamm e efetivamente existe uma semelhança entre ambos, embora uma semelhança sempre posta em dúvida por Barnabás. E tudo fala a favor de sua dúvida. Klamm devia, ali num espaço coletivo, se espremer entre outros funcionários, com o lápis atrás da orelha? Isso é altamente improvável. Barnabás tem o hábito, um pouco infantil — mas aqui já se trata de uma disposição confiável —, de dizer às vezes: "O funcionário se parece muito com Klamm; se estivesse sentado, na sua própria repartição, à própria escrivaninha e tivesse seu nome na porta, eu não teria mais dúvida". É infantil mas também razoável. Mais razoável, no entanto, seria se Barnabás, quando está lá em cima, se informasse logo, junto a várias pessoas, como são realmente as coisas; segundo suas informações, anda pela sala número suficiente de pessoas. E se suas informações não fossem muito mais confiáveis do que as daquele que, sem ser perguntado, lhe mostrou Klamm, teriam de resultar, no mínimo, dessa multiplicidade alguns pontos de apoio e de comparação. Essa idéia não é minha, mas de Barnabás; ele porém não ousa expô-la, de medo que possa, por qualquer infração involuntária de prescrições desconhecidas, perder seu posto, não ousa dirigir a palavra a ninguém; é inseguro assim que se sente; entretanto é essa insegurança propriamente lamentável que me esclarece seu posto mais nitidamente do que todas as descrições. Como tudo deve lhe parecer ameaçador e duvidoso lá em cima, se não ousa abrir a boca nem mesmo para uma pergunta inocente! Quando penso nisso, acuso-me de deixá-lo sozinho naqueles espaços desconhecidos, onde tudo se passa de tal forma que até ele, mais temerário que covarde, provavelmente treme de medo.

— Creio que aqui você chegou ao ponto decisivo — disse K. — É isso. Depois de tudo o que contou, julgo agora ver claro. Barnabás é jovem demais para essa tarefa. Nada do que ele narra pode ser levado a sério, sem mais nem

menos. Uma vez que lá em cima ele sucumbe de medo, não é capaz de observar aqui embaixo; no entanto, é obrigado a relatar: o resultado são contos de fada confusos. Não me admiro com isso. A reverência diante da autoridade é inata em vocês, continuará a ser incutida durante a vida toda das formas mais variadas e por todos os lados; até vocês ajudam nisso como podem. Mas no fundo não digo nada contra: se uma autoridade é boa, por que não se deveria ter respeito perante ela? Só que não se deve enviar um adolescente sem instrução como Barnabás — que não ultrapassou as fronteiras da aldeia — de repente ao castelo e depois querer exigir dele relatórios fidedignos e investigar cada uma de suas palavras como uma revelação e tornar a própria felicidade da vida dependente de uma interpretação. Nada pode ser mais falho. Certamente eu também, sem me diferenciar de você, me deixei iludir por ele e tanto depositei esperanças nele como sofri decepções por seu intermédio — ambas as coisas unicamente fundadas em suas palavras, ou seja, sobre quase nada.

Olga silenciou.

— Não vai ser fácil para mim — disse K. — confundi-la na confiança que tem no seu irmão, posso ver como o ama e o que espera dele. Mas isso tem de acontecer — e não menos por causa do seu amor e das suas expectativas. Pois repare que algo sempre a impede — não sei o que é — de reconhecer plenamente o que Barnabás não conseguiu, mas foi dado a ele de presente. Pode entrar nas repartições ou, se você quiser, numa ante-sala; é portanto uma ante-sala, mas há portas lá que fecham o caminho para a frente, barreiras que é preciso ultrapassar, quando se tem jeito para tanto. Para mim, por exemplo, essa ante-sala é, pelo menos no momento, completamente inacessível. Com quem Barnabás conversa ali eu não sei, talvez seja aquele escrivão o servidor mais subalterno, mas mesmo sendo o mais subalterno pode conduzir ao seguinte mais acima dele e, se não pode fazê-lo, pode no mínimo nomeá-lo; caso não possa nomeá-lo, pode sem dúvida indicar alguém capaz disso. O suposto Klamm pode não ter rigorosamente nada em comum com o verdadeiro, a semelhança talvez só exista para os olhos cegos de excitação de Barnabás; quem sabe seja o mais baixo dos funcionários, ou nem mesmo seja funcionário, mas tenha alguma tarefa naquela escrivaninha; lê algo no seu grande livro, sussurra alguma coisa para o escrivão, pensa alguma coisa quando seu olhar recai sobre Barnabás e mesmo que ele e seus atos não signifiquem absolutamente nada, o fato é que alguém o colocou lá e o fez com alguma intenção. Quero dizer, com tudo isso, que existe qualquer

coisa, qualquer coisa que é oferecida a Barnabás, pelo menos qualquer coisa, e que é culpa apenas dele se não consegue nada senão dúvida, medo e desesperança. E sendo assim sempre parti do caso menos favorável, que chega a ser improvável. Pois temos com certeza as cartas na mão, nas quais em verdade não confio muito, embora bem mais do que nas palavras de Barnabás. Podem ser cartas antigas e sem valor, tiradas sem critério de um monte igualmente sem valor, com tão pouco discernimento como mostram os canarinhos nas feiras, quando colhem com o bico, do meio de um monte, o destino de uma pessoa — de qualquer pessoa; se for mesmo assim, então essas cartas têm alguma relação, mínima que seja, com o meu trabalho; visivelmente elas se destinam a mim, mesmo que não o sejam, talvez, em meu benefício; como testemunharam o prefeito e sua mulher, foram feitas de próprio punho por Klamm e, segundo ainda o prefeito, possuem apenas um significado particular e pouco transparente, mas apesar disso grande.

— O prefeito disse isso? — perguntou Olga.

— Sim — respondeu K.

— Vou contar a Barnabás — disse rápido Olga. — Isso vai animá-lo muito.

— Ele não precisa, porém, de ânimo — disse K. — Animá-lo significa dizer-lhe que ele está certo, que deve seguir em frente como até agora, mas que, mesmo desse modo, nunca vai conseguir nada; você pode animar alguém que tem os olhos vendados o máximo possível a olhar através da venda e ele nunca irá ver; só quando lhe tirarem a venda é que ele será capaz de enxergar. Barnabás precisa de ajuda, não de encorajamento. Pense por um momento: lá em cima está a autoridade na sua grandeza inextricável — acreditava ter dela representações aproximativas quando cheguei aqui, como era infantil tudo aquilo —; lá, portanto, está a autoridade e Barnabás vai ao seu encontro, ninguém mais, só ele, impiedosamente só; é honra suficiente para ele não ficar desaparecido a vida inteira, espremido num canto escuro das repartições.

— Não acredito, K. — disse Olga —, que nós subestimamos o peso da tarefa que Barnabás assumiu. Respeito pela autoridade é coisa que não nos falta, você mesmo disse isso.

— Mas é um respeito que vai pela via torta — disse K. — Respeito no lugar errado, que rebaixa seu objeto. Deve-se ainda chamar de respeito o fato de Barnabás usar mal o privilégio da entrada naquele espaço para passar lá o dia inteiro sem fazer nada? Ou quando desce para a aldeia e lança suspeitas e discrimina aqueles diante dos quais acaba de tremer? Ou quando, por

desespero ou cansaço, não distribui logo as cartas e não entrega logo as mensagens que lhe foram confiadas? Isso já não é mais, com certeza, respeito. Mas a censura prossegue, dirige-se também a você, Olga; não posso poupá-la; apesar do respeito à autoridade que acredita ter, você o enviou para o castelo, ou pelo menos não reteve Barnabás, em toda a sua juventude, fraqueza e desamparo.

— A censura que você está me fazendo — disse Olga — eu também faço a mim mesma desde sempre. No entanto não se pode censurar-me por ter enviado Barnabás ao castelo; não fui eu que o mandei, ele foi pessoalmente, embora eu devesse tê-lo retido, sem dúvida, por todos os meios, com persuasão, astúcia e força. Devia tê-lo retido, mas se hoje fosse aquele dia, aquele dia de decisão, e eu sentisse a penúria de Barnabás, a penúria de nossa família como antes e hoje, e se Barnabás, consciente de uma maneira clara de toda responsabilidade e perigo, sorrindo e suave se soltasse outra vez de mim, ainda hoje eu não o deteria, apesar de toda experiência adquirida nesse meio-tempo, e julgo que você não poderia fazer nada diferente no meu lugar. Não conhece nossa miséria, por isso é injusto conosco, mas principalmente com Barnabás. Tínhamos antes mais esperança do que hoje, mas nossa esperança, então, também não era grande. Grande era só nossa penúria e assim ela permaneceu. Frieda então não lhe contou nada sobre nós?

— Só alusões — disse K. — Nada definido, mas já o seu nome a irrita.

— E a dona do albergue também não contou nada?

— Não, nada.

— E ninguém mais, além deles?

— Ninguém.

— Naturalmente, como é que alguém poderia contar alguma coisa! Todo mundo sabe alguma coisa sobre nós, seja a verdade, na medida em que é acessível às pessoas, ou pelo menos algum boato, assumido ou na maioria das vezes inventado, e todo mundo pensa em nós mais do que é necessário; porém contá-lo francamente ninguém o faz, guardam-se de levar essas coisas aos lábios. E têm razão. É difícil proferi-lo, mesmo diante de você, K., e também não é possível, então, que você, logo que o escutou, vá embora e não queira mais saber de nós, por menos que isso pareça lhe dizer respeito. Aí nós o teremos perdido, a você que agora — eu o confesso — significa para mim quase mais do que o trabalho de Barnabás no castelo até este instante. E no entanto — essa contradição já me atormenta a noite toda — você precisa sabê-lo, pois de outro modo não chega a uma perspectiva sobre nossa

situação, continuando a ser injusto com Barnabás, o que me doeria particularmente; o acordo necessário e completo nos faltaria e você não poderia nem nos ajudar nem aceitar a nossa ajuda, que é extra-oficial. Mas ainda resta uma pergunta: você quer realmente sabê-lo?

— Por que pergunta isso? — disse K. — Se é necessário, quero saber, mas por que pergunta assim?

— Por superstição — disse Olga. — Você será arrastado para as nossas questões, inocente, não muito mais inocente do que Barnabás.

— Conte depressa — disse K. — Não tenho medo. Você o torna pior do que é com seu temor de mulher.

Capítulo 17
O SEGREDO DE AMÁLIA

— JULGUE POR SI MESMO — disse Olga. — Aliás, soa simples, não se entende logo como é que pode ter um grande significado. Existe um funcionário no castelo que se chama Sortini.

— Já ouvi falar dele — disse K. — Participou da minha convocação.

— Não acredito — disse Olga. — Sortini quase não aparece em público. Você não está confundindo com Sordini, escrito com "d"?

— Você tem razão — disse K. — Era Sordini.

— Sim — disse Olga. — Sordini é muito conhecido, um dos funcionários mais zelosos, sobre o qual muito se fala; Sortini, ao contrário, é muito retraído e hostil à maioria das pessoas. Faz mais de três anos que eu o vi pela primeira e última vez. Era no 3 de julho, numa festa da Associação dos Bombeiros; o castelo também havia participado e oferecido uma bomba hidráulica nova. Sortini, que ao que parece se ocupa também com questões de proteção contra incêndio, mas talvez só estivesse lá por delegação — na maioria dos casos os funcionários representam uns aos outros e por isso é difícil reconhecer a competência deste ou daquele —, participou na entrega da bomba hidráulica; naturalmente havia outros ainda que vieram do castelo, funcionários e servidores, e Sortini, como corresponde ao seu caráter, permaneceu totalmente em segundo plano. É um senhor pequeno, franzino e pensativo; algo que nele chama a atenção de todos os que de algum modo o observam é sua maneira de franzir a testa; todas as dobras — e havia uma porção delas, embora ele não tenha, com certeza, mais de quarenta anos — se estendiam em leque da fronte até a raiz do nariz, algo dessa natureza eu nunca vi. Bem, havia então aquela festa. Nós, Amália e eu, a esperávamos com alegria já fazia semanas, os vestidos de domingo estavam em parte renovados, principalmente o vestido de Amália era muito bonito, a blusa branca avançando em frente, estofada, uma fila de renda em cima da outra, a mãe tinha emprestado todas as rendas para aquela finalidade, eu estava então com inveja e antes da festa chorei a metade da noite. Só quando, pela manhã, a dona do Albergue da Ponte veio nos visitar...

— A dona do Albergue da Ponte? — perguntou K.

— Sim — disse Olga. — Ela era nossa amiga, veio portanto à nossa casa e teve de admitir que Amália estava em vantagem e por isso me emprestou, visando a me acalmar, seu próprio colar de granadas da Boêmia. Quando então estávamos prontas para sair, Amália ficou diante de mim, em pé, nós

todos a estávamos admirando, e o pai disse: “Hoje, lembrem-se do que estou dizendo, Amália ganha um noivo”. Foi então que, não sei por quê, tirei o colar do pescoço, meu orgulho, e o coloquei em Amália, sem mais nem um pouco de inveja. Inclinei-me diante de sua vitória e achei que todo mundo devia fazer o mesmo: talvez o que nos surpreendesse, então, fosse a circunstância de que ela tinha uma aparência diferente da usual, pois não era propriamente bela; mas o olhar sombrio, que manteve assim a partir daquela ocasião, passava longe sobre nós e quase involuntariamente, mas, de fato, a gente se inclinava diante dela. Todos notaram isso, inclusive Lasemann e a mulher, que nos vieram buscar.

— Lasemann? — perguntou K.

— Sim, Lasemann — disse Olga. — Éramos muito considerados, e a festa não teria podido, por exemplo, nem começar sem nós, pois o pai era o terceiro chefe de exercício dos bombeiros.

— Seu pai era tão robusto, então? — perguntou K.

— O pai? — perguntou Olga, como se não entendesse inteiramente. — Há três anos ele ainda era de certo modo um jovem; durante um incêndio na Hospedaria dos Senhores, por exemplo, havia carregado, em passo de corrida, um funcionário pesado, Galater, nas costas. Eu própria estive lá, não havia em verdade perigo de incêndio; só que a madeira seca ao lado do aquecedor começou a soltar fumaça e Galater ficou com medo, pediu socorro pela janela e a brigada de incêndio veio; meu pai teve de transportá-lo para fora, embora o fogo já estivesse apagado. Ora, Galater é um homem que se movimenta com dificuldade e nesses casos é necessário ter cuidado. Só conto isso por causa do pai; mais de três anos se passaram desde então e veja agora como ele fica sentado ali!

Só então K. viu que Amália já estava outra vez na sala, embora bem a distância, junto à mesa dos pais; dava de comer à mãe, que não podia mexer os braços reumáticos, e enquanto isso falava com o pai no sentido de que devia ter um pouco de paciência, logo chegaria a vez dele de ser alimentado. Mas ela não teve êxito em seus apelos, pois o pai, já muito ávido para tomar a sopa, superou a fraqueza física e tentou primeiro tomá-la com sua colher e logo depois bebê-la diretamente da tigela, resmungando bravo quando nenhuma das tentativas deu certo: a colher estava fazia tempo vazia antes de chegar à boca, e não eram nunca os seus lábios, mas o bigode pendente que mergulhava na sopa, pingando e espirrando para todos os lados, exceto dentro da boca.

— Três anos fizeram isso dele? — perguntou K., mas ainda não sentia compaixão, só repulsa, pelos velhos e por todo aquele canto da mesa de família.

— Três anos — disse Olga devagar. — Ou, mais exatamente, algumas horas de festa. A festa era num prado diante da aldeia, ao lado do riacho, já estava lá uma porção de pessoas quando nós chegamos, muita gente das aldeias vizinhas também tinha vindo, o barulho deixava tonto. Naturalmente fomos conduzidos pelo pai até a bomba hidráulica, ele riu de alegria quando a viu, uma nova bomba o fazia feliz, ele começou a apalpá-la e a nos explicar, não tolerava nenhuma contradição e nenhuma falta de entusiasmo dos outros, se havia alguma coisa a inspecionar debaixo da bomba tínhamos todos de abaixar e quase rastejar sob a máquina; Barnabás, que na ocasião se recusou, levou por isso uma surra. Só Amália não se importava com a bomba hidráulica, permanecia ereta no seu lindo vestido e ninguém ousava lhe dizer nada, eu corri algumas vezes até ela e a peguei pelo braço, mas ela ficou em silêncio. Ainda hoje não consigo explicar a mim mesma como foi que, enquanto estávamos diante da bomba hidráulica e quando o pai se desligou dela, nós notamos Sortini, que obviamente havia se inclinado o tempo todo atrás da máquina, ao lado de uma haste. O barulho, então, era sem dúvida medonho não só porque era uma festa como as outras: o castelo dera também de presente algumas trombetas, instrumentos especiais com os quais o menor dispêndio de energia — uma criança seria capaz disso — podia produzir os sons mais selvagens; quando se ouvia aquilo se julgava que os turcos já haviam invadido o lugar e não era possível se acostumar, pois a cada novo sopro as pessoas estremeciam. E uma vez que eram trombetas novas, todos queriam experimentar, e porque era uma festa do povo isso era permitido. Justamente à nossa volta — talvez elas tivessem atraído Amália — estavam algumas dessas trombetas; era difícil conservar os sentidos e se nós precisávamos, ainda por cima, segundo as ordens do pai, prestar atenção na brigada de incêndio, isso era o máximo que se podia fazer e, sendo assim, Sortini nos escapou — a quem aliás não havíamos até então conhecido — por um tempo incomumente longo. “Lá está Sortini”, cochichou Lasemann afinal ao pai; eu estava perto. O pai inclinou-se profundamente e também nos deu, excitado, um sinal para nos inclinarmos. Sem conhecê-lo até então, o pai havia admirado desde muito tempo Sortini como especialista em questões de incêndio; muitas vezes, em casa, falava dele; por isso foi para nós uma grande surpresa e um fato significativo ver agora Sortini na realidade.

Mas Sortini não se importava conosco, não que essa fosse uma peculiaridade dele, a maioria dos funcionários parecem apáticos em público; ele também estava cansado, só o dever de ofício o mantinha aqui embaixo, não são os piores funcionários aqueles que sentem exatamente essas obrigações de representação como tediosas em particular; outros funcionários e servidores se misturam com o povo, já que estiveram lá; mas Sortini permaneceu junto à bomba hidráulica e quem quer que tentasse se aproximar dele com algum pedido ou lisonja era repelido pelo seu silêncio. Sucedeu, assim, que ele nos notou depois que nós o fizemos. Só quando nos inclinamos respeitosamente e o pai procurou nos desculpar é que ele olhou em nossa direção; olhou de um a um, em seqüência, cansado, como se suspirasse por haver, ao lado de um, sempre um outro, até que então se deteve em Amália, para a qual teve de levantar os olhos, pois ela era muito maior do que ele. Nesse momento se espantou, saltou sobre a haste, para ficar mais perto de Amália, a princípio nos equivocamos e, chefiados pelo pai, quisemos nos aproximar dele, mas ele nos barrou com a mão erguida e depois fez um aceno para irmos embora. Isso foi tudo. Depois troçamos muito com Amália, porque ela então havia encontrado realmente um noivo; na nossa falta de discernimento passamos a tarde toda muito alegres, mas Amália estava mais silenciosa que nunca, "ela se apaixonou perdida e completamente por Sortini", disse Brunswick, que é sempre um pouco grosseiro e não tem compreensão pela natureza de pessoas como Amália, mas daquela vez sua observação nos pareceu quase correta; passamos literalmente tontos o dia, e todos, exceto Amália, como que anestesiados pelo doce vinho do castelo, chegamos em casa depois de meia-noite.

— E Sortini? — perguntou K.

— Sim, Sortini — disse Olga. — Vi Sortini várias vezes ainda durante a festa, de passagem; estava sentado sobre a haste, os braços cruzados no peito; assim permaneceu até que o carro do castelo chegou para pegá-lo. Não foi nem mesmo assistir aos exercícios da brigada de fogo, nos quais o pai, naquela ocasião, justamente esperando que Sortini presenciasse, se destacou entre todos os homens da sua idade.

— E vocês não ouviram mais falar dele? — perguntou K. — Parece que você tem uma grande admiração por Sortini.

— Sim, admiração — disse Olga. — Tenho, e também ainda ouvimos falar dele. No dia seguinte fomos acordados, por um grito de Amália, do nosso sono profundo de vinho; os outros caíram logo de novo na cama, mas eu

estava totalmente desperta e corri até Amália; ela estava em pé junto à janela, segurando uma carta na mão que, fazia pouco, um homem lhe havia entregado pela janela; o homem ainda estava esperando uma resposta. Amália já tinha lido a carta — que era curta — e a segurava na mão que pendia mole; como eu a amava sempre que ela estava cansada assim! Ajoelhei-me ao lado dela e li a carta. Mal havia terminado, Amália a pegou, de novo, com um breve olhar para mim, mas não teve mais forças para a ler, rasgou-a, atirou os pedaços no rosto do homem lá fora e fechou a janela. Foi aquela a manhã decisiva. Eu a chamo decisiva, mas todos os momentos da tarde anterior foram igualmente decisivos.

— E o que estava escrito na carta? — perguntou K.

— Sim, ainda não contei isso — disse Olga. — A carta era de Sortini, endereçada à moça que usava o colar cor de granada. Não consigo reproduzir o conteúdo. Era uma intimação para procurá-lo na Hospedaria dos Senhores, e na verdade Amália devia ir imediatamente, pois Sortini tinha de partir em meia hora. A carta estava escrita com as expressões mais vulgares, que eu ainda nunca tinha ouvido, e só adivinhei o conteúdo pela metade, a partir do contexto. Quem não conhecia Amália e tivesse apenas lido aquela carta, a teria considerado uma moça desonrada, para a qual alguém ousara escrever naqueles termos, mesmo que ela não tivesse sido absolutamente tocada. E não era uma carta de amor, não havia ali nenhuma palavra de carinho; pelo contrário, Sortini estava obviamente furioso pelo fato de que a visão de Amália o houvesse capturado e desviado dos seus negócios. Concluímos mais tarde que Sortini queria, naquela tarde, provavelmente ir para o castelo e só havia permanecido na aldeia por causa de Amália; de manhã, cheio de raiva porque também à noite não conseguira esquecer Amália, havia escrito a carta. Diante dela era preciso primeiro ficar indignado — até a pessoa de maior sangue-frio o faria —, depois, porém, com alguém que não fosse Amália, provavelmente prevaleceria o medo diante do tom ameaçador; em Amália perdurou a indignação, ela não conhece o medo, nem para si mesma nem para os outros. E enquanto eu buscava outra vez refúgio na cama, debaixo dos cobertores, e repetia para mim o final interrompido da frase — "Venha logo, pois senão!..." —, Amália ficou no banco da janela, olhando para fora, como se ainda esperasse outros mensageiros e estivesse disposta a tratar qualquer um deles como havia tratado o primeiro.

— São então assim os funcionários? — disse K. hesitante. — Encontram-se

exemplares como esse entre eles. E seu pai, o que fez? Espero que tenha se queixado de Sortini energicamente, em lugar competente, se é que não preferiu o caminho mais curto e mais seguro para a Hospedaria dos Senhores. O mais feio em toda essa história não é a ofensa feita a Amália, que poderia ser facilmente retocada; não sei por que dá um peso excessivo justamente a ela. Por que Sortini devia ter comprometido Amália para sempre com essa carta? Segundo o que você conta seria possível acreditar que exatamente isso, no entanto, não seria cabível; seria fácil apresentar uma satisfação a Amália e em alguns dias o incidente estava esquecido; Sortini não comprometeu Amália, mas a si mesmo. É de Sortini portanto que recuo de medo, diante da possibilidade de que haja um abuso de poder dessa natureza. O que não deu certo nesse caso, porque foi dito em termos rasgados e plenamente transparentes, encontrando um adversário superior em Amália, pode, em mil outros casos, dar certo de uma vez só em circunstâncias um pouco mais desfavoráveis e escapam a qualquer olhar, mesmo ao olhar de quem foi objeto de abuso.

— Quieto — disse Olga. — Amália está olhando para cá.

Amália havia acabado de dar comida aos pais e agora estava a ponto de trocar a roupa da mãe; havia desatado a saia dela, os braços da mãe foram erguidos em volta do pescoço, Amália a levantou um pouco, fez a saia descer suavemente e depois a sentou com brandura de novo. O pai, sempre insatisfeito com o fato de a mãe ser atendida primeiro, o que porém evidentemente só acontecia porque a mãe era ainda mais desamparada que ele, tentava — talvez também para punir a filha pela suposta morosidade — tirar a roupa sozinho, mas embora começasse pelo menos necessário e mais fácil, os chinelos grandes demais, nos quais os pés flutuavam, não conseguia de modo algum retirá-los; teve de desistir logo com um estertor rouco e se inclinou outra vez rígido na sua cadeira.

— Você não reconhece o que é decisivo — disse Olga. — Pode ter razão em tudo, mas o decisivo é que Amália não foi à Hospedaria dos Senhores; o modo como tratou o mensageiro ainda podia passar, seria possível disfarçá-lo; mas com o fato de não ter ido foi proferida a maldição sobre nossa família e sendo assim o tratamento ao mensageiro foi considerado imperdoável e até apresentado em primeiro plano ao público.

— Como? — bradou K. e imediatamente abafou a voz, uma vez que Olga ergueu as mãos em súplica dizendo: — Você, a irmã, não disse por acaso que Amália deveria ter obedecido a Sortini e corrido à Hospedaria dos Senhores?

— Não — disse Olga. — Que eu seja protegida de uma suspeita dessas! Como pode crer nisso? Não conheço ninguém que tenha estado tão solidamente certa como Amália, em tudo o que fez. Se tivesse ido à Hospedaria dos Senhores, certamente eu teria dado igualmente razão a ela; mas o fato de não ter ido foi heróico. No que me diz respeito, confesso a você abertamente, se tivesse recebido uma carta como aquela, teria ido. Não teria suportado o medo do futuro, só Amália não o tem. Existiam muitas saídas: uma outra moça, por exemplo, teria se enfeitado bastante, isso teria levado um tempo e depois iria à Hospedaria dos Senhores, onde ficaria sabendo que Sortini já tinha ido embora, talvez mesmo logo após o envio do mensageiro, algo que é até muito provável, pois os humores dos funcionários são instáveis. Mas Amália não fez isso nem nada semelhante, estava profundamente ofendida e respondeu sem reservas. Se ela de algum modo tivesse fingido obedecer, ultrapassado apenas a soleira da porta da Hospedaria dos Senhores em tempo, a desgraça teria sido desviada, temos aqui advogados muito espertos, capazes de fazer de um nada tudo o que se quer; mas neste caso não existia nem mesmo um nada favorável, pelo contrário: ainda persistia a desonra da carta de Sortini e o insulto ao mensageiro.

— Mas o que quer dizer desgraça? — perguntou K. — E que advogado? Seria possível, por causa do comportamento criminoso de Sortini, acusar ou, pior ainda, punir Amália?

— Sim — disse Olga. — Era possível, não certamente segundo um processo regular; e ela também não foi punida imediatamente, mas sem dúvida de outra maneira, ela e nossa família inteira, e como é pesada essa pena você agora começa com certeza a reconhecer. Parece-lhe injusta e monstruosa, mas na aldeia é uma opinião inteiramente isolada; ela está a nosso favor por completo e devia nos consolar, e assim seria se não derivasse visivelmente de erros. Posso prová-lo com facilidade e me perdoe se falo de Frieda neste contexto, mas entre Frieda e Klamm, independentemente de como isso afinal veio a tomar forma, ocorreu algo totalmente semelhante ao caso entre Amália e Sortini e no entanto, embora no início estivesse assustado, você considera isso certo, agora. E não se trata de hábito, não se pode ficar tão embotado pelo hábito, quando o caso é um simples julgamento; trata-se meramente de se desfazer de erros.

— Não, Olga — disse K. — Não sei por que você está puxando Frieda para esta história; o caso foi inteiramente diverso, não misture coisas

fundamentalmente diferentes e continue a contar.

— Por favor — disse Olga —, não leve a mal se insisto na comparação, ainda é um resíduo de erros também em relação a Frieda quando você acredita ter de defendê-la contra uma comparação. Ela não precisa de modo algum ser defendida, só enaltecida. Se comparo os dois casos, não estou dizendo que sejam iguais, eles se comportam um em relação ao outro como a cor branca à cor negra, e a cor branca é Frieda. No pior dos casos se pode rir de Frieda, como fiz desconsideradamente no balcão de bebidas — mais tarde fiquei muito arrependida; mas até quem ri, aqui, já é maldoso ou invejoso, no entanto se pode rir; mas Amália, quando não se está ligado a ela pelo sangue, só se pode desprezar. É por isso que são dois casos fundamentalmente diversos, como diz você, mas apesar disso também semelhantes.

— Também não são semelhantes — disse K. balançando irritado a cabeça. — Deixe Frieda de lado. Ela não recebeu nenhuma bela carta como a que Amália recebeu de Sortini, e Frieda realmente amou Klamm; quem duvida disso pode lhe perguntar, ela o ama até hoje.

— Mas essas diferenças são tão grandes? — perguntou Olga. — Você não acredita que Klamm pudesse ter escrito da mesma maneira a Frieda? Quando os senhores se levantam da escrivaninha, são assim; não sabem como lidar com o mundo; depois, distraidamente, dizem o que há de mais grosseiro, não todos, mas muitos. A carta a Amália pode ter sido lançada ao papel sem reflexão, sem o menor cuidado pelo que havia sido escrito realmente. O que é que nós sabemos dos pensamentos dos senhores! Você mesmo não escutou ou ouviu dizer em que tom Klamm se dirigiu a Frieda? Sabe-se que Klamm é muito grosseiro, ao que parece não diz nada durante horas, e depois, de repente, fala uma grosseria de tal natureza que faz a pessoa estremecer. Sobre Sortini não se sabe disso, uma vez que, em geral, é muito desconhecido. No fundo, o que se sabe sobre ele é apenas que seu nome é parecido com o de Sordini; não fosse essa semelhança de nome, provavelmente não se conheceria nada a seu respeito. Provavelmente também o confundem com Sordini como especialista em combate ao fogo; mas o verdadeiro especialista é o segundo, que explora a semelhança de nome para descarregar sobre Sortini os deveres de representação e desse modo permanecer no trabalho sem ser perturbado. Agora, se um homem sem traquejo no mundo, como Sortini, é de repente arrrebatado pelo amor a uma jovem da aldeia, é natural que isso assuma outras formas pelas quais o aprendiz de marceneiro ao lado se apaixona. Além disso, é preciso pensar que

entre um funcionário e a filha de um sapateiro existe uma grande distância, que tem, de alguma maneira, de ser transposta; Sortini tentou dessa forma, outro poderia fazê-lo de modo diferente. Na verdade consta que todos nós pertencemos ao castelo, que não existe distância e portanto nada para transpor; talvez de hábito seja assim, mas tivemos infelizmente a oportunidade de ver que não é o caso justamente quando o assunto é de interesse. Seja como for, depois de tudo, o comportamento de Sortini se tornou mais compreensível, menos monstruoso e de fato ele é muito mais inteligível comparado com o de Klamm, e mesmo quando não se está participando muito de perto, muito mais suportável. Quando Klamm escreve uma carta terna, ela é mais embaraçosa do que a carta mais grosseira de Sortini. Compreenda-me direito: não ouso julgar Klamm, apenas comparo, porque você se defende contra a comparação. Klamm é sem dúvida como um comandante sobre o exército de mulheres, ordena ora esta, ora aquela, para ir até ele; não tolera nenhuma demora e assim como ordena a vir, também ordena para ir embora. Ah, Klamm jamais faria o esforço de escrever uma carta! Ora, em comparação com isso é mais monstruoso ainda se Sortini, que vive completamente retirado e cujas relações com mulheres são no mínimo desconhecidas, senta-se um dia à escrivaninha e escreve, na sua bela letra de funcionário, uma carta certamente ignóbil. E se neste caso não resulta nenhuma diferença em favor de Klamm, mas o contrário disso, o amor de Frieda é a causa? A relação das mulheres com os funcionários, acredite-me, é muito difícil, ou antes, sempre muito fácil de julgar. Amor aqui nunca falta. Não existe amor infeliz de funcionário. Não é um elogio, nesse sentido, quando se diz de uma jovem — aqui não estou me referindo nem de longe a Frieda — que ela se entregou ao funcionário porque o amava. Ela o amava e se entregou a ele, foi isso o que aconteceu, mas não há nada a louvar neste caso. Amália, porém, não amava Sortini, é o que você pode objetar. Bem, ela não o amava, mas talvez o amasse, sim; quem pode responder? Nem mesmo ela. Como ela pode julgar tê-lo amado, se o repeliu de maneira tão vigorosa como provavelmente nunca antes um funcionário tinha sido repelido? Barnabás diz que ainda hoje às vezes treme diante do movimento com que Amália, faz três anos, bateu a janela. Isso também é verdade e por isso não se pode fazer-lhe perguntas; ela encerrou o assunto com Sortini e não sabe nada mais que isso; se o ama ou não, ela não sabe. Mas nós sabemos que as mulheres não podem senão amar funcionários quando estes se voltam para elas; na verdade amam o funcionário desde antes, por mais que queiram

negá-lo, e Sortini não só se voltou para Amália, mas também saltou sobre a haste da bomba hidráulica quando viu Amália, saltou sobre a haste com as pernas enrijecidas pelo trabalho na escrivaninha. Esta, entretanto, é uma exceção, dirá você. Sim, ela o é, provou que sim, quando se recusou a ir até Sortini, e isso é uma exceção suficiente; mas que além disso não tivesse amado Sortini é quase exceção demais, isso já não daria mais para entender. Naquela tarde estávamos sem dúvida atacados de cegueira; o fato, no entanto, de termos então acreditado, através de toda aquela névoa, notar algo do apaixonamento de Amália, mostrava um pouco ainda de discernimento. Mas quando se junta tudo isso, o que sobra então para uma diferença entre Frieda e Amália? Unicamente que Frieda fez o que Amália recusou.

— Pode ser — disse K. — Para mim, no entanto, a diferença principal é que Frieda é minha noiva e que no fundo Amália só me preocupa na medida em que é irmã de Barnabás, o mensageiro do castelo, e que o destino dela talvez esteja entrelaçado com o ofício de Barnabás. Se um funcionário tivesse cometido com ela uma injustiça clamorosa do tipo que a princípio me pareceu existir segundo o seu relato, isso teria me ocupado muito, mas mesmo assim bem mais como assunto oficial do que como sofrimento pessoal de Amália. Segundo o seu relato, entretanto, a imagem muda de uma maneira que não me é, em verdade, inteiramente inteligível, mas, uma vez que é você quem narra, ela é suficientemente digna de fé e por isso gostaria muito de pôr esse assunto todo de lado; não sou bombeiro, o que é que Sortini me importa? Mas Frieda me importa e por isso é estranho, para mim, que você, em quem confiei por completo e vou ficar feliz em continuar confiando sempre, procure continuamente atacar Frieda, por vias indiretas através de Amália e tente me tornar suspeito. Não suponho que faça isso deliberadamente, nem muito menos com má intenção, senão eu já teria ido embora há muito tempo; você não o faz com intenção — são as circunstâncias que a induzem a fazê-lo, por amor a Amália você quer elevá-la muito acima de todas as mulheres e, uma vez que não encontra na própria Amália, para esse objetivo, nada que seja suficientemente digno de louvor, acaba se apoiando no apequenamento de outras mulheres. O que Amália fez é notável, mas quanto mais você conta a esse respeito, tanto menos se pode decidir se um feito foi grande ou pequeno, inteligente ou estúpido, heróico ou covarde; Amália conserva trancados no peito os motivos que a moveram, ninguém irá arrancá-los dela. Frieda, pelo contrário, não fez absolutamente nada de notável, apenas seguiu seu coração; para todo aquele que trata do

caso com boa vontade, é algo claro, qualquer um pode verificá-lo, aqui não há espaço para tagarelice. Mas eu não quero nem rebaixar Amália nem defender Frieda, mas só esclarecer a você como me comporto com Frieda e como todo ataque contra Frieda é ao mesmo tempo um ataque contra minha existência. Vim para cá por vontade própria e por vontade própria me estabeleci aqui, mas tudo o que desde então aconteceu, principalmente minhas perspectivas de futuro — por mais sombrias que possam ser, elas de qualquer modo existem —, tudo isso eu devo a Frieda, discussão alguma nesse sentido pode desmenti-lo. Fui de fato aceito como agrimensor, mas só na aparência, brincaram comigo, me expulsaram de todas as casas, ainda hoje brincam comigo, mas — e quão mais complicado é isso — de certo modo ganhei envergadura e algo assim já tem um sentido; por mínimo que seja, já tenho um lar, um posto e trabalho de verdade; tenho uma noiva que, quando preciso cuidar de outros afazeres, assume meu trabalho profissional, vou me casar com ela e me tornar membro da comunidade; além da relação administrativa com Klamm, tenho ainda outra, pessoal, da qual até agora com certeza não pude me aproveitar. Tudo isso é pouco? E quando vou à casa de vocês, a quem cumprimentam? A quem você confia a história da sua família? De quem espera a possibilidade, por mínima e improvável que ela seja, de alguma ajuda? Certamente não é de mim, o agrimensor, que, por exemplo, faz uma semana foi posto para fora de casa, com violência, por Lasemann e Brunswick; você espera ajuda do homem que já tem algum meio de poder; mas esse poder eu devo justamente a Frieda; Frieda, tão modesta que, se você tentar perguntar a ela alguma coisa do gênero, certamente vai responder que não sabe o mínimo a esse respeito. E no entanto parece, diante de tudo isso, que Frieda, na sua inocência, fez mais do que Amália em toda a sua altivez, pois, veja só, tenho a impressão de que você procura ajuda para Amália. E da parte de quem? Na verdade, de ninguém menos que Frieda.

— Falei coisas tão feias sobre Frieda? — disse Olga. — Sem dúvida não o quis e acreditava também não o ter feito, mas é possível; nossa situação é tal que rompemos com todo mundo e começamos a acusar, é mais forte que nós, não sabemos em que direção. Você também tem razão, existe agora uma grande diferença entre nós e Frieda e é bom acentuá-lo pelo menos uma vez. Há três anos éramos filhas de boa família e Frieda, a órfã, criada do Albergue da Ponte; passávamos por ela sem um olhar, éramos certamente orgulhosas demais, mas assim fomos educadas. Naquela noite na Hospedaria dos

Senhores, porém, você deve ter notado a atual situação: Frieda com o chicote na mão e eu no meio dos servos. Mas é pior ainda. Frieda pode nos desprezar, corresponde ao seu posto, são as relações efetivas que o forçam. Quem, no entanto, não nos despreza? Quem quer que decida nos desprezar encontra logo a maior companhia. Você conhece a sucessora de Frieda? Pepi é o nome dela. Só a conheci anteontem à noite, até então ela era camareira. Estou certa de que ela supera Frieda no ato de me desprezar. Ela viu da janela quando fui buscar cerveja, correu até a porta e trancou-a, tive de pedir durante muito tempo e prometer-lhe a fita que trago no cabelo para que ela abrisse para mim. Mas, quando lhe dei a fita, jogou-a num canto. Bem, ela pode me desprezar, em parte dependo de sua boa vontade, ela está no balcão de bebidas da Hospedaria dos Senhores, certamente só por algum tempo, e sem dúvida não tem as qualidades necessárias para ser uma empregada naquele lugar de forma duradoura. Basta ouvir como o gerente da hospedaria fala com Pepi e comparar com a maneira como fala com Frieda. Isso entretanto não impede Pepi de desprezar também Amália, cujo olhar, por si só, seria suficiente para fazer Pepi sumir logo do salão com todas as suas tranças e fitas, com uma presteza de que nunca seria capaz se dependesse apenas de suas próprias perninhas grossas. Que palavrório revoltante sobre Amália tive de ouvir ontem, outra vez, da parte dela, até que finalmente os clientes tomaram o meu partido, do modo, é claro, que você uma vez já viu.

— Como você é medrosa — disse K. — Apenas coloquei Frieda no devido lugar, mas não quis rebaixar nenhum de vocês do jeito que você entendeu. Sua família tem alguma coisa especial para mim, isso não escondi; mas o modo como essa particularidade dá motivo para desprezo é uma coisa que não entendo.

— Ah, K.! — disse Olga. — Temo que você também não irá entendê-lo; será que não consegue compreender de maneira alguma que o comportamento de Amália diante de Sortini foi o primeiro motivo desse desprezo?

— Seria na verdade muito estranho — disse K. — Admirar ou condenar Amália por causa disso seria possível, mas desprezar? E se realmente desprezam Amália por um sentimento que me é incompreensível, por que se estende o desprezo sobre todos vocês, sobre a família inocente? Que Pepi, por exemplo, a despreze, é forte demais e, quando eu for de novo à Hospedaria dos Senhores, quero fazê-la pagar por isso.

— Se você quisesse — disse Olga — mudar o modo de ver de todos os que

nos desprezam, seria um árduo trabalho, pois tudo vem do castelo. Lembro-me ainda com precisão da tarde que se seguiu àquela manhã. Brunswick, que antes era nosso ajudante, chegara como todos os dias, o pai lhe havia dado trabalho e o mandado de volta para casa; nós estávamos sentados tomando o caféda-manhã, todos muito animados, com exceção de Amália; o pai falava sem parar da festa, tinha vários planos em relação ao corpo de bombeiros; no castelo, com efeito, uma equipe própria de bombeiros que enviara uma delegação à festa, com a qual muita coisa tinha sido discutida — os senhores do castelo presentes haviam visto as realizações da nossa brigada de fogo, se pronunciado muito favoravelmente sobre ela, comparando-a aos bombeiros do castelo com um resultado que se mostrou vantajoso para nós —, tinha falado sobre a necessidade de uma nova organização do corpo de bombeiros do castelo, para a qual eram necessários instrutores da aldeia, alguns na verdade foram levados em conta, mas o pai tinha com certeza esperança de que a escolha recairia sobre ele. Falou então sobre isso e como era seu costume, tão bonito, de realmente se espalhar quando estava à mesa, ficou lá sentado, abarcando com os braços metade do móvel; e toda vez que erguia os olhos, pela janela aberta, para o céu, seu rosto era tão jovem e esperançoso como nunca mais iria vê-lo. Foi aí que Amália, com uma superioridade que não conhecíamos nela, disse que ninguém devia pôr muita fé naqueles discursos dos senhores; nessas ocasiões eles costumavam dizer com gosto algo agradável, mas que isso significava pouco, mal havia sido dito já tinha sido esquecido para sempre, embora certamente as pessoas, na próxima oportunidade, estivessem sem dúvida outra vez na mão deles. A mãe a reprovou por falar assim, o pai apenas riu de sua precocidade e do seu ar de sabedoria, mas depois hesitou, parecendo buscar algo cuja falta só agora notava, mas em verdade não faltava nada e ele disse que Brunswick havia contado alguma coisa sobre um mensageiro e uma carta rasgada; perguntou se nós estávamos a par disso, quem estava envolvido e como ficara aquela história. Nós silenciamos, e Barnabás, que era então jovem como um cordeirinho, falou algo particularmente tolo ou atrevido, falou-se de outras coisas e o assunto caiu no esquecimento.

Capítulo 18
A PUNIÇÃO DE AMÁLIA

— MAS LOGO EM SEGUIDA — prosseguiu Olga — fomos bombardeados por todos os lados por causa da história da carta, vieram amigos e inimigos, conhecidos e desconhecidos, mas eles não ficaram muito tempo, os melhores amigos se despediam o mais rápido possível; Lasemann, habitualmente lento e digno, entrou como se quisesse apenas tomar as dimensões do cômodo, um olhar em volta e havia terminado, parecia uma horrível brincadeira de criança, como se Lasemann fugisse e o pai se livrasse das outras pessoas e corresse atrás dele até a soleira da porta e depois desistisse, Brunswick chegou e anunciou ao pai que queria se tornar autônomo — ele o disse com total honestidade —, uma cabeça esperta que sabia se aproveitar do momento, vieram clientes e procuraram no depósito do pai as botas que tinham deixado ali para remendar; a princípio o pai tentou mudar a opinião dos clientes, todos nós o apoiamos segundo as nossas forças, mais tarde o pai desistiu e meio em silêncio ajudou as pessoas nas buscas, no livro de encomendas, elas foram riscadas linha por linha, as reservas de couro que essa gente tinha conosco foram suspensas, as dívidas pagas, tudo correu sem o mínimo atrito; todo mundo estava satisfeito quando conseguiu cortar, rápida e completamente, a ligação conosco, podem ter ocorrido então perdas também, mas isso não foi levado em conta. E finalmente, o que aliás era de se prever, Seemann apareceu, o chefe do corpo de bombeiros, ainda vejo diante de mim a cena: Seemann grande e forte mas um pouco curvado e doente dos pulmões, sempre sério, é alguém que não sabe rir de modo algum, fica em pé diante de meu pai, que ele admirava, a quem, em momento de confiança, ofereceu a perspectiva de ocupar o posto de representante do chefe da brigada de fogo e agora deve apenas lhe comunicar que a associação o está demitindo e exige a devolução do diploma. As pessoas que estavam em volta de nós deixam no momento seus afazeres e se juntam em círculo ao redor dos dois homens. Seemann não pode falar nada. Dá tapinhas sem parar nos ombros do pai, como se desejasse que este fizesse saírem as palavras que ele próprio deve dizer e não encontra. Nesse meio-tempo ri sem cessar, gesto com o qual quer com certeza acalmar um pouco a si mesmo e aos outros; mas uma vez que não sabe rir e nunca ninguém ainda o ouviu rir, não ocorre a nenhuma pessoa acreditar que se trata de um riso. Mas o pai já está desesperado e cansado desse dia para poder auxiliar Seemann; parece mesmo cansado até para pensar no assunto de que se trata. Todos nós estávamos

igualmente desesperados, mas, uma vez que éramos jovens, não podíamos crer num colapso total dessa natureza; sempre pensamos que na seqüência dos visitantes finalmente viria alguém que ordenasse o basta! e forçasse tudo ao movimento de voltar atrás outra vez. Seemann parecia-nos, em nossa inconsciência, particularmente adequado a isso. Tensos esperamos que daquele riso contínuo afinal brotasse uma palavra clara. Do que se podia, pois, rir agora, senão da estúpida injustiça que recaía sobre nós? "Senhor chefe, senhor chefe, diga afinal às pessoas", era o que pensávamos apinhando-nos em torno dele, o que no entanto o levava apenas a curiosos movimentos circulares. No fim, porém, ele começou, não a realizar nossos secretos desejos, mas a corresponder aos apelos estimulantes ou irritados das pessoas e se pôs a falar. Ainda continuávamos a ter esperança. Ele iniciou com um grande louvor ao pai. Chamou-o de ornamento da associação, um membro indispensável cuja demissão iria praticamente destruir a associação. Foi tudo muito bonito — se ele tivesse terminado ali. Mas continuou falando. Se apesar disso a associação decidira solicitar o desligamento do pai só provisoriamente, seria possível reconhecer a seriedade dos motivos que a forçaram a fazê-lo. Talvez, sem as realizações brilhantes do pai na festa do dia anterior, não se tivesse ido tão longe, mas esses feitos haviam atraído particularmente a atenção oficial; a associação estava então sob plena luz e precisava velar por sua pureza ainda mais do que antes. Ora, havia sucedido o insulto do mensageiro, por isso a associação não tinha encontrado nenhuma outra saída, e ele, Seemann, assumira o difícil dever de comunicá-lo. Esperava que o pai não lhe tornasse as coisas ainda mais difíceis. Como Seemann estava contente de ter conseguido isso, satisfeito por tê-lo feito assim, não foi nem mesmo mais considerado de forma exagerada: apontou para o diploma que pendia na parede e acenou com o dedo. O pai fez um sinal com a cabeça e foi buscá-lo, mas não pôde tirá-lo do gancho com as mãos trêmulas, tive de subir numa cadeira para ajudá-lo. E a partir desse momento tudo havia terminado, nem tirou o diploma da moldura, mas o deu a Seemann do jeito que estava. Depois sentou-se num canto, sem se mexer nem falar com mais ninguém, tivemos de tratar sozinhos com as pessoas o melhor que podíamos.

— E onde você vê aqui a influência do castelo? — perguntou K. — Até esse momento parece não ter intervindo. O que você contou até agora foi apenas apreensão irrefletida das pessoas, prazer com o prejuízo do próximo, amizade não confiável, coisas que se podem encontrar em toda parte e até,

por acaso, do lado do seu pai — pelo menos assim me parece —, uma certa puerilidade, pois o que era aquele diploma? Confirmação de suas habilidades e estas ele ainda mantinha; se o tornavam indispensável, tanto melhor; e a única maneira que ele teria para tornar as coisas realmente difíceis para o chefe seria atirar o diploma aos pés dele logo na segunda palavra. Particularmente significativo me parece, porém, que você não mencionou Amália; Amália, que era a culpada de tudo, provavelmente estava em pé, lá no fundo, e observava a devastação.

— Não, não — disse Olga —, ninguém deve ser censurado, ninguém podia agir de outra maneira, foi tudo influência do castelo.

— Influência do castelo — repetiu Amália que, sem ser notada, havia entrado, vinda do pátio: os pais estavam fazia muito tempo na cama. — Estão contando histórias do castelo? Vocês ainda estão sentados juntos? E você, K., não queria se despedir logo? E já são dez horas. Essas histórias o preocupam de alguma forma? Há pessoas aqui que se alimentam delas, sentam-se juntas, como vocês aqui, e regalam-se mutuamente; mas você não parece fazer parte dessas pessoas.

— Faço sim — disse K. — É exatamente dessas pessoas que faço parte; em compensação, as que não se preocupam com essas histórias e só com outras não causam muita impressão sobre mim.

— Bem — disse Amália. — O interesse das pessoas, no entanto, é muito diversificado, ouvi certa vez falarem de um jovem que ocupava os pensamentos dia e noite com o castelo, negligenciava tudo o mais, temiam pelo seu juízo porque sua mente toda estava lá em cima no castelo; mas finalmente se constatou que não se tratava propriamente do castelo, e sim da filha de uma mulher que lava as repartições; ele a conquistou então, e tudo voltou à ordem.

— Esse homem me agradaria, acredito — disse K.

— Duvido que o homem o agradaria — disse Amália. — Talvez a mulher dele o agradasse. Mas não se perturbem, vou indo dormir e tenho de apagar a luz por causa dos pais, eles adormecem logo mas uma hora depois o sono verdadeiro terminou e aí qualquer clarão de luz os incomoda. Boa noite.

E realmente logo ficou tudo escuro, Amália arrumou em algum lugar no chão, perto da cama dos pais, o seu pouso.

— Quem é esse jovem de quem ela falou? — perguntou K.

— Não sei — disse Olga. — Talvez Brunswick, se bem que não combine completamente com ele; talvez seja um outro. Não é fácil entendê-la com

precisão porque muitas vezes não se sabe se ela está sendo irônica ou séria, muitas vezes é sério, mas soa irônico.

— Deixe de lado as interpretações! — disse K. — Como é que você chegou a essa dependência tão grande dela? Era assim já antes da grande infelicidade? Ou só depois? Nunca você teve vontade de se tornar independente dela? E essa dependência tem algum fundamento racional? Ela é a mais jovem e como tal tem de obedecer. Inocente ou não, ela trouxe a desgraça para a família. Em vez de, por causa disso, pedir todos os dias, a cada um de vocês, perdão de novo, ela anda de cabeça mais alta que todos, não se importa com nada, a não ser quase por clemência com os pais; não quer tomar conhecimento de nada, como diz, e se afinal fala com vocês então é a "maioria das vezes séria, mas isso soa irônico". Ou domina talvez pela beleza, que você às vezes menciona. Ora, vocês três são muito parecidas, mas o que distingue Amália é totalmente desfavorável a ela; já quando a vi pela primeira vez, fiquei assustado com seu olhar embotado e sem afeto. E no entanto é a mais moça, mas não se percebe nada disso no seu exterior, ela tem a aparência sem idade das mulheres que praticamente não envelhecem, embora também nunca em verdade tenham sido jovens. Você a vê todos os dias, não observa em absoluto a dureza do seu rosto. Por isso, quando reflito, não posso levar muito a sério a inclinação de Sortini; talvez ele quisesse apenas puni-la com a carta, e não chamá-la.

— Não quero falar sobre Sortini — disse Olga. — Da parte dos senhores do castelo tudo é possível, trate-se da jovem mais bela ou da mais feia. Mas de resto você se engana completamente em relação a Amália. Veja, não tenho motivo algum para ganhá-lo para Amália em especial e no entanto tento fazê-lo só por sua causa. De algum modo Amália foi a causa de nossa infelicidade, isso é certo, mas até o pai, que sem dúvida foi o mais duramente atingido pela desgraça e nunca pôde se conter muito com as palavras, sobretudo em casa, mesmo ele não disse, nos piores tempos, palavra alguma de censura. E não porque tivesse por acaso aprovado o procedimento de Amália; como é que ele, um admirador de Sortini, podia aprovar, nem de longe conseguia entender, teria certamente sacrificado com prazer a si próprio e a tudo o que possuía para Sortini, seja como for não como agora aconteceu de fato, sob a provável cólera dele. Uma cólera provável, pois não soubemos mais nada de Sortini; se até então tinha sido recatado, agora era como se não existisse mais. E você devia ter visto Amália naquela época. Todos nós sabíamos que não viria nenhuma punição explícita. Eles só se

afastaram de nós. Tanto as pessoas aqui quanto o castelo. Mas enquanto se observava, naturalmente, o afastamento das pessoas, não se notava nada, em absoluto, da parte do castelo. Já havíamos reparado antes, também, a falta de solicitude do castelo, agora tínhamos de notar uma mudança de atitude. Esse silêncio foi o pior de tudo. De longe foi isso e não o afastamento das pessoas, elas não o tinham feito por nenhuma convicção, talvez não alimentassem absolutamente nada sério contra nós, o desprezo atual ainda não existia, eles haviam feito isso só de medo e agora esperavam como se passariam as coisas. Também não tínhamos ainda de temer nenhuma necessidade, todos os devedores haviam pago, os distratos tinham sido favoráveis, se nos faltavam alimentos os parentes nos ajudavam em segredo, era fácil, estávamos na época da colheita, de qualquer modo não tínhamos terras e em parte alguma nos deixavam trabalhar, pela primeira vez na vida estávamos quase condenados ao ócio. E assim ficávamos sentados juntos ao lado das janelas fechadas, no calor de julho e agosto. Não acontecia nada. Nenhuma convocação, nenhuma notícia, nenhuma visita, nada.

— Bem — disse K. — Uma vez que não acontecia nada e não era de se esperar alguma punição explícita, do que vocês tinham medo? Que tipo de gente são vocês?

— Como posso explicar a você? — disse Olga. — Não temíamos nada futuro, sofríamos já com o presente, estávamos em meio à punição. As pessoas na aldeia esperavam que fôssemos encontrá-los, que o pai abrisse outra vez sua oficina, que Amália — que sabia costurar belos vestidos, verdade que só para as pessoas mais distintas — viesse receber de novo encomendas; todas as pessoas sofriam pelo que haviam feito; quando na aldeia uma família acatada é de repente excluída, todo mundo enfrenta com isso alguma desvantagem; quando se desligaram de nós acreditaram que faziam apenas o seu dever: nós não teríamos agido de outra forma no seu lugar. Eles também não sabiam com exatidão do que se tratava; só que o mensageiro havia voltado à Hospedaria dos Senhores com a mão cheia de pedaços de papel; Frieda o tinha visto sair e depois voltar, trocara algumas palavras com ele e logo espalhara aquilo que soubera; mas outra vez não por hostilidade a nós, de modo algum, simplesmente por dever, como em caso similar teria sido o dever de outra pessoa. E, como já disse, para as pessoas teria sido uma solução feliz, a mais bem recebida do caso todo. Se de repente tivéssemos chegado com a notícia de que estava tudo em ordem, que, por exemplo, só tinha sido um mal-entendido, inteiramente esclarecido nesse

ínterim, ou que de fato fora uma ofensa, mas que ela já estava reparada pela ação ou — até isso teria sido suficiente para as pessoas — que havíamos conseguido, através de nossas ligações com o castelo, liquidar o assunto — teríamos sido com certeza recebidos de volta de braços abertos, teria havido beijos, abraços, festas; já presenciei coisas assim algumas outras vezes. Mas nem mesmo uma notícia dessas teria sido necessária; se houvéssemos saído livres e nos oferecido, as relações antigas teriam se reatado, sem perder nem uma palavra sequer sobre a história da carta; isso teria bastado, com alegria todos teriam renunciado a discutir o caso; foi sem dúvida, ao lado do medo, principalmente o embaraço do assunto o motivo pelo qual se isolaram de nós, simplesmente para não ouvir nada sobre ele, não falar a seu respeito, não pensar nisso, de forma alguma precisar ser tocado por ele. Se Frieda deu vazão à coisa, não o fez para se alegrar com isso, mas para proteger a si mesma e a todos, para chamar a atenção da comunidade de que aqui acontecera algo do qual as pessoas tinham de se manter distantes da maneira mais cuidadosa. Não entramos aqui em consideração como família, mas tão-somente por causa da questão; foi só por causa de uma questão em que havíamos nos enredado. Assim, portanto, se tivéssemos apenas reemergido, deixado o passado em paz, mostrado pelo nosso comportamento que havíamos superado o caso, não importa de que maneira, e as pessoas tivessem chegado à convicção de que o assunto, sem considerar como ele poderia ter sido criado, não fosse mais objeto de discussão, tudo teria ficado bem, por toda parte teríamos encontrado a velha e boa cooperação; mesmo que não houvéssemos esquecido o caso por completo, as pessoas haveriam de entender e nos teriam ajudado a esquecer totalmente a questão. Em vez disso, porém, ficávamos em casa, sentados. Não sei o que esperávamos, suponho que a decisão de Amália; ela havia assumido então, já pela manhã, o comando da família e se aferrara a ele. Sem arranjos especiais, sem ordens, sem pedidos, quase só pelo silêncio. Certamente nós outros tínhamos muita coisa a discutir, era um sussurrar contínuo de manhã até a noite e às vezes o pai me chamava, em súbito estado de alarme, e eu passava a metade da noite ao lado da cama. Ou então ficávamos acocorados, eu e Barnabás, que entendia muito pouco de tudo o que acontecia e sem parar exigia febrilmente explicações, sempre as mesmas, sabia com certeza que os anos despreocupados, que outros de sua idade esperavam, para ele não existiam mais; por isso, K., permanecíamos sentados como nós dois agora, e esquecíamos que anoitecia e que a manhã ia chegar outra vez. A mãe era a

mais frágil de todos nós, certamente porque não só sentia a dor comum, mas também a de cada um individualmente, e assim éramos capazes de perceber nela, com pavor, as mudanças que, conforme pressentíamos, aguardavam toda a família. Seu lugar preferido era o canto de um canapé, faz muito tempo que não o possuímos mais, ele está na grande sala de estar de Brunswick, lá ela costumava se sentar e — não se sabia exatamente por quê — cochilava ou, segundo pareciam sugerir seus lábios em movimento, mantinha longas conversas consigo mesma. Era tão natural falarmos continuamente da história da carta, de trás para diante sobre todos os pormenores certos e todas as possibilidades incertas, que sem cessar superávamos um ao outro na imaginação de meios para uma solução boa; era natural e inevitável, mas não era bom, pois com isso nos aprofundávamos cada vez mais naquilo que desejávamos evitar. E de que nos serviam essas idéias, apesar de excelentes? Nenhuma delas era realizável sem Amália, não era nada senão preparativos sem sentido, uma vez que seus resultados não chegavam nunca a Amália e, se a tivessem alcançado, não teriam encontrado outra coisa senão silêncio. Bem, felizmente eu hoje compreendo Amália melhor do que antes. Sua carga era maior do que a de todos nós, é incrível como ela a suportou e ainda vive entre nós. A mãe carregava talvez toda nossa dor, carregava-a porque esse sofrimento desabou sobre ela; não o fez por muito tempo; não é possível dizer que de algum modo a carregue ainda hoje; já na época seu espírito estava perturbado. Mas Amália suportou não só a dor, como também teve o discernimento para ver através dela; nós só víamos as conseqüências, ela via o fundo das coisas, esperávamos algum pequeno expediente, ela sabia que estava tudo decidido, nós tínhamos de murmurar, Amália tinha só de silenciar; ela enfrentava a verdade olho no olho, vivendo e agüentando a mesma vida antes como hoje. Como as coisas eram muito melhores, em toda a aflição, para nós do que para ela! Evidentemente tivemos de abandonar nossa casa, Brunswick foi habitá-la, indicaram-nos esta cabana, com um carrinho de mão transportamos nossos pertences, em algumas viagens, até aqui; Barnabás e eu puxávamos, o pai e Amália ajudavam atrás; a mãe, que havíamos trazido antes, nos recebia, sentada sobre uma caixa, sempre gemendo levemente. Mas eu me lembro de que, durante as viagens tão cansativas — que também eram humilhantes, pois freqüentemente encontrávamos carroças de colheita, cuja tripulação silenciava diante de nós e desviava o olhar —, lembro-me de que Barnabás e eu, mesmo durante essas viagens, não conseguíamos parar de falar dos nossos

planos e preocupações, que durante a conversa às vezes ficávamos parados e só o chamado do pai, conclamando ao trabalho, nos fazia recordar de novo do nosso dever. Mas todas as conversas também não alteraram, depois da mudança, a nova vida, só que agora, aos poucos, começávamos também a sentir a pobreza. As contribuições dos parentes cessaram, nossos recursos estavam quase no fim e justamente nessa época teve início o desprezo por nós, como você o conhece. Observaram que não tivemos força para sair da história da carta e nos levaram a mal por isso, não subestimaram o peso do nosso destino, embora não soubessem exatamente qual ele era; se o tivéssemos superado, teriam nos honrado de forma correspondentemente alta; mas o fato de não o termos conseguido fez com que agissem em definitivo como até então haviam agido só temporariamente: excluíram-nos de todos os círculos, sabiam que eles mesmos provavelmente não teriam passado pela prova melhor que nós, por isso era mais necessário se separarem totalmente da nossa família. Agora não falavam mais de nós como de seres humanos, nosso nome de família não foi mais mencionado; quando precisavam falar de nós, chamavam-nos de Barnabás, o mais inocente de todos; até nossa cabana ficou mal-afamada e se pensar nisso terá de admitir que também você, quando entrou pela primeira vez, julgou notar que esse desprezo era justificado; mais tarde, quando as pessoas começaram a nos visitar novamente, torciam o nariz sobre coisas totalmente sem importância, por exemplo que o pequeno lampião a óleo pendia sobre a mesa. Onde seria possível pendurá-lo a não ser sobre a mesa? Para elas, porém, parecia algo insuportável. Se no entanto colocássemos a lâmpada em outro lugar, não mudaria em nada sua má vontade. Tudo o que éramos e tínhamos, encontrava o mesmo desprezo.

Capítulo 19
CAMINHOS DE PETIÇÃO

— E O QUE FAZÍAMOS NESSE MEIO-TEMPO? — continuou. — A pior coisa que podíamos ter feito, algo pelo qual deveríamos ter sido desprezados com mais razão do que por aquilo que de fato éramos — traímos Amália, nos livramos do seu comando silencioso, não podíamos mais continuar vivendo assim, totalmente sem esperança não era possível viver e começamos, cada qual à sua maneira, a pedir ou assediar o castelo, para que nos perdoasse. Sabíamos, em verdade, que não éramos capazes de reparar alguma coisa; sabíamos também que a única ligação esperançosa que mantínhamos com o castelo era a ligação com Sortini, o funcionário inclinado a favor de nosso pai, mas que estava inacessível a nós justamente por causa dos acontecimentos; apesar disso nos pusemos a trabalhar. O pai começou, foi esse o início de pedidos inúteis ao prefeito, aos secretários, aos advogados, aos escrivães; na maioria das vezes ele não era recebido e quando o era, por astúcia ou acaso — ficávamos em júbilo com notícias como essa e esfregávamos as mãos —, repeliam-no com extrema rapidez e nunca mais o receberam. De qualquer modo era muito fácil responder a ele, o castelo agia sempre com tanta facilidade. O que então estava querendo? O que havia acontecido com ele? Pelo que queria perdão? Quando e por quem, no castelo, levantaram somente um dedo contra ele? Certamente estava empobrecido, tinha perdido a freguesia etc., mas eram contingências da vida cotidiana, questões de artesanato e de mercado; devia, pois, o castelo se ocupar de tudo? Na realidade, se preocupava com tudo, mas não podia, sem dúvida, intervir grosseiramente na evolução das coisas, simplesmente e sem outro objetivo do que servir ao interesse de um único homem. Devia por acaso despachar seus funcionários para que estes corressem atrás dos clientes do pai e trazê-los de volta à força? O pai então objetava — discutíamos essas coisas todas em minúcia lá em casa, antes e depois, apertados num canto, como que escondidos de Amália, que aliás notava tudo, mas deixava correr —, o pai então objetava que não se queixava do empobrecimento; tudo o que havia perdido aqui era fácil de recuperar, era tudo secundário se apenas o perdoassem. Mas do que deviam perdoá-lo? — era o que lhe respondiam, até então não tinha sido expedida nenhuma queixa contra ele, nem mesmo ela constava ainda nos protocolos, pelo menos não nos protocolos acessíveis aos advogados; em conseqüência disso, na medida em que era possível constatar, nem havia sido empreendido nada contra ele, nem algo estava a caminho.

Podia citar, talvez, uma disposição administrativa que tivesse sido emitida em seu desfavor? O pai não podia fazê-lo. Ou tinha havido uma intervenção de um órgão administrativo? A esse respeito o pai não sabia nada. Bem, se então ele não sabia nada nem nada tinha acontecido, o que é que ele estava querendo? O que poderia ser-lhe perdoado? No máximo que agora importunava sem propósito as autoridades, mas exatamente isso era imperdoável. O pai não cedeu, na época continuava sendo muito forte e o ócio forçado lhe dava tempo de sobra. "Vou reconquistar a honra de Amália, não vai levar muito tempo", dizia a Barnabás e a mim algumas vezes durante o dia, mas só em voz muito baixa, pois Amália não devia ouvi-lo; além disso era dito apenas em benefício de Amália, pois na realidade não pensava em absoluto na reconquista da honra, e sim no perdão. Para receber o perdão, no entanto, precisava primeiro estabelecer a culpa e esta lhe estava sendo negada nos círculos administrativos. Concebeu a idéia — o que mostra que já estava mentalmente fraco — de que a culpa estava sendo mantida em segredo porque ele não pagava o suficiente; até então, como quer que seja, pagava sempre os tributos fixados, que, pelo menos para as nossas condições, eram bastante altos. Acreditava então, porém, que tinha de pagar mais, o que sem dúvida estava errado: embora nossas autoridades, por uma questão de facilidade, para evitar discussões desnecessárias, aceitem subornos, não deixam que se consiga algo com isso. Mas era essa a esperança do pai e não queríamos atrapalhá-lo. Vendemos o que ainda possuíamos — eram quase só coisas ainda indispensáveis — para conseguir os fundos necessários às investigações do pai e durante muito tempo tivemos, todas as manhãs, a satisfação de vê-lo se pôr a caminho ao menos com algumas moedas tilintando no bolso. Certamente passávamos fome durante o dia inteiro, enquanto a única coisa que alcançávamos, levantando o dinheiro, era que o pai se mantivesse num certo nível de esperança. Isso no entanto quase não era uma vantagem. Ele se esfalfava nas suas rondas de visita e aquilo que sem dinheiro teria em breve encontrado o devido fim, arrastou-se no tempo. Uma vez que com o pagamento suplementar nada de extraordinário na realidade podia ser produzido, um escriturário tentava às vezes alcançar algo apenas na aparência, prometia indagações, insinuava que certas pistas já tinham sido encontradas e elas seriam seguidas não por dever, mas por consideração ao pai — e o pai, em vez de ficar mais desconfiado, se tornava cada vez mais crédulo. Voltava com uma dessas promessas nitidamente vazias como se trouxesse outra vez a bênção plena para a casa, e era doloroso ver

como, sempre pelas costas de Amália, com o sorriso crispado e os olhos arregalados, apontava para ela, querendo nos dar a entender que ninguém mais que ela própria ia ficar surpresa; em razão dos seus esforços, isso era iminente, mas ainda um segredo que devíamos conservar estritamente. Com efeito teria continuado assim por muito tempo ainda se, no final, não estivéssemos inteiramente sem condições para fornecer dinheiro ao pai. Nesse ínterim, depois de muitos pedidos, é claro, Barnabás foi aceito como ajudante de Brunswick, mas apenas para o propósito de recolher à noite, no escuro, as encomendas e devolver o trabalho no escuro — é preciso reconhecer que neste caso Brunswick assumia um certo risco no seu negócio por nossa causa, mas em compensação pagava muito pouco a Barnabás, e o trabalho de Barnabás é impecável; mas o salário só bastava para nos preservar da fome absoluta. Com grande cuidado e após muitos preparativos comunicamos ao pai a suspensão do nosso apoio financeiro, o que ele aliás aceitou tranqüilamente. Em sua mente já não era capaz de perceber a falta de perspectiva de suas intervenções, embora estivesse com certeza cansado das contínuas decepções. Disse, de fato — não falava mais tão claramente como antes, quando sua fala era quase nítida demais —, que até então havia gasto muito pouco dinheiro, hoje ou amanhã saberia de tudo e agora tudo tinha sido em vão, o fracasso fora só por dinheiro etc.; mas o tom em que falava tornava evidente que não acreditava em nada daquilo. Imediatamente, pois, concebeu novos planos. Uma vez que não havia conseguido provar a culpa e por causa disso não podia alcançar nada pelos canais administrativos, tinha de recorrer exclusivamente aos pedidos e se dirigir pessoalmente aos funcionários. Sem dúvida havia entre eles alguns de coração compassivo, ao qual na verdade não deviam ceder em questões de ofício, mas só fora delas — quando eram surpreendidos na hora certa.

K., que havia até então ouvido Olga completamente concentrado, interrompeu a narrativa com a pergunta:

— E você não acha isso certo?

Na realidade a continuação do relato devia oferecer a resposta, mas ele estava querendo saber logo das coisas.

— Não — disse Olga. — Não se pode falar de compaixão ou de algo semelhante. Por mais jovens e inexperientes que fôssemos, isso nós sabíamos e naturalmente o pai também, mas ele o havia esquecido, tanto essa como a maioria das coisas. Ele tinha planejado se estabelecer na via principal, perto do castelo, lá por onde passam as carruagens dos funcionários, e, se de algum

modo a oportunidade aparecesse, apresentar seu pedido de perdão. Sinceramente falando, um plano sem qualquer sentido, mesmo se o impossível acontecesse e o pedido de fato chegasse ao ouvido de um funcionário. Mas será que um funcionário pode individualmente perdoar? Seria no máximo assunto da autoridade conjunta, mas mesmo esta, provavelmente, não pode perdoar, apenas julgar. Mas como um funcionário tem condições, mesmo querendo descer da carruagem e cuidar do assunto segundo aquilo que o pai, o pobre, velho, envelhecido homem, lhe balbucia, de formar uma imagem da questão? Os funcionários são muito cultos, porém apenas unilateralmente; em sua especialidade um funcionário atravessa logo com o olhar, por uma simples palavra, toda uma série de pensamentos; no entanto, coisas de outra repartição você pode explicar-lhe horas a fio, talvez ele acene com a cabeça cortesmente, mas sem entender uma palavra. Tudo isso é óbvio, com certeza; uma pessoa busca os pequenos assuntos administrativos que lhe interessam pessoalmente, matéria trivial que um funcionário despacha com um dar de ombros; a pessoa tenta compreender essa coisa até o fundo e terá uma tarefa pela vida toda e não chegará ao fim. Mas se o pai esbarrasse num funcionário competente, este não iria resolver nada sem os autos preliminares, particularmente na via principal; ele não pode conceder um perdão, apenas tratar a questão pelos meios administrativos e, visando esse objetivo, apontar de novo só o trâmite oficial, mas para alcançar isso o pai já tinha malogrado totalmente. Como as coisas já deviam ter ido longe para o pai, para que ele quisesse de algum modo se impor através desse novo plano! Se existisse alguma possibilidade dessa natureza, mesmo a mais remota, a via principal devia fervilhar de petições, mas já que no caso se trata de uma impossibilidade, que impregna a pessoa desde a formação escolar mais elementar, naquele lugar ela é totalmente vazia. Talvez fosse isso que fortalecesse o pai em sua esperança, ele a alimentava de todas as fontes. Aqui ela era muito necessária, um espírito sadio não se envolveria nessas grandes reflexões, devia reconhecer claramente, já nos aspectos mais exteriores, a impossibilidade. Quando os funcionários viajam para a aldeia ou voltam para o castelo, não se trata de viagens de prazer, há trabalho esperando por eles, por isso viajam na maior velocidade. Não lhes ocorre olhar pela janela da carruagem e buscar lá fora portadores de petições, mas os veículos estão lotados de processos que os funcionários estudam.

— Mas — disse K. —, já vi o interior de um trenó de funcionários, no qual

não havia nenhum processo.

Na narrativa de Olga se abria diante dele um mundo tão vasto e escassamente plausível, que K. não podia resistir a tocá-lo, com sua pouca experiência, para se convencer mais nitidamente tanto da existência desse mundo como da sua própria.

— É possível — disse Olga. — Mas então é pior ainda, pois o funcionário tem assuntos tão importantes que os autos são preciosos demais ou abrangentes demais para serem levados; é então que esses funcionários fazem a carruagem andar a galope. De qualquer modo, para o pai não pode sobrar nenhum tempo. E mais: existem diversas vias de acesso ao castelo. Ora é uma delas que está na moda, e aí a maioria transita por ela, ora numa outra, e aí todos congestionam o caminho. Segundo quais regras se dá essa mudança ainda não foi descoberto. Ora viajam todos às oito horas da manhã por uma estrada, meia hora mais tarde todos de novo por outra, dez minutos mais tarde novamente por uma terceira, meia hora depois, talvez, pela primeira, e assim permanece o dia inteiro; mas a cada instante existe a possibilidade de uma mudança. Na realidade todas as vias de acesso se juntam perto da aldeia, mas lá todas as carruagens já estão a toda, ao passo que perto do castelo a velocidade é um pouco mais moderada. Mas assim como as ordens de saída em relação às estradas são irregulares e insondáveis, o mesmo se dá com o número das carruagens. Com freqüência há dias em que não se vê nenhuma, depois porém transitam outra vez em multidões. Diante disso tudo imagine agora meu pai. Com sua melhor roupa — logo será a única — parte todas as manhãs de casa acompanhado pelas nossas bênçãos. Um pequeno distintivo do corpo de bombeiros, que ele na verdade conservou indevidamente, é o que leva consigo, para colocar na roupa quando está fora da aldeia; nesta ele sempre teme mostrá-lo, embora seja tão pequeno que mal dá para vê-lo a dois passos de distância; segundo o pai, porém, é até adequado, pois chama a atenção das carruagens que passam. Não longe da entrada do castelo existe uma horticultura que pertence a um certo Bertuch, ele fornece legumes ao castelo; lá, no estreito pedestal de pedra das grades do jardim, o pai escolheu um lugar para ficar. Bertuch o tolerou porque no passado manteve relações de amizade com o pai e também fez parte dos seus clientes mais fiéis; ele tem aliás um pé um pouco deformado e acreditava que só o pai era capaz de lhe fazer uma bota justa. Ali então o pai ficava sentado dia após dia; podia ser um dia de outono escuro e chuvoso, mas o tempo lhe era indiferente por completo: de manhã, numa determinada hora, estava com a mão na

maçaneta e se despedia de nós com um aceno; à noite ele voltava; parecia que ficava a cada dia mais curvado, voltava completamente ensopado e se atirava a um canto. Primeiro ele nos contava sobre suas pequenas experiências, por exemplo que por compaixão e uma velha amizade Bertuch lhe atirou por cima da grade um cobertor, ou então que acreditou reconhecer este ou aquele funcionário na carruagem que passava e que um cocheiro de vez em quando o reconhecia e por brincadeira passava nele de leve as correias do chicote. Mais tarde parou de contar essas histórias; aparentemente não esperava mais alcançar alguma coisa naquele lugar; só considerava ainda como dever sua profissão vazia, ir até lá e passar o dia. Nessa época começaram suas dores reumáticas, o inverno se aproximava, a neve veio cedo, entre nós o inverno começa logo, assim ele se sentava ali sobre as pedras molhadas de chuva, depois na neve. À noite gemia de dor, de manhã muitas vezes estava inseguro se devia ir ou não, mas então superava a incerteza e ia de fato. A mãe pendurava-se nele e não queria deixá-lo partir; provavelmente com medo dos membros que não obedeciam mais, permitia que ela também fosse e foi assim que a mãe também foi acometida de dores. Nós estávamos freqüentemente com eles, levávamos comida ou só íamos visitá-los, querendo convencê-los a voltar para casa; quantas vezes os encontramos lá, afundados e se apoiando um no outro sobre seu assento estreito, envoltos por uma coberta fina, que mal os cobria, por toda a vista nada senão o cinza da neve e da névoa, e dias inteiros nenhuma pessoa ou carruagem — que visão, K., que visão! Até que certa manhã o pai não conseguiu mais tirar as pernas duras da cama; estava inconsolável, acreditava ver, numa fantasia de febre amena, como naquele momento, lá em cima, na horticultura de Bertuch, parava uma carruagem, descia um funcionário, perscrutava a grade em busca do pai e voltava para o veículo, irritado e balançando a cabeça. O pai, nessas ocasiões, soltava gritos que era como se quisesse, daqui, ser notado pelo funcionário lá em cima e explicar a falta de culpa de sua ausência. E foi uma longa ausência, ele não voltou mais para lá, durante semanas teve de permanecer na cama. Amália assumiu a tarefa de servi-lo, tratá-lo, cuidar dele, tudo, e em verdade mantém-se assim, com pausas, até hoje. Ela conhece ervas que acalmam as dores, quase não precisa de sono, nunca se assusta, não tem medo de nada, jamais é impaciente, fazia todo o trabalho para os pais; ao passo que nós, sem poder ajudar em alguma coisa, ficávamos rodeando por ali inquietos, ela se conservava em tudo fria e silenciosa. Quando então o pior havia passado e o pai conseguiu sair da cama

com esforço, apoiado à esquerda e à direita, cuidadosamente, Amália se retirou logo e o entregou a nós.

Capítulo 20
PLANOS DE OLGA

— De novo — prosseguiu Olga — a questão era encontrar para o pai alguma ocupação de que ele ainda fosse capaz, algo que pelo menos o mantivesse na crença de que estava ajudando a livrar a família da culpa. Não era difícil descobrir uma coisa assim, no fundo tudo era tão sem propósito como ficar sentado diante da horticultura de Bertuch, mas achei algo que deu certa esperança até para mim. Quando quer que, entre funcionários, ou escriturários, ou em algum outro lugar, a conversa girasse sobre nossa culpa, só a ofensa ao mensageiro de Sortini era outra vez mencionada, ninguém ousava avançar mais que isso. Bem, disse a mim mesma, se a opinião geral, mesmo que apenas na aparência, está ciente só da ofensa ao mensageiro, tudo poderia ser reparado — também apenas na aparência — se fosse possível aplacar o mensageiro. Nenhuma denúncia foi levantada, assim explicavam, a questão portanto ainda não está na posse de nenhuma repartição e desse modo o mensageiro está liberado, no que diz respeito à sua pessoa — e não se tratava de nada além disso — para conceder o perdão. É claro que tudo podia não ter qualquer significado decisivo, era mera aparência, e possivelmente não resultaria em nada mais uma vez, mas tornaria o pai feliz e sendo assim, talvez, para satisfação sua, fosse capaz de conter um pouco os muitos divulgadores de informação que tanto o atormentavam. Evidentemente, primeiro era preciso encontrar o mensageiro. Quando contei meu plano ao pai, ele ficou de início muito bravo; na verdade havia se tornado extremamente obstinado; em parte acreditava que isso tivesse acontecido durante sua doença, que nós o havíamos impedido sempre de alcançar o êxito final, primeiro pela suspensão do apoio financeiro, agora retendo-o na cama; mas também em parte ele já não conseguia mais aceitar idéias alheias. Eu ainda não tinha acabado de expor meus planos e ele já havia sido rejeitado: na opinião do pai era preciso continuar esperando no jardim de Bertuch e, uma vez que ele seguramente não estaria mais em condições de subir até lá todos os dias, nós tínhamos de transportá-lo num carrinho de mão. Mas não desisti e aos poucos ele foi se acostumando a essa idéia; a única coisa que o perturbava era que nesse caso dependesse totalmente de mim, pois só eu havia visto outrora o mensageiro, ele mesmo não o conhecia. É evidente que um criado se parece com outro e eu não tinha certeza absoluta de que aquele eu iria reconhecer. Começamos então a ir à Hospedaria dos Senhores e a procurar entre a criadagem de lá. Na realidade ele tinha sido

um criado de Sortini e este não veio mais à aldeia; os senhores, porém, trocam com freqüência de criados, podia bem ser possível encontrá-lo no grupo de um outro senhor e, mesmo que ele próprio não fosse encontrado, talvez houvesse a possibilidade de ter notícia dele por intermédio de outros criados. Para alcançar esse objetivo era preciso de qualquer maneira estar todas as noites na Hospedaria dos Senhores; não éramos bem-vistos em parte alguma, sobretudo num lugar como aquele, e como hóspedes pagantes também não podíamos nos apresentar. Mas acontecia que podiam assim mesmo precisar de nós; você sabe muito bem que praga era para Frieda o corpo de criados; no fundo são, na maioria das vezes, pessoas tranqüilas, mimadas pelo serviço fácil e transformadas em gente preguiçosa: "que você possa ter a vida de um criado" é uma fórmula de bênção dos funcionários e efetivamente, no que diz respeito à boa vida, os criados deviam ser os verdadeiros senhores no castelo; eles também sabem apreciar isso, e no castelo, onde se movimentam sob suas leis, são silenciosos e dignos, muitas vezes isso me foi confirmado e aqui também se acham ainda, entre os criados, resíduos dessa espécie, mas resíduos apenas; de outra forma, pelo fato de que na aldeia as leis do castelo não vigoram mais por completo em relação a eles, acabam como que metamorfoseados; um povo selvagem, insubordinado, dominado por seus impulsos insaciáveis em vez de controlados por leis. Sua falta de vergonha não conhece limites; é uma sorte para a aldeia que só podem deixar a Hospedaria dos Senhores mediante ordens, mas até na hospedaria é preciso se arranjar com eles; para Frieda isso pesava bastante e por isso lhe foi muito bem-vindo que ela pudesse me usar para acalmar os criados: há mais de dois anos que passo a noite no estábulo com os criados pelo menos duas vezes por semana. Antes, quando o pai ainda podia ir junto à Hospedaria dos Senhores, ele dormia em qualquer parte do salão de bebidas e esperava pelas notícias que eu levaria de manhã. Era pouca coisa. O procurado mensageiro nós ainda não encontramos até hoje, deve continuar a serviço de Sortini, que o estima muito; é provável que o tenha acompanhado quando Sortini se retirou para as repartições mais remotas. A maioria dos criados não o tinha visto fazia tanto tempo quanto nós e se algum deles, nesse ínterim, pretende tê-lo visto, é certamente um erro. Dessa maneira meu plano na verdade deveria ter falhado e no entanto não é esse inteiramente o caso; de fato não achamos o mensageiro, e os trajetos até a Hospedaria dos Senhores e os pernoites lá, talvez até a compaixão por mim, na medida em que ainda é capaz disso, deram o golpe de misericórdia no

meu pai, que já está há quase dois anos no estado em que você o viu; talvez entretanto ele esteja melhor que a mãe, cujo fim esperamos todos os dias e que só foi adiado graças ao esforço sobre-humano de Amália. Mas o que eu consegui na Hospedaria dos Senhores é uma certa ligação com o castelo; não me despreze, K., se eu disser que não me arrependo do que fiz. Que grande ligação com o castelo pode ser essa, é uma coisa que você talvez possa imaginar. E tem razão, pois não se trata de uma grande ligação. Conheço, com efeito, muitos criados, criados de quase todos os senhores que nos últimos anos vieram à aldeia e, se eu tivesse de ir uma vez ao castelo, lá não seria tomada por uma estranha. Naturalmente se trata apenas de criados na aldeia, no castelo são completamente diferentes, e é provável que lá não reconheçam mais ninguém, em particular alguém com quem estabeleceram relações na aldeia, por mais que no estábulo tenham jurado cem vezes que ficariam satisfeitos com um reencontro no castelo. Aliás, já tenho consciência de como essas promessas significam pouco. O mais importante, porém, não é isso, de modo algum. Não só através dos próprios criados mantenho relação com o castelo, mas espero que seja também o caso de que — quem sabe — alguém lá em cima observe a mim e ao que faço; a administração da grande criadagem é sem dúvida uma parte extremamente importante e séria do trabalho das autoridades; que esse alguém, portanto, que me observa assim, chegue a um juízo mais brando a meu respeito do que outros; que ele porventura reconheça que eu, mesmo de uma maneira lamentável, luto também por nossa família e dou seguimento aos esforços de meu pai. Se as coisas forem vistas por esse ângulo, talvez então me perdoem ainda por aceitar dinheiro dos criados e o despender com minha família. E alcancei outra coisa também, que certamente você vai me reprovar. Através dos criados aprendi certos detalhes — como, por vias indiretas, sem o procedimento difícil, que leva anos, de admissão pública, pode-se chegar ao serviço do castelo; é claro que nesse caso a pessoa não é, em verdade, servidor titular, mas ela fica empregada apenas em caráter secreto e admitida pela metade; não tem direitos nem deveres; o pior de tudo é o fato de não ter deveres; uma coisa porém ela tem: está perto de tudo, pode reconhecer as oportunidades favoráveis e utilizá-las, não é um servidor, mas casualmente pode encontrar um trabalho. Um empregado não está à disposição naquele momento, há um chamado e a pessoa se precipita até lá, e o que não era um instante antes, agora ela acaba de se tornar, um servidor. Quando, entretanto, se descobre uma oportunidade como essa? Às vezes logo, mal

chegou, mal olhou em volta e a oportunidade já está lá; um novato qualquer não tem a presença de espírito para agarrá-la; uma outra vez, não obstante, dura de novo mais anos do que o procedimento de admissão oficial, e uma pessoa admitida pela metade não pode nunca mais ser admitida publicamente segundo as regras. Assim existe aqui muita coisa a ser cogitada; mas isso não é nada quando comparado com o fato de que a admissão pública é um processo muito meticuloso e o membro de uma família de algum modo suspeita é rejeitado de antemão; esse indivíduo se submete, por exemplo, a esse processo, treme durante anos diante do resultado, por todos os lados lhe perguntam, com espanto, desde o primeiro dia, como pôde ousar algo tão sem perspectiva; mas ele espera — como poderia viver, de outra maneira? —, mas depois de muitos anos, talvez já ancião, ele fica sabendo da rejeição, fica sabendo que está tudo perdido e que sua vida foi inútil. Bem entendido, aqui também existem exceções e justamente por isso a pessoa é tentada com tanta facilidade. Acontece que precisamente gente suspeita é no final aceita, há funcionários que literalmente contra sua vontade adoram o cheiro dessa presa; nas provas de admissão farejam o ar, contorcem a boca, reviram os olhos; uma pessoa assim lhes parece de certo modo imensamente apetitosa e eles precisam se ater com a maior firmeza aos livros da lei para poder resistir. Às vezes entretanto isso não auxilia a pessoa na admissão, mas tão-somente favorece a ampliação infindável do processo, que não é concluído de fato, apenas interrompido após sua morte. Desse modo, tanto a admissão legal quanto a outra é cheia de dificuldades óbvias e ocultas, e antes que alguém se envolva em algo dessa natureza é muito aconselhável pesar tudo com precisão. E isso Barnabás e eu não deixamos de fazer. Sempre que eu vinha da Hospedaria dos Senhores, sentávamos juntos, eu contava as últimas novidades que soubera, durante dias as discutíamos e o trabalho recaía nas mãos de Barnabás, muitas vezes, por mais tempo do que devia ser. E aqui posso ter culpa no sentido em que você a entende. Eu sabia que não se podia confiar muito nas histórias dos servos. Sabia que nunca tinham vontade de me dizer coisas a respeito do castelo, sempre desviavam o assunto para outro, que era preciso suplicar para arrancar deles alguma palavra; uma vez, porém, que se punham a caminho, deixavam a coisa rolar, tagarelavam besteiras, se faziam de importantes, competiam uns com os outros, em exageros e invenções, de tal maneira que, evidentemente numa gritaria sem fim, na qual um alternava com os outros, lá no estábulo escuro, poderiam no melhor dos casos estar contidas algumas magras alusões à verdade. Contei, no entanto,

tudo a Barnabás outra vez, do modo como havia observado, e ele, que ainda não tinha capacidade alguma para discernir entre a verdade e as mentiras e, em conseqüência da situação de nossa família, estava sedento por essas coisas, bebia literalmente tudo e se consumia de desejo para saber mais. E com efeito era sobre Barnabás que repousava meu novo plano. Entre os servos não havia mais nada a alcançar. O mensageiro de Sortini não era encontrável e não seria nunca descoberto; Sortini parecia retirar-se para cada vez mais longe e com isso o mensageiro também se ausentava; muitas vezes sua aparência e seu nome haviam caído no esquecimento e eu tinha de descrevê-los longamente sem desse modo conseguir coisa alguma, a não ser que alguém se recordasse com dificuldade daquela aparência e daquele nome, mas não era capaz de adiantar mais nada. E no que dizia respeito à minha vida com os servos, não tinha, naturalmente, influência nenhuma sobre como o caso era julgado; só podia esperar que as pessoas o aceitassem como ele de fato se apresentava e que, em compensação, por mínima que se apresentasse, alguma coisa fosse subtraída à culpa de nossa família; entretanto, não recebi sinais exteriores disso. Seja como for, fiquei nisso, já que não via outra possibilidade para alcançar alguma coisa no castelo em nosso benefício. Para Barnabás, porém, via uma possibilidade desse tipo. Das narrativas dos servos eu podia deduzir, se tinha vontade, e essa vontade era plena, que alguém que é aceito nos serviços do castelo pode conseguir muita coisa para sua família. Muito bem, o que era digno de acreditar nesses relatos? Era impossível verificar; estava claro apenas que se tratava de muito pouco. Pois quando, por exemplo, um servo que eu nunca mais veria, ou que, se quisesse ver, mal iria reconhecer, me assegurava solenemente que podia ajudar meu irmão a encontrar um posto no castelo ou, pelo menos, quando Barnabás de alguma maneira entrasse no castelo, ele o apoiaria, ou seja, lhe daria algo para reanimar, pois segundo o que contavam, ocorre que candidatos ao lugar desmaiam ou então ficam perdidos durante o tempo de espera excessivamente longo; quando amigos não cuidam dele — quando essas coisas e muito mais me eram reportadas, tratava-se provavelmente de advertências justificadas, mas as promessas que faziam parte disso se mostravam totalmente vazias. Não para Barnabás; de fato eu o adverti a não acreditar nelas, mas já a circunstância de contá-las era suficiente para conquistá-lo em relação aos meus planos. O que eu dizia a mim mesma em nome dos meus propósitos o influenciava menos, a influência principal eram as histórias dos servos. Foi assim que fiquei totalmente reduzida a mim

própria; com os pais, na verdade, ninguém podia se comunicar, à exceção de Amália; quanto mais eu seguia os velhos planos de meu pai à minha maneira, tanto mais Amália se fechava diante de mim; diante de você ou de outros ela conversava comigo, sozinha jamais, eu era um joguete para os servos na Hospedaria dos Senhores, um brinquedo que eles se empenhavam em quebrar com fúria, durante os dois anos nunca disse uma só palavra amistosa com eles, só coisas pérfidas, mentirosas ou insensatas; restava-me portanto apenas Barnabás, e ele era jovem demais. Quando, diante dos meus relatos, vi o brilho de seus olhos, que desde então ele conservou, eu me assustei e no entanto não cedi, por maior que parecesse o que estava em jogo. Evidentemente não tinha os planos grandiosos e vazios de meu pai, não possuía esse poder de decisão dos homens, permaneci fiel à reparação do insulto do mensageiro e desejava de fato que não se atribuísse essa modéstia a um mérito. Mas, naquilo em que havia falhado sozinha, queria agora alcançar, através de Barnabás, de uma outra forma e com segurança. Tínhamos ofendido um mensageiro e o afugentáramos das repartições avançadas; que idéia melhor do que oferecer, na pessoa de Barnabás, o serviço a ser apresentado pelo mensageiro ofendido e possibilitar que ele permanecesse tranqüilo em lugar distante, por quanto tempo pretendesse, por quanto tempo necessitasse para esquecer o insulto? Observei bem, na verdade, que em toda a modéstia desse plano havia também arrogância, que poderia despertar a impressão de que queríamos ditar à autoridade o modo pelo qual devia regular as questões do pessoal ou então que duvidássemos que a administração era capaz de tomar sozinha suas determinações da melhor forma possível e até o tivesse feito fazia muito tempo, bem antes que houvéssemos chegado ao pensamento de que aqui poderia ser feita alguma coisa. Depois voltei a crer que era impossível que a administração me entendesse tão mal ou que ela, se quisesse fazê-lo, agiria com deliberação; por exemplo, que nesse caso estava rejeitado, de antemão, sem maiores investigações, tudo o que eu faço. Sendo assim continuei na mesma posição e a ambição de Barnabás fez a sua parte. Nesse período de preparativos Barnabás se tornou tão arrogante que ficou achando o ofício de sapateiro sujo para quem, como ele, era um futuro empregado de repartição; ousava até mesmo contradizer Amália, quando ela, raras vezes, lhe dirigia uma palavra, e o fazia também de modo cabal. Concedi-lhe com prazer essa breve alegria, pois, no primeiro dia em que ele foi ao castelo, a alegria e a arrogância, como era fácil prever, logo passaram. Começou então aquele

trabalho aparente, sobre o qual eu já lhe contei. O espantoso foi como Barnabás entrou pela primeira vez no castelo, ou, mais corretamente, na repartição que, por assim dizer, se tornou seu local de trabalho. Esse sucesso me deixou quase louca, quando Barnabás sussurrou isso para mim, à noite, ao voltar para casa; corri até Amália, agarrei-a, espremi-a num canto e a beijei com os lábios e os dentes, de tal forma que ela chorou de dor e susto. Não conseguia dizer nada de tanta excitação, já fazia muito tempo que não nos falávamos e por isso adiei a conversa para depois. Mas evidentemente nos dias seguintes não havia mais nada a dizer. O que tinha sido alcançado tão rápido continuou sendo aquilo. Durante dois anos Barnabás levou essa vida monótona e opressiva. Os servos eram totalmente inúteis, dei a Barnabás uma pequena carta na qual o recomendava à atenção deles; ao mesmo tempo lembrava suas promessas, e Barnabás, assim que via um, arrancava a carta do bolso e a mantinha diante dos seus olhos e quando às vezes, presumivelmente, esbarrava em alguns que não me conheciam, e mesmo em outros que me eram conhecidos, a apresentava à sua maneira, mudo, pois não ousava falar lá em cima; era irritante, bem como vergonhoso, que ninguém o ajudasse e representava uma redenção, que nós poderíamos certamente ter engendrado há muito tempo por decisão pessoal, quando um servo, a quem a carta fora imposta algumas vezes, a amassou e atirou no cesto de papéis. Quase me ocorria na ocasião dizer: "É de maneira semelhante que vocês tratam as cartas". Mas todo esse tempo não foi em vão; o efeito sobre Barnabás foi favorável, se se quiser chamá-lo de favorável, na medida em que amadureceu precocemente e se tornou homem precocemente, em muitos aspectos perspicaz e compreensivo acima dos outros. Muitas vezes me dava tristeza vê-lo e compará-lo com o jovem que ele era dois anos antes. E nesse ato eu não possuía o consolo e o apoio que ele talvez pudesse me oferecer como homem. Sem mim ele praticamente não teria chegado ao castelo, mas, desde que está lá, ficou independente de mim. Sou sua única confidente, porém o que ele me conta é sem dúvida apenas uma pequena parte daquilo que tem escondido no coração. Conta-me muita coisa do castelo, mas dos seus relatos, dos pequenos fatos que comunica não é possível nem de longe entender como isso foi capaz de tê-lo transformado desse jeito. Em especial não se pode compreender por que ele, agora um homem, perdeu lá em cima tão completamente a coragem que tinha quando jovem, a ponto de nos levar ao desespero. Certamente essa permanência e essa espera inúteis, dia após dia, que sempre se renovam, sem qualquer perspectiva de mudança, que

esmagam, tornam a pessoa incerta, e no final até mesmo incapaz para qualquer outra coisa que não seja esse ficar sem fazer nada desesperado. Por que, no entanto, ele não ofereceu nenhuma resistência antes? Principalmente porque reconheceu logo que eu tinha razão e que lá em cima não havia nada a buscar para satisfazer a ambição, mas que talvez, quem sabe, para a melhora da situação da nossa família. Pois lá tudo se passa de maneira bem modesta, à exceção do humor dos servidores; a ambição busca, naquele lugar, satisfação no trabalho, e nesse ato a coisa em si mesma prevalece, com o que ele se perde inteiramente: lá não existe espaço para desejos infantis. Mas Barnabás, conforme me disse, julgou ver claramente como era grande o poder e o conhecimento mesmo desses funcionários obviamente dúbios, em cujas salas tinha permissão de permanecer. Como eles ditavam, rápido, com olhos semicerrados e breves movimentos de mão; como despachavam só com o indicador, sem qualquer palavra, os servidores ranzinzas, que nesses momentos, respirando com dificuldade, sorriam felizes, ou como, ao encontrarem uma passagem importante nos seus livros, batiam com força em cima e, na medida em que a dificuldade da situação permitia, os outros vinham correndo e esticavam os pescoços para enxergar. Isso e coisas semelhantes deram a Barnabás uma boa noção desses homens e ele teve a impressão de que, se chegasse ao ponto de ser notado por eles e pudesse trocar um par de palavras, não como estranho, mas como colega de repartição, mesmo do tipo mais subalterno possível, poderia conseguir para nossa família vantagens incalculáveis. As coisas entretanto ainda não chegaram lá e Barnabás não ousa fazer nada que possa levá-lo para mais perto disso, embora saiba exatamente que, apesar de sua juventude, foi alçado, dentro de nossa família, pelas condições infelizes dela, ao posto pesado de responsabilidade de pai de família. E agora, para confessar a última coisa: você chegou faz uma semana. Ouvi alguém mencionar isso na Hospedaria dos Senhores, mas não me importei; havia chegado um agrimensor, nem mesmo sabia o que é isso. Na noite seguinte, porém, chega Barnabás — eu costumava na época ir ao encontro dele percorrendo um trecho do caminho numa certa hora —, Barnabás chega mais cedo do que habitualmente em casa, vê Amália na sala, por isso puxa-me para fora de casa, comprime o rosto no meu ombro e chora durante minutos. É de novo o jovem de outrora. Algo lhe havia ocorrido, para o qual não se sentia preparado. É como se de repente um mundo totalmente novo tivesse se aberto diante dele e ele não é capaz de suportar a felicidade e as

preocupações dessa novidade. Não obstante, nada havia acontecido senão que havia recebido uma carta para entregar a você. Certamente, porém, é a primeira carta, o primeiro trabalho que até então havia recebido.

Olga fez uma interrupção. A casa estava em silêncio, a não ser a respiração pesada, às vezes estertorante, dos pais. K. disse ligeiramente, como que para completar o relato de Olga:

— Vocês todos se dissimularam diante de mim. Barnabás trouxe a carta como se fosse um velho mensageiro muito atarefado, e você, do mesmo modo que Amália, que dessa vez estava de acordo com vocês, agia como se o ofício de mensageiro e as cartas fossem algo meramente acidental.

— Você precisa distinguir entre nós — disse Olga. — Barnabás voltara a ser uma criança feliz através das duas cartas, apesar de todas as dúvidas que tinha em relação à sua atividade. Essas dúvidas ele as mantinha para si e comigo, mas diante de você o ponto de honra era aparecer como mensageiro real, do modo que imaginava que um mensageiro real aparecia. Assim é que tive, por exemplo — a despeito de naquele momento aumentar sua esperança de ganhar um uniforme oficial —, de alterar em duas horas suas calças para elas assumirem ao menos a aparência das calças justas do uniforme oficial e para comparecer com elas perante você, que nesse particular, naturalmente, não é fácil de enganar. Barnabás é isso. Amália, porém, despreza realmente o trabalho de mensageiro e agora, depois que o irmão parece ter alcançado algum sucesso, tal como ela pode sem dificuldade reconhecer pela maneira como nós sentamos juntos cochichando, Amália agora o despreza mais ainda que antes. Diz portanto a verdade, não o engana jamais na medida em que você duvida disso. Mas eu, K., embora tenha rebaixado algumas vezes o ofício de mensageiro, não o fiz com a intenção de enganá-lo, mas de medo. Essas duas cartas, que até agora passaram pelas mãos de Barnabás, são de qualquer modo o primeiro sinal de clemência em três anos, apesar de ainda suficientemente duvidosos, que nossa família recebeu. Essa mudança, se é que se trata de uma mudança e não de uma ilusão — ilusões são mais freqüentes que mudanças —, essa mudança está relacionada com sua chegada aqui, nosso destino entrou numa certa dependência de você, talvez essas duas cartas sejam apenas um começo, e a atividade de Barnabás se expandirá acima do serviço de mensageiro que diz respeito a você; é o que desejamos, na medida em que isso nos é permitido — no momento, porém, tudo está dirigido para você. Lá em cima temos de ficar satisfeitos com o que nos é dado, mas aqui embaixo podemos, quem sabe, fazer alguma coisa nós

mesmos, ou seja: garantir sua boa vontade ou ao menos nos proteger da sua rejeição; o mais importante é defendê-lo segundo nossas forças e experiências a fim de que a ligação com o castelo — talvez pudéssemos viver dela — não se perca. Mas como introduzir tudo isso da melhor maneira possível? Fazendo com que você não tenha nenhuma suspeita de nós quando nos aproximamos, pois aqui você é um estranho e por isso certamente cheio de suspeita por todos os lados, suspeita que aliás é perfeitamente legítima. Além disso somos desprezados e você influenciado pela opinião geral, sobretudo por sua noiva; como podemos chegar a você sem, por exemplo, mesmo que não o tenhamos desejado de modo algum, nos colocar contra sua noiva e com isso melindrá-lo? E as mensagens que eu, antes de você as receber, li com atenção — Barnabás não as leu, como mensageiro não se permitiu fazê-lo —, me pareceram à primeira vista não muito importantes; datadas, elas retiravam importância a si mesmas na medida em que o encaminhavam ao prefeito. Como devíamos nos comportar com você, nesse sentido? Se acentuássemos a importância das cartas, nos tornávamos suspeitos por supervalorizar algo evidentemente desimportante, por nos auto-elogiarmos como portadores dessas notícias dirigidas a você, seguindo nossos desígnios e não os seus; era até mesmo possível que desvalorizássemos, dessa forma, as próprias notícias aos seus olhos e o enganássemos muito contra a vontade. Mas se não atribuíssemos muito valor às cartas, nos tornávamos igualmente suspeitos, pois a troco de quê nos ocupávamos depois com passagens dessas cartas sem importância, porque contradizíamos reciprocamente nossas ações e nossas palavras, porque enganávamos assim não só a você, o destinatário, mas também o mandante, que certamente não nos havia dado as cartas para que as depreciássemos com as nossas explicações junto ao destinatário. Conservar o meio-termo entre os exageros, ou seja, julgar corretamente as cartas, é impossível; elas mudam continuamente de valor, as reflexões a que dão ensejo são infindáveis e o ponto em que se deve parar é apenas definido pelo acaso, ou seja, a opinião também é casual. E se além disso o medo por você intervém, tudo se confunde; você não deve julgar com muita severidade minhas palavras. Se por exemplo — como aconteceu uma vez — Barnabás chega com a notícia de que você está insatisfeito com o seu trabalho de mensageiro e no primeiro instante de susto ele, infelizmente não sem a suscetibilidade do mensageiro, se prontifica a pedir demissão de sua função, nesse caso sou capaz, então, para reparar o erro, de enganar, de mentir, de trapacear, de fazer tudo o que

é ruim, se isso puder ajudar. Mas depois eu o faço, pelo menos segundo acredito, tanto por sua causa quanto pela nossa.

Bateram à porta. Olga correu até ela e abriu-a. Um facho de luz saiu de uma lanterna de sinalização. O visitante retardatário fez perguntas em voz sussurrada e recebeu uma resposta também cochichada, mas não se deu por satisfeito com isso e entrou na sala. Olga não conseguia mais detê-lo e por esse motivo chamou Amália, de quem evidentemente esperava que, para proteger o sono dos pais, fizesse de tudo com o objetivo de afastar o visitante. Efetivamente ela veio correndo, empurrou Olga de lado, saiu para a rua e fechou a porta atrás de si. Foi só por um instante, logo ela voltou: havia conseguido tão depressa o que fora impossível para Olga.

K. ficou sabendo, por Olga, que a visita era para ele; tratava-se de um dos ajudantes, que o procurava por incumbência de Frieda. Olga quisera proteger K. do ajudante; se K. quisesse, mais tarde, confessar a Frieda sua visita àquele lugar, poderia fazê-lo, mas não devia ser descoberto pelo ajudante; K. estava de acordo. Mas a oferta de Olga para passar a noite ali, à espera de Barnabás, ele rejeitou; em si mesma ele poderia tê-la aceitado, pois já era tarde da noite e lhe parecia que agora, quisesse ou não, estava ligado àquela família de tal modo que pousar lá talvez pudesse ser penoso por outros motivos; levando porém em conta essa ligação, para ele era a coisa mais natural, em toda a aldeia; apesar de tudo ele recusou, a visita do ajudante o havia assustado, não entendia como é que Frieda, que com certeza conhecia suas vontades, e os ajudantes, que haviam aprendido a temê-lo, estivessem novamente tão próximos que Frieda não temia enviar um ajudante para buscá-lo; aliás, um só, ao passo que o outro tinha com certeza ficado com ela. Perguntou a Olga se ela dispunha de um chicote; ela não dispunha, mas possuía uma boa vara de salgueiro, que ele pegou; depois perguntou se havia uma segunda saída da casa, a saída existia através do pátio, só era preciso escalar a cerca do jardim vizinho e por esse jardim se chegava à rua. K. queria fazer isso. Enquanto Olga o dirigia através do pátio e o levava até a cerca, ele tentou rapidamente acalmá-la em relação a suas preocupações, esclarecendo que não havia ficado bravo por causa dos pequenos truques dela na narrativa, mas a entendia muito bem, agradecia pela confiança que mostrara em relação a ele e a encarregou de mandar Barnabás até a escola logo depois que retornasse, mesmo que fosse à noite. Na verdade as mensagens de Barnabás não eram sua única esperança, caso contrário as coisas estariam mal para ele; não queria porém renunciar de

maneira alguma a elas, pretendia apegar-se a todas e ao mesmo tempo não esquecer de Olga, pois Olga era para ele quase mais importante ainda do que as mensagens — de sua coragem, prudência, esperteza e auto-sacrifício pela família. Se tivesse de escolher entre Olga e Amália, isso não lhe custaria muita reflexão. E apertou-lhe calorosamente a mão enquanto já se balançava sobre a cerca do jardim vizinho.

Quando depois estava na rua, viu — na medida em que a noite turva o permitia — a casa de Barnabás lá em cima e diante dela, mais uma vez, o ajudante, andando de um lado para outro; às vezes ele parava e tentava iluminar, através da janela coberta pela cortina, dentro da sala. K. o chamou em voz alta; sem se deixar assustar de modo visível, parou de espionar a casa e se dirigiu a K.

— Quem você está procurando? — perguntou K. e experimentou na coxa a flexibilidade da vara de salgueiro.

— Você — disse o ajudante se aproximando.

— Quem é você, então? — disse K. de repente, pois não parecia ser o ajudante.

Tinha o ar mais envelhecido, mais cansado, era mais enrugado, mas o rosto era cheio e seu modo de andar era completamente diferente do jeito de andar esbelto e como que eletrizado dos ajudantes; era lento, mancava um pouco, distintamente enfermiço.

— Você não me reconhece? — perguntou o homem. — Jeremias, seu velho ajudante.

— É mesmo? — disse K. e puxou um pouco para fora outra vez a vara de salgueiro que havia escondido atrás das costas. — Você porém parece totalmente outro.

— É porque estou sozinho — disse Jeremias. — Se estou só, a alegre juventude vai embora.

— Onde está Arthur, então? — perguntou K.

— Arthur? — perguntou Jeremias. — O querido pequeno? Ele deixou o serviço. Você foi um pouco duro demais conosco. Aquela alma delicada não o suportou. Ele voltou ao castelo e apresentou queixa contra você.

— E você? — perguntou K.

— Eu pude ficar — disse Jeremias. — Arthur fez a queixa por mim também.

— Do que vocês se queixam, então? — perguntou K.

— Do fato de que você não entende uma brincadeira — disse Jeremias. —

O que é que nós fizemos? Brincamos um pouco, rimos um pouco, amolamos um pouco sua noiva. Tudo de acordo com as ordens, por sinal. Quando Galater nos mandou para você...

— Galater? — perguntou K.

— Sim, Galater — disse Jeremias. — Ele estava representando Klamm naquela ocasião. Quando nos mandou a você, ele disse — notei bem, pois depois foi essa a base da nossa queixa —: vocês vão para lá como ajudantes do agrimensor. Nós dissemos: mas não entendemos nada desse trabalho. Ao que ele replicou: não é isso o essencial; se for necessário, K. vai ensiná-los. O essencial, entretanto, é que vocês o alegrem um pouco. Conforme me informaram, ele leva tudo muito a sério. Acaba de chegar à aldeia e isso é logo um grande acontecimento para ele, embora na realidade não o seja. É isso que vocês devem ensinar a ele.

— Bem — disse K. —, Galater tinha razão e vocês realizaram essa incumbência?

— Não sei — disse Jeremias. — No curto prazo não foi decerto possível. Sei apenas que você foi muito grosseiro e é sobre isso que levantamos a queixa. Não compreendo como você, que é também só um empregado e nem mesmo um empregado do castelo, não pode perceber que esse ofício é um trabalho duro, e que é muito injusto, malvado, quase pueril, tornar difícil o trabalho a quem trabalha, como você o fez. Essa falta de consideração, com que nos obrigou a gelar na grade ou como quase matou com o punho Arthur no colchão — uma pessoa que uma palavra de ódio pode fazer sofrer durante dias —, ou então ainda como à tarde me perseguiu para cima e para baixo na neve, de tal forma que precisei depois de uma hora para me recuperar da correria. Eu certamente não sou mais jovem!

— Caro Jeremias — disse K. —, você tem razão em tudo isso, só que devia apresentar tudo a Galater. Foi ele que, por vontade própria, os mandou, não os pedi a ele. E, uma vez que não os exigi, posso mandá-los de volta e teria preferido fazê-lo em paz e não pela violência; mas vocês evidentemente não queriam outra coisa. Por que, aliás, não veio logo até mim para falar abertamente como agora?

— Porque eu estava em serviço — disse Jeremias. — Isso é evidente.

— E agora, você não está mais? — perguntou K.

— Agora não estou mais — disse Jeremias. — Arthur deu baixa do ofício no castelo ou pelo menos está em movimento o processo que deve nos livrar definitivamente dele.

— Mas você ainda me procura como se estivesse exercendo o ofício — disse K.

— Não — disse Jeremias. — Eu só o estou procurando para acalmar Frieda. Quando, aliás, você a abandonou por causa da moça da família de Barnabás, ela estava muito infeliz, não tanto em função da perda como de sua traição, embora tenha visto há muito tempo o que estava acontecendo e sofrido muito com isso. Acabo de ir até a janela da escola outra vez para verificar se você porventura tinha se tornado mais razoável. Mas você não estava lá. Só Frieda, que, sentada num banco, chorava. Então eu fui até ela e chegamos a um acordo. Já está tudo arranjado. Sou garçom da Hospedaria dos Senhores que serve os quartos, pelo menos enquanto minha situação no castelo não está resolvida e Frieda trabalha outra vez no balcão de bebidas. Para ela é melhor. Não faz sentido que ela se torne sua esposa. E você não consegue apreciar o sacrifício que ela queria fazer por sua causa. Mas agora a pobrezinha ainda se preocupa com a possibilidade de haver uma injustiça com você; talvez você não tivesse estado com as moças da casa de Barnabás. Naturalmente não podia haver dúvida sobre onde você estava, eu próprio fui até lá para constatá-lo de uma vez por todas; porque apesar de toda a agitação Frieda merece dormir finalmente tranqüila; eu também, por sinal. Por isso fui e encontrei não só você, mas ao mesmo tempo pude ainda ver que as moças o seguem pelo cabresto. Principalmente a morena, uma verdadeira gata selvagem, tomou o seu partido. Cada qual tem seu gosto. Seja como for, não era necessário que você tivesse feito o desvio pelo jardim do vizinho; eu conheço o caminho.

Capítulo 21

ACONTECEU ENTÃO O QUE ERA POSSÍVEL prever, mas não ser evitado. Frieda o havia deixado. Não se tratava de algo definitivo, mau assim não era; Frieda podia ser reconquistada, ela era fácil de sofrer a influência de pessoas estranhas, mesmo daqueles ajudantes, que consideravam o lugar de Frieda semelhante ao deles e que, agora que haviam dado baixa, tinham também levado Frieda a fazê-lo; K. porém precisava só confrontá-los, recordar de tudo o que o favorecia e com arrependimento ela seria sua outra vez, especialmente se por acaso pudesse se mostrar capaz de justificar sua visita às moças por algum êxito que devesse a elas. Apesar dessas reflexões, no entanto, através das quais tentava se reassegurar quanto a Frieda, ele não estava tranqüilizado. Ainda havia pouco tinha louvado Frieda para Olga, chamando-a de seu único apoio; bem, não era um apoio dos mais sólidos; para roubar Frieda de K. não era necessária a intervenção de alguém poderoso, bastava aquele ajudante não muito apetecível, aquele monte de carne, que às vezes dava a impressão de que não era exatamente vivo.

Jeremias já começara a se distanciar, K. o chamou de volta.

— Jeremias — disse ele. — Quero ser muito franco com você, me responda também com sinceridade a uma pergunta. Já não estamos mais na situação de patrão e servidor, sobre isso não só você está contente, mas eu também; não temos motivo, portanto, para enganarmos um ao outro. Aqui diante dos seus olhos eu quebro a vara de salgueiro que esteve destinada a você, pois não foi por medo da sua pessoa que escolhi o caminho pelo jardim, mas para surpreendê-lo e usar a vara em você algumas vezes. Bem, não me leve mais a mal, isso já passou; se não tivesse sido um criado que me foi imposto pela administração, e simplesmente meu conhecido, embora sua aparência às vezes me perturbe um pouco, nós teríamos nos suportado às mil maravilhas. Poderíamos, com efeito, recuperar agora o que perdemos nesse sentido.

— Você acredita nisso? — disse o ajudante e esfregou os olhos cansados, bocejando. — Eu seria capaz de explicar-lhe a questão com mais minúcia, mas não tenho tempo, preciso encontrar Frieda, a pobrezinha me espera, ainda não assumiu o serviço, o gerente da hospedaria, atendendo aos meus argumentos — ela desejava, provavelmente para se esquecer, mergulhar logo no trabalho —, lhe havia concedido ainda um tempo breve de recuperação, que nós queremos passar ao menos um ao lado do outro. Quanto à sua proposta, não tenho certamente razão para mentir, tampouco para confiar

alguma coisa a você. Para mim as coisas são diferentes do que para você. Enquanto estive numa relação de serviço com você, era natural que sua pessoa fosse muito importante para mim, não por causa das suas qualidades, mas do ofício, e teria feito por você tudo o que quisesse, mas agora você me é indiferente. A quebra da vara de salgueiro não me toca, lembra-me apenas o rude senhor que eu tinha; não é o tipo de coisa adequada para eu ser cativado por você.

— Você fala comigo — disse K. — como se fosse uma certeza que nunca mais terá algo a temer de mim. Contudo, não é propriamente assim. É provável que não esteja ainda livre de mim; aqui as resoluções não têm lugar tão rápido...

— Às vezes mais rápido ainda — objetou Jeremias.

— Às vezes — disse K. —, porém nada indica que desta vez isso tenha acontecido, pelo menos nem você nem eu temos em mãos uma resolução por escrito. Portanto o procedimento está apenas caminhando e ainda não intervim com minhas ligações, embora vá fazê-lo. Se a decisão não for a seu favor, você não se preparou muito para levar o seu amo para o seu lado e quem sabe tenha sido até supérfluo quebrar a vara de salgueiro. E na verdade levou Frieda embora consigo, o que o deixa completamente cheio de si; porém com todo o respeito que tenho por sua pessoa, embora você não o tenha mais pela minha, algumas palavras dirigidas por mim a Frieda bastam, isso eu sei, para acabar com as mentiras com as quais a enredou. E só mentiras podem afastar Frieda de mim.

— Essas ameaças não me assustam — disse Jeremias. — Você não me quer como ajudante de maneira alguma, sem dúvida teve medo de mim como ajudante, na verdade tem medo de ajudantes, só por medo bateu no bom Arthur.

— Talvez — disse K. — Por acaso doeu menos por causa disso? Talvez eu ainda possa mostrar desse modo, com mais freqüência, meu temor de você. Se vejo que a condição de ajudante lhe dá pouca satisfação, é com o maior prazer, por outro lado — acima de qualquer medo —, que o forço a isso. Com efeito, vou considerar conveniente, desta vez, deixá-lo só, sem Arthur; assim poderei prestar mais atenção em você.

— Você acha — disse Jeremias — que vou ter o menor medo diante de tudo isso?

— Certamente que eu acho — disse K. — É indubitável que você tem um pouco de medo e, se for esperto, muito medo. De outra maneira, por que já

não teria ido encontrar Frieda diretamente? Diga: está apaixonado por ela?

— Apaixonado? — perguntou Jeremias. — Ela é uma moça boa e inteligente, uma ex-amante de Klamm, ou seja, respeitável a toda prova. E se me pede sem parar para livrá-la de você, por que não devia fazer-lhe esse favor, tendo em conta sobretudo que com isso eu não lhe causaria nenhum dano, agora que você se consolou com as moças da amaldiçoada família de Barnabás?

— Vejo agora o seu medo — disse K. — Um medo totalmente lastimável, você tenta me enredar com mentiras. Frieda só pediu uma coisa: livrá-la dos ajudantes que haviam se tornado selvagens, caninamente lúbricos; infelizmente não tive tempo para atender aos seus pedidos e agora estão aí as conseqüências do meu descuido.

— Senhor agrimensor! Senhor agrimensor! — gritou alguém na rua.

Era Barnabás. Chegou sem fôlego, mas não se esqueceu de se inclinar perante K.

— Consegui! — disse.

— O que você conseguiu? — perguntou K. — Apresentou meu pedido a Klamm?

— Isso não foi possível — disse Barnabás. — Eu me esforcei muito, mas era impossível, abri caminho, sempre em frente, fiquei em pé o dia todo, sem ser convidado, tão perto do estrado da escrivaninha que um escrivão, a quem eu tirava a luz, chegou a me empurrar de volta; eu me anunciei, o que é proibido, com a mão erguida, quando Klamm levantou o olhar; permaneci a maior parte do tempo na repartição; já estava lá, sozinho com os serventes, quando tive o prazer, uma vez mais, de ver Klamm, desta feita voltando; mas não era por minha causa, ele queria apenas verificar rapidamente alguma coisa num livro e foi de novo embora, depressa; finalmente o servente quase me varreu pela porta com a sua vassoura, pois eu continuava ali sem me mexer. Confesso tudo isso para que não fique outra vez insatisfeito com o que faço.

— De que me adianta todo o seu zelo, Barnabás — disse K. —, se ele não leva a nada?

— Mas fui bem-sucedido — disse Barnabás. — Quando saio da minha repartição — chamo-a assim — vejo um senhor que vem lentamente na minha direção do fundo dos corredores; o resto estava completamente vazio, já era muito tarde; decidi esperá-lo, era uma boa oportunidade de continuar ali; o que eu mais gostaria era de simplesmente permanecer lá, para não

precisar trazer-lhe uma má notícia. Mas valeu a pena de qualquer modo esperar aquele senhor, era Erlanger. Você não o conhece? Ele é um dos primeiros secretários de Klamm. Um homem fraco e pequeno que manca um pouco. Reconheceu-me imediatamente, é famoso por causa de sua memória e do seu conhecimento dos homens; franze o cenho e isso já basta para reconhecer alguém, muitas vezes pessoas que nunca viu, só ouviu ou leu sobre elas; a mim, por exemplo, mal deve ter visto alguma vez. Apesar, no entanto, de reconhecer logo qualquer pessoa, pergunta primeiro, como se estivesse inseguro. "Você não é Barnabás?", disse para mim. Depois perguntou: "Conhece o agrimensor, não é?". Em seguida disse: "Isso é bem conveniente. Estou indo agora para a Hospedaria dos Senhores. O agrimensor deve me visitar lá. Estou no quarto número 15. Mas ele teria de ir logo agora. Só tenho alguns compromissos lá e volto ao castelo às cinco da manhã. Diga-lhe que me interessa muito falar com ele".

De repente Jeremias se pôs a correr. Barnabás, que na excitação até aquela hora praticamente não tinha prestado atenção nele, perguntou:

— O que é que Jeremias está querendo?

— Chegar antes de mim ao encontro de Erlanger — disse K.

Correu logo atrás de Jeremias, alcançou-o e se pendurou no seu braço, dizendo:

— É a saudade de Frieda que repentinamente o assaltou? A minha não é menor e por isso vamos caminhar no mesmo passo.

Diante da Hospedaria dos Senhores, que estava escura, havia um pequeno grupo de homens, dois ou três portando lanternas de mão, de tal modo que vários rostos eram reconhecíveis. K. descobriu só um conhecido, Gerstäcker, o carroceiro. Este o saudou perguntando:

— Ainda continua na aldeia?

— Sim — disse K. — Vim para ficar.

— Isso não me interessa nem um pouco — disse Gerstäcker, tossiu vigorosamente e se voltou para os outros homens.

Verificou-se que todos estavam esperando Erlanger. Este já havia chegado, mas, antes de receber as partes, ainda conferenciava com Momus. A conversa geral girava em torno do fato de que não se podia esperar na casa, mas ali fora, em pé, na neve. Na verdade não fazia muito frio, no entanto era uma desconsideração deixar as pessoas, talvez durante horas, à noite diante da hospedaria. Com certeza não era culpa de Erlanger, que, pelo contrário, era muito receptivo e dificilmente sabia disso; ele sem dúvida teria ficado furioso

se o informassem a respeito da situação. A culpa era da gerente da Hospedaria dos Senhores, que, na sua pretensão já doentia de refinamento, não podia suportar que viessem de uma só vez muitas partes ao estabelecimento.

— Uma vez que tem de ser assim e eles precisam vir — costumava dizer —, então, pelo amor de Deus, que venham sempre um depois do outro.

E impusera que as pessoas, que primeiro haviam esperado simplesmente num corredor, depois na escada, em seguida na soleira, mais tarde no balcão de bebidas, fossem finalmente empurradas para a rua. E mesmo isso não a satisfez. Era insuportável para ela "estar sitiada" continuamente na própria casa, conforme se exprimia. Não conseguia entender para que, de qualquer modo, havia esse ir e vir das partes.

— Para sujar os degraus da frente — disse-lhe certa vez, provavelmente com raiva, um funcionário em resposta à sua pergunta, mas para ela isso havia sido muito esclarecedor e tinha o hábito de citar com gosto essa frase.

Sua ambição — e essa era uma coisa que vinha ao encontro dos desejos das partes — consistia na construção de um prédio em frente à Hospedaria dos Senhores, no qual as pessoas envolvidas pudessem aguardar. Seu maior desejo teria sido que as conversações com as partes e os inquéritos se realizassem fora da Hospedaria dos Senhores, mas os funcionários se opuseram e, quando eles se opunham seriamente, a senhora não tinha, naturalmente, condições de se impor; apesar disso, em questões secundárias ela exercia uma espécie de pequena tirania, graças ao seu zelo incansável e ao mesmo tempo ternamente feminino. As conversações e inquéritos, entretanto, a senhoria presumivelmente teria de continuar suportando ali na Hospedaria dos Senhores, pois os senhores do castelo se recusavam a deixá-la, ao cuidarem de assuntos oficiais na aldeia. Estavam sempre com pressa, só contra a vontade é que permaneciam na aldeia, não tinham o mínimo desejo de estender sua estada além do estritamente necessário e conseqüentemente não se podia exigir deles, só por consideração à paz doméstica na Hospedaria dos Senhores, que atravessassem temporariamente a rua, com todos os seus papéis, para ocupar alguma outra casa, assim perdendo tempo. Os funcionários gostavam muito mais de despachar os problemas administrativos no balcão de bebidas, ou então no seu quarto, se possível durante as refeições; ou ainda na cama, antes de adormecer; ou logo de manhã, quando se levantavam cansados demais e queriam ainda se espreguiçar um pouco. Por outro lado, o tema da construção de um edifício

de espera parecia se aproximar de uma solução favorável; certamente se tratava de uma pena sensível para a gerente — ria-se um pouco disso —, pois justamente o assunto do prédio de espera tornava necessárias numerosas discussões e as passagens da hospedaria praticamente não se esvaziavam.

Entre as pessoas que esperavam, a conversa girava a meia voz em torno de todas essas coisas. Chamou a atenção de K. o fato de que havia bastante descontentamento, mas ninguém tinha objeções à convocação de Erlanger no meio da noite. Ele fez perguntas a esse respeito e recebeu a informação de que era preciso até mesmo ser muito grato a Erlanger por causa disso. Era exclusivamente a boa vontade e o elevado conceito que conferiam ao seu ofício que o moviam a ir à aldeia; na verdade poderia, se quisesse — e essa atitude talvez correspondesse melhor aos regulamentos —, enviar algum secretário de nível inferior e receber da parte dele os protocolos. Ele porém se recusava, na maioria das vezes, a fazer isso: queria ver e ouvir tudo pessoalmente, mas para alcançar esse objetivo precisava sacrificar as noites, pois no seu plano de trabalho administrativo não se previa tempo para viagens à aldeia. K. objetou que o próprio Klamm vinha à aldeia durante o dia, permanecendo ali até por vários dias; será então que Erlanger, que era apenas secretário, se mostrava mais indispensável lá em cima? Alguns riam bem-humoradamente, outros silenciavam embaraçados; estes últimos prevaleciam e K. não teve resposta. Apenas um disse, com hesitação, que naturalmente Klamm era indispensável tanto no castelo como na aldeia.

Foi então que a porta da frente se abriu e Momus apareceu entre dois criados que traziam lanternas.

— Os primeiros a serem recebidos pelo secretário senhor Erlanger — disse ele — são Gerstäcker e K. Ambos estão aqui?

Os dois se apresentaram, mas por entre eles deslizou Jeremias dizendo: "Sou criado de quarto aqui" e foi introduzido na casa por Momus, que sorria dando-lhe um tapa nos ombros como cumprimento. "Vou ter que prestar mais atenção em Jeremias", disse K. consigo mesmo, momento em que ficou consciente de que Jeremias provavelmente era muito mais inofensivo do que Arthur, que trabalhava no castelo contra ele. Talvez fosse até mais inteligente permitir ser atormentado por eles como ajudantes do que deixá-los ir de um lado para outro tão sem controle, livres para tramar suas intrigas, para as quais pareciam ter um talento particular.

Quando K. passou por Momus, este fez como se só então reconhecesse nele o agrimensor.

— Ah, o senhor agrimensor! — disse. — Aquele que tem aversão a ser inquirido e que neste momento se apressa para o interrogatório. Comigo isso teria sido mais simples, antes. Agora certamente é difícil escolher os inquéritos certos.

Quando K., ao ser interpelado desse modo, quis permanecer ali em pé, Momus disse:

— Vá andando, vá andando! Antes eu teria necessitado das suas respostas, agora não.

Apesar disso K. disse, provocado pelo comportamento de Momus:

— Vocês só pensam em si mesmos. Meramente por causa da administração eu não respondo, nem antes nem agora.

Momus disse:

— Em quem devemos pensar então? Quem mais está aqui? Vá andando!

Na entrada foi recebido por um servidor que conduziu K. pelo caminho já conhecido através do pátio, depois pelo portão e pela passagem baixa que fazia um pequeno declive. Obviamente só os funcionários mais graduados ficavam hospedados nos andares superiores; os secretários, pelo contrário, ficavam nessa passagem, Erlanger também, embora fosse um dos mais graduados. O servidor apagou sua lanterna, pois ali havia uma clara iluminação elétrica. Tudo naquele lugar era pequeno mas delicadamente construído. O espaço tinha sido usado o máximo possível. A passagem era alta o suficiente para uma pessoa andar ereta por ela. Dos dois lados havia uma porta praticamente colada à outra. As paredes laterais não chegavam até o teto; esse fato se devia, provavelmente, a considerações sobre a ventilação, pois os quartinhos instalados na passagem profunda, semelhante a um porão, não tinham janelas. A desvantagem dessas paredes que não se fechavam por completo era o barulho no corredor e necessariamente também nos quartos. Muitos deles pareciam estar ocupados, na maioria as pessoas permaneciam acordadas, ouviam-se vozes, batidas de martelo, tinir de copos. Porém não havia nenhuma impressão especial de alegria. As vozes eram abafadas, mal se entendia aqui e ali uma palavra, parecia também não haver conversas, provavelmente só alguém ditava alguma coisa ou lia algo em voz alta; justamente dos quartos dos quais provinha o som de copos e talheres não se escutava uma palavra, e as batidas de martelo lembravam a K. o que em algum lugar lhe haviam contado: que certos funcionários, para se recuperar do esforço mental contínuo, se ocupavam de tempos em tempos com marcenaria, mecânica de precisão e coisas do gênero. A passagem

propriamente dita estava vazia; só diante de uma porta permanecia sentado um senhor pálido, magro e alto, num casaco de pele debaixo do qual aparecia a roupa de dormir; possivelmente estava muito abafado para ele no quarto, por isso havia se sentado fora e ali ele lia um jornal, mas sem prestar atenção; bocejando deixava com freqüência de ler, vergava para a frente e olhava ao longo do corredor, talvez esperasse o portador de uma petição que tinha intimado a vir e que demorava a chegar. Quando passava por ele, o servidor disse a Gerstäcker sobre aquele senhor:

— O Pinzgauer!

Gerstäcker anuiu com a cabeça:

— Fazia tempo que ele não descia para cá.

— Fazia tempo que não — confirmou o servidor.

Afinal chegaram diante de uma porta, que não era diferente das demais e atrás da qual, conforme comunicou o servidor, Erlanger habitava. O servidor pediu a K. que o pusesse sobre os ombros e espiou pela fenda livre para o interior do quarto.

— Ele está deitado — disse o servidor descendo. — Deitado na cama, mas de roupa; julgo porém que está cochilando. Às vezes o cansaço o acomete dessa forma aqui na aldeia por causa do modo de vida alterado. Teremos de esperar. Quando ele acordar, vai tocar a campainha. Já aconteceu, contudo, que passou toda a sua temporada na aldeia dormindo e depois de acordar precisou logo voltar para o castelo. É um trabalho voluntário o que ele realiza aqui.

— Que ele durma agora até o fim — disse Gerstäcker. — Quando, depois de despertar, ainda tem um pouco de tempo para trabalhar, fica irritado com o fato de ter dormido, tenta resolver tudo depressa e mal se pode conversar.

— Você veio por causa da distribuição dos carretos para o canteiro de obras? — perguntou o servidor.

Gerstäcker acenou com a cabeça, puxou o servidor de lado e falou em voz baixa com ele, mas o servidor praticamente não escutava, estava olhando por cima de Gerstäcker, a quem ultrapassava em altura por mais de uma cabeça, e alisava o cabelo séria e lentamente.

Capítulo 22

AO OLHAR EM VOLTA, sem objetivo definido, K. viu bem a distância Frieda numa curva da passagem; ela fez como se não o conhecesse, fitando-o apenas; levava na mão uma bandeja com pratos vazios. Ele disse ao servidor, que no entanto não prestou atenção — quanto mais se falava a esse servidor, tão mais distraído ele parecia estar —, que ia voltar logo e saiu correndo em direção a Frieda. Ao chegar a ela, segurou-a pelos ombros, como se retomasse sua posse, fez algumas perguntas sem importância, perscrutando nesse lance os seus olhos. Mas a postura rígida dela praticamente não se desfez; procurou fazer, distraída, alguns rearranjos da louça na bandeja e disse:

— O que quer de mim? Vá atrás daquelas... você sabe como elas se chamam, está vindo neste momento da casa delas, posso perceber isso quando olho para você.

K. mudou rápido de assunto; a conversa não devia começar tão abruptamente e a respeito da pior das coisas, daquelas que eram as menos favoráveis a ele.

— Julguei que você estava no balcão de bebidas do albergue — disse ele.

Frieda olhou espantada para ele e passou a mão que estava livre sobre a testa e a maçã do rosto dele. Era como se tivesse esquecido a aparência de K. e quisesse trazê-la de volta à consciência desse modo; seus olhos também tinham a expressão velada do esforço da memória.

— Fui readmitida para trabalhar no balcão de bebidas — disse depois com vagar, de tal maneira que o que estava falando parecia sem importância, mas sob as palavras ainda conversava com K. e isso era o mais importante. — Este trabalho não me serve, qualquer outra pode providenciá-lo; qualquer uma que saiba fazer uma cama, mostrar um rosto amigável e não se importunar com os clientes, antes estimulando-os a agir desse modo, qualquer uma assim pode ser camareira. Mas no balcão é algo diferente. Fui logo readmitida para trabalhar lá, embora o tenha abandonado anteriormente de uma forma não muito honrosa, certamente porque eu tinha proteção. O gerente da hospedaria, porém, estava feliz porque tinha proteção e, possivelmente, por isso foi fácil me readmitir. Aconteceu até que precisaram me pressionar para assumir o posto; se você pensar no que o balcão me faz lembrar, vai entender. Afinal aceitei o lugar. Estou aqui só provisoriamente. Pepi pediu que não lhe causassem a vergonha de ter de deixar imediatamente o balcão, por isso nós lhe demos um prazo de vinte e quatro horas, uma vez que ela foi

sem dúvida diligente e tomou conta de tudo como só sua capacidade teria permitido.

— Está tudo muito bem arrumado — disse K. — Só que no passado você deixou o balcão por minha causa e é agora, a pouco tempo do casamento, que você volta a ele?

— Não vai haver casamento — disse Frieda.

— Porque fui infiel? — perguntou K.

Frieda acenou com a cabeça.

— Veja, Frieda — disse K. — Sobre essa suposta infidelidade nós já falamos várias vezes e no fim você teve de admitir que a suspeita era injusta. Desde então, no entanto, nada mudou da minha parte, tudo permaneceu tão inocente como era e nunca poderá ser diferente. Sendo assim, alguma coisa deve ter mudado do seu lado, através de insinuações de terceiros ou algo semelhante. De qualquer modo você comete uma injustiça comigo, pois veja: o que se passa com essas duas moças? Uma, a morena — quase me envergonho por precisar me defender em detalhe, mas é você que o provoca —, a morena, portanto, é provavelmente um embaraço não menor para mim do que para você; mas posso de algum modo me distanciar dela, eu o faço e ela também o facilita, não é possível ser mais discreto do que ela é.

— Sim! — exclamou Frieda; as palavras lhe vinham como se fosse contra sua vontade; K. estava contente por tê-la desviado assim do assunto; ela estava sendo diferente do que queria. — Ela pode ser discreta para você; a mais desavergonhada de todas você chama de discreta e acredita nisso, por mais inacreditável que seja, honestamente; você não distorce as coisas, eu sei. A dona do Albergue da Ponte diz sobre você: não posso suportá-lo, mas também não posso abandoná-lo; à vista de uma criança pequena, que ainda não sabe andar direito e se precipita em frente, é impossível se dominar, torna-se necessário intervir.

— Desta vez assuma o ensinamento dela — disse K. sorrindo. — Mas aquela jovem, seja recatada ou desavergonhada, nós podemos deixar de lado, não quero saber nada dela.

— Mas por que você a chama de recatada? — perguntou Frieda inflexível; K. considerou essa participação um sinal favorável a ele. — Você testou isso ou quer rebaixar as outras?

— Nem uma coisa nem outra — disse K. — Eu a chamo desse modo por gratidão, porque ela me torna fácil não prestar atenção nela e porque, mesmo que me interpelasse com mais freqüência, eu não conseguiria voltar lá, o que

de fato seria uma grande perda para mim, pois tenho de ir por causa do nosso futuro em comum, como você sabe. É por isso que preciso falar também com a outra jovem, que na verdade estimo por sua competência, prudência e abnegação, e de quem ninguém pode afirmar que seja sedutora.

— Os servos têm outra opinião — disse Frieda.

— Tanto neste como em muitos outros aspectos — disse K. — Você não vai querer deduzir da luxúria dos servos a minha infidelidade, não é?

Frieda silenciou e permitiu que K. tirasse de sua mão a bandeja, a colocasse no chão, enfiasse o braço sob o dela e começasse a ir de lá para cá, devagar, com ela, no pequeno espaço.

— Você não sabe o que é fidelidade — disse ela, se defendendo um pouco da sua proximidade. — O mais importante não é a maneira como quer se comportar com as moças; o fato de que vá e volte ao seio dessa família, o cheiro da sala de jantar deles nas suas roupas já é uma vergonha intolerável para mim. E você sai correndo da escola sem dizer nada. E fica na casa delas metade da noite. E, quando perguntam por você, manda as moças dizerem que não está, elas dizem isso com fervor, sobretudo a que é incomparavelmente recatada. Esgueira-se por um caminho secreto para fora de casa, talvez para proteger a reputação daquelas jovens, a reputação daquelas jovens! Não, não vamos mais falar sobre isso!

— Sobre isso, não — disse K. — Mas sobre outra coisa, Frieda. A respeito disso já não há o que dizer. Por que preciso ir até lá você sabe. Não é fácil, mas eu me forço. Você não devia tornar as coisas mais difíceis do que são. Pensei hoje por um instante em ir até lá e perguntar se Barnabás, que há muito tempo tem de me entregar uma mensagem importante, afinal chegou. Ele não havia chegado, mas, como me garantiram e era digno de fé, devia chegar muito em breve. Não queria mandar que ele fosse atrás de mim na escola para não a molestar com sua presença. As horas se passaram e infelizmente Barnabás não chegou. Mas veio outro, que me é odioso. Eu não tinha vontade alguma de deixar que ele me espionasse e por isso caminhei pelo jardim vizinho; mas também não queria me esconder dele, por isso fui pela rua, espontaneamente, em direção a ele, com uma vara de salgueiro flexível na mão, coisa que admito. Isso é tudo, portanto não há mais nada a dizer; mas sem dúvida há o que dizer sobre algo diferente. O que acontece com os ajudantes, que só o fato de citá-los me é tão repulsivo como, para você, a menção daquela família? Compare sua relação com eles e o modo como me comporto com a família de Barnabás. Entendo sua aversão por ela

e posso partilhar desse sentimento. É só em função do meu caso que vou visitá-los; às vezes quase me parece que cometo uma injustiça com eles, que eu os uso. Veja agora você e os ajudantes. Não negou em absoluto que eles a perseguem e admitiu que isso a atrai. Não fiquei zangado com você por causa disso, percebi que aqui estão em jogo forças com as quais não podia competir, estava feliz já com o fato de que você ao menos se defende, ajudei-a a se defender e só porque não prestei atenção durante algumas horas, confiando em sua fidelidade, seja como for também na esperança de que a casa estivesse rigorosamente fechada e que os ajudantes tinham fugido definitivamente — continuo a subestimá-los, é o que receio —, só porque relaxei a atenção um par de horas e aquele Jeremias, que visto de perto é um rapaz não muito sadio, envelhecido, teve o atrevimento de ir até a janela; só por isso, Frieda, devo perdê-la e ouvir como saudação: "Não vai haver casamento algum". Na verdade sou aquele que pode fazer censuras, mas não as faço, continuo a não fazê-las.

E outra vez pareceu bom a K. ter desviado Frieda um pouco do assunto; pediu-lhe que trouxesse alguma coisa para comer porque desde o meio-dia não havia comido nada. Frieda, evidentemente aliviada pelo pedido, fez sim com a cabeça e correu para pegar a comida, seguindo não pela passagem, onde K. supunha estar a cozinha, mas de lado, alguns degraus para baixo. Ela logo apareceu com um prato de frios e uma garrafa de vinho; mas eram apenas os restos de uma refeição, os pedaços isolados tinham sido rearranjados para tornar o todo irreconhecível, havia ali até peles de salsicha e a garrafa de vinho estava esvaziada em três quartos. K. porém não falou nada sobre isso e se pôs a comer com muito apetite.

— Você esteve na cozinha? — perguntou.

— Não, em meu quarto — disse ela. — Tenho um quarto aqui embaixo.

— Se você tivesse me levado — disse K. — eu teria descido para me sentar um pouco enquanto comia.

— Vou trazer uma cadeira para você — disse Frieda pondo-se a caminho.

— Obrigado — disse K. e a reteve. — Não vou nem descer nem preciso mais de uma cadeira.

Frieda só tolerou com resistência que ele a retivesse, inclinou fundo a cabeça e mordeu os lábios.

— Muito bem, ele está aqui embaixo — disse ela. — Você esperava outra coisa? Está deitado na minha cama, se resfriou lá fora, tem febre, quase não comeu. No fundo é tudo culpa sua, se não tivesse expulsado os ajudantes,

nem corrido atrás daquela gente, poderíamos agora estar tranqüilamente sentados na escola. Foi só você que destruiu nossa felicidade. Acredita que Jeremias tentasse me seqüestrar enquanto estava em serviço? Se for assim, desconhece absolutamente o sistema que existe aqui. Ele queria vir até mim, se atormentava, ficava à minha espreita, mas isso era apenas um jogo, como um cão faminto brinca e não ousa saltar sobre a mesa. O mesmo acontecia comigo. Tinha atração por ele, é meu companheiro de jogos desde a infância — brincávamos juntos na encosta da montanha do castelo, belos tempos aqueles, você nunca me perguntou sobre meu passado —, mas nada disso era decisivo enquanto Jeremias ficava restringido pelo ofício, pois eu conhecia meu dever como sua futura mulher. Depois, no entanto, você despachou os ajudantes e ainda agora se vangloria por isso, como se tivesse feito algo por mim; bem, num certo sentido isso é verdade. Sua intenção deu certo em relação a Arthur, embora só temporariamente; ele é terno, não tem a paixão de Jeremias, que não receia dificuldade alguma; com um soco, naquela noite — o golpe também foi dado contra nossa felicidade —, você quase o destruiu, ele fugiu para o castelo a fim de se queixar e, mesmo que volte em breve, no momento está longe daqui. Jeremias entretanto ficou. Em serviço ele teme um pestanejar do seu senhor, mas fora dele não tem medo de nada. Ele veio e tomou posse de mim; abandonada por você, controlada por ele, o velho amigo, não pude fazer nada. Não abri a porta da escola, ele arrombou a janela e me puxou para fora. Fugimos para cá, o gerente da hospedaria o estima, aos clientes também nada pode ser mais bem-vindo do que ter um criado de quarto assim, por isso fomos aceitos, ele não vive comigo, mas temos um quarto em comum.

— Apesar de tudo — disse K. — não lamento ter expulsado os ajudantes do serviço. Se nossa relação, como você a descreve, e sua fidelidade estão condicionadas apenas pelo vínculo de ofício dos ajudantes em relação a nós, então foi bom que tudo tenha chegado ao fim. A felicidade do casamento, no meio de dois bichos de rapina que só abaixam a cabeça sob o chicote, não teria sido muito grande. Além disso também sou grato àquela família, que involuntariamente contribuiu para nos separar.

Os dois silenciaram e ficaram outra vez andando de cima para baixo, sem que fosse necessário decidir quem agora havia começado. Frieda, próxima a K., parecia furiosa com o fato de que ele não a tomasse outra vez pelo braço.

— Desse modo tudo estaria em ordem — prosseguiu K. — e nós poderíamos nos despedir, você ir para o seu senhor Jeremias, que

provavelmente ainda está resfriado por ter ficado no jardim da escola e a quem você, em respeito a isso, já deixou tempo demais sozinho, e eu, só, na escola; ou então, já que sem você não tenho nada o que fazer lá, em qualquer outro lugar onde seja acolhido. Apesar disso, se agora hesito, é porque continuo duvidando um pouco, com um bom motivo, do que me contou. Tenho sobre Jeremias a impressão oposta. Enquanto ele esteve em serviço, andou atrás de você e não creio que o ofício o tivesse contido de forma duradoura de atacá-la a sério em algum momento. Agora, porém, desde que considera suspenso o serviço, é diferente. Perdão, se me explico da seguinte maneira: desde que você não é mais noiva do seu patrão, não é também mais nenhuma atração para ele como o foi antes. Você pode ser sua amiga de infância, mas ele — na verdade só o conheço por uma breve conversa hoje à noite — não dá muito valor, na minha opinião, a essas questões de sentimento. Não sei por que ele parece a você um caráter apaixonado. O modo de pensar dele me soa particularmente frio. Em relação a mim, Jeremias recebeu alguma incumbência, talvez não muito favorável, de Galater; esforça-se por executá-la com um certo fervor de ofício, quero admitir — não é uma coisa muito rara aqui; faz parte dessa incumbência destruir nossa relação; talvez ele o tenha tentado de formas variadas; uma delas era tentar seduzi-la com seus suspiros lúbricos, a outra — e aqui a dona do Albergue da Ponte o apoiou — inventar histórias sobre minha infidelidade; o ataque dele foi bem-sucedido, alguma lembrança de Klamm, que o cerca, pode ter ajudado; o posto ele de fato perdeu, mas talvez justo no momento em que não precisava mais dele; agora colhe os frutos do seu trabalho e a puxa pela janela da escola; com isso está terminada sua tarefa e, abandonado pelo fervor do ofício, fica cansado, gostaria de estar no lugar de Arthur, que não se queixa de modo algum, mas recolhe louvor e novas tarefas; alguém porém tem de ficar aqui, sem dúvida, acompanhando o desenvolvimento posterior das coisas. É um trabalho tedioso para ele permanecer cuidando de você. Não há nenhum vestígio de amor à sua pessoa; confessou-me abertamente que, como amante de Klamm, você naturalmente é respeitável para ele e faz-lhe com certeza muito bem se aninhar no seu quarto e se sentir um pequeno Klamm, mas isso é tudo; você mesma não significa nada para ele, agora; o fato de tê-la abrigado aqui é apenas um acréscimo à sua principal obrigação; para não a inquietar, ele próprio ficou, mas só temporariamente, enquanto não recebe novas notícias do castelo e seu resfriado não está curado por você.

— Como você o calunia! — exclamou Frieda, batendo seus pequenos punhos um no outro.

— Caluniar? — disse K. — Não, não quero caluniá-lo. Mas é provável que eu lhe faça uma injustiça, isso certamente pode ocorrer. Veja, não é em absoluto óbvio de imediato o que disse a respeito dele; está aberto a outras interpretações. Mas caluniar? Caluniar só poderia ter como objetivo lutar, por esse meio, contra o seu amor por ele. Se fosse necessário e a calúnia constituísse um método adequado, não hesitaria em caluniá-lo. Ninguém, por isso, poderia me condenar; através de seu mandante, Galater, ele está numa tal vantagem em relação a mim, que eu, totalmente dependente das minhas forças, teria permissão de caluniá-lo um pouco também. Seria um meio de defesa relativamente inocente e, no final, também impotente. Deixemos pois que os punhos descansem.

E K. tomou a mão de Frieda na sua; Frieda quis se esquivar dele, embora sorrindo e sem muito dispêndio de energia.

— Mas não preciso caluniar — disse K. —, pois você não o ama, apenas acredita nisso e será grata a mim quando eu a livrar do engano. Veja, se alguém quisesse tirá-la de mim sem violência, mas com o cálculo o mais possível cauteloso, precisaria fazê-lo por intermédio dos dois ajudantes. Jovens aparentemente bons, infantis, engraçados, irresponsáveis, que desceram do alto, do castelo, com alguma lembrança de infância em tudo isso, é uma coisa decerto muito amável, sobretudo se por acaso sou exatamente o contrário disso: corro, sem parar, atrás de negócios que não são inteiramente compreensíveis para você, que a fazem se irritar, que me aproximam de pessoas que lhe são odiosas e me transmitem algo disso por maior que seja minha inocência. O conjunto é apenas uma exploração maldosa, apesar de muito engenhosa, das carências de nossa relação. Toda relação tem suas faltas, a nossa também; encontramo-nos vindo cada qual de um mundo inteiramente diverso e, desde que nos conhecemos, a vida de cada um tomou um caminho totalmente novo, ainda nos sentimos inseguros, é tudo novo demais. Não falo de mim, isso não é tão importante, no fundo sempre foi uma dádiva desde que você pela primeira vez voltou os olhos para mim, e habituar-se às dádivas não é muito difícil. Você, entretanto, abstraindo tudo o mais, foi arrancada de Klamm, não consigo medir o que isso significa, mas aos poucos fui tendo uma idéia, a pessoa sofre uma vertigem, não é capaz de se orientar e, embora sempre estivesse pronto para recebê-la, nem sempre estava presente, e, quando estava, muitas vezes seus

devaneios ou algo mais vivo a seguravam, como por exemplo a dona do albergue: em suma, houve épocas em que você desviava o olhar de mim, aspirando penetrar em algo semi-indefinido, pobrezinha; e nesses interregnos era necessário apenas que pessoas adequadas fossem alinhadas na direção do seu olhar para que se perdesse nelas, caía na ilusão de que aquilo que no fundo eram só momentos, fantasmas, velhas recordações, existência única do passado que se consumia cada vez mais, que isso ainda era sua vida contemporânea e real. Um erro, Frieda, nada senão a última dificuldade, vista corretamente, desprezível de nossa união final. Volte a si, se componha; se pensasse também que os ajudantes são mandados por Klamm — não é absolutamente verdade, são mandados por Galater — e se eles puderam enfeitiçá-la com apoio nessa ilusão, que você própria julga encontrar, na sujeira e indecência deles, vestígios de Klamm, como alguém acredita ver num monte de excrementos uma pedra preciosa outrora perdida, ao passo que não poderia, na realidade, encontrá-la de modo algum ali, mesmo que ela estivesse lá — assim são, sem dúvida, apenas rapazes da laia dos servos dos estábulos, só que não têm a saúde deles, um pouco de vento fresco os torna doentes e os atira na cama, a qual eles de qualquer forma conseguem procurar e achar com malícia servil.

Frieda havia inclinado a cabeça sobre o ombro de K.; com os braços enlaçados na cintura um do outro, eles andavam em silêncio de cima para baixo.

— Se tivéssemos — disse Frieda devagar, tranqüila, quase com bem-estar, como se soubesse que lhe era concedido um prazo muito breve de descanso no ombro de K., mas quisesse fruí-lo até o último —, se tivéssemos logo, ainda naquela noite, emigrado, poderíamos estar em algum lugar em segurança, sempre juntos, sua mão sempre próxima o bastante para eu a segurar; como me é necessária sua proximidade, como, desde que o conheço, me sinto abandonada sem a sua proximidade; creia-me, sua proximidade é o único sonho que sou capaz de sonhar, nenhum outro.

Nesse momento gritaram do lado do corredor; era Jeremias, estava em pé no degrau mais baixo, em mangas de camisa, mas tinha enrolado em torno de si um xale de Frieda. O modo como estava ali, o cabelo revolto, a barba rala como que molhada de chuva, os olhos arregalados com esforço, suplicantes e ressentidos, as maçãs do rosto avermelhadas mas parecendo consistir de carne solta demais, as pernas nuas tremendo de frio, de tal forma que as longas franjas do xale estremeciam juntas, o modo como estava ali era o de

um doente fugido do hospital, diante do qual não se devia pensar em outra coisa senão em levá-lo de volta à cama. Foi assim que Frieda entendeu a situação, desfez-se de K. e logo estava lá embaixo ao lado de Jeremias. A proximidade dela, a maneira cuidadosa com que apertava mais o xale em volta dele, a pressa com que imediatamente quis empurrá-lo de volta ao quarto deram a impressão de torná-lo um pouco mais forte; era como se só agora reconhecesse K.

— Ah, o senhor agrimensor — disse Jeremias.

Frieda, que não queria permitir mais nenhuma conversa, passou a mão no rosto dele como um consolo. Jeremias prosseguiu:

— Desculpe a interrupção, senhor agrimensor. Não estou nem um pouco bem, isso se justifica. Creio que tenho febre, preciso tomar um chá e transpirar. A maldita grade no jardim da escola — ainda tenho de pensar nisso —, depois, já resfriado, tive de ficar correndo por aí durante a noite. As pessoas sacrificam, sem perceber logo, a sua saúde por coisas que na verdade não o merecem. Mas o senhor agrimensor não precisa se deixar importunar por mim, entre conosco em nosso quarto, faça uma visita ao doente e diga então a Frieda o que ainda tem a dizer. Quando duas pessoas que estão habituadas uma à outra se despedem, têm naturalmente tanto a falar uma para a outra nos últimos instantes, que um terceiro, mesmo que esteja deitado na cama e espere o chá prometido, mostra falta de possibilidade de entender. Mas entre, entre, vou ficar completamente quieto.

— Basta, basta — disse Frieda, agarrando o braço de Jeremias. — Ele está com febre e não sabe o que fala. Você, porém, K., não entre, eu lhe peço. É o meu quarto e o de Jeremias, ou antes: o quarto é só meu, proíbo-o de entrar conosco. Você me persegue, K., ah, por que me persegue? Nunca, nunca mais vou voltar para você; tremo só de pensar nessa possibilidade. Vá para as suas moças; conforme me contaram, elas ficam sentadas de camisola no banco do aquecedor ao seu lado; e se alguém vai buscá-lo, elas cospem nele. Certamente lá você está em casa, pois isso o atrai tanto. Sempre o retive para que não fosse lá; com pouco sucesso, mas, seja como for, retive; isso já passou, você está livre. Uma bela vida está à sua frente: por causa de uma delas terá talvez de lutar um pouco com os servos, mas no que diz respeito à segunda, não há ninguém, no céu e na Terra, que tenha inveja de você por causa dela. A aliança está abençoada de antemão. Não diga nada contra; sem dúvida pode refutar tudo, mas no final nada foi refutado. Pense só, Jeremias, ele refutou tudo!

Trocaram entre si acenos de cabeça e sorrisos.

— Mas — continuou Frieda —, supondo que ele negou tudo, o que teria sido alcançado com isso? O que me importa? Como as coisas podem acontecer com aquelas lá é totalmente assunto delas e dele, não meu. O meu é cuidar de você, Jeremias, até que você fique bem como estava antes — antes que K. o atormentasse por minha causa.

— O senhor realmente não vem junto, senhor agrimensor? — perguntou Jeremias, mas Frieda, que não se voltou mais para K., puxou-o definitivamente. Embaixo via-se uma pequena porta, mais baixa que as portas da passagem em cima; não só Jeremias, mas Frieda também, teve de se abaixar para entrar; dentro parecia estar claro e quente, ouviu-se ainda um pouco de cochicho, provavelmente uma persuasão amorosa para levar Jeremias para a cama, depois a porta foi fechada.

Capítulo 23

SÓ ENTÃO K. PERCEBEU como estava silencioso na passagem, não apenas naquela parte do corredor onde permanecera com Frieda e à qual pareciam pertencer os espaços domésticos, mas também na extensa passagem onde se achavam os quartos antes tão animados. Assim, portanto, os senhores tinham afinal adormecido. K. também estava muito cansado; talvez não houvesse se defendido de Jeremias tanto quanto devia, por causa do cansaço. Talvez tivesse sido mais inteligente se orientar pela atitude de Jeremias, que exagerava visivelmente seu resfriado — o estado lamentável dele não derivava do resfriado, mas era inato e não podia ser combatido por nenhum chá bom para a saúde; adaptar-se totalmente a Jeremias na realidade oferecia um espetáculo de grande exaustão como o dele, cair ali na passagem, cochilar um pouco, o que em si já lhe causaria muito bem-estar e depois, quem sabe, ser também alvo de um pouco de atenção. Só que as coisas não correriam tão favoravelmente como para Jeremias, que na competição por simpatia, com certeza e provavelmente com razão, também teria vencido, era óbvio, nessa outra luta. K. estava tão cansado que pensou se não poderia tentar ir para um daqueles quartos, muitos dos quais sem dúvida estavam vazios, e dormir durante horas numa bela cama. Teria sido, na sua opinião, uma recompensa por um monte de incidentes. Estava pronto, inclusive, para tomar algo para dormir. Na bandeja que Frieda tinha deixado no chão havia uma pequena garrafa de rum. K. não poupou o esforço de voltar atrás e esvaziou a garrafa.

Sentia-se agora ao menos com força suficiente para entrar no quarto de Erlanger; mas uma vez que o servidor e Gerstäcker não estavam mais à vista e todas as portas eram iguais, não pôde encontrá-lo. Acreditava porém se lembrar do lugar na passagem onde talvez a porta estivesse e decidiu abrir uma que, a seu ver, provavelmente era a procurada. A tentativa não podia ser perigosa demais: se fosse o quarto de Erlanger, este certamente o receberia; se fosse o quarto de outro, seria possível se desculpar e ir embora; se o hóspede estivesse dormindo, o que era mais provável de tudo, a visita de K. não deveria ser de modo algum notada; seria mau apenas se o quarto estivesse vazio, pois nesse caso K. praticamente não resistiria à tentação de se deitar na cama e dormir sem parar. Olhou de novo à esquerda e à direita, ao longo da passagem, para ver se não vinha ninguém que lhe desse informação e tornasse a ousadia desnecessária, mas o longo corredor estava silencioso e vazio. K. então ficou escutando junto à porta: ali também não havia ruído. Bateu tão suavemente que uma pessoa dormindo não poderia ser despertada;

quando então nada aconteceu, abriu a porta com extremo cuidado. Mas foi aí que um grito, emitido de leve, o recebeu. Era um quarto pequeno, ocupado em mais que a metade por uma cama ampla; sobre o criado-mudo estava acesa a lâmpada elétrica, ao lado havia uma pasta de viagem. Na cama, mas escondido totalmente sob a coberta, alguém se mexia intranqüilo; por uma fresta entre a coberta e o lençol, sussurrou:

— Quem é?

Agora K. não podia ir em frente sem mais; descontente contemplou a cama atraente mas infelizmente ocupada, lembrou-se depois da pergunta e disse seu nome. Isso pareceu produzir um bom efeito; o homem que estava na cama puxou a coberta e descobriu um pouco o rosto, mas com medo, pronto para se cobrir de novo logo, de alto a baixo, caso alguma coisa fora não estivesse certa. Em seguida, no entanto, sem pensar muito empurrou para os pés da cama a coberta e se sentou, ereto. Sem a menor dúvida não era Erlanger. Tratava-se de um senhor pequeno, bem-apessoado, cujo rosto apresentava, por isso, uma certa contradição, no sentido de que as maçãs eram redondas como as de uma criança, os olhos infantilmente alegres; mas a testa alta, o nariz pontudo, a boca estreita, na qual os lábios mal queriam se tocar, o queixo quase inexistente — nada disso era infantil, mas traía uma inteligência superior. Era com certeza a satisfação consigo mesmo, que havia conservado um resíduo forte de sadia infantilidade.

— Conhece Friedrich? — ele perguntou.

K. fez que não.

— Mas ele o conhece — disse sorrindo o senhor.

K. acenou com a cabeça; não faltavam pessoas que o conheciam, era inclusive um dos principais obstáculos no seu caminho.

— Sou secretário dele — disse o senhor. — Meu nome é Bürgel.

— Desculpe-me — disse K. estendendo a mão para a maçaneta. — Infelizmente confundi sua porta com outra. Na verdade fui convocado pelo secretário Erlanger.

— Que pena! — disse Bürgel. — Não porque foi chamado a outro lugar, mas porque confundiu as portas. Quando estou dormindo e sou acordado, não adormeço outra vez, sem dúvida alguma. Bem, isso não deve molestá-lo tanto, é minha infelicidade pessoal. Por que também aqui as portas não podem ser trancadas? Certamente isso tem uma razão. Segundo um velho ditado, as portas dos secretários devem estar sempre abertas. Seja como for, isso não deve ser tomado de modo tão literal.

Bürgel olhou para K. interrogativo e alegre; ao contrário de sua queixa, parecia bem descansado; tão cansado como K. naquele momento, Bürgel certamente nunca esteve.

— Para onde então quer ir agora? — perguntou Bürgel. — São quatro horas. Quem quer que deseje ver, terá de acordá-lo; nem todos estão acostumados a isso como eu, nem todos irão aceitar pacientemente, pois os secretários são pessoas nervosas. Fique um pouco, portanto. Por volta de cinco horas as pessoas aqui começam a se levantar, será então o melhor momento para responder à sua convocação. Largue pois a maçaneta e sente-se em algum lugar, certamente o espaço aqui é estreito, será melhor que tome assento na beira da cama. Admira-se com o fato de eu não ter nem cadeira nem mesa? Bem, minha escolha era receber ou uma mobília de quarto completa com uma cama de hotel estreita ou esta cama grande e mais nada a não ser a mesa de toalete. Escolhi a cama grande; num quarto de dormir a cama é com certeza o principal. Ah, para quem pudesse se esticar e dormir bem esta cama deveria ser verdadeiramente deliciosa. Mas para mim, que sempre estou cansado sem poder dormir, ela faz bem; passo nela uma grande parte do dia, dou conta de toda correspondência nela, anoto aqui as declarações das partes. As coisas funcionam realmente bem. Seja como for, as partes litigantes não têm lugar para sentar, mas passam sem isso; para elas é até mais agradável permanecer em pé, e a pessoa que toma notas se sente à vontade; isso é melhor do que quando os dois ficam sentados confortavelmente e nesse caso se interpelam aos gritos. Tenho então apenas este lugar à beira da cama para oferecer, mas não é um lugar de ofício e se destina somente a conversações noturnas. Mas está tão quieto, senhor agrimensor!

— Estou muito cansado — disse K., que respondeu ao convite imediatamente, sentando-se com grosseria, sem respeito, na cama, inclinando-se sobre a moldura dos pés da cama.

— Naturalmente — disse rindo Bürgel. — Todo mundo aqui está cansado. Não é pouco trabalho o que eu, por exemplo, já realizei ontem e hoje. Está completamente excluída a possibilidade de que agora eu adormeça; mas mesmo que isso, a mais improvável das coisas, acontecesse e eu dormisse enquanto está aqui, senhor agrimensor, iria lhe pedir que ficasse quieto e também não abrisse a porta. Não tenha medo, porém; com toda certeza não vou adormecer e, no melhor dos casos, seria só por alguns minutos. Comigo de fato sucede que, provavelmente por estar tão acostumado ao movimento

das partes, sou capaz de adormecer mais facilmente quando tenho companhia.

— Durma, por favor, senhor secretário — disse K. satisfeito com esse anúncio. — Se me permitir vou então dormir também um pouco.

— Não, não — riu Bürgel outra vez. — A um simples convite infelizmente não consigo pegar no sono, só no curso da conversa pode haver essa possibilidade; é antes de tudo numa conversa que adormeço. Sim, os nervos sofrem em nossa atividade. Eu, por exemplo, sou secretário de ligação. Não sabe o que é isso? Bem, estabeleço a mais forte ligação — aqui ele esfregou rapidamente, numa alegria involuntária, as mãos — entre Friedrich e a aldeia, a ligação entre os secretários do castelo e da aldeia, a maioria das vezes estou na aldeia, mas não permanentemente; preciso estar preparado para subir a qualquer momento até o castelo; está vendo a pasta de viagem, é uma vida intranqüila, não convém a qualquer um. Por outro lado, é certo que não poderia dispensar mais esse tipo de trabalho, todos os outros trabalhos me parecem tediosos. Como são as coisas na agrimensura?

— Não faço nenhum trabalho dessa espécie, não estou empregado como agrimensor — disse K.

Estava pensando pouco nessa questão, na verdade permanecia desejando ardentemente que Bürgel adormecesse, mas também isso ele fazia apenas por um certo sentimento de dever para consigo mesmo, no íntimo julgava saber que o momento de Bürgel cair no sono ainda estava incomensuravelmente longe.

— É espantoso — disse Bürgel com um vivo movimento de cabeça e puxou um caderno de notas, que estava sob a coberta, para assinalar alguma coisa. — O senhor é agrimensor e não realiza nenhuma agrimensura.

K. acenou mecanicamente com a cabeça, tinha esticado o braço esquerdo sobre a guarda da cama e colocado a cabeça em cima dele; já havia tentado de diversas maneiras se acomodar, mas essa era a posição mais cômoda de todas, ele podia então prestar um pouco mais de atenção no que Bürgel falava.

— Estou disposto — prosseguiu Bürgel — a acompanhar daqui em diante essa questão. Aqui entre nós, com toda certeza, as coisas não são de modo a que se deixe inoperante uma força especializada. E para o senhor também deve ser mortificante, não sofre com isso?

— Sofro com isso — disse K. devagar e sorriu para si mesmo, pois justamente naquela hora não sofria o mínimo com aquilo.

A oferta de Bürgel também causava pouca impressão nele. Era totalmente

diletante. Sem saber nada das circunstâncias em que fora feita a indicação de K., sem saber nada das dificuldades que ela encontrava na comunidade e no castelo, das complicações que durante a estada de K. naquele lugar já haviam sido produzidas ou anunciadas — sem saber nada disso, até mesmo sem mostrar que não tinha a menor idéia de que aquilo lhe dizia respeito, o que devia ser acatado sem mais por um secretário, ele se oferecia, com um golpe de mão, com a ajuda do seu pequeno caderno de notas, para colocar a coisa em ordem.

— O senhor parece já haver tido algumas decepções — disse, porém, Bürgel, provando com isso, afinal, algum conhecimento dos homens.

Na realidade, desde que havia entrado no quarto, K. exigia de si mesmo, de tempos em tempos, que não subestimasse Bürgel, mas no estado em que se encontrava era difícil julgar direito qualquer outra coisa que não fosse o próprio cansaço.

— Não — disse Bürgel como se respondesse a um pensamento de K. e quisesse lhe poupar, por consideração, o esforço de se pronunciar. — Não precisa se intimidar com decepções. Aqui muita coisa parece ter o objetivo de intimidar e, quando se acaba de chegar, os obstáculos parecem completamente impenetráveis. Não quero investigar como em verdade isso acontece, talvez a aparência corresponda de fato à realidade; na posição em que estou me falta o distanciamento certo para verificá-lo; mas note que às vezes se apresentam outras possibilidades que quase não coincidem com a situação geral, oportunidades nas quais, a partir de uma palavra, um olhar, um sinal de confiança, pode ser alcançado mais do que através de esforços exaustivos que duram a vida toda. Certamente é assim. Oportunidades como essas sem dúvida coincidem com a situação de conjunto contanto que nunca sejam aproveitadas. Mas por que não são aproveitadas, é o que sempre me pergunto.

K. não sabia; na verdade notava que aquilo de que Bürgel falava provavelmente dizia muito respeito a ele, mas agora ele tinha uma grande aversão por todas as coisas que diziam respeito a ele; deslocou a cabeça um pouco para o lado como se com isso abrisse caminho às perguntas de Bürgel e não pudesse mais ser afetado por elas.

— É uma queixa constante dos secretários — prosseguiu Bürgel, estendendo os braços e bocejando, o que fazia um contraste perturbador com a seriedade de suas palavras —, é uma queixa constante dos secretários, que eles são forçados a realizar a maioria dos inquéritos da aldeia à noite. Mas

por que eles se queixam? Porque se esforçam demais? Porque preferem empregar a noite dormindo? Não, com certeza não se queixam por isso. Naturalmente há, entre os secretários, como em toda parte, aqueles que são diligentes e menos diligentes, mas nenhum deles se queixa de um esforço grande demais, pelo menos não publicamente. Simplesmente não faz nosso estilo. Nesse aspecto desconhecemos a diferença entre tempo habitual e tempo de serviço. Essas distinções são estranhas a nós. O que, portanto, os secretários têm contra os interrogatórios noturnos? Por acaso consideração pelas partes? Não, não, também não é isso. Com os litigantes os secretários não têm consideração, de qualquer modo não são nem um pouco — o mínimo que seja — mais considerados do que consigo mesmos, mas exatamente tão desconsiderados. Na realidade é essa falta de consideração, ou seja, o cumprimento férreo e a realização do ofício, a maior das considerações que as partes podem desejar a si mesmas. No fundo — certamente um observador superficial não o nota —, no fundo isso também é plenamente reconhecido; nesse caso, por exemplo, são justamente os interrogatórios noturnos os mais bem-vindos pelas partes, os que não incorrem em nenhuma queixa fundamental. Por que, pois, a aversão dos secretários?

K. também não o sabia; sabia tão pouco, nem mesmo distinguia se Bürgel exigia a resposta a sério ou só na aparência. "Se você me deixar deitar em sua cama", pensou, "vou responder, amanhã ao meio-dia ou de preferência à noite, a todas as perguntas." Mas Bürgel parecia não prestar atenção nele, de tal modo o ocupava a pergunta que ele próprio se pusera:

— Até onde distingo, e até onde vão minhas experiências, os secretários mantêm a seguinte reserva em relação aos interrogatórios noturnos. A noite é menos adequada às negociações com as partes, porque de noite é difícil, ou praticamente impossível, preservar na plenitude o caráter oficial das negociações. Isso nada tem a ver com as exterioridades; naturalmente as formas podem, à noite, ser observadas à vontade de maneira tão estrita como durante o dia. Não é isso, portanto; por outro lado, o julgamento administrativo sofre à noite. Involuntariamente a pessoa está inclinada a julgar as coisas de um ponto de vista mais privado, as intervenções das partes ganham mais peso do que lhes cabe; misturam-se ao julgamento considerações irrelevantes sobre a situação das partes tal como elas existem em outros lugares, sobre suas dores e preocupações; a barreira necessária entre partes e funcionários, mesmo que exteriormente pareça intacta, se

afrouxa, e onde normalmente, como devia ser, apenas perguntas e respostas iam e vinham, se estabelece às vezes uma troca estranha, totalmente sem cabimento, entre as pessoas. Assim dizem, pelo menos, os secretários, ou seja, pessoas que, da maneira como for, por causa da profissão, são dotadas de uma sensibilidade extraordinária para essas coisas. Mas mesmo eles — isso já foi discutido com freqüência em nossos círculos — percebem pouco, durante os interrogatórios à noite, aqueles efeitos desfavoráveis; pelo contrário, esforçam-se previamente para contrariá-los e acreditam finalmente ter feito um trabalho excepcional. Mas quando se lêem mais tarde os protocolos, fica-se freqüentemente espantado com suas patentes fraquezas. E são esses os erros, quer dizer, os ganhos sempre meio injustificados das partes demandantes, que, ao menos segundo nossos regulamentos, não podem ser reparados pelo breve trâmite habitual. Com toda certeza são ainda corrigidos por uma instância de controle oficial; mas isso não será proveitoso senão ao Direito, porém não prejudicará mais as partes. Nessas circunstâncias, as queixas dos secretários não são muito justas?

K. já havia passado um pequeno momento num meio sono e agora era perturbado de novo. "Por que tudo isso?", pensou. "Por que tudo isso?", perguntou a si mesmo e contemplou Bürgel com as pálpebras abaixadas, não como a um funcionário que discutia com ele questões difíceis, mas como algo que o impedia de dormir e cujo sentido mais amplo não conseguia descobrir. Bürgel, no entanto, totalmente entregue aos seus pensamentos, sorria, como se tivesse sido capaz de confundir K. um pouco. Estava pronto, contudo, para conduzi-lo de novo ao caminho certo.

— Bem — disse ele —, não se pode dizer que essas queixas são, sem mais, totalmente justificadas. Na verdade os interrogatórios noturnos não estão prescritos abertamente em parte alguma, portanto não se infringe nenhuma determinação quando alguém tenta evitá-los; mas as circunstâncias, a sobrecarga de trabalho, o tipo de ocupação dos funcionários no castelo, sua difícil disponibilidade, a prescrição de que o inquérito das partes não deve ter lugar senão depois que o resto das investigações terminou por completo, mas aí imediatamente, tudo isso e outras coisas mais tornaram os inquéritos à noite uma necessidade incontornável. Mas se eles se tornaram uma necessidade — é o que eu digo —, isso também constitui, pelo menos indiretamente, um resultado das prescrições e significaria, quase, macular a essência dos inquéritos noturnos — naturalmente exagero um pouco porque posso exprimi-lo enquanto exagero —, seria equivalente então a macular as

prescrições. Por outro lado, deve-se reconhecer que os secretários procurem se assegurar, dentro das normas, contra os inquéritos à noite e suas desvantagens, que talvez sejam só aparentes, o melhor possível. É o que eles fazem, e numa extensão enorme; aceitam apenas objetos de negociação de que se pode esperar o menor temor possível, examinam a si mesmos com precisão antes das negociações e, se o resultado do exame o exige, adiam até mesmo no último momento todos os acordos, fortalecem-se na medida em que convocam, com freqüência, uma parte demandante dez vezes antes de conduzirem realmente o inquérito, gostam de ser substituídos por colegas incompetentes para o caso em pauta e por isso capazes de tratar dele com maior leveza, fixam as negociações no mínimo para o início ou o fim da noite e evitam as horas intermediárias — há inúmeras medidas como essa; os secretários não se deixam levar com facilidade, são quase tão resistentes quanto vulneráveis.

K. dormia, não era propriamente um sono, ouvia as palavras de Bürgel talvez melhor do que durante a vigília anterior, morto de sono; palavra por palavra golpeava seu ouvido, mas a consciência importuna havia desaparecido, ele se sentia livre, nem Bürgel o retinha mais, ele tateava ainda às vezes em direção a Bürgel, não estava ainda nas profundezas do sono, mas já se encontrava imerso nele, ninguém mais devia despojá-lo daquilo. Era como se houvesse conquistado uma grande vitória e já havia pessoas ali para comemorar, e ele ou algum outro levantava a taça de champanhe numa homenagem a essa vitória. E para que todos soubessem do que se tratava, a luta e a vitória foram repetidas mais uma vez, ou talvez o combate não tivesse sido repetido, mas só agora tivera lugar; já fora festejado antes e não tinha havido permissão para que ele festejasse porque o resultado felizmente era certo. Um secretário, nu, muito semelhante à estátua de um deus grego, foi levado por K. à luta. Era muito cômico, e K. sorria suavemente no sono pelo fato de que o secretário fosse sempre coagido por seus golpes a abandonar a postura de altivez e precisasse usar rapidamente o braço esticado para cima e o punho cerrado para cobrir sua nudez e desse modo os gestos dele ficavam cada vez mais lentos. A luta não durou muito tempo, passo a passo (e se tratava de passos largos) K. avançava. Era de fato uma luta? Não havia nenhum obstáculo sério, só aqui e ali um pipilar do secretário. Aquele deus grego pipilava como uma menina a quem se faz cócegas. Finalmente ele se foi; K. estava sozinho num grande espaço, pronto para lutar ele girava o corpo e buscava o adversário, mas ninguém mais estava lá, o público também

havia desaparecido, só a taça de champanhe jazia no chão, quebrada; K. triturou-a por completo. Mas os cacos de vidro pinicavam, ele despertou tremendo, sentia-se mal como uma criança pequena que é acordada; apesar disso, à visão do busto nu de Bürgel no sonho, passou-lhe o seguinte pensamento: "Aqui está o seu deus grego! Vamos, arranque-o da cama!".

— Existe contudo — disse Bürgel, com o rosto levantado pensativamente para o teto, como se procurasse exemplos na memória mas não conseguisse encontrá-los. — Existe, contudo, apesar de todas as medidas de precaução, uma possibilidade para as partes utilizarem essa fraqueza noturna dos secretários, supondo sempre que seja uma fraqueza. Sem dúvida uma possibilidade muito rara ou, melhor dizendo, uma possibilidade que quase nunca se manifesta. Consiste em que a parte chega à noite sem ser anunciada. Talvez o senhor se admire de que isso, embora pareça tão natural, aconteça de maneira tão rara. Bem, não está familiarizado com o que se passa aqui. Mas também já deve ter chamado sua atenção a ausência de lacunas da organização administrativa. Dessa ausência de lacunas, porém, resulta que quem quer que tenha um assunto a tratar ou, por outros motivos, deva ser interrogado sobre alguma coisa, imediatamente, sem hesitação já recebe, na maioria das vezes até mesmo antes de haver tido tempo para refletir sobre o assunto, ou antes ainda que ele próprio saiba, a intimação. Não é dessa vez que será interrogado, na maioria dos casos não; a questão em geral ainda não está madura, mas a parte tem a intimação sem ser anunciada, ou seja, totalmente de surpresa ela não pode mais chegar; pode no máximo chegar fora de hora; bem, então vão chamar sua atenção para a data e a hora da intimação e se depois a parte chegar na hora certa, em geral será mandada embora, não é mais um problema; a intimação na mão da parte e o registro nos autos não são na verdade sempre suficientes para os secretários, mas decerto fortes armas de defesa. De qualquer modo isso só diz respeito ao secretário competente para a causa, embora ainda fique aberto a qualquer um se aproximar dos outros à noite e de surpresa. Mas essa é uma coisa que praticamente ninguém faz, é quase sem sentido. Em primeiro lugar o secretário competente, por causa disso, ficaria muito zangado; na verdade nós, secretários, não somos, certamente, ciumentos uns em relação aos outros a respeito do trabalho; cada um leva uma carga de trabalho muito elevada, medida sem mesquinharia alguma; mas diante das partes administradas não temos o direito de tolerar, em hipótese alguma, perturbações de competência. Muitos já perderam o cliente porque onde

acreditaram não poder avançar no lugar competente, tentaram passar por algum que não o era. Aliás essas tentativas têm de fracassar porque um secretário não competente, mesmo que seja surpreendido à noite e esteja com a maior boa vontade para ajudar, exatamente por causa de sua incompetência mal pode intervir como um advogado qualquer; no fundo muito menos, pois lhe falta, mesmo quando, de resto, pudesse fazer alguma coisa, uma vez que conhece, melhor do que todos os senhores da advocacia, os segredos do Direito — falta-lhe, simplesmente, tempo para coisas que não cabem em sua alçada; ele não poderia consagrar a isso um só instante. Quem, portanto, em face dessas perspectivas, passaria suas noites desmobilizando os secretários incompetentes? Além disso, também há partes plenamente ocupadas se, ao lado de sua profissão habitual, querem corresponder às intimações e às indicações dos serviços competentes; "plenamente ocupadas" sem dúvida no sentido das partes, o que naturalmente não é nem de longe a mesma coisa que "plenamente ocupados" no sentido dos secretários.

K. acenou sorrindo com a cabeça; acreditava agora entender tudo com exatidão, não porque o preocupasse, mas porque estava então convencido de que nos próximos instantes adormeceria completamente, dessa vez sem sonho nem perturbação; entre os secretários competentes, de um lado, e os não competentes, de outro, e diante da massa das partes plenamente ocupadas, ele mergulharia em sono profundo e desse modo escaparia de todos. Estava já tão acostumado à voz baixa, auto-suficiente, a qual evidentemente trabalhava em vão para o próprio sono de Bürgel, que era mais provável que ela promovesse do que perturbasse o seu sono. "Gira, moinho, gira", pensou, "Você gira só para mim."

— Onde está, portanto — disse Bürgel brincando com dois dedos no lábio inferior, os olhos encarquilhados, o pescoço esticado, como se acaso se aproximasse, após uma caminhada estafante, de um ponto de perspectiva encantador —, onde está, pois, aquela possibilidade referida, rara, que quase nunca acontece? O segredo está oculto nas regras sobre a competência. Com efeito, não é assim, e não pode ser assim, numa organização grande e viva, que haja para cada causa apenas um determinado secretário que seja competente. Só é assim porque um deles tem a competência principal para julgar, mas muitos outros também têm em certas partes uma possibilidade, embora menor. Quem poderia, sozinho, ainda que fosse o que trabalhasse com o maior dos empenhos, conservar unidos todos os relatórios, mesmo sendo apenas os dos menores incidentes, sobre sua mesa de trabalho? Mesmo

o que eu disse sobre a competência principal é demasiado. Será que na menor competência possível já não está a competência toda? Será que aqui não decide a paixão com a qual a causa é assumida? E não é sempre a mesma, ela não está lá sempre com sua força inteira? Em tudo pode haver diferenças entre os secretários, e há inúmeras diferenças, mas não na paixão; nenhum será capaz de se deter quando for exigido dele que se ocupe de um caso para o qual não tem a mínima competência. Para o exterior, é verdade, é preciso criar uma possibilidade de negociação regular, e assim é que um secretário em particular sobe ao primeiro plano para as partes e é nesse plano que elas têm de se manter administrativamente. Mas não é necessário que seja aquele que possui a maior competência para o caso; aqui é a organização que decide, tanto quanto suas necessidades especiais no momento. É este o estado das coisas. E agora, senhor agrimensor, pondere a eventualidade de que uma parte, por quaisquer circunstâncias, malgrado os obstáculos em geral completamente suficientes que já descrevi, surpreenda, apesar de tudo, no meio da noite, um secretário que possua uma certa competência para o caso em questão. Já pensou, por acaso, numa possibilidade dessa natureza? Quero crer que sim, com prazer. Não é também obrigatório pensar nela, pois é uma coisa que quase nunca ocorre. Que pequeno grão estranho, formado de modo tão definido, além de ágil, deve ser uma parte como essa, para passar através da peneira insuperável? Acredita que isso não pode em absoluto ocorrer? Está com a razão, não pode absolutamente acontecer. Mas uma noite — quem pode garantir tudo? — acontece. Entre minhas relações, de qualquer modo, não conheço ninguém a quem isso tenha sucedido; na verdade isso prova muito pouca coisa; o número de meus conhecidos, em comparação com os números que aqui devem ser levados em conta, é limitado e, além disso, não é de maneira alguma certo que um secretário, a quem ocorreu algo semelhante, o admita; seja como for, é uma questão muito pessoal e, de certo modo, que toca de perto o pudor administrativo. Minha experiência, porém, talvez prove que se trata de uma coisa tão rara, existente, na realidade, graças ao boato e não comprovada por nada a não ser isso, que é muito exagerado ter medo diante dela. Mesmo se de fato devesse ocorrer, a pessoa pode — é preciso acreditar — torná-la literalmente inofensiva provando que não há lugar para ela neste mundo, o que é muito fácil. De qualquer maneira é mórbido quando a pessoa, por medo dela, se esconde, quem sabe, sob a coberta e não ousa olhar para fora. E mesmo que a improbabilidade completa de repente tomasse forma, está então tudo

perdido? Pelo contrário. Que tudo está perdido é mais improvável ainda do que o que existe de mais improvável. Certamente quando a parte está no quarto já é muito ruim. Oprime o coração. “Quanto tempo você vai poder oferecer resistência?”, é o que se pergunta a si mesmo. Mas não vai haver nenhuma resistência, isso se sabe. É preciso apenas que se tenha uma representação correta da situação. A parte que nunca foi vista, sempre aguardada, aguardada com uma verdadeira sede, e sempre considerada, de maneira racional, como inacessível, está sentada lá. Já por meio de sua presença muda ela incita a penetrar em sua pobre vida, instalar-se ali como numa propriedade pessoal e lá sofrer com ela sob suas inúteis exigências. Esse convite no silêncio da noite é fascinante. A pessoa obedece e cessa propriamente, então, de ser uma personagem oficial. É uma situação na qual em breve será impossível recusar um pedido. Dizendo as coisas com precisão, a pessoa que julga está desesperada, ou, mais exatamente ainda, está muito feliz. Desesperada porque a maneira desarmada com que se fica sentado aqui e se espera o pedido da parte interessada e se sabe que, uma vez proferido, é necessário atendê-lo mesmo que, ao menos até onde é possível discernir, ele literalmente rompa o tecido administrativo — com certeza isso é o pior de tudo que pode acontecer na prática. Acima de qualquer coisa — sem contar o resto — porque se trata de uma promoção hierárquica inconcebível, que aqui se alcança em proveito próprio, por um momento e através da força. Nossa posição não nos autoriza a atender pedidos como este de que estamos tratando, mas, pela proximidade da parte à noite, de certa maneira crescem também as forças administrativas, nós nos comprometemos com coisas que se encontram fora do nosso alcance; chegaremos até a realizá-las, a parte nos extorque, à noite, como o salteador na floresta, sacrifícios de que jamais seríamos capazes de outra forma — muito bem, é assim agora, quando a parte ainda está presente; ela nos fortalece, obriga e encoraja; e tudo marcha de maneira meio insciente; mas o que será depois, quando isso passou e a parte, saciada e sem preocupação, nos deixa e ficamos ali sozinhos, sem defesa perante nosso abuso administrativo? É inimaginável! E no entanto estamos felizes. Como a felicidade pode ser suicida! Poderíamos nos empenhar em manter em segredo, frente à parte, a verdadeira situação. Espontaneamente ela não nota praticamente nada. Em sua opinião, provavelmente, foi só por motivos fúteis, casuais, que, exausta, decepcionada, sem consideração e indiferente, penetrou, por fadiga e decepção, num outro quarto, que não aquele que queria; fica ali sentada, ignorante de tudo e se

ocupa mentalmente, quando se ocupa de alguma coisa, do seu erro ou do seu cansaço. Não seria possível deixá-la nesse estado? Não é possível. Na loquacidade da pessoa feliz é preciso explicar tudo a ela. Sem poder se poupar o mínimo que seja, é necessário lhe mostrar em pormenor o que aconteceu e por que razões isso aconteceu; como é extraordinariamente rara e de uma grandeza única a oportunidade; é preciso lhe mostrar como a parte, nessa oportunidade, em todo o seu desamparo — como não pode ser objeto disso nenhuma outra criatura, a não ser justamente uma parte —, como ela tropeçou, mas como, neste momento, se quiser, senhor agrimensor, pode dominar tudo; para isso ela não tem de fazer nada senão de algum modo apresentar seu pedido, para cuja concessão já está tudo preparado, sim, em cuja direção ela se espicha: tudo isso tem de ser mostrado, essa é a hora difícil do funcionário. Mas se já se fez isso, senhor agrimensor, o que há de mais necessário sucedeu, é preciso se contentar e esperar.

Mais que isso K. não escutou — ele estava dormindo, fechado contra tudo o que acontecia. Sua cabeça, que primeiro estava colocada em cima do braço esquerdo, na guarda dos pés da cama, havia escorregado no sono e pendia livre, baixando devagar cada vez mais fundo, o apoio do braço em cima já não era suficiente; involuntariamente K. conseguiu um novo apoio estendendo a mão direita em direção à coberta, lance em que agarrou por acaso justamente o pé de Bürgel que saía de debaixo do cobertor. Bürgel olhou para lá e deixou o pé para ele, por mais incômodo que isso pudesse ser.

Nesse momento bateram com golpes fortes na parede do lado, K. se estendeu e fitou a parede.

— O agrimensor não está aí? — perguntou alguém.

— Sim — disse Bürgel, libertando seu pé de K. e se esticando de repente, selvagem e traquinas como um garoto.

— Então ele deve vir finalmente para cá — disse outra vez a pessoa.

Não se levou em conta nem Bürgel nem o fato de que necessitasse ainda de K.

— É Erlanger — disse Bürgel cochichando, e a circunstância de Erlanger estar no quarto vizinho não parecia surpreendê-lo. — Vá logo encontrá-lo, ele já está irritado, tente acalmá-lo. Tem um bom sono, mas nós conversamos muito alto, não se pode controlar a si mesmo e sua voz quando se fala de certas coisas. Bem, vá para lá, parece que não consegue sair do sono de jeito algum. Vá, o que quer ainda aqui? Não, não precisa se desculpar por sua sonolência, por que deveria? As forças do corpo só chegam a um certo

limite, ninguém tem culpa se justamente esse limite também é, de resto, significativo. Não, contra isso ninguém pode fazer nada. É assim que o mundo corrige a si mesmo no seu curso e mantém o equilíbrio. É uma instituição excelente, uma instituição continuamente excepcional, se bem que sob outro aspecto desesperadora. Agora vá, não sei por que está me fitando assim. Se hesitar por muito tempo ainda, Erlanger vai cair em cima de mim, eu gostaria com prazer de evitar isso. Vá então, quem sabe o que o espera do outro lado, ali está de fato cheio de possibilidades. Só que existem, com certeza, possibilidades que de certo modo são grandes demais para serem aproveitadas; há coisas que não malogram em nada a não ser em si mesmas. Sim, isso é espantoso. Aliás, espero agora poder de fato dormir um pouco. Certamente já são cinco horas e o barulho logo vai começar. Se ao menos já quisesse ir embora!

Entorpecido por ter sido subitamente despertado do sono profundo, necessitando ainda dormir sem limites, com o corpo todo dolorido em conseqüência da posição incômoda, por muito tempo K. não conseguiu tomar a resolução de se levantar, segurando a testa e baixando os olhos para o colo. Mesmo as despedidas contínuas de Bürgel não foram capazes de movê-lo a partir; foi só o sentimento da absoluta inutilidade de permanecer mais tempo naquele quarto que o levou lentamente a fazê-lo. O cômodo parecia-lhe deserto de uma maneira indescritível. Se havia se tornado assim ou se fora desde sempre desse modo era algo que não sabia. Nem mesmo conseguiria adormecer de novo ali. Essa convicção foi decisiva; sorrindo um pouco daquilo, K. se ergueu, se apoiou onde quer que encontrava um suporte — na cama, na parede, na porta — e, como se tivesse se despedido fazia muito tempo de Bürgel, saiu sem saudá-lo.

Capítulo 24

PROVAVELMENTE ELE TERIA PASSADO com igual indiferença diante do quarto de Erlanger se este não estivesse em pé na porta aberta e não fizesse um sinal para ele. Um único e breve sinal com o indicador. Erlanger já estava inteiramente preparado para ir embora, vestia um casaco de pele preto com a gola justa abotoada até o alto em volta do pescoço. Um servidor acabava de lhe passar as luvas e ainda estava segurando um chapéu de pele.

— Faz muito tempo que o senhor já deveria ter vindo — disse Erlanger.

K. quis se desculpar; Erlanger mostrou, fechando os olhos com lassidão, que renunciava a isso.

— Trata-se do seguinte — disse ele. — No balcão de bebidas servia, anteriormente, uma certa Frieda, só conheço seu nome, não conheço ela própria, já que não me diz respeito. Essa Frieda serviu cerveja a Klamm algumas vezes. Atualmente parece haver lá uma outra moça. Naturalmente essa mudança é banal; provavelmente o é para todo mundo e para Klamm com toda certeza. Quanto maior, no entanto, é um trabalho — e o trabalho de Klamm é sem dúvida o maior de todos —, tanto menos energia sobra para se defender contra o mundo externo; por conseqüência, qualquer mudança insignificante das coisas menos importantes causa sério transtorno. A menor alteração na escrivaninha, a remoção de uma mancha de sujeira que existia ali desde sempre, tudo isso pode perturbar e, da mesma forma, uma nova servente. Ora, sem dúvida, todas essas coisas, mesmo que perturbem um outro qualquer, seja qual for o seu trabalho, a Klamm não causam transtorno, isso está fora de qualquer discussão. Entretanto, é nosso dever vigiar o bem-estar de Klamm de tal forma que mesmo incômodos que não são nada para ele — e é provável que não exista absolutamente nenhum — nós os eliminamos quando nos chamam a atenção como possíveis perturbações. Não é por causa dele, nem por causa do seu trabalho, que removemos esses transtornos, mas sim por nossa causa, nossa consciência e nossa tranqüilidade. É por esse motivo que aquela tal de Frieda precisa voltar imediatamente ao balcão de bebidas; talvez o fato de que volte seja justamente o que perturbe; nesse caso vamos mandá-la embora outra vez, mas provisoriamente ela tem de voltar. O senhor vive com ela, conforme me disseram; faça portanto com que retorne de imediato. Nesse ato não podem ser levados em conta sentimentos pessoais, é claro, por isso não me permito, também, me envolver na mínima consideração ulterior sobre esse assunto. Já estou fazendo muito mais que o necessário quando menciono que, caso o

senhor dê provas de valor nessa pequena contingência, isso pode ser eventualmente útil ao seu progresso. É tudo o que tenho a lhe dizer.

Acenou com um gesto de cabeça para se despedir de K., colocou o chapéu de pele entregue pelo servidor e, acompanhado por este, desceu rápido, embora mancando um pouco, pelo corredor.

Às vezes aqui eram dadas ordens muito fáceis de cumprir, mas essa facilidade não alegrava K. Não só porque a ordem dizia respeito a Frieda e na verdade era concebida como tal, soando porém a K. como um escárnio, mas acima de tudo porque ela mostrava para K. a inutilidade de todos os seus esforços. As ordens passavam sobre ele, tanto as desfavoráveis como as favoráveis, e até as favoráveis tinham certamente um cerne, em última análise, desfavorável; seja como for, todas passavam por cima dele, e K. estava colocado muito baixo para intervir nelas ou constrangê-las ao silêncio e fazer com que sua voz fosse ouvida. "Se Erlanger o manda passear, o que você pode fazer? E se ele não o manda passear, o que você poderia dizer-lhe?" K. com certeza permanecia consciente de que naquele dia sua fadiga o havia prejudicado mais do que todas as circunstâncias desfavoráveis, mas por que ele, que acreditara poder confiar no seu corpo e que, sem essa convicção, não teria conseguido se pôr a caminho, por que não era capaz de suportar algumas noites más e uma noite de insônia, por que ficara tão incontrolavelmente cansado justo aqui, onde ninguém estava fatigado ou onde talvez todo mundo sempre estava continuamente cansado sem que isso, no entanto, prejudicasse o trabalho — de fato num lugar que parecia, antes, favorecê-lo? Era preciso concluir, daí, que se tratava de uma espécie inteiramente diferente de cansaço daquela que acometia K. Aqui a fadiga devia sem dúvida existir em meio ao trabalho feliz, algo que, visto de fora, tinha a aparência de cansaço e que na realidade era tranqüilidade indestrutível, paz indestrutível. Quando ao meio-dia se está um pouco cansado, isso faz parte do curso natural e feliz do dia. "Para estes senhores, aqui é sempre meio-dia", disse K. para si mesmo.

E coincidia bastante com isso o fato de que agora, às cinco horas, ao longo dos dois lados do corredor, as coisas já se tornavam vivas. Essa balbúrdia de vozes nos quartos tinha algo de extremamente alegre. Soava ora como os gritos de júbilo de crianças que se preparam para uma excursão, ora como o alvorecer num galinheiro, como a euforia de estar em plena harmonia com o dia que raiava, em alguma parte um senhor até imitou o canto de um galo. O corredor propriamente dito estava, na verdade, deserto, mas as portas já se

achavam em movimento, continuamente uma delas se abria um pouco e se fechava depressa; esse abrir e fechar de portas zunia na passagem, aqui e ali K. enxergava lá em cima, no espaço livre das paredes que não chegavam ao teto, cabeças de cabelos matinalmente revoltos que apareciam e logo desapareciam. Da distância se aproximou devagar um carrinho conduzido por um servidor, contendo processos. Um segundo servidor andava ao lado, tinha na mão uma lista com a qual obviamente comparava os números das portas com os números dos processos. O carrinho parava em frente à maioria das portas, usualmente se abria então a porta e os dossiês correspondentes, às vezes apenas uma folha pequena — em casos assim se desenvolvia uma curta conversa entre o quarto e o corredor, provavelmente o servidor era alvo de censuras —, eram entregues no quarto. Se a porta ficava fechada, os autos eram empilhados cuidadosamente na soleira. Em casos como esses K. tinha a impressão de que o movimento nas portas da vizinhança não diminuía — se bem que os processos, também ali, já houvessem sido distribuídos — mas, pelo contrário, aumentava. Podia ser que os demais espreitassem cobiçosamente os autos que se encontravam, incompreensivelmente, ainda amontoados no limiar da porta: eles não podiam entender como alguém, que precisava apenas abri-la, para entrar na posse dos seus processos, não o fizesse; talvez fosse até possível que autos definitivamente negligenciados fossem, mais tarde, distribuídos entre os outros senhores, que desde já queriam se certificar, por olhares freqüentes, se os autos ainda estavam na soleira e se continuava a haver esperança para eles. Aliás, os processos que restavam formavam na maioria das vezes um maço particularmente grande, e K. supôs que, por uma espécie de vaidade ou maldade, ou então de orgulho justificado, eles se destinavam a estimular os colegas, tendo sido essa a razão pela qual haviam sido deixados ali. O que o fortalecia nesse modo de ver era o fato de que às vezes, justamente quando não estava olhando, o pacote de autos, depois de ter sido exposto à visão por um tempo suficientemente longo, era puxado de repente, o mais rápido possível, para o quarto, e a porta, depois, permanecia outra vez imóvel como antes; nesse momento as portas da vizinhança também sossegavam, decepcionadas ou satisfeitas com a circunstância de que esse objeto de atração constante era afinal eliminado; pouco a pouco, entretanto, elas voltavam a se pôr em movimento.

K. observava tudo isso não só com curiosidade mas também com ativo interesse. Sentia-se quase bem no meio dessa movimentação, olhava para cá e para lá e acompanhava — mesmo que a uma distância conveniente — os

servidores que certamente diversas vezes já haviam se voltado para ele com olhar severo, cabeça inclinada, lábios protuberantes, e contemplava seu trabalho. Quanto mais este progredia, tanto menos se tornava fluente: ora a lista não coincidia de todo, ora os autos não eram sempre muito discerníveis uns dos outros para o servidor, ora os senhores levantavam objeções por outras razões; fosse como fosse, acontecia que várias distribuições tinham de ser anuladas; nesses casos o carrinho retrocedia e pela fresta da porta era negociada a devolução dos autos. Essas negociações representavam, em si mesmas, grandes dificuldades; ocorria constantemente que, quando se tratava da devolução, justamente as portas que tinham estado em ação da maneira mais viva permaneciam obstinadamente fechadas, como se não quisessem saber mais nada do assunto. Era então que começavam as dificuldades propriamente ditas. Aquele que julgava ter direito aos processos ficava impaciente ao extremo, fazia um grande barulho no seu quarto, batia palmas, batia com os pés no chão, gritava sem parar pela fresta da porta, em direção ao corredor, um determinado número de processo. Aí o carrinho ficava freqüentemente abandonado por completo. Um dos servidores se mantinha ocupado em acalmar o impaciente, o outro lutava diante da porta fechada pela restituição dos autos. Os dois tinham problemas a enfrentar. O impaciente ficava em geral mais impaciente ainda com as tentativas de pacificação, não conseguia mais escutar as palavras vazias do servidor, não queria consolo, queria autos; um dos senhores chegou a atirar lá do alto, pelo vão livre sobre as paredes, uma bacia cheia de água em cima do servidor. O outro servidor, evidentemente de grau hierárquico mais alto, enfrentava mais dificuldade ainda. Se o senhor em questão admitia entrar em conversações, tratava-se de discussões práticas, nas quais o servidor se reportava à sua lista, o senhor às suas anotações prévias e justamente aos autos que devia devolver, mas que segurava com firmeza nas mãos, de tal modo que não ficava visível para os olhos cobiçosos do servidor senão um cantinho deles. Este precisava, de mais a mais, diante da necessidade de novas provas, voltar correndo até o carrinho que, no corredor um pouco inclinado, continuava a rolar um trecho sozinho; ou então tinha de se dirigir aos senhores que reivindicavam os dossiês e ali trocar as objeções do até então proprietário por novas objeções em sentido contrário. Essas negociações duravam muito tempo, às vezes se chegava a um acordo: o senhor, por exemplo, divulgava uma parte dos autos ou recebia um outro auto como ressarcimento, uma vez que não se tratara senão de uma confusão; mas ocorria também que alguém tinha de renunciar,

sem mais, a todos os autos exigidos, seja porque o senhor fora posto contra a parede pelas provas do servidor, seja porque estava cansado da negociação permanente; mas aí ele não dava os autos ao servidor, atirando-os longe no corredor, por uma decisão súbita, de tal forma que os barbantes que os amarravam se soltavam e as folhas voavam, motivo pelo qual os servidores precisavam se empenhar muito para pôr tudo em ordem outra vez. Mas tudo isso ainda era relativamente mais fácil do que quando o servidor não recebia absolutamente nenhuma resposta aos seus pedidos de devolução dos processos; ele ficava então em pé diante da porta fechada, pedia, conjurava, citava sua lista, se reportava a prescrições — tudo em vão; do quarto não saía um som e entrar sem permissão era uma coisa à qual o servidor obviamente não tinha direito. Era nesse momento que até esse excelente servidor às vezes perdia o autocontrole; ia até seu carrinho, sentava sobre os autos, enxugava o suor da testa e por um bom tempo não fazia nada a não ser balançar os pés, desamparado. O interesse pelo assunto em volta era muito grande, por toda parte se cochichava, mal uma porta se aquietava e lá em cima, no parapeito da parede, rostos curiosamente cobertos quase por completo por toalhas, como múmias, que além do mais não permaneciam um instante quietos nos seus lugares, esses rostos acompanhavam todos os acontecimentos. Em meio a essa intranqüilidade chamou a atenção de K. que a porta de Bürgel ficara o tempo todo fechada e que os servidores já haviam passado por essa parte do corredor sem atribuir nenhum processo a Bürgel. Talvez ele ainda dormisse, o que, naquele barulho, significava um sono muito saudável — mas por que não tinha recebido auto algum? Ali só havia bem poucos quartos, além do que provavelmente desabitados, tendo sido omitidos por isso. Em compensação já havia no quarto de Erlanger um hóspede novo, particularmente inquieto; Erlanger devia ter sido literalmente expulso por ele durante a noite; essa circunstância combinava mal com a personalidade de Erlanger, fria e sobranceira; mas o fato de que K. precisasse aguardar na soleira da porta apontava sem dúvida nesse sentido.

Depois de todas essas observações a distância, K. logo voltou-se novamente para o servidor; não se aplicava a este, na verdade, o que, de resto, fora contado a K. sobre os servidores em geral, acerca de sua ociosidade, de sua vida cômoda, de sua altivez; havia com certeza exceções entre os servidores ou — o que era mais provável — existiam entre eles grupos diversos, pois, como K. se deu conta, havia ali muitas distinções sobre as quais ele até então não tinha percebido praticamente nada. A obstinação

desse servidor, em especial, o agradava muito. Na luta contra esses pequenos quartos turrões — muitas vezes parecia a K. que se tratava, com freqüência, de uma luta com os quartos, já que quase não lhe era dado ver os ocupantes —, nessa luta o servidor não cedia. Ele, com efeito, se esgotava — quem não se esgotaria? —, mas logo se recuperava, deslizava do carrinho para o chão e arremetia ereto, os dentes cerrados, outra vez contra a porta a ser conquistada. E acontecia que, duas ou três vezes, era rechaçado, de uma forma muito simples aliás, meramente pelo silêncio diabólico, sem no entanto ser em absoluto vencido. Vendo que não podia alcançar nada pelo ataque frontal, ensaiava fazê-lo de outro modo; por exemplo — na medida em que K. o entendia corretamente — através da astúcia. Fingia então que se desinteressava pela porta, deixando que ela de alguma maneira exaurisse seu poder de silêncio; voltava-se para outras portas, mas depois de um tempo regressava; chamava em voz alta o outro servidor, tudo para atrair a atenção, e começava, depois, a amontoar processos diante da porta fechada, como se houvesse mudado de opinião e não tivesse o direito de retomar àquele senhor o que quer que fosse, mas sim de lhe atribuir outros autos. Em seguida continuava seu caminho, não tirando porém os olhos da porta e quando então o senhor, como em geral acontecia, abria logo, cautelosamente, a porta para puxar os processos para dentro do quarto, o servidor, com alguns saltos, já estava lá, metia o pé entre a porta e a guarda da cama e dessa forma forçava o senhor ao menos a negociar face a face com ele, o que de modo geral levava a um resultado razoavelmente satisfatório. Se isso falhava, ou se, naquela porta, essa não lhe parecia ser a maneira apropriada, ele tentava outra coisa. Voltava nessa hora, por exemplo, a atenção para o senhor que reclamava os autos. Punha de lado, então, o outro servidor, um auxiliar decididamente inútil, que só trabalhava mecanicamente, e começava a convencer ele próprio o senhor; cochichava furtivamente, enfiando a cabeça fundo no quarto, provavelmente fazendo promessas e assegurando-lhe também, para a próxima distribuição, uma punição apropriada do outro senhor; muitas vezes, em todo caso, apontava para a porta do adversário e ria, na medida em que seu cansaço o permitia. Mas havia então casos, um ou dois, em que ele certamente renunciava a todas as tentativas — aqui porém K. também acreditava que fosse apenas uma renúncia aparente ou no mínimo uma renúncia por razões justificadas — pois o servidor continuava a andar tranqüilamente, tolerava, sem se voltar, o barulho do senhor negligenciado; a única coisa que tornava visível que ele

sofria com o barulho era que, de tempos em tempos, fechava longamente os olhos. O senhor, no entanto, se acalmava também aos poucos; assim como o choro ininterrupto de uma criança se transforma, pouco a pouco, em soluços cada vez mais isolados, ocorria a mesma coisa com a sua gritaria, mas, até depois que havia silenciado por completo, ouvia-se ainda, aqui e ali, novamente, um grito isolado ou um abrir e fechar rápido daquela porta. De qualquer modo era provável que o servidor houvesse agido de maneira totalmente judiciosa. No fim só ficou um senhor, que não queria se acalmar; permaneceu longo tempo em silêncio, mas só para se recuperar, depois desatou outra vez, então mais forte que antes. Não era muito claro por que ele gritava e se queixava tanto, talvez não fosse em absoluto por causa da distribuição dos processos. Nesse meio-tempo o servidor havia concluído seu trabalho; só restava um único auto, na verdade apenas um papelzinho, uma folha de um bloco de anotações, no carrinho — isso por culpa do auxiliar —, e não se sabia a quem distribuí-lo. "Poderia muito bem ser meu processo", passou pela cabeça de K. O prefeito repetidas vezes havia falado desse caso como o mais minúsculo de todos. E K., por mais arbitrária e ridícula que, no fundo, considerasse essa suposição, procurou se aproximar do servidor que examinava pensativo o pedaço de papel; não era muito fácil, pois o servidor não mostrava por sua vez simpatia por K.; mesmo em meio ao trabalho mais duro, ele sempre encontrava tempo para olhar em direção a K., irado ou impaciente, com nervosos movimentos de cabeça. Só depois de terminada a distribuição é que parecia ter esquecido K. um pouco; quanto ao resto, havia se tornado mais indiferente que antes, sua grande fadiga o explicava; não se empenhava muito, também, em relação ao pedaço de papel, talvez não o tivesse lido em absoluto, só fingia que o estava lendo e embora, ali no corredor, provavelmente houvesse causado prazer a qualquer ocupante dos quartos, resolveu outra coisa, ficara saturado da distribuição de processos, com o indicador nos lábios fazia sinal de silêncio a seu acompanhante e — K. ainda estava longe de chegar até ele — rasgou o papel em pedacinhos, enfiando-os no bolso.

Era com certeza a primeira irregularidade que K. havia visto ali, no trabalho administrativo, de qualquer modo era possível que ele também a tivesse interpretado errado. E mesmo que fosse uma irregularidade, era algo que devia ser relevado; não era possível, nas condições reinantes, que o servidor trabalhasse sem cometer erro; uma hora podia ser a raiva acumulada, a inquietude acumulada, que acabava por estourar, e se ela se

manifestava no simples ato de rasgar um pequeno pedaço de papel ainda era bastante inocente. A voz do senhor que nada podia acalmar ainda ressoava pelo corredor, e seus colegas, que em geral não se comportavam de maneira muito amistosa entre si, pareciam, em relação ao barulho, ser plenamente da mesma opinião; era como se, aos poucos, o senhor houvesse assumido a tarefa de fazer barulho por todos, que o estimulavam só por meio de apelos e sinais de cabeça a continuar. Mas o servidor não se ocupava mais nem um pouco com aquilo, havia terminado seu trabalho, apontou para o guidão do carrinho para que o outro servidor o segurasse e partiram de novo como tinham vindo, só que mais satisfeitos e tão rápido que o carrinho pulava diante deles. Só uma vez eles ainda recuaram de medo e olharam para trás, quando o senhor que não parava de gritar — e diante de cuja porta K. agora se movimentava porque gostaria de saber o que o senhor queria de fato — evidentemente deixou de achar satisfação em gritar, pois tinha descoberto o botão de uma campainha elétrica e, com certeza encantado com o fato de estar assim aliviado, começou a tocar ininterruptamente, em vez de gritar. Logo em seguida começou um grande murmúrio nos outros quartos, parecia significar aprovação, o senhor parecia estar fazendo algo que todos teriam feito com prazer há muito tempo e só por um motivo desconhecido haviam necessitado pôr isso de lado. Talvez fosse o serviço de quarto, ou quem sabe Frieda, que o senhor queria chamar com o toque da campainha? Ele podia então tocar muito tempo. Frieda estava ocupada em embrulhar Jeremias com toalhas úmidas e, mesmo que estivesse curado, era melhor que ela não tivesse tempo, pois a essa altura já estaria deitada nos braços dele. O soar da campainha, porém, teve um efeito imediato. O gerente da hospedaria já aparecia a distância correndo, vestido de preto e abotoado como sempre; mas a maneira como corria dava a impressão de que tinha esquecido sua dignidade: os braços semi-estendidos, como se houvesse sido chamado por causa de uma grande desgraça e chegasse para agarrá-la e asfixiá-la logo no seu peito; cada pequena irregularidade do som da sineta parecia fazê-lo dar breves saltos e se apressar ainda mais. Também sua mulher aparecia um longo trecho atrás dele; corria igualmente de braços abertos, mas seus passos eram curtos e afetados, o que fez K. pensar que ela ia chegar tarde demais, naquele meio-tempo tudo o que era preciso fazer o gerente já teria feito. E para abrir caminho para a corrida do gerente, K. espremeu-se junto à parede. O gerente no entanto estacou na altura em que K. se encontrava como se esse fosse seu objetivo e logo a mulher também estava lá e os dois o

cumularam de censuras, que com a pressa e a surpresa ele não entendeu, em especial porque a campainha do senhor se imiscuía e até outras sinetas começaram a trabalhar, agora não mais por necessidade, mas por brincadeira e excesso de alegria. K., a quem importava muito entender sua culpa com precisão, estava de pleno acordo com o fato de que o gerente o havia pegado sob o braço e saísse com ele daquela barulheira que se intensificava continuamente, pois atrás deles — K. não se voltou porque o gerente da hospedaria, de um lado, e a mulher, do outro, não paravam de falar com ele —, atrás deles todas as portas se abriram por completo, a passagem se animou, parecia que ali se desenvolvia a circulação de uma viela estreita e cheia de vida, as portas diante deles esperavam, indubitavelmente com impaciência, que K. afinal passasse para que os senhores pudessem sair; no meio de tudo isso, as campainhas soavam, continuavam a retinir como que para festejar uma vitória. Finalmente — já estavam de novo no pátio branco e silencioso, onde aguardavam alguns trenós — K. percebeu aos poucos do que se tratava. Nem o gerente nem a mulher dele podiam compreender que K. tivesse conseguido ousar algo daquela natureza. Mas afinal o que ele tinha feito? Era o que K. não parava de perguntar, mas precisava de muito tempo para saber, uma vez que sua culpa era evidente demais para os dois e por isso não pensavam nem remotamente em sua boa-fé. Só com lentidão K. reconheceu tudo. Ele não tinha o direito de estar na passagem, em princípio só o balcão de bebidas era acessível a ele e mesmo assim por clemência e de forma revogável. Se era convocado por um senhor, naturalmente tinha de comparecer no lugar da convocação, mas sempre consciente — certamente ele tinha pelo menos o bom senso usual dos homens? —, sempre consciente de que estava num lugar ao qual na realidade não pertencia, onde o senhor o havia chamado com a máxima má vontade, só porque um assunto oficial o exigia e justificava. Por esse motivo precisava aparecer rápido, se submeter ao interrogatório e depois desaparecer se possível mais rápido ainda. Será, pois, que lá no corredor ele não tivera o sentimento penoso de não estar no seu lugar? Mas se o teve, como pôde circular ali como um animal no campo? Ele não tinha sido intimado para um interrogatório noturno e não sabia, portanto, por que haviam sido introduzidos os inquéritos à noite? Os interrogatórios noturnos — e aqui K. recebeu uma nova explicação sobre seu sentido — tinham como objetivo apenas inquirir as partes cuja visão era totalmente insuportável para os senhores durante o dia, de uma maneira rápida, à noite, sob a luz artificial, tendo a possibilidade de esquecerem no

sono, logo após o inquérito, toda a feiúra existente nele. Mas o comportamento de K. fora um escárnio em relação a todas as medidas de segurança. Até fantasmas desaparecem pela manhã; K. porém havia permanecido ali, as mãos nos bolsos, como se esperasse que — já que não se afastava — o corredor inteiro, com seus quartos e senhores, fosse se distanciar. E seria isso também que — uma coisa de que ele não podia estar seguro — com toda certeza teria acontecido, se de algum modo fosse possível, pois a sensibilidade dos senhores era ilimitada. Ninguém, por exemplo, vai repelir K. ou, seja como for, dizer aquilo que é mais óbvio; que ele afinal devia ir embora — ninguém vai dizer isso, embora, durante a presença de K., provavelmente tremam de nervosismo, e a manhã, seu momento preferido, se encha de fel para eles. Em vez de empreender algo contra K., eles preferem sofrer — lance em que, bem entendido, a esperança tem um papel —; que isso finalmente, saltando aos olhos de K., fará com que também ele, aos poucos, se dê conta do que ocorre e tenha de sofrer, de modo correspondente à dor dos senhores, até o insuportável, por estar ali no corredor pela manhã com uma inadequação tão horrível e visível a todos. Inútil esperança. Eles não sabem ou não querem saber, na sua amabilidade e condescendência, que existem também corações insensíveis, duros, que nenhum respeito seria capaz de abrandar. A própria mariposa, pobre criatura, não busca, quando nasce o dia, um canto sossegado, fica plana, gostaria muito mais de desaparecer e se torna infeliz com o fato de que não pode fazê-lo? K., ao contrário, se coloca no lugar onde fica mais visível, e se pudesse impedir, com isso, o romper do dia, sem dúvida o faria. Não é capaz de evitá-lo, mas de retardá-lo; infelizmente, pode torná-lo difícil. Não assistiu à distribuição dos processos? Algo que a ninguém é permitido presenciar, a não ser às pessoas imediatamente envolvidas. Uma coisa que nem o gerente nem sua mulher tiveram o direito de ver em sua própria casa. Algo de que não ouviram falar senão por alusões, como por exemplo hoje, da parte do servidor. Será que ele não notou com que dificuldade se efetuou a distribuição dos processos, algo em si incompreensível, uma vez que cada um dos senhores só está servindo à causa, jamais cogita numa vantagem pessoal e por isso precisa trabalhar com toda a energia para que a distribuição dos processos, esse trabalho importante e fundamental, se efetive rápido, fácil e sem erros? E será que realmente nem de longe aflorou à consciência de K. que a causa principal de todas as dificuldades era que a distribuição dos autos tinha de ser realizada com as portas quase cerradas, sem a possibilidade de

relações diretas entre os senhores, que naturalmente são capazes de se entender no mesmo instante, ao passo que a mediação dos servidores tem de durar quase horas, não pode se passar nunca sem reclamações, representa um tormento permanente para senhores e servidores e provavelmente acarretará conseqüências danosas aos trabalhos posteriores? E por que os senhores não podem estabelecer relações? K. continuava, pois, a não entender isso? Algo semelhante ainda não havia acontecido à esposa do gerente da hospedaria — e o gerente o confirmava também, por sua parte —, embora já houvessem tido o que fazer com uma variedade de pessoas recalcitrantes. Coisas que normalmente não se ousa proferir, é necessário dizer a ele abertamente, pois de outro modo ele não entende nem aquilo que é mais essencial. Muito bem, já que é preciso ser dito: por sua causa, só e exclusivamente por sua causa, os senhores não foram capazes de sair de seus quartos, uma vez que pela manhã, logo depois do sono, eles são pudicos demais, vulneráveis demais, para se expor a olhares de estranhos; sentem-se literalmente, embora possam estar completamente vestidos, desnudados demais para se mostrar. É difícil afirmar por que se envergonham — talvez se envergonhem, esses eternos trabalhadores, só porque dormiram. Mas talvez mais ainda do que se mostrar, envergonham-se de ver pessoas estranhas; aquilo que superaram felizmente com a ajuda dos interrogatórios noturnos — a visão dos suplicantes, que são para eles tão difíceis de suportar — agora de manhã não desejam, de repente, sem mediação, permitir que os invadam de novo em toda a sua verdade natural. Isso está acima de suas forças. Que pessoa é preciso ser, para não respeitar isso! Ora, é preciso ser uma pessoa como K. Alguém que se sobrepõe a tudo, tanto à lei como à consideração humana mais usual, fazendo-o com essa indiferença embotada e com essa dormência que não dá a menor importância ao fato de tornar quase impossível a distribuição dos processos, prejudicando a reputação da casa e chegando ao que nunca ainda aconteceu, de tal forma que os senhores, levados ao desespero, começam eles próprios a se defender; após uma auto-superação impensável num ser humano comum, lançam mão da campainha e chamam socorro para expulsar K., que, de outra maneira, não se deixa abalar. Eles, os senhores, pedindo socorro! O gerente, sua mulher e o pessoal todo teriam acorrido muito tempo antes se houvessem ousado tão-somente aparecer pela manhã diante dos senhores, sem ser chamados, mesmo que fosse para dar ajuda e depois desaparecer logo. Tremendo de indignação com K., inconsoláveis em virtude de sua impotência, teriam aguardado ali no começo

da passagem e o soar da campainha, na verdade nunca esperado, teria sido um alívio para eles. Bem, o pior já passou! Se eles pudessem apenas lançar um olhar que fosse sobre a atividade jubilosa desses senhores enfim livres de K.! Para K., sem dúvida, as coisas não estavam terminadas; ele teria com certeza de responder pelo que havia causado naquele lugar.

Nesse ínterim eles haviam chegado ao balcão de bebidas; não estava muito claro por que o gerente, apesar de toda a sua raiva, havia conduzido K. até ali; talvez houvesse reconhecido que o cansaço de K. tivesse tornado impossível, no momento, que ele deixasse a hospedaria. Sem esperar um convite para sentar-se, K. desabou logo, literalmente sobre um dos tonéis. Lá no escuro ele se sentia bem. Num largo espaço ardia agora apenas uma lâmpada elétrica fraca sobre as torneiras de cerveja. Fora também a escuridão era ainda profunda, parecia ser uma tempestade de neve. Ali no quente onde estava, era preciso ser grato e tomar precaução para não ser expulso. O gerente e a mulher continuavam em pé à sua frente, como se ele ainda representasse um certo perigo, como se, dada a sua completa falta de confiabilidade, não estivesse excluído que pudesse de repente se levantar e tentasse penetrar outra vez no corredor. Eles próprios também estavam cansados do susto noturno, por terem saído da cama antes da hora, principalmente a mulher do gerente, que vestia uma roupa marrom, ampla, e fazia um ruído parecido com o da seda, abotoada e ajustada um pouco em desordem — onde a teria buscado em meio à pressa? —, conservava a cabeça, como que vergada, apoiada sobre o ombro do marido, os olhos tapados com um pequeno lenço fino, e dirigia olhares infantilmente malévolos a K. Para acalmar o casal, K. disse que tudo o que lhe haviam contado era uma completa novidade para ele; que, a despeito de sua ignorância de tudo aquilo, não iria permanecer tanto tempo no corredor, onde de fato não tinha nada que fazer e certamente não quisera atribular ninguém, mas que tudo só ocorrera por causa da fadiga excessiva. Agradecia a ambos pelo fato de terem posto um fim àquela cena penosa. Se lhe pedissem para prestar contas, isso seria muito bem-vindo, pois só desse modo podia evitar uma falsa interpretação do seu comportamento. O cansaço, nada mais, tinha sido o culpado. Essa fadiga, no entanto, se originava no fato de que ainda não estava acostumado ao esforço dos inquéritos. Não fazia muito tempo que ele estava ali. Quando chegasse a ter alguma experiência nesse sentido, coisa semelhante não poderia acontecer de novo. Talvez levasse os inquéritos muito a sério, mas isso em si não era com certeza uma desvantagem. Teve de

se submeter a dois interrogatórios, um logo após o outro — um com Bürgel e o outro com Erlanger; especialmente o primeiro o esgotara muito; o segundo, na verdade, não durara tanto; Erlanger tinha apenas lhe pedido uma gentileza; mas os dois juntos foi mais do que podia suportar de uma só vez; quem sabe fosse a mesma coisa para outra pessoa, para o senhor, por exemplo, senhor gerente. Do segundo interrogatório ele já saiu cambaleando. Fora quase uma espécie de embriaguez — tinha visto e ouvido os dois senhores pela primeira vez e precisado, não obstante, dar respostas a eles. Pelo que sabe, tudo saiu bem, mas depois ocorreu aquela infelicidade, pela qual, entretanto, depois do que havia se passado antes, praticamente não era possível inculpá-lo. Infelizmente só Erlanger e Bürgel haviam tomado conhecimento do seu estado e seguramente teriam se ocupado dele e impedido todo o resto; mas Erlanger foi obrigado a ir embora logo depois do interrogatório, evidentemente para se dirigir ao castelo, e Bürgel, provavelmente exausto por causa daquele interrogatório — como, então, K. devia resistir sem ficar fraco? —, adormeceu e permaneceu dormindo durante toda a distribuição dos autos. Se K. tivesse desfrutado de uma possibilidade semelhante, a teria aproveitado com alegria e renunciado sem problemas a todas as espiadas interditas — e isso tanto mais facilmente na medida em que estava, na realidade, sem condições de ver coisa alguma, e por essa razão até os senhores mais suscetíveis poderiam ter se mostrado diante dele sem constrangimento.

A menção aos dois interrogatórios, sobretudo o de Erlanger, e o respeito com que K. falou dos senhores deixaram o gerente bem-disposto em relação a ele. Parecia já a ponto de atender ao pedido de K. para colocar uma prancha sobre os tonéis e deixá-lo dormir ali ao menos até o amanhecer; mas a mulher do gerente estava nitidamente contra, ela não parava de sacudir a cabeça, consciente naquele momento da desordem em que se encontrava sua roupa e tentando arrumar aqui e ali: evidentemente era uma velha disputa relativa à limpeza da casa, disputa que estava prestes a explodir outra vez. Para K., no seu cansaço, a conversa do casal assumiu uma importância excessiva. Ser expulso de novo daquele lugar parecia a ele uma desgraça que ultrapassava tudo o que havia experimentado até então. Isso não devia acontecer, mesmo que o gerente e a mulher pudessem se unir contra ele. Espiava os dois, contorcido sobre o tonel. Até que a mulher, na sua suscetibilidade extrema, coisa que havia tempo chamara a atenção de K., repentinamente deu um passo para o lado e — provavelmente tinha falado de

outras coisas com o gerente — exclamou:

— Como ele me olha! Mande-o embora, afinal!

K., porém, aproveitando a oportunidade e convencido quase até à indiferença de que ia ficar, disse:

— Não estou olhando para a senhora, mas para o seu vestido.

— Por que meu vestido? — perguntou excitada a mulher do gerente.

K. sacudiu os ombros.

— Venha — disse a mulher ao gerente. — O calhorda está bêbado. Deixe-o curar no sono a bebedeira.

E ainda ordenou que Pepi, que havia surgido do escuro ao seu chamado — os cabelos revoltos, cansada, uma vassoura na mão, negligente —, atirasse para K. uma almofada.

Capítulo 25

QUANDO K. ACORDOU, julgou a princípio quase não ter dormido: o quarto permanecia inalterado, vazio e morno, todas as paredes na obscuridade, uma única lâmpada sobre os tonéis de cerveja e diante das janelas a noite. Mas ao esticar o corpo a almofada caiu, a prancha e os tonéis rangeram, Pepi chegou logo em seguida e então ele ficou sabendo que já havia anoitecido e que tinha dormido bem mais que doze horas. A mulher do gerente perguntara por ele algumas vezes durante o dia; também Gerstäcker, que pela manhã, quando K. conversava com a mulher do gerente, havia aguardado ali no escuro, diante de uma cerveja, mas depois não ousara mais importunar K., estivera lá uma vez, nesse meio-tempo, para observar K.; por fim Frieda, ao que parece, tinha vindo e ficado por uns instantes ao lado de K., embora na prática não houvesse chegado até lá por causa dele, mas porque tinha de preparar naquele lugar diversas coisas, uma vez que à noite devia retomar seu velho posto.

— Ela não gosta mais de você? — perguntou Pepi ao trazer café e bolos.

Porém já não fazia a pergunta com maldade como antes era o seu estilo, e sim com tristeza, parecendo ter, nesse lapso de tempo, conhecido a malevolência do mundo, diante da qual toda maldade pessoal fracassava e ficava sem sentido; ela se dirigia a K. como a um companheiro de infortúnio, e quando ele provou o café e ela julgou perceber que K. não o achou suficientemente doce, correu e trouxe para ele o açucareiro todo. Sem dúvida a tristeza dela não conseguira impedir que se arrumasse mais ainda que da última vez; tinha uma quantidade de laços e fitas urdidos no cabelo, ao longo da testa e nas têmporas os cabelos estavam cuidadosamente frisados e do pescoço uma correntinha descia pelo decote fundo da blusa. Quando K., satisfeito por ter finalmente dormido o suficiente e podido beber um bom café, esticou furtivamente a mão para alcançar um dos laços, tentando desatá-lo, Pepi disse com lassidão:

— Deixe-me, deixe-me.

Sentou-se depois sobre um tonel ao lado dele. K. não precisou perguntar o que a fazia sofrer, ela própria começou a contar, o olhar fixo no bule de café de K. como se necessitasse de algo para se desviar enquanto falava — como se não pudesse, mesmo ocupada com sua dor, se abandonar totalmente a ela, pois isso estava acima de suas forças. K. a princípio foi informado de que na realidade era culpado pela infelicidade de Pepi, mas que ela não guardava rancor contra ele. Acenava fervorosamente com a cabeça, enquanto contava a

sua história, para não deixar K. oferecer qualquer objeção. Primeiro, ele tinha levado Frieda do balcão e com isso possibilitado a ascensão de Pepi. Não era possível imaginar de outro modo o que pudera mover Frieda a renunciar a seu posto; ela ficava sentada junto ao balcão como a aranha na teia, tinha por toda parte os fios que só ela conhecia; teria sido completamente impossível removê-la contra sua vontade, só o amor por alguém inferior, ou seja, algo que não era compatível com sua posição, podia tirá-la dali. E Pepi? Será que havia ocorrido a ela conquistar para si aquele lugar? Ela era criada de quarto, possuía um posto sem importância e com pouca perspectiva, como qualquer jovem, ela tinha sonhos de um grande futuro, sonhos que não se podem proibir, mas não pensava a sério num avanço, havia se conformado com o que alcançara. E foi então que de repente Frieda desapareceu do balcão, foi tão repentino que o gerente da hospedaria não tinha à mão uma substituta adequada, ficou procurando e seu olhar recaiu em Pepi, que sem dúvida havia se adiantado com essa finalidade. Naquela época ela amava K. como ainda não amara ninguém; durante meses havia permanecido no seu minúsculo quarto embaixo, todo escuro, e estava pronta para passar ali, no pior dos casos, a vida inteira, ignorada; então K. apareceu de súbito, um herói, um libertador de jovens, e lhe abrira o caminho para cima. É verdade que não sabia nada sobre ela, não o havia feito por sua causa, mas isso não subtraiu nada à sua gratidão; durante a noite que antecedeu a indicação dela — a colocação ainda era incerta, mas apesar de tudo muito provável — ela passou horas falando com ele, sussurrando seu reconhecimento no ouvido de K. E a seus olhos a ação dele se engrandeceu mais pelo fato de ter assumido o fardo de Frieda; era um ato de incompreensível abnegação ter feito Frieda sua amante para tirar Pepi da sombra, Frieda, uma jovem que não era bonita, nem mais jovem, magra, de cabelos curtos e ralos, além do que manhosa, que tinha sempre algum segredo, o que certamente combinava com seu aspecto; rosto e corpo podem indubitavelmente ser lamentáveis, por isso ela deve ter outros segredos que ninguém é capaz de verificar, por exemplo suas supostas relações com Klamm. E mesmo idéias como essa ocorreram a Pepi na ocasião: é possível que K. realmente ame Frieda? Será que ele não se engana ou talvez engane apenas Frieda, e o resultado de tudo isso seja só a ascensão de Pepi e nesse caso K. notará o equívoco ou então não irá querer mais ocultá-lo? Não será mais Frieda então, mas apenas Pepi que desejará ver — o que não precisava ser exclusivamente produto da imaginação desregrada dela, pois, na verdade,

como jovem contra jovem, ela era muito mais que um páreo para Frieda, como ninguém podia negar, e havia sido principalmente o posto de Frieda, e o brilho que ela conseguia dar a ele, que ofuscara K. naquela época. Pepi tinha sonhado que, quando possuísse aquele posto, K. viria procurá-la e ela teria a escolha ou de escutá-lo e perder o lugar ou de rejeitá-lo e continuar sua ascensão. Havia estabelecido para si mesma que ia renunciar a tudo e descer até ele para lhe ensinar o verdadeiro amor que nunca havia experimentado com Frieda — um amor independente de todos os postos de prestígio do mundo. Mas as coisas então se passaram de modo diferente. E quem era culpado por isso? K. acima de tudo e certamente, também, a manha de Frieda. Sobretudo K., pois o que ele quer, esse estranho homem? Ao que aspira, quais são as coisas importantes que o ocupam e fazem esquecer o que existe de mais próximo, de melhor, de mais belo que tudo? Pepi é a vítima e tudo é estúpido e está tudo perdido e quem tivesse forças para atear fogo na hospedaria inteira e queimá-la por completo, de modo que não sobrasse nada, queimá-la como um papel no fogão — esse seria, hoje, o eleito de Pepi. Sim, Pepi chegou tão bem ao balcão de bebidas há quatro dias, pouco antes do almoço. O trabalho ali não é fácil, é um trabalho quase capaz de matar uma pessoa, mas o alvo a ser alcançado também não é pequeno. Antes disso Pepi não tinha vivido de expediente e, mesmo que nunca houvesse reivindicado aquela colocação nem nos pensamentos mais ousados, fizera com certeza uma quantidade de observações; sabia o que esse posto implicava, não tinha assumido o trabalho despreparada. Não se pode enfrentá-lo sem preparo, caso contrário a pessoa o perde nas primeiras horas. Particularmente se quisesse agir ali no estilo de uma criada de quarto. Como criada de quarto, com o passar do tempo, a pessoa acaba se sentindo inteiramente perdida e esquecida, é como trabalhar numa mina, pelo menos no corredor dos secretários é assim; durante dias não se vê, lá, com exceção das poucas partes suplicantes que passam de um lado para outro como sombras, sem ousar erguer os olhos, nem sequer um ser humano além das duas, três outras criadas de quarto, igualmente amarguradas. Pela manhã não se tem o direito de sair do quarto, os secretários desejam permanecer a sós entre si, as refeições são levadas para eles da cozinha, pela mão dos servos, sendo assim as camareiras em geral não têm nada o que fazer; também durante o tempo da refeição não é permitido aparecer no corredor. Só enquanto os senhores trabalham é que elas podem fazer a arrumação dos quartos, mas obviamente não os que estão ocupados, apenas os que

justamente se acham vazios; e esse trabalho deve ser realizado em completo silêncio para que a atividade dos senhores não seja perturbada. No entanto, como é possível fazer a arrumação em silêncio se os senhores permanecem nos quartos vários dias, além do que os servos também ficam rondando ali — aquele bando de gente porca —; quando afinal o quarto é deixado livre para as criadas, encontra-se num tal estado que até mesmo o próprio dilúvio seria incapaz de limpá-lo. Trata-se, na verdade, de altos personagens, mas é preciso ser forte para superar o nojo e conseguir pôr as coisas limpas e em ordem depois deles. As criadas não têm um trabalho excessivo, mas duro. E jamais se ouve uma palavra gentil, só e sempre censuras, principalmente esta, que é a mais dolorosa e freqüente: a de que durante a arrumação se perderam processos. Na realidade nada se perde, qualquer papelzinho é entregue ao gerente; mas sem dúvida se perdem processos, só que não por causa das camareiras. Vêm então as comissões, as criadas têm de abandonar seus quartos e a comissão revira as camas; criadas não têm propriedades, o par de coisas que possuem cabe numa mochila; mas a comissão passa horas procurando. Evidentemente não encontra nada; como os autos poderiam ter ido para lá? O que as criadas iriam fazer com processos? O resultado, porém, são novamente xingamentos e ameaças da parte da comissão decepcionada transmitidos tão-somente pelo gerente. E tranqüilidade nunca — seja de dia, seja à noite. Barulho a metade da noite e barulho bem cedo de manhã. Se ao menos não fosse preciso morar ali, mas é necessário; pois nos intervalos, em função das encomendas recebidas — pequenos pedidos feitos à cozinha —, as criadas são obrigadas a levá-las por força do ofício, sobretudo à noite. Sempre de súbito o murro na porta das criadas, os pedidos ditados; é preciso descer correndo até a cozinha, sacudir o jovem cozinheiro que dorme, colocar a bandeja com as coisas solicitadas diante das portas das criadas, onde os servos as recolhem — como é triste tudo isso! Mas não é o pior de tudo. O pior é, antes, quando não vem nenhum pedido, quando em plena noite, em que todos já deviam estar dormindo e a maioria de fato já adormeceu, alguém por vezes passa se esgueirando diante da porta das criadas de quarto. As moças então se levantam de suas camas — os leitos estão superpostos um ao outro, há muito pouco espaço em toda parte, o quarto inteiro das criadas na verdade não é nada mais que um grande armário com três gavetas —, ficam escutando junto à porta, se ajoelham e se abraçam angustiadas. E não se pára de ouvir essa pessoa se esgueirar diante da porta. Todas se mostrariam felizes se ela finalmente entrasse, mas nada acontece, ninguém

entra. E nesse caso é obrigatório dizer que não se trata necessariamente de um perigo capaz de ameaçar, talvez seja apenas alguém que vai e vem diante da porta, cogitando se deve fazer um pedido e não chega, depois, a se decidir fazê-lo. Talvez seja só isso, mas talvez seja algo completamente diferente. Na verdade não se conhece em absoluto esses senhores, dificilmente foram vistos. Seja como for, as moças lá dentro se consomem de medo e, quando fora finalmente faz silêncio, elas se encostam na parede, sem forças para subir de novo às suas camas. É essa a vida que espera Pepi outra vez; hoje à noite ainda ela deve ocupar novamente seu lugar no quarto das criadas. E por quê? Por causa de K. e Frieda. De volta a essa vida à qual mal havia fugido com a ajuda de K., na verdade, mas também com o maior esforço pessoal. Pois nesse ofício as moças negligenciam a si mesmas, até as mais cuidadosas. Para quem devem se embelezar? Ninguém as vê, no melhor dos casos o pessoal da cozinha; quem se contenta com isso está livre para se adornar. O resto do tempo, porém, permanecem sempre no seu quartinho ou nos quartos dos senhores, onde o fato de entrar em trajes limpos já é leviandade e desperdício. E sempre sob a luz artificial e num ar abafado — a calefação não pára — e, na realidade, sempre cansada. Na única tarde livre da semana o melhor é passar tranqüila num canto da cozinha e dormir calma e sem medo. Por que, portanto, se embelezar? Sim, você mal se veste. Então, de repente, Pepi é removida para o balcão de bebidas, onde, supondo-se que o desejo é de se afirmar ali, é exigido exatamente o contrário; onde se está continuamente exposta ao olhar das pessoas, entre elas os senhores muito mimados e atentos e onde, por isso, é preciso manter a aparência o mais possível fina e agradável. Bem, foi uma guinada. E Pepi pode dizer sobre si mesma que não perdeu a oportunidade. Que forma, mais tarde, isso iria tomar, não a deixou nada preocupada. Que ela tinha as qualidades necessárias a esse posto, era uma coisa que sabia, a esse respeito estava inteiramente segura; tal convicção ela possui ainda agora, algo que ninguém pode lhe tirar — mesmo hoje, no dia de sua derrota. O único problema tinha sido como, nos primeiros tempos, ia dar provas disso, porque era uma pobre criada de quarto sem roupas e adornos e porque os senhores não têm paciência para esperar a evolução das coisas, mas querem ter logo, sem transição, uma servente de balcão apropriada, senão eles vão embora. Pode-se considerar que suas exigências não são demasiadas, uma vez que Frieda pôde satisfazê-las. Mas isso não é exato. Pepi pensou a esse respeito muitas vezes, encontrou Frieda, aliás, com freqüência e chegou até a dormir um

certo tempo com ela. Não é fácil seguir as pegadas de Frieda, e quem não presta muita atenção — quantos, dentre os senhores, prestavam bastante atenção? — é prontamente induzido a erro por ela. Ninguém sabe com mais precisão que a própria Frieda como sua aparência é lamentável; quando por exemplo a pessoa vê pela primeira vez ela soltar os cabelos, junta as mãos de compaixão; uma moça assim não poderia, se as coisas fossem corretas, nem mesmo ser criada de quarto; ela sabe disso e por esse motivo chorou várias noites, se agarrou a Pepi e colocou os cabelos de Pepi em torno da própria cabeça. Mas quando está trabalhando todas as dúvidas já desapareceram, ela se considera a mais bela de todas e sabe insuflá-lo a qualquer um da forma certa. Conhece as pessoas e é essa sua verdadeira arte. E é com rapidez que mente e engana, para que as pessoas não tenham tempo para observá-la em detalhe. Naturalmente isso não dura o suficiente, as pessoas afinal têm olhos e são elas que no fim ficam com a razão. No instante porém em que nota um perigo desses já dispõe de outro recurso; nos últimos tempos, por exemplo, sua relação com Klamm. Sua relação com Klamm! Você não acredita nisso, pode até verificar, dirija-se a Klamm e pergunte a ele. Como é esperta, como é esperta! E se você não devesse ousar ir até Klamm para colocar essa questão e talvez outras infinitamente mais importantes e mesmo que ele permanecesse totalmente inacessível a você — a você e aos que se parecem com você, pois Frieda, por exemplo, vai aos pulos para Klamm quando quer —, se é assim, você pode, apesar de tudo, examinar o caso, só precisa esperar. Klamm não poderá tolerar por muito tempo, com certeza, falsos rumores dessa espécie; seguramente tem muita vontade de saber o que se conta a respeito dele no balcão de bebidas e nos quartos de hóspedes, tudo isso é da maior importância para ele e caso seja falso irá corrigi-lo prontamente. Mas não corrige, então não há nada para corrigir e sendo assim se trata da verdade pura e simples. O que na verdade se vê é apenas que Frieda leva a cerveja ao quarto de Klamm e sai de lá com o pagamento; mas o que não se vê é o que Frieda conta e a pessoa é obrigada a acreditar. E ela não conta absolutamente nada, não vai divulgar, certamente, tais segredos; não, são os segredos que se espalham por si mesmos em torno dela; aí de qualquer modo ela não teme mais falar pessoalmente a respeito deles, mas de uma forma modesta, sem afirmar o que quer que seja, apenas se refere ao que, aliás, é conhecido por todo mundo. Não se reporta a tudo; por exemplo, ao fato de que Klamm, desde que ela está no balcão de bebidas, toma menos cerveja que antes, não muito menos, mas visivelmente menos, sem dúvida; sobre isso

ela não fala, pode haver razões diversas, chega uma época em que a cerveja simplesmente agrada menos a Klamm ou então que ele se esquece de beber por causa de Frieda. De qualquer forma, por mais espantoso que possa parecer, Frieda é a amante dele. O que, porém, é suficiente para Klamm — como é que os outros não deveriam também admirar? E assim Frieda, antes que alguém desse por isso, se tornou uma grande beldade, uma jovem feita exatamente como o balcão precisa. Em verdade, quase tão bela, tão poderosa, que o balcão é praticamente insuficiente para ela. Com efeito parece às pessoas curioso que ela continue no balcão; ser a moça do balcão é muito; a partir daí parece muito plausível a ligação com Klamm; mas se a servente do balcão é amante de Klamm, por que ele a deixa ficar nesse lugar — e por tanto tempo? Por que é que ele não a promove? Pode-se dizer mil vezes às pessoas que aqui existe uma contradição, que Klamm tem motivos definidos para agir desse modo; ou que a ascensão de Frieda virá de repente, talvez muito proximamente; tudo isso não faz muito efeito; as pessoas têm idéias precisas e não se deixam desviar delas a vida toda em função de qualquer habilidade. Ninguém mais duvidou de que Frieda é amante de Klamm, mesmo aquelas que evidentemente sabiam mais já estavam muito fatigadas para duvidar. "Seja a amante de Klamm e vá para o inferno", pensavam. "Mas já que é, então nós queremos constatá-lo na sua ascensão." No entanto não se notou nada e Frieda permaneceu no balcão de bebidas como antes e, secretamente, muito contente de que as coisas tenham ficado assim. Mas perdeu o crédito entre as pessoas, naturalmente não pôde deixar de percebê-lo; em geral ela capta coisas antes ainda que elas existam. Uma jovem realmente bela e amável, uma vez aclimatada no balcão, não tem necessidade de usar artifícios; pelo tempo em que se conservar bela — se não intervier um incidente particularmente infeliz — será servente do balcão. Uma jovem como Frieda, porém, tem de estar constantemente preocupada com o seu posto; evidentemente não o demonstra, o que é compreensível; costuma, de preferência, se queixar e amaldiçoar o lugar em que se encontra. Em segredo, entretanto, não pára de observar o ambiente. E assim ela viu que as pessoas se tornavam diferentes; a entrada de Frieda não era mais nada para a qual valesse a pena sequer erguer os olhos; nem mesmo os servos se ocupavam mais dela; preocupavam-se antes com Olga e moças como ela, o que se podia entender; mesmo no comportamento do gerente ela percebeu que era cada vez menos indispensável; não era possível, além disso, inventar histórias sempre novas sobre Klamm, tudo tem limites — e foi desse modo que a boa

Frieda se decidiu por algo novo. Se apenas tivesse havido alguém capaz de desvendar tudo logo! Pepi tinha suas suspeitas, mas infelizmente não descobriu o que estava havendo. Frieda resolveu fazer um escândalo: ela, a amante de Klamm, se atira aos braços do primeiro que aparece, o mais insignificante possível! Isso vai causar sensação, vão falar a esse respeito por muito tempo e finalmente, finalmente irão se recordar do que significa ser amante de Klamm e o que quer dizer jogar fora, no êxtase de um novo amor, essa honra. O difícil era apenas encontrar o homem apropriado com o qual devia ser jogado o jogo sutil. Não podia ser um conhecido de Frieda, nem mesmo um dos servos, provavelmente ele a teria fitado com olhos arregalados e passado adiante; sobretudo não teria conseguido manter a seriedade e nenhuma eloqüência poderia ser capaz de espalhar que Frieda fora atacada por ele sem poder se defender ou mesmo que houvesse sucumbido num momento de inconsciência. E ainda que se tratasse de alguém destituído de qualquer importância, era preciso ser uma pessoa sobre a qual pudesse se tornar plausível que, apesar dos seus modos rústicos e grosseiros, não aspirasse por ninguém mais a não ser exatamente por Frieda e não tivesse nenhuma ambição mais alta — Deus do céu! — do que se casar com ela. Mas mesmo que devesse ser um homem comum, se possível inferior ainda a um servo, muito inferior a um servo, e no entanto uma pessoa por cuja causa nem toda jovem caísse na risada, no qual — quem sabe? — uma outra moça sem crítica talvez pudesse achar algo atraente. Mas onde se encontra um homem assim? É provável que outra jovem o tenha procurado a vida inteira, inutilmente; a sorte de Frieda a leva ao agrimensor no balcão de bebidas justamente na noite em que pela primeira vez esse plano lhe vem ao espírito. O agrimensor! Sim, no que K. está, pois, pensando? Que coisas especiais tem na cabeça? Quer alcançar algo particular? Um bom emprego, uma distinção? Ele quer alguma coisa como essas? Bem, desde o início ele precisava ter tomado a iniciativa de forma diversa. K. não é absolutamente nada, é uma coisa lastimável presenciar sua situação. Ele é agrimensor, talvez isso seja algo; ele portanto aprendeu alguma coisa, mas quando não se consegue fazer nada com o que se sabe, não se é nada outra vez. E no entanto levanta reivindicações; sem a menor retaguarda, apresenta exigências; não diretamente, mas se nota que formula certas exigências e isso é provocador, sem dúvida. Será que sabe que até uma criada de quarto perde alguma coisa quando fala por mais tempo com ele? E com todas essas reivindicações particulares ele cai, logo na primeira noite, na mais tosca das

armadilhas. Será que não se envergonha? O que pois o espicaçou tanto em Frieda? Agora ele poderia de fato confessar. Ela realmente o havia agradado, essa coisa magra e amarelada? Ah, não, ele nem mesmo tinha olhado para ela, ela lhe havia dito apenas que era amante de Klamm, isso o impressionara como uma novidade; aí, então, ele estava perdido. Mas ela tinha de se mudar, naturalmente nesse caso não existia mais espaço para ela na Hospedaria dos Senhores. Pepi a tinha visto ainda na manhã anterior à mudança, o pessoal se reunira correndo, todo mundo estava curioso para ver. E seu poder continuava tão grande que as pessoas a lamentavam; todos, até seus inimigos, a lamentavam: desde o início o cálculo dela provara ser correto. Ter-se atirado a um homem como aquele parecia a todos algo incompreensível, um golpe do destino; as pequenas empregadas da cozinha, que naturalmente admiram qualquer moça do balcão de bebidas, estavam inconsoláveis. Até Pepi estava tocada por aquilo, não conseguia nem se defender completamente, não obstante sua atenção, na realidade, se dirigisse a outra coisa. Chamava-lhe a atenção quão triste na verdade Frieda estava. No fundo era a desgraça medonha que havia atingido Frieda; ela agia, aliás, como se estivesse muito infeliz, mas isso não bastava, aquele jogo não podia enganar Pepi. O que, portanto, a sustentava? Por acaso era a felicidade de um novo amor? Bem, essa ponderação devia ser eliminada. Mas o que era, então? O que dava força a ela, até contra Pepi, que na época era considerada sua sucessora e friamente amável como sempre? Pepi, naquela ocasião, não tinha tempo suficiente para refletir a esse respeito, pois estava às voltas com os preparativos para o novo posto e tinha coisas demais para fazer. Provavelmente devia ocupá-lo dentro de algumas horas e ainda não fizera um belo penteado, nem tinha um vestido elegante, roupa de baixo fina, sapatos decentes. Tudo isso precisava ser providenciado em poucas horas; se não fosse possível se arrumar convenientemente, o melhor era renunciar de vez ao posto, pois com toda certeza o perderia em seguida, já na primeira meia hora. Bem, em parte teve êxito. Ela possuía um dom especial para pentear os cabelos; certa vez até a mulher do gerente a tinha mandado chamar para fazer seu penteado; o que lhe fora dado era uma certa leveza de mão especial, certamente seu cabelo abundante pode ser assentado facilmente. Também para a roupa havia ajuda. Duas de suas colegas permaneciam fiéis a ela; é uma certa honra para elas, também, que uma jovem do seu grupo se torne servente do balcão de bebidas; além do que, mais tarde Pepi, caso chegue ao poder, é capaz de lhes oferecer várias

vantagens. Uma das moças possuía, havia muito tempo, um tecido precioso, era o seu tesouro, com freqüência tinha permitido que outras o admirassem; inclusive chegou a sonhar em usá-lo para si de um modo excepcional e — fora uma bela ação da parte dela — na ocasião em que Pepi precisava dele, ela o sacrificou por ela. E ambas a ajudaram voluntariamente na costura; se tivessem costurado para si mesmas não poderiam tê-lo feito com mais fervor. Foi até mesmo um trabalho alegre e prazeroso. Elas estavam sentadas em suas camas empilhadas, cantavam e cosiam, fazendo descer e subir de uma cama para outra as partes prontas e os adereços. Quando Pepi pensa nisso, seu coração se torna cada vez mais pesado pelo fato de tudo ter sido inútil, ela volta de mãos vazias para suas amigas. Que infelicidade! Como foi provocada, de forma leviana, sobretudo por culpa de K.! Como, na ocasião, todas se alegraram com o vestido! Parecia a garantia do sucesso, e a última dúvida se desfez quando posteriormente se encontrou mais um lugar para uma fita. E o vestido não é realmente bonito? Agora já está amassado e um pouco manchado; Pepi, na verdade, não tinha um segundo vestido, precisou vestir aquele dia e noite, mas continua visível o quanto é belo, nem mesmo aquela maldita Barnabás conseguiria fazer um mais bonito. E o fato de que se pode à vontade apertá-lo ou alargá-lo de novo, tanto em cima como embaixo, o fato portanto de que em verdade é só um vestido, mas tão passível de mudança — isso é uma vantagem especial e foi propriamente invenção sua. Não foi, com efeito, difícil costurar para ela, Pepi não se vangloria disso, tudo sem dúvida combina com jovens mulheres sadias. Muito mais difícil foi arranjar roupas de baixo e botas — e aqui, na realidade, começa o insucesso. Também nisso as amigas ajudaram o melhor que puderam, mas elas não podiam muita coisa. Eram somente roupas de baixo rústicas que reuniram e costuraram e em vez de botinhas de salto alto foi necessário ficar nas pantufas, que é preferível esconder que mostrar. Consolaram Pepi: Frieda também não andava muito bem vestida e às vezes se arrastava desleixada de lá para cá, de tal forma que os clientes gostavam mais de ser servidos pelos rapazes da adega do que por ela. Efetivamente as coisas se passaram assim, mas Frieda podia se permitir a agir desse modo, já gozava de favor e consideração; quando uma dama se mostra vestida de maneira suja e negligente, é tanto mais atraente, mas uma novata como Pepi? Além do mais Frieda não conseguia de modo algum se vestir bem, pois é destituída de qualquer gosto; se alguém já tem a pele amarela, não há muito o que se fazer; mas não precisa, como Frieda, ainda por cima, vestir uma blusa creme muito

decotada, a tal ponto que o observador verta lágrimas. E mesmo que não houvesse sido assim, ela era avarenta demais para se vestir bem; tudo o que ganhava, guardava, ninguém sabia para quê. No serviço não tinha necessidade de dinheiro, saía-se bem com mentiras e manobras; esse exemplo Pepi não queria nem podia imitar e por isso era justificado que se enfeitasse assim, para desde o início se valorizar totalmente. Se pudesse apenas fazê-lo com recursos mais radicais, ela, a despeito de toda esperteza de Frieda, apesar da tolice de K., teria permanecido como a vencedora. Aliás, começou muito bem. Alguns truques e conhecimentos que eram necessários ela já os havia aprendido antecipadamente. Mal chegara ao balcão de bebidas, ela já estava aclimatada no lugar. Ninguém sentiu a falta de Frieda naquele trabalho. Só no segundo dia vários clientes quiseram saber onde Frieda na realidade estava. Não houve nenhum erro, o gerente se mostrava satisfeito; no primeiro dia permanecera continuamente no balcão, movido pela angústia, depois só ia de vez em quando e finalmente, já que as contas do caixa batiam — em média as entradas eram até maiores do que na época de Frieda —, o gerente deixou tudo nas mãos de Pepi. Ela introduziu inovações. Não por zelo, mas por cupidez, por mania de mandar e por medo de ceder a alguém algo dos seus direitos, Frieda chegou até — pelo menos em parte — a vigiar os servos, especialmente quando estava sendo observada; Pepi, ao contrário, atribuiu esse trabalho completamente aos rapazes da adega, muito mais competentes para a tarefa. Em função disso fez sobrar mais tempo para os quartos dos senhores, os hóspedes foram servidos mais rápido e conseqüentemente ela podia ainda trocar algumas palavras com cada um deles, o que não acontecia com Frieda, que supostamente se reservava inteiramente a Klamm, considerando cada palavra, cada aproximação de outra pessoa, como uma ofensa a Klamm. Evidentemente também isso era um ato de esperteza, pois, se permitia que alguém se aproximasse dela, tratava-se de conceder um favor extraordinário. Pepi porém odeia essas manobras, mesmo no início elas não são necessárias. Pepi era amável com qualquer pessoa e todas retribuíam com amabilidade. Elas estavam visivelmente contentes com a mudança; quando os trabalhadores desgastados pelo trabalho podiam, finalmente, sentar-se um pouco diante de um copo de cerveja, era possível literalmente transformá-los, através de uma palavra, de um olhar ou de um dar de ombros. Todas as mãos passavam com tanto ardor pelos cachos de Pepi que ela era obrigada a refazer dez vezes por dia o penteado, ninguém resistia à sedução daqueles cachos e laçadas, nem mesmo

K., de resto tão distraído. Assim passaram voando dias excitantes, cheios de tarefas, mas bem-sucedidos. Se ao menos eles não tivessem voado tão rápido! Se tivessem sido um pouco mais numerosos! Quatro dias eram escassos demais, ainda que o esforço dela não houvesse chegado à exaustão; talvez cinco dias já tivessem bastado, mas quatro tinham sido insuficientes. Na verdade Pepi havia conquistado em apenas quatro dias benfeitores e amigos, se pudesse confiar em todos os olhares ela simplesmente nadava, quando chegava com as jarras de cerveja, num mar de amabilidade; um secretário chamado Bratmeier ficou louco por ela e a presenteara com uma correntinha e um medalhão com sua imagem, o que, de qualquer maneira, era uma ousadia da parte dele — tudo isso e outras coisas se sucederam, mas foram só quatro dias; em quatro dias, se Pepi houvesse se empenhado, Frieda podia ter sido quase esquecida, embora não completamente; teria sido esquecida com certeza, talvez ainda antes, se não tivesse tomado a precaução de permanecer presente na boca das pessoas através do grande escândalo que havia provocado; renovara-se por meio dele, eles teriam gostado de revê-la só pela curiosidade; o que se tornara tedioso até a náusea tinha reencontrado a atração graças à serventia de K., ele mesmo, aliás, totalmente indiferente. Evidentemente os clientes não iriam ceder Pepi em troca disso, uma vez que ela estivesse no balcão e sua presença surtisse efeito, mas custa à maioria dos senhores mais velhos, um pouco pesados em seus hábitos, se acostumar a uma jovem no balcão de bebidas, por mais que a troca tenha sido vantajosa durante alguns dias; dura alguns dias, talvez somente cinco, para lutar contra a vontade própria dos senhores, mas quatro não bastam: apesar de tudo, Pepi continuava sendo considerada provisória. E além disso, talvez a pior desgraça de todas: nesses quatro dias Klamm, não obstante estivesse na aldeia nos dois primeiros dias, não desceu para o salão de bebidas. Se tivesse descido, o fato seria a prova decisiva de Pepi, uma prova, aliás, que ela não temia em absoluto e com a qual, ao contrário, se alegrava. Não teria se tornado — em coisas como essa é preferível, decerto, não tocar com palavras — amante de Klamm nem procuraria se promover mentirosamente dizendo haver chegado lá; mas teria no mínimo sabido colocar o copo de cerveja sobre a mesa com tanta simpatia como Frieda, cumprimentado e se despedido com graça, mas sem os avanços de Frieda; e se Klamm por acaso busca algo nos olhos de uma moça, o teria encontrado até a saciedade nos de Pepi. Mas por que ele não veio? Foi por acaso? Naquela ocasião Pepi, ela também, havia acreditado nisso. Durante os dois dias esperou-o a cada instante, mesmo à noite. “Agora

ele virá", pensava sem parar e corria de cá para lá sem outro motivo senão a intranqüilidade da expectativa e o desejo de ser a primeira a vê-lo logo à sua entrada. Essa decepção constante a cansou muito, talvez por isso não tivesse rendido tanto quanto pôde. Esgueirava-se, quando dispunha de um pouco de tempo, corredor acima, no qual é rigorosamente proibido que o pessoal entre; lá se espremia num nicho e aguardava. "Se Klamm viesse agora" — pensava — "se eu o retirasse do seu quarto e conseguisse carregá-lo nos meus braços para o salão de bebidas lá embaixo! Não sucumbiria sob seu peso, por maior que fosse!" Mas ele não veio. Naqueles corredores de cima é tão silencioso que nem se pode imaginar, quando não se esteve lá. É tão silencioso que lá não é possível agüentar muito tempo, a quietude expulsa a pessoa dali. Mas continuamente repelida dez vezes, dez vezes Pepi subiu de novo. Era uma coisa sem sentido. Se Klamm quisesse vir, ele viria; mas se não o quisesse, não seria Pepi que o iria atrair para fora, mesmo que quase sufocasse de palpitação no nicho. Não tinha sentido, mas se ele não vinha, quase nada tinha sentido. E Klamm não veio. Hoje Pepi sabe por que Klamm não veio. Frieda teria conseguido um excelente objeto de entretenimento se tivesse sido capaz de ver Pepi lá em cima, no corredor, espremida no seu nicho, as duas mãos no coração; Klamm não descera porque Frieda não permitiu. Não foram seus pedidos que produziram esse efeito, esses apelos não penetram até Klamm. Mas ela, Frieda, essa aranha, possui relações que ninguém conhece. Quando Pepi se dirige a um cliente, ela o faz com franqueza, é possível ouvi-la falar até da mesa vizinha; Frieda não tem nada a dizer, coloca a cerveja sobre a mesa e vai embora; só se ouve o ruído de sua combinação de seda, a única coisa em que despende dinheiro. No entanto, se por acaso fala algo, não o faz francamente; cochicha para o hóspede, inclinando-se sobre ele de tal modo que na mesa vizinha aguçam os ouvidos. O que ela diz é provavelmente irrelevante, mas nem sempre; ela mantém ligações, sustenta umas através das outras e se a maioria malogra — quem se preocuparia o tempo todo com Frieda? —, aqui e ali uma funciona. Começou então a utilizar essas ligações; K. lhe deu a possibilidade para isso; em vez de ficar sentado em casa e vigiá-la, perambula por toda parte, tem entrevistas ora lá, ora aqui, presta atenção em tudo, exceto em Frieda; finalmente, para dar mais liberdade a ela, ele se muda do Albergue da Ponte para a escola vazia. Tudo isso é um belo início de lua-de-mel. Ora, Pepi é certamente a última que faria censuras a K. pelo fato de não ter permanecido ao lado de Frieda; não é possível ficar com ela. Mas então por que não a

deixou de uma vez, por que sempre voltou para ela, por que, com suas perambulações, ele desperta a impressão de que está lutando por ela? A impressão que dava era a de que, só a partir do contato com Frieda, K. descobriu sua efetiva nulidade, que desejava se tornar digno dela, guindar-se ao nível dela e por isso renunciava provisoriamente ao convívio, com o objetivo de, mais tarde, poder se ressarcir imperturbável dessas privações. Nesse meio-tempo Frieda não perdeu tempo, se estabeleceu na escola, para a qual provavelmente desviou a atenção de K. e manteve um olho aberto sobre a Hospedaria dos Senhores e o outro sobre K. Tinha nas mãos excelentes mensageiros, os ajudantes de K., os quais ele — é uma coisa que não se compreende; mesmo quando se conhece K., não se compreende —, os quais ele deixa totalmente para ela. Ela os envia aos seus velhos amigos, relembra-os da sua existência, queixa-se de que é mantida como prisioneira por um homem como K., faz intrigas contra Pepi, anuncia sua próxima chegada, pede ajuda, conjura-os a não revelar nada a Klamm, age assim como se Klamm precisasse ser poupado e, por via de conseqüência, ninguém devesse deixá-lo descer ao balcão de bebidas. O que faz passar diante de uns como proteção de Klamm, ela usa como sucesso pessoal diante do gerente, alertando que Klamm não vem mais; como, pois, ele pode vir, se lá embaixo só aquela Pepi serve? Na verdade o gerente não tem culpa alguma, aquela Pepi ainda era a melhor substituta que se podia encontrar, só que não era boa o suficiente, nem por alguns dias. K. ignora tudo a respeito dessa atividade de Frieda; quando não está perambulando por aí, fica estendido a seus pés, sem suspeitar de nada, enquanto ela conta as horas que ainda a separam de sua volta ao balcão de bebidas. Mas os ajudantes não servem apenas como mensageiros, têm ainda o papel de tornar K. ciumento, de mantê-lo mobilizado em relação a ela. Desde a infância Frieda os conhece, certamente já não têm mais segredos entre si, mas por causa de K. se põem a sentir saudades uns dos outros e K. corre o perigo de que isso se transforme num grande amor. E faz tudo para agradar Frieda, até o que existe de mais contraditório: deixa-se ficar enciumado dos ajudantes, porém não tolera que os três permaneçam juntos enquanto vai fazer suas caminhadas sozinho. É quase como se fosse o terceiro ajudante de Frieda. É então que ela, finalmente, com base em suas observações, se decide pelo grande golpe: resolve voltar. De fato é em cima da hora que o faz; é admirável como Frieda, a esperta, reconhece e usa isso; a força de observação e de resolução dela são sua arte inimitável; se Pepi a tivesse, como sua vida seria diferente!

Caso Frieda houvesse permanecido mais um ou dois dias na escola, não teria sido mais possível expulsar Pepi; seria definitivamente servente do balcão, amada e sustentada por todos, ganhando dinheiro suficiente para completar com brilho seus pertences em petição de miséria; mais um ou dois dias e não haveria novas intrigas para conservar Klamm afastado do salão de hóspedes; ele bebe, come, sente-se confortável e, quando de algum modo repara na ausência de Frieda, fica altamente satisfeito com a mudança; mais um ou dois dias e Frieda — com seu escândalo, suas ligações, seus ajudantes, tudo — está completamente esquecida, nunca mais ela aparece. Poderia ser, então, que se apegasse a K. com tanto mais firmeza e, supondo que seja capaz disso, pudesse aprender a realmente amá-lo? Não, isso também não. Pois K. não precisa, igualmente, de mais que um dia para ficar saturado dela, para reconhecer como ela o engana tão odiosamente, com tudo, com sua suposta beleza, sua pretensa fidelidade e de mais a mais com o presumido amor de Klamm; mais um dia ainda, não mais que isso, é o que ele precisa para pô-la para fora de casa com toda aquela canalha imunda; quando se pensa, nem K. precisa mais do que isso. E ali, entre esses dois perigos, onde começa literalmente a se fechar o túmulo sobre ela, K., em sua ingenuidade, deixa ainda aberto o último caminho estreito — e Frieda se evade. De repente — dificilmente alguém teria esperado mais, não é uma coisa natural —, de repente é ela que põe para fora K., que continua a amá-la, a persegui-la sem parar, caçando-a, e, sob a pressão de ajuda posterior dos amigos e ajudantes, Frieda surge aos olhos do gerente da hospedaria como a salvação, mais, muito mais atraente que antes por causa do escândalo; comprovadamente desejada pelos mais poderosos tanto quanto pelos mais subalternos na hierarquia, tendo sucumbido apenas por um instante ao mais inferior de todos, mandando-o logo embora, como convém, e inalcançável a todos outra vez, conforme fora antes, com a diferença de que anteriormente havia motivos para duvidar de tudo, mas que agora as pessoas estão de novo convencidas.

Assim é que Frieda retorna; o gerente hesita, lançando um olhar de viés para Pepi — deve sacrificá-la, a ela, que passou pelas provas? Mas se persuade logo, muitas coisas falam a favor de Frieda e acima de tudo o fato de que reconquistará Klamm para o salão de hóspedes. Naquele momento estávamos lá, jantando. Pepi não vai esperar que Frieda chegue e faça um triunfo da retomada do posto. Já entregou o caixa à mulher do gerente e pode ir embora. O compartimento de dormir, lá embaixo, está pronto para

ela no quarto das empregadas, ela irá chegar, saudada pelas amigas em prantos, arrancar do corpo a roupa, as fitas do cabelo e amontoar tudo num canto, onde ficará bem escondido, sem lembrar desnecessariamente os tempos que devem ser esquecidos. Depois irá pegar o balde grande e a vassoura, cerrar os dentes e ir trabalhar. Porém, no momento, ela precisava contar tudo a K., a fim de que ele, alguém que sem ajuda não teria percebido nada até agora, visse claramente como se comportou mal com Pepi e o quanto a fez infeliz. Sem dúvida ele também fora manipulado no processo todo.

Pepi tinha terminado. Com um suspiro, limpou algumas lágrimas dos olhos e das maçãs do rosto e depois olhou para K. meneando a cabeça, como se quisesse dizer que, no fundo, não se tratava absolutamente da infelicidade dela; iria suportá-la e para tanto não precisava nem de ajuda nem de consolo de quem quer que fosse, muito menos ainda de K.; apesar de sua juventude conhecia a vida, e sua desgraça era apenas uma confirmação de experiência; mas tratava-se, sim, de K.; o que ela queria era fazê-lo encarar a si próprio: mesmo depois do colapso de todas as esperanças dela, havia avaliado que esse gesto era necessário.

— Que fantasia exuberante você tem, Pepi — disse K. — Não é absolutamente verdade que só agora descobriu todas essas coisas; elas não são nada senão sonhos do estreito quarto de criadas lá de baixo, onde estão no lugar certo; mas aqui, no ar livre do balcão de bebidas, eles se distinguem por sua estranheza. Com pensamentos dessa natureza você não podia se firmar aqui, é claro. Mesmo seu vestido e seu penteado, dos quais tanto se vangloria, são apenas produtos monstruosos daquela escuridão e das camas do seu quarto; lá eles certamente são muito bonitos, aqui porém todo mundo ri deles em segredo ou abertamente. E o que mais você conta? Que fui manipulado e traído? Não, cara Pepi, fui manipulado e traído tão pouco como você. É certo que Frieda presentemente me deixou, para retomar sua expressão, e se evadiu com um ajudante; você vê um clarão de verdade e é real, também, que existe muito pouca probabilidade de que ela ainda se torne minha esposa; mas é inteiramente falso que eu estaria saturado dela, que já no dia seguinte a mandaria embora ou que ela teria me traído como, de resto, uma mulher talvez traia o marido. Vocês, criadas de quarto, estão acostumadas a espionar pelo buraco da fechadura e, em função disso, conservam o hábito mental de fazer valer para o todo a visão que de fato têm de uma coisa pequena, o que resulta em algo tão superlativo quanto falso. A

conseqüência é que neste caso eu, por exemplo, sei muito menos que você. Nem de longe posso, como você, explicar com precisão por que Frieda me deixou. A explicação mais provável parece ser a que você também levantou mas não utilizou — que eu a negligenciei. Infelizmente isso é verdade, eu a negligenciei, mas aí havia motivos particulares que agora não cabe mencionar; ficaria feliz se ela voltasse, mas recomeçaria logo a negligenciá-la. Assim é. Enquanto ela esteve comigo, fiquei continuamente fazendo as caminhadas que você ridiculariza; mas agora que ela foi embora estou quase desocupado, cansado, o meu desejo é um ócio cada vez mais completo. Você não tem um conselho para me dar, Pepi?

— Certamente — disse Pepi, tornando-se de súbito vivaz e agarrando K. pelos ombros. — Somos os dois que foram ludibriados, vamos ficar juntos, desça comigo ao quarto das moças.

— Enquanto estiver se queixando de ter sido enganada — disse K. —, não posso me entender com você. É sem cessar que quer ser ludibriada porque isso a lisonjeia e comove. A verdade, no entanto, é que esse lugar não é apropriado para você. E como essa inadequação deve ser manifesta, a ponto de até mesmo eu, na sua opinião o mais ignorante de todos, enxergar isso! Você é uma boa moça, Pepi, mas não é muito fácil se dar conta desse fato; eu, por exemplo, a princípio a tomei por cruel e arrogante, embora não o seja; é apenas esse posto que a deixa confusa, porque se trata de pessoa imprópria para ele. Não quero dizer que o lugar seja elevado demais para você, não é nenhum posto extraordinário, talvez — quando se olha de perto — seja mais honroso que o anterior; no conjunto, porém, a diferença não é grande, ambos se parecem tanto um com o outro que chegam a se confundir; quase seria possível afirmar que a existência de uma criada de quarto é preferível à de uma servente de balcão, pois no primeiro caso a pessoa vive sempre entre secretários, e aqui, ao contrário, é preciso, até quando se tem a permissão de servir, nos quartos de hóspedes, os superiores hierárquicos dos secretários, lidar também com o povo mais subalterno, por exemplo comigo; legalmente me é interditado permanecer em outra parte a não ser aqui no balcão de bebidas: a possibilidade de estabelecer relações comigo devia ser honrosa acima de qualquer medida? Bem, é o que lhe parece e talvez você tenha motivos para isso. Mas é justamente porque não foi feita para este posto. É uma colocação como qualquer outra, entretanto para você é o reino dos céus e por conseqüência se apega a tudo com zelo desmedido, enfeita-se como, na sua opinião, os anjos se adornam — na realidade eles são diferentes

—, treme pelo posto, sente-se sem parar perseguida, procura conquistar todos os que, a seu ver, possam apoiá-la, com uma amabilidade excessiva, mas com isso os perturba e repele, pois na hospedaria eles querem paz e não acrescentar às suas preocupações as das serventes do balcão. É possível que após a saída de Frieda nenhum dos clientes de alto nível tenha realmente reparado nisso, mas agora eles estão sabendo e sentem de fato saudades dela, pois Frieda sem dúvida conduziu tudo de forma diversa. Como quer que ela seja em outros aspectos e até que ponto sabia valorizar o posto, o fato é que tinha muita experiência do ofício, fria e dona de si; você própria o salienta, sem na verdade tirar proveito da lição. Já observou alguma vez o olhar dela? Não era mais, em absoluto, o olhar de uma servente de balcão, já era quase o de uma gerente. Via tudo e ao mesmo tempo cada um em particular — e o olhar que sobrava para qualquer indivíduo era suficientemente forte para submetê-lo. O que importava que ela talvez fosse um pouco magra, um pouco envelhecida, que era possível imaginar um cabelo mais abundante; são ninharias em comparação com aquilo que realmente possuía; e aqueles aos quais essas deficiências teriam perturbado só mostraria que lhes faltava o sentido das coisas maiores. Certamente não se pode censurar Klamm por isso e é somente o falso ponto de vista de uma jovem inexperiente que a faz não crer no amor de Klamm por Frieda. Klamm lhe parece — e com razão — inacessível e por esse motivo você acredita que Frieda também não tivesse podido se aproximar dele. Engana-se. Nesse aspecto só confiaria na palavra de Frieda, mesmo que não dispusesse de provas irrefutáveis. Por mais inacreditável que possa lhe parecer e por menos conciliável com sua visão do mundo e dos funcionários, da elegância e eficácia da beleza feminina, é tão verdadeiro quanto o fato de estarmos sentados lado a lado e eu conserve sua mão nas minhas; com certeza era assim que Klamm e Frieda também ficavam sentados, como se fosse a coisa mais natural do mundo; ele descia espontaneamente, na verdade descia até correndo, ninguém o espiava no corredor; negligenciava o trabalho usual, tinha de se esforçar pessoalmente para ir ao salão dos hóspedes, e as falhas na roupa de Frieda, diante das quais você se horrorizava, não o incomodavam em absoluto. Você não quer acreditar nela! E não sabe a que ponto se expõe ao ridículo com isso, a que ponto mostra desse modo justamente sua falta de experiência. Mesmo alguém que não soubesse nada sobre a relação dela com Klamm seria forçado a reconhecer sua personalidade, formada por uma pessoa que era mais do que você, eu e todo o povo da aldeia; que as conversações entre eles

ultrapassavam as brincadeiras usuais entre clientes e garçonetes e pareciam ser o objetivo de sua vida. Mas não estou fazendo justiça a você. É óbvio que reconhece muito bem as vantagens de Frieda, repara no dom de observação dela, em sua força de decisão, na influência que exerce sobre as pessoas — só que interpreta tudo errado, sem dúvida; julga que ela utiliza tudo de maneira egoísta apenas em vantagem própria e para fazer o mal ou, então, como arma contra você. Não, Pepi, mesmo que ela tivesse essas flechas não as dispararia de uma distância tão curta. Egoísta? Seria possível antes dizer que, sacrificando aquilo que tinha, e daquilo que lhe é permitido esperar, deu a nós dois a oportunidade de nos mantermos num posto mais elevado, que ambos no entanto a decepcionamos e a forçamos literalmente a regressar para cá. Não sei se é assim, minha culpa também não me é muito clara; só quando me comparo com você é que emerge algo dessa natureza; como se nós dois tivéssemos nos empenhado muito, com bastante ruído, infantilmente demais, inexperientes demais, para alcançar algo que, por exemplo, com a tranqüilidade, a objetividade de Frieda, tivesse sido fácil de ganhar, fácil e imperceptivelmente; como se esperássemos obtê-lo através do choro, arranhando, puxando, à maneira de uma criança que puxa a toalha da mesa mas não consegue nada, apenas põe abaixo todo o esplendor exposto e o torna inacessível para sempre — não sei se é assim, mas é antes assim do que como você conta, disso eu tenho certeza.

— Bem — disse Pepi. — Você está apaixonado por Frieda porque ela lhe escapou; não é difícil estar apaixonado por ela na sua ausência. Mas pode ser que as coisas sejam como você quer; pode ser que tenha razão em tudo, mesmo em me tornar ridícula; agora, porém, o que fazer? Frieda o abandonou, nem a minha explicação nem a sua lhe oferecem a esperança de que ela volte ao seu lado; e mesmo que devesse voltar, nesse meio-tempo você precisa ficar em algum lugar, está fazendo frio e não conta nem com trabalho nem com cama; venha morar conosco, vai gostar das minhas amigas, iremos tornar confortável sua situação, irá nos ajudar no trabalho que, de fato, é pesado demais para moças que vivem sós; não dependeremos mais somente de nós próprias e à noite não teremos mais medo. Venha ficar conosco! Minhas amigas também conhecem Frieda, vamos contar histórias sobre ela até que não consiga mais ouvi-las. Oh, venha! Temos ainda retratos de Frieda e iremos mostrá-los a você. Naquele tempo Frieda era mais modesta que hoje, dificilmente irá reconhecê-la, no máximo por seus olhos, que já na ocasião eram furtivos. Você virá, então?

— Isso é permitido, portanto? Ainda ontem houve um grande escândalo porque fui surpreendido no corredor de vocês.

— Isso aconteceu porque você foi pego em flagrante; se estiver conosco, não o será. Ninguém irá saber de nada, só nós três. Ah, vai ser divertido! A vida já me parece muito mais suportável do que um instante atrás. Talvez agora eu não perca tanto pelo fato de ter de ir embora daqui. Sabe, mesmo a três não nos entediamos, é necessário adoçar uma vida amarga, desde a juventude tornaram as coisas amargas para nós a fim de que a língua não fique mal acostumada; somos as três solidárias, vivemos tão bem quanto é possível naquele lugar, você vai gostar principalmente de Henriette, mas de Emilie também, já falei a seu respeito com elas, lá histórias dessa espécie soam incríveis, como se fora do quarto, na verdade, nada acontecesse; lá é quente e estreito e nos espremememos uma contra a outra; não, se bem que dependamos umas das outras, não ficamos saturadas, pelo contrário: quando penso em minhas amigas é quase certo que vou voltar para lá; por que devo ir mais alto do que elas? Aquilo que nos ligava era justamente o fato de que o futuro estava fechado às três da mesma forma e aí eu parti para a ruptura e fiquei separada delas; certamente não as esqueci e meu mais vivo cuidado foi de que maneira poderia fazer alguma coisa por elas; minha própria situação ainda era incerta — a que ponto o era eu não sabia — e lá estava eu falando com o gerente sobre Henriette e Emilie. Em relação a Henriette ele não estava completamente inflexível; para Emilie, que é muito mais velha que nós — ela tem mais ou menos a idade de Frieda —, ele não deu, entretanto, esperança alguma. Mas imagine só, elas não querem absolutamente ir embora; sabem que a vida que levam lá é miserável, mas já se adaptaram, aquelas boas almas; acredito que as lágrimas que derramaram na minha despedida se deviam acima de tudo ao fato de que eu precisava deixar o quarto comum, sair para o frio lá fora — tudo o que está além do quarto nos parece frio — e tivesse de me debater nos grandes espaços estranhos com pessoas grandes e estranhas, sem nenhum outro objetivo a não ser ganhar a vida, no que até então realmente eu tivera êxito com as três vivendo juntas. É provável que elas não se espantem quando agora eu voltar e será só para me dar um pouco de satisfação que vão chorar um pouco e lamentar meu destino. Aí elas irão vê-lo e notar que foi bom que eu tivesse ido embora. O fato de termos agora um homem como ajuda e proteção as fará felizes e ficarão literalmente encantadas por tudo precisar permanecer em segredo: através dele estaremos mais unidas que antes. Venha, oh! por favor, venha

para nossa casa! Isso não criará nenhuma obrigação para você, não vai ficar ligado para sempre ao nosso quarto como nós. Quando a primavera vier e você encontrar acomodação em algum outro lugar, achando que não lhe agrada mais continuar conosco, pode ir embora, só que terá de guardar segredo e não nos trair, pois essa seria nossa última hora na Hospedaria dos Senhores; além do que, naturalmente, enquanto estiver conosco, precisará ser cauteloso, não se mostrar em lugar algum onde estimarmos que não é sem perigo e no geral seguir nossos conselhos; essa é a única obrigação que vai ter e necessitará levá-la em conta tanto quanto nós, mas no resto você é completamente livre, o trabalho que vamos lhe dar não será muito pesado, não tenha medo. Você vem, então?

— Quanto tempo ainda demora até chegar a primavera? — perguntou K.

— Até chegar a primavera? — repetiu Pepi. — O inverno entre nós é longo, um inverno muito longo e monótono. Mas lá embaixo não nos queixamos, estamos protegidas contra o inverno. Bem, a primavera uma hora chega, o verão também, e ambos sem dúvida têm o seu tempo; mas neste momento, na memória, primavera e verão parecem tão curtos como se não fossem muito mais que dois dias e mesmo assim, até durante o mais belo dos dias, ainda neva ocasionalmente.

Nesse instante a porta se abriu, Pepi estremeceu, estava mentalmente muito distante do balcão de bebidas; mas não era Frieda, era a mulher do gerente. Ela fez que estava espantada por encontrar K. ainda ali, K. se desculpou dizendo que havia esperado a senhora gerente e ao mesmo tempo agradeceu por ter recebido permissão para passar a noite ali. A gerente não entendia por que K. a tinha esperado. K. disse que tivera a impressão de que a senhora ainda queria falar com ele, pediu desculpas caso tivesse sido um equívoco, aliás — fosse como fosse — precisava de fato ir embora, havia entregue a escola, onde era servente, a si mesma por tempo demais, a culpa de tudo era da intimação de ontem, ele tinha muito pouca experiência nessas coisas, com toda certeza não iria acontecer de novo que causasse tantos inconvenientes à senhora gerente como o fizera ontem. E se inclinou para ir. A mulher do gerente lhe dirigiu um olhar como se sonhasse. Por esse olhar K. foi retido por mais tempo do que queria. No momento ela sorria ligeiramente e só pelo rosto assustado de K. foi de certa maneira despertada; era como se houvesse aguardado uma resposta ao sorriso e, quando então ela não veio, a gerente acordou.

— Creio que ontem teve o atrevimento de dizer alguma coisa sobre minha

roupa.

K. não conseguia se lembrar.

— Não consegue se lembrar? Ao atrevimento se acrescente em seguida a covardia.

K. desculpou-se alegando sua fadiga no dia anterior; era bem possível que no dia anterior tivesse tagarelado alguma coisa, seja como for não conseguia mais se lembrar. O que poderia ter dito sobre as roupas da senhora gerente? Que eram as mais belas que jamais tinha visto. Ao menos ainda não vira uma senhora gerente trabalhando com roupas assim.

— Ponha de lado essas observações — disse rápido a gerente. — Não quero ouvir mais nenhuma palavra sua sobre minhas roupas. Não tem de se preocupar com elas. Proíbo-o de fazê-lo de uma vez por todas.

K. se inclinou mais uma vez e caminhou para a porta.

— O que quer dizer isso? — exclamou a gerente indo atrás dele. — O que quer dizer que ainda não viu uma gerente trabalhando com roupas assim? O que significam essas observações absurdas? Não faz o menor sentido. O que quer dizer com isso?

K. se voltou e pediu à mulher do gerente que não ficasse nervosa. Evidentemente a observação era absurda. Além disso ele não entende nada de roupas. Na posição em que se achava, qualquer roupa limpa e não remendada já lhe parecia luxuosa. Ele simplesmente havia ficado espantado ao ver a senhora gerente aparecer lá no corredor, à noite, no meio de todos aqueles homens semivestidos, com um vestido de noite tão bonito, mais nada.

— Veja só! — disse a mulher do gerente. — Finalmente parece lembrar-se da observação que fez ontem. E a complementa com mais coisas sem sentido. O fato de que não entende nada de roupas é correto. Mas então eu o dispenso também — peço-o com toda seriedade — de emitir juízos sobre o que são roupas luxuosas ou vestidos de noite inadequados e coisas do gênero. Além do mais — nesse momento foi como se um calafrio a percorresse —, não tem nada a ver com minhas roupas, está ouvindo?

E quando K., em silêncio, quis se voltar outra vez, ela perguntou:

— Onde adquiriu seu conhecimento sobre roupas?

K. levantou os ombros, não tinha conhecimento algum.

— Não tem nenhum conhecimento — disse a gerente. — Mas também não deve fingir que tem algum. Venha aqui para o escritório, vou lhe mostrar algo, nesse caso irá pôr de lado para sempre seus atrevimentos, é o que

espero.

Saiu antes pela porta; Pepi saltou para o lado de K.; sob o pretexto de fazer K. pagar a consumação, os dois se entenderam depressa; era fácil, uma vez que K. conhecia o pátio cujo portal dava para a rua lateral, ao lado dele um portãozinho atrás do qual Pepi queria vê-lo em uma hora, talvez, e abrir quando ouvisse três batidas.

O escritório particular ficava defronte à sala de hóspedes, era preciso apenas atravessar o corredor; a gerente já estava em pé no gabinete iluminado e olhava impaciente na direção de K. Mas ainda houve um contratempo. Gerstäcker tinha esperado no corredor e queria falar com K. Não era fácil se desembaraçar dele, a gerente teve de intervir para ajudar e censurou Gerstäcker por sua impertinência.

— Para onde, então? Para onde? — ouvia-se ainda Gerstäcker exclamar quando a porta já estava fechada, as palavras misturando-se de uma maneira feia a suspiros e tosse.

Era um cômodo pequeno e superaquecido. De encontro às paredes do fundo estavam uma escrivaninha alta e um cofre-forte, junto às paredes laterais um armário e um sofá. O armário ocupava a maior parte do espaço não só por preencher toda a parede lateral, mas também porque, por sua profundidade, estreitava muito o aposento: eram necessárias três portas de correr para abri-lo inteiramente. A gerente apontou o sofá para K. se sentar, ela própria tomou assento na cadeira giratória junto à escrivaninha.

— Aprendeu costura alguma vez? — perguntou a mulher.

— Não, nunca — disse K.

— O que faz, realmente?

— Sou agrimensor.

— O que é isso?

K. explicou, a explicação a fez bocejar.

— Você não está dizendo a verdade. Por que é que não diz a verdade?

— A senhora também não a diz.

— Eu? Começa outra vez com os atrevimentos. E se não digo a verdade, tenho de me justificar diante de sua pessoa? E no que falto com a verdade?

— Não é apenas gerente, como quer fazer crer.

— Veja só, está cheio de descobertas! Então o que sou, além disso? As insolências principiam, neste momento, a não ter literalmente limites.

— Não sei o que é, além de gerente. Vejo somente que é gerente e, no mais, veste roupas que não convêm a uma gerente e que, até onde sei,

ninguém aqui na aldeia veste.

— Ah, então chegamos ao ponto propriamente dito: não pode silenciar a esse respeito. Talvez não seja de modo algum atrevido, parece apenas uma criança que sabe de alguma patifaria e a quem nada poderia levar a ficar quieto acerca disso. Então fale! O que há de especial nestas roupas?

— Ficará zangada se eu disser.

— Não, vai apenas me fazer rir; quando muito será um palavrório pueril. Como são, pois, as roupas?

— Quer mesmo saber? Bem, são de material fino, muito suntuoso, mas estão fora de moda, sobrecarregadas de enfeites, muitas vezes trabalhadas em excesso, gastas, e não combinam nem com sua idade, nem com sua figura, nem com a posição que ocupa. Elas chamaram minha atenção logo que a vi pela primeira vez; foi mais ou menos há uma semana, aqui no corredor.

— Então é isso. Estão fora de moda, são sobrecarregadas e o que mais ainda? E de onde tirou todo esse conhecimento?

— É uma coisa que vejo. Para isso não se precisa de ensinamento.

— Vê, simplesmente. Não precisa investigar em parte alguma e logo fica sabendo o que a moda exige. Nesse caso irá se tornar insubstituível para mim, pois na verdade tenho um fraco por roupas bonitas. E o que dirá quando souber que este armário está cheio de roupas?

Empurrou para o lado as portas rolantes, viam-se roupas premidas umas contra as outras, tomando toda a largura e profundidade do armário; eram na maioria roupas escuras, de cor cinza, marrom, preta, todas cuidadosamente penduradas e estendidas.

— Estas são minhas roupas, todas fora de moda, sobrecarregadas de adornos, conforme a expressão que usou. Mas são apenas as roupas para as quais não tenho lugar no meu quarto, na parte de cima; lá eu tenho mais dois armários cheios; dois armários, cada qual quase tão grande como este. Está espantado, não é?

— Não, esperava algo parecido; bem que eu disse que não é apenas uma gerente, pois está pretendendo alguma outra coisa.

— O que eu pretendo é apenas me vestir bem, e você não é nem um tolo nem uma criança, ou então uma pessoa muito má, perigosa. Agora vá, vá!

K. já estava no corredor e Gerstäcker o segurava outra vez firme pela manga quando a gerente bradou para ele:

— Recebo amanhã uma roupa nova, talvez mande procurá-lo.

Gerstäcker, irritado e esgrimindo com a mão como se quisesse silenciar de

longe a gerente que o importunava, convidou K. a ir com ele. A princípio não quis entrar em maiores explicações. Mal prestou atenção na objeção de K. no sentido de que agora precisava ir à escola. Só quando K. resistiu a ser arrastado por ele é que Gerstäcker lhe disse que não devia se preocupar, K. iria ter tudo de que precisava na casa dele; podia dispensar o posto de servente de escola; K. podia finalmente ir com ele; Gerstäcker tinha passado o dia inteiro à espera dele, sua mãe não tinha idéia de onde ele estava. Cedendo lentamente, K. perguntou por que, afinal, Gerstäcker queria lhe dar casa e sustento. Este deu apenas uma resposta fugidia — precisava da ajuda de K. com os cavalos, possuía então outros negócios, mas agora K. não devia, por favor, se deixar arrastar assim por ele, nem lhe causar dificuldades desnecessárias. Se estivesse querendo pagamento, ele iria providenciá-lo também. Mas nesse ponto K. estacou apesar de puxado. Ele não entende nada sobre cavalos. Não era preciso, disse Gerstäcker impaciente, juntando as mãos de raiva para mover K. a ir junto com ele.

— Não sei por que quer me levar consigo — disse K. finalmente.

Para Gerstäcker era indiferente o que K. sabia ou não.

— Porque acredita que eu possa obter de Erlanger alguma coisa a seu favor — acrescentou K.

— Sem dúvida — disse Gerstäcker. — Por que outro motivo eu me importaria com você?

K. riu, se pendurou no braço de Gerstäcker e se deixou conduzir por ele através da escuridão.

A sala na cabana de Gerstäcker estava iluminada fracamente só pela chama do fogão e por um toco de vela, sob cuja luz alguém, inclinado num nicho debaixo das traves do teto, que ali se projetavam oblíquas, lia um livro. Era a mãe de Gerstäcker. Ela estendeu a K. a mão trêmula e o mandou sentar-se ao seu lado; falava com esforço, era preciso se esforçar para entendê-la, mas o que ela disse

Posfácio
O FAUSTO DO SÉCULO 20

Modesto Carone

À memória de Marilene Carone,
tradutora de Freud

APESAR DO TAMANHO CONSIDERÁVEL, *O castelo*, de Franz Kafka, chegou a nós como fragmento. As 495 páginas da edição crítica alemã terminam bruscamente no meio de uma frase. Saber por que isso acontece é um dos enigmas que se acrescentam aos da própria obra, sem dizer que esse torso colossal foi redigido em cerca de seis meses, de fins de fevereiro a fim de agosto/começo de setembro de 1922. Entretanto, adiantando um pouco as coisas, uma anotação precoce feita pelo poeta de Praga oferece uma imagem capaz de, pelo menos em parte, favorecer a compreensão deste *Fausto* kafkiano (denominação que aparece no mínimo duas vezes em sua bibliografia). O que ela diz é o seguinte: "Alguns livros funcionam como uma chave para as salas desconhecidas do nosso próprio castelo".

Max Brod, o amigo e testamenteiro do romancista, refere também uma passagem de 1914 dos *Diários*, na qual se fala de um estranho que entra numa aldeia sem conseguir alojamento numa hospedaria. Não custa recordar que em *O castelo* existem duas hospedarias, o Albergue da Ponte e a Hospedaria dos Senhores, onde K., o protagonista do livro, é e não é — ao mesmo tempo — recebido e repelido sem maiores explicações.

Voltando à história que informa sobre a elaboração do texto original (*Das Schloß*), é certo que, no dia 15 de março de 1922, o escritor leu o primeiro capítulo do romance para Brod na capital tcheca. A parte mais substantiva da obra, porém, foi escrita, com toda probabilidade, na aldeia de Spindlermühle e em Planá, onde morava Ottla, a irmã predileta do autor.

Segundo alguns especialistas[1] — e seu número é crescente —, teria sido decisivo para o nascimento de *O castelo* a inquietação emocional que Kafka experimentou na relação feliz-infeliz que estabeleceu, entre fins de 1919 e março de 1923, com Milena Jesenská, a intelectual e escritora que traduziu muitas de suas narrativas para o tcheco. Na opinião de vários críticos, essa mulher notável, assassinada no campo de concentração de Ravensbrück, serviu de modelo para a construção da figura de Frieda, cujo nome remete ao alemão *Friede*, que quer dizer "paz".

Seja como for, o livro foi publicado postumamente, pouco antes de 9 de dezembro de 1926, por iniciativa pessoal de Brod. Imaginar que uma obra

magna como essa esteve a ponto de ser queimada, por vontade expressa do autor, é quase inimaginável — se não fosse verdade.

Visto em conjunto, o trabalho estritamente artístico de Kafka não é de forma alguma pequeno, embora ele tenha morrido aos quarenta anos e onze meses. Mas o trio de ferro que escora esse edifício, no plano concreto da *Weltliteratur*, são *O castelo*, *O processo* e *A metamorfose* (que, *en passant*, Elias Canetti considera o maior feito da ficção na literatura ocidental).

Muitos comentadores — citá-los, por si só, seria uma tarefa extenuante, pois a fortuna crítica do ficcionista já ultrapassava, em 1980, a cifra dos 10 mil títulos, entre livros e artigos de porte — afirmam, com maior ou menor grau de convicção, que teriam contribuído para o cenário do entrecho, entre outros lugares, a aldeia de Wossek, na ex-Tchecoslováquia, onde moraram o avô e o pai de Kafka e que ele visitou quando era menino; o castelo Friedland e — inevitavelmente — o *Hradschin* de Praga. De qualquer maneira, o que foi um dia mero "elemento externo", como a paisagem objetiva, passou a integrar, no corpo da obra, o extraordinário *branco-e-preto* que alimenta os contrastes de exteriores nevados e interiores escuros — muitas vezes expressionistas — na fatura da obra.

Quanto às famosas "influências" sofridas pelo romance, os estudiosos não têm mãos a medir e arrolam desde o *Temor e tremor*, de Kierkegaard, *O outro lado*, do artista plástico e literário Alfred Kubin, a *Educação sentimental*, de Flaubert (que comprovadamente marcou o coração e o espírito do autor tcheco), passando por uma extensa esteira de outros livros e autores, incluindo-se aí *A divina comédia*, de Dante, *De l'amour*, de Stendhal, e as *Afinidades eletivas*, de Goethe.

É claro que a abundância de referências atua como linha auxiliar no entendimento de um livro complexo, mas nem de longe dá conta dessa complexidade. É oportuno assinalar, não obstante, que um kafkiano pouco conhecido sugere um paralelo de grande interesse ao lembrar, a propósito de *O castelo*, uma passagem de *O mundo como vontade e representação*, de Schopenhauer (parágrafo 17 do segundo livro), segundo a qual um homem dominado por uma vontade inesgotável circula em volta de um castelo na busca inútil de uma entrada. Reduzido ao osso e abstraído com violência o rico tecido de peripécias, o tema do romance de Kafka é exatamente esse; mas é conhecido que o escritor praguense não partilhava do pessimismo de Schopenhauer, embora — conforme consta em pesquisas de filigrana — ele tenha se valido de certas imagens e até de uma ou outra terminologia do

filósofo alemão.

Os manuscritos de *O castelo*, que cobrem numerosos cadernos e folhas soltas com os "garranchos" de Kafka (a expressão é dele), ficaram na posse de Max Brod após a morte do escritor. O amigo, aliás, salvou os originais duas vezes: a primeira, como se sabe, ao se recusar expressamente a destruí-los, contrariando o desejo do autor; a segunda, quando as tropas nazistas ocuparam Praga em março de 1939 e ele conseguiu escapar da cidade para Tel Aviv, levando consigo o espólio literário de Kafka. Foi esse ato de resgate que possibilitou a reedição dos escritos no período pós-guerra, entre os quais *O castelo*.

Quando em 1956 o Oriente Médio se viu ameaçado pela guerra, a maior parte dos manuscritos de Kafka, sem exclusão deste romance, foi enviada para a Suíça; de lá chegou, em 1961, por desejo dos herdeiros, a Oxford e foi depositada na Bodleian Library, onde se encontra até hoje. Com base nesse material surgiu, em 1982, a edição crítica do texto.

Em resumo, a cronologia da obra impressa é a seguinte — e ela explica por que apareceram versões diferentes de *O castelo* em todas as línguas:

- *1a edição*: publicada por Max Brod na editora Kurt Wolff de Munique em 1926. Brod afirmou que nessa edição deixou de lado várias passagens e o desfecho do romance.

- *2a edição*: publicada por Max Brod e Heinz Politzer pela editora Schocken de Berlim em 1935. O texto contém numerosas variantes em relação à primeira edição; foram colocados os títulos dos capítulos.

- *3a edição*: publicada por Max Brod na editora Schocken de Nova York em 1946. Contém o trecho final do romance.

- *1a edição autorizada* (*Lizenzausgabe*): publicada por Max Brod pela editora S. Fischer de Frankfurt a. M. em 1951. É idêntica às edições de 1935 e 1946.

- *2a edição autorizada* (*Lizenzausgabe*): publicada por Max Brod pela editora S. Fischer de Frankfurt a. M. em 1960. Texto idêntico ao da 1a edição autorizada de 1951.

A última edição significativa de *O castelo* é a chamada edição crítica (*kritische Ausgabe*), de Malcolm Pasley, elaborada a partir dos manuscritos de Oxford. Incorpora as passagens riscadas, decifra outras e integra os apêndices, tudo num total aproximado de 250 linhas; alguns capítulos, como o primeiro, assume parte do seguinte. Apesar das objeções surgidas, essa edição definitiva é melhor que todas as anteriores.

O problema crucial levantado por *O castelo*, evidentemente, é saber o que

significa o vaivém compulsivo do personagem central, K., entre a aldeia e as proximidades do castelo. Numa de suas tiradas, aliás, o autor reitera que está "sempre tentando explicar algo que não pode ser explicado"; nesse sentido, a impressão do leitor é a de que as relações de Kafka com os objetos, os acontecimentos e as pessoas só eram visíveis nos hieróglifos do medo. Nessa direção, não admira que a ficção kafkiana seja um esforço do herói (ou anti-herói) para descobrir o significado de um fato central na sua existência, ou seja: o temor sem explicação. De qualquer modo, é possível desconfiar que esse "medo" abre uma trilha para a conquista da verdade. Se for mesmo assim, quem o lê tem o proveito de rememorar o célebre "Congresso Internacional do Medo", de Carlos Drummond de Andrade, insuspeitadíssima alma cúmplice, nesse aspecto, do artista tcheco.

De volta a *O castelo*, não é difícil admitir que ele tem o desenho de um estudo realizado nas sombras — como se K. estivesse tateando no escuro em busca de uma harmonia desconhecida que, sibilinamente, ultrapassa as complicações do presente. Apesar disso, contudo, o romance não empreende a menor tentativa de persuadir o leitor de que as peripécias relatadas devam ser como são. Medindo as palavras, o que ele faz é apresentar imagens, assegurando que elas são assim mesmo (equivalente ao *so ist es* de Adorno). Em outros termos, ninguém parece de fato ter estado naquela aldeia nem naquele castelo do misterioso conde Westwest, e K. se limita a atravessar domínios em que a imaginação — sempre exata — por assim dizer deita e rola. As coisas simplesmente acontecem e não têm compromisso algum com o entendimento normal das pessoas. Talvez a grande dificuldade do romance seja essa. Pois como entender uma coisa que deliberadamente está além de nossa compreensão? A sensação mais forte é a de que o leitor precisa ter um senso de espanto — de crença em que existe um grão de verdade na rocha inexplicável à qual esse Prometeu moderno está acorrentado. Com certeza era por isso que Kafka dizia ser necessário escrever na obscuridade, como se fosse num túnel: "minhas histórias são uma espécie de fechar de olhos", diz ele. O que, por sinal, não o impede de conceber seu trabalho como um esforço para encontrar, flaubertianamente, a palavra justa, pois para ele a escrita essencial é uma forma de oração ou, por outra via, um "assalto à fronteira".

As interpretações de *O castelo* têm um volume e uma diversidade que nenhum posfácio sensato é capaz de reproduzir — sem mencionar que a iniciativa seria inócua, uma vez que a instância mais indicada é a experiência

concreta do leitor. É possível, em todo caso, que não seja mera perda de tempo esboçar uma noção das vicissitudes que essa variedade implica. O ponto de partida obrigatório é a exegese teológica de Max Brod, para quem o ziguezague espiritual do herói é a demanda de clemência e reconhecimento a um *deus absconditus*. Brod afirma, também, que Kafka teria declarado pessoalmente a ele que o romance chegaria a um desenlace no qual K., já no leito de morte, cercado pelos habitantes da aldeia, receberia uma mensagem no sentido de que as autoridades do castelo permitiriam que ele permanecesse na aldeia, embora sem o direito de reivindicar tal permanência. A interpretação fez carreira, ditando regra durante muito tempo, mas a virada veio quando Alfred Döblin ousou negar que *O castelo* constituísse uma alegoria dessa natureza, sendo *no máximo* o início de uma boa análise. Ainda nos anos 30, entretanto, a obra foi concebida como alegoria do homem comum (*Jedermann*) no moderno mundo burocrático. A mudança já é significativa, mas o golpe frontal na versão religiosa da peça foi desferido por Siegfried Kracauer, quando ele sustentou que as autoridades do castelo (que não recebem K. nem admitem explicitamente a convocação do personagem como agrimensor — profissão, aliás, que nunca exercerá no curso todo da história) não podem ser equiparadas aos poderes divinos, mas sim aos do inferno. Nessa direção, a obra seria uma espécie de conto de fadas sem final feliz, representando a impossibilidade do homem dos nossos dias de alcançar a verdade. Naturalmente não faltam inúmeras análises existenciais (inclusive as de Camus e Sartre) e psicanalíticas de *O castelo*. Como curiosidade, vale a pena lembrar que, no caso destas últimas, a aldeia seria o nível consciente de K., e o castelo, o seu inconsciente. Um passo adiante esbarra-se em leituras que vêem objetivada em K. a situação do judaísmo que aspira inutilmente a ser aceito pelo mundo não-judeu. Porém, como argumentou Gombrowicz, a condição do judeu é a condição humana em si mesma, sendo os judeus um traço de união com os problemas mais profundos e árduos do universo. Numa partilha um pouco diferente, K. é visto, ainda, não como um cavaleiro da fé à la Kierkegaard, mas como um rebelde contra a ordem estabelecida. De qualquer maneira, anos depois da morte de Kafka (1924), *O castelo* continuou sendo um objeto privilegiado de exegeses religiosas, psicológicas ou judaicas. A ala esquerda da crítica kafkiana, pelo contrário, repudiou a tendência à alegorização como uma simplificação indevida, que acabava provando as próprias teses e deixava a obra de lado. Foi assim que, já em 1934, Walter Benjamin declarou

inconsistente o jogo alegórico de inclinação teológica e psicanalítica e elaborou uma versão muito pessoal de *O castelo*, sugerindo (com base no texto) que as autoridades que esmagam K. não podem ser identificadas nem com forças obscuras nem com divindades, mas com a burocracia triunfante dos nossos dias. Nessa mesma linha de pensamento, Günther Anders, no magnífico *Kafka*: *pró e contra*, desmitologiza as deidades transcendentes e as trata realisticamente (segundo ele, Kafka é um realista) como "um mundo do poder total e totalitariamente institucionalizado".

As análises técnicas de composição do livro têm início mais tarde, quando Friedrich Beissner encara a questão do narrador kafkiano, vendo nele a mediação obstinada da obra, idêntico à figura principal e incapaz de abrir para o romancista um espaço seja ao lado, seja sobre o personagem K. (o escritor, inclusive, escreveu as primeiras 46 páginas de *O castelo* em primeira pessoa; a partir desse ponto passou para a terceira pessoa, refazendo a primeira parte também sob esse ângulo). Seguindo tal modalidade de análise imanente, é plausível, hoje em dia, surpreender no narrador *inventado* por Kafka uma formalização literária do estado de coisas contemporâneo, uma vez que ele não só deixou de ser onisciente (como o de Cervantes, por exemplo) para se tornar *insciente*. Em outras palavras, diante do impasse moderno da perda de noção de totalidade, aquele que narra, em Kafka, não sabe nada, ou quase nada, sobre o que de fato acontece — do mesmo modo, portanto, que o personagem. Trata-se, quando muito, de visões parceladas, e é essa circunstância — se se quiser, alienação — que obscurece o horizonte da narrativa, pois o narrador não tem chance de ser um agente esclarecedor ou "iluminista". Nesse aspecto, a intervenção crítica de Adorno é precisa como sempre: se as narrativas de Kafka soam "metafísicas", a culpa não é dele, mas da História a que ele está submetido. Num lance mais concreto, K. é, para o filósofo de Frankfurt — da mesma maneira que seu homônimo Josef K. em *O processo* —, uma vítima da corrupção e do caráter associal de uma dominação criminosa e totalitária que prenuncia o fascismo. Cabe lembrar, neste passo, que o próprio Kafka escreveu a Milena o seguinte: "Sou dado ao exagero, mas ao mesmo tempo as pessoas podem ter confiança em mim".

Em suma: por meio de um humor fino e inabalável, as "deformações precisas" (Benjamin) formuladas pelo discreto cidadão de Praga sinalizam, com firmeza, o contexto real de fantasmagorias que vêm marcando a existência deste e talvez do século que surge.

O texto-base para a tradução foi a edição crítica alemã de 1982. Na medida do possível, procurou-se seguir o original de perto, à procura de equivalências, tanto para a frase direta, que põe a narrativa em andamento, como para o discurso de persuasão dos personagens, principalmente dos burocratas do poder (a dona do albergue, o prefeito, o professor, Momus, Bürgel etc.), aos quais reage, muitas vezes no mesmo tom protocolar, tanto K. como as figuras que vivem à margem da administração e sujeitos a ela, como Olga e Pepi. Essas sentenças compõem um arabesco complicado, no qual a oração principal comanda subordinadas que embutem umas nas outras, ocupando com freqüência mais de uma página. Nesses casos, para facilitar a compreensão, a pontuação foi levemente adaptada, substituindo-se mais de uma vez as vírgulas por ponto-e-vírgulas. Além disso, as falas marcadas por aspas foram trocadas por parágrafos e travessões, o que está mais de acordo com nossa tradição gráfica nos diálogos. Nenhum nome, a não ser o de Barnabás, foi modificado (para não incidir no nosso *Barnabé*, que assume conotações mais ou menos risíveis), a fim de evitar as aclimatações forçadas. O ponto de vista é sempre o de K., não obstante a narrativa siga a terceira pessoa; isso esclarece o motivo pelo qual se manteve de começo a fim a perspectiva respeitada pelo autor. É possível que essa estratégia tenha resultado, com alguma insistência, no estranhamento da frase em português, que se deixa invadir de quando em quando pelo original, embora sem adulterar o sentido do que é dito ou contado — seja a proliferação dos obstáculos, as conversas ou monólogos intermináveis, ou o humor capcioso que rege as supostas possibilidades de sucesso de K. no seu rol de fracassos.

O tradutor agradece a colaboração eficaz de Lygia Maria de França Pereira, que reviu o texto final em português com sugestões apropriadas e inteligentes; a atenção e o estímulo constante de Heloisa Jahn e de sua assistente Luciane de Mattos, da Companhia das Letras; e o cotejo e a preparação do trabalho definitivo realizados com profissionalismo por Eliane Santoro.

A leitura meticulosa e atenta do prof. Marcus Mazzari, do Departamento de Teoria Literária da USP, possibilitou que se fizessem emendas importantes no texto desta tradução, incluídas a partir da 2a edição/2a reimpressão do livro. Por elas, o tradutor fica muito grato.

1 Este e outros dados do posfácio podem ser encontrados na minienciclopédia sobre o escritor intitulada *Kafka-Handbuch*, de Hartmut

Binder, 2 vols., Alfred Kröner, Stuttgart, 1979.

FRANZ KAFKA nasceu em 3 de julho de 1883 na cidade de Praga, Boêmia (hoje República Tcheca), então pertencente ao Império Austro-Húngaro. Era o filho mais velho de Hermann Kafka, comerciante judeu, e de sua esposa, Julie, nascida Löwy. Fez os seus estudos naquela capital, primeiro no ginásio alemão, mais tarde na velha universidade, onde se formou em direito em 1906. Trabalhou como advogado, a princípio na companhia particular Assicurazioni Generali e depois no semi-estatal Instituto de Seguros contra Acidentes do Trabalho. Duas vezes noivo da mesma mulher, Felice Bauer, não se casou — nem com ela, nem com outras mulheres que marcaram sua vida, como Milena Jesenská, Julie Wohryzek e Dora Diamant. Em 1917, aos 34 anos de idade, sofreu a primeira hemoptise de uma tuberculose que iria matá-lo sete anos mais tarde. Alternando temporadas em sanatórios com o trabalho burocrático, nunca deixou de escrever ("Tudo o que não é literatura me aborrece"), embora tenha publicado pouco e, já no fim da vida, pedido ao amigo Max Brod que queimasse os seus escritos — no que evidentemente não foi atendido. Viveu praticamente a vida inteira em Praga, exceção feita ao período final (novembro de 1923 a março de 1924), passado em Berlim, onde ficou longe da presença esmagadora do pai, que não reconhecia a legitimidade da sua carreira de escritor. A maior parte de sua obra — contos, novelas, romances, cartas e diários, todos escritos em alemão — foi publicada postumamente. Falecido no sanatório de Kierling, perto de Viena, Áustria, no dia 3 de junho de 1924, um mês antes de completar 41 anos de idade, Franz Kafka está enterrado no cemitério judaico de Praga. Quase desconhecido em vida, o autor de *O processo*, *O castelo*, *A metamorfose* e outras obras-primas da prosa universal é considerado hoje — ao lado de Proust e Joyce — um dos maiores escritores do século xx.

M. C.

OBRAS DE FRANZ KAFKA

Descrição de uma luta (1904)
Preparativos para um casamento no campo (1907)
Contemplação (1912)
O desaparecido (ex America) (1912)
O foguista (1912)
O veredicto (1912)
A metamorfose (1912)
O processo (1914)
Na colônia penal (1914)
Narrativas do espólio [coletânea elaborada por Modesto Carone] (1914-24)
Carta ao pai (1919)
Um médico rural (1919)
O castelo (1922)

Um artista da fome (1922-4)
A construção (1923)
A Companhia das Letras iniciou em 1997 a publicação das obras completas de Franz Kafka, com tradução de Modesto Carone.

MODESTO CARONE é paulista de Sorocaba, onde nasceu em 1937. Foi jornalista e mais tarde professor de literatura nas universidades de Viena (Áustria), São Paulo e Campinas. É autor de dois livros de ensaios, três livros de contos e do romance *Resumo de Ana* (prêmio Jabuti, 1998). Também responde pela tradução da obra de Franz Kafka no Brasil — publicada pela Companhia das Letras.

Copyright tradução, posfácio e notas © 2000 by Modesto Carone
Título original
Das Schloss
Capa
Jeff Fisher
Digitação
Carla Aparecida dos Santos
Valéria Copola
Preparação
Eliane de Abreu Maturano Santoro
Revisão
Renato Potenza Rodrigues
Flávia Yacubian
ISBN 978-85-8086-215-7
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br